



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES CURSO DE PÓS-  
GRADUAÇÃO EM LETRAS  
NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**ADRIANA DE JESUS SCHOLTZ**

**DE POLACOS A POLONESES, DE PROBLEMA A ORGULHO: TRAJETÓRIA DAS  
ATITUDES E CRENÇAS LINGUÍSTICAS EM VIRMOND/PR**

**CASCADEL-PR  
2022**

**ADRIANA DE JESUS SCHOLTZ**

**DE POLACOS A POLONESES, DE PROBLEMA A ORGULHO: TRAJETÓRIA DAS  
ATITUDES E CRENÇAS LINGUÍSTICAS EM VIRMOND/PR**

Texto apresentado para a Banca de defesa de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras - nível doutorado - área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa em Linguagem: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino para obtenção do título de Doutora em Letras.

Linha de pesquisa: Linguagem: práticas linguísticas, culturais e de ensino.

Orientadora: Professora doutora Sanimar Busse.

CASCAVEL-PR  
2022

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Scholtz, Adriana de Jesus

De polacos a poloneses, de problema a orgulho: Trajetória das atitudes e crenças linguísticas em Virmond/Pr. / Adriana de Jesus Scholtz; orientadora Sanimar Busse. -- Cascavel, 2022.

206 p.

Tese (Doutorado Campus de Cascavel) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

1. Atitudes e crenças linguísticas. 2. descendentes de poloneses. 3. língua de imigração. I. Busse, Sanimar, orient. II. Título.

**ADRIANA DE JESUS SCHOLTZ**

**DE POLACOS A POLONESES, DE PROBLEMA A ORGULHO: TRAJETÓRIA DAS  
ATITUDES E CRENÇAS LINGUÍSTICAS EM VIRMOND/PR**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do Título de Doutora em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

**BANCA EXAMINADORA**

Orientadora - Professora doutora Sanimar Busse - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

---

Professora doutora Loremi Loregian-Penkal - Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO).

---

Professor doutor Marcelo Jacó Krug - Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

---

Professora doutora Clarice Cristina Corbari - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

---

Professora doutora Rosemary Irene Castañeda Zanette - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

---

Cascavel, 22 de agosto de 2022.

## DEDICATÓRIA

Dedico esta tese ao meu filho Conrado que desde o ventre foi meu companheiro de estudos e estrada, muitas vezes me questionei e me culpei por não aproveitar mais nossos momentos, mas cada vez que olhei para os olhinhos dele, vi amor e admiração e isso me impulsionou e me deu forças para continuar. Dedico também ao meu esposo Elieser que me incentivou, desde a inscrição até a finalização deste trabalho, e deu suporte para que eu pudesse me dedicar aos estudos. Por fim, dedico à você, Alice, que ainda nem nasceu e já é tão importante nas nossas vidas. Amo vocês!

## **AGRADECIMENTOS**

Aos descendentes de poloneses que, com todo afeto e paciência, me receberam em suas casas e me deram muito mais que dados, me deram histórias de vida.

À Professora doutora Sanimar pelos ensinamentos, dedicação e comprometimento. A admiração por você aumentou a cada nova orientação.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Mapa de localização da Colônia Amola Faca	27
FIGURA 2: Sala de aula na sede da Colônia Amola Faca	32
FIGURA 3: Primeira Igreja da Colônia Amola Faca construída pelos poloneses	34
FIGURA 4: Paróquia de Virmond nos dias atuais	38
QUADRO 1: Esquema de informantes	103
FIGURA 6: Grupos Standart.	110
GRÁFICO 2: Língua usada no âmbito familiar	152

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1. VIRMOND: A POLÔNIA BRASILEIRA</b>	<b>242</b>
<b>242. LÍNGUAS E CULTURAS EM CONTATO: CENÁRIOS PARA MANUTENÇÃO E ABANDONO DE LÍNGUAS</b>	<b>40</b>
2.1 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS	40
2.2 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	
	472.3 LÍNGUAS EM CONTATO
	552.4 BILINGUISTO
	622.5 HERANÇA LINGUÍSTICA
	<b>693. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA</b>
	913.1 PRINCÍPIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS
<b>923.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E ESQUEMA E SELEÇÃO DE INFORMANTES</b>	<b>964. APRESENTAÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS</b>
1064.1 GRAU DE PERCEPÇÃO DOS INFORMANTES SOBRE A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA E LINGUÍSTICA DE VIRMOND	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
PRINCIPAIS SITUAÇÕES DE USO DO POLONÊS	4.2 ANÁLISE DAS
ABANDONO LINGUÍSTICO E SUA RELAÇÃO COM AS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS MORADORES DE VIRMOND SOBRE A LÍNGUA E A CULTURA POLONESA	1324.3 ANÁLISE DA CONSERVAÇÃO OU
1554.4 ANÁLISE DA FORMAÇÃO DA/DE IDENTIDADES(S) LINGUÍSTICA(S) DA COMUNIDADE E AS NOÇÕES DE PRESTÍGIO E ESTIGMA SOBRE A LÍNGUA E A CULTURA POLONESA	1715. CONSIDERAÇÕES FINAIS
	1837. REFERÊNCIAS
	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
	<b>ANEXO A - QUESTIONÁRIO</b>
	204 <b>ANEXO II</b>
	206 <b>TEMAS PARA DISCURSOS SEMI-DIRIGIDOS</b>
	2075

## RESUMO

O tema desta tese são as crenças e atitudes linguísticas dos descendentes de poloneses que vivem em Virmond/PR, município localizado a aproximadamente 340 quilômetros de Curitiba, capital do Paraná. Acreditamos que fatores externos à língua vêm influenciando os sentimentos deste grupo étnico em relação à sua própria variedade, interferindo também nas crenças e atitudes linguísticas não só dos moradores de origem polonesa, mas também de cidades vizinhas. O objetivo principal é identificar as crenças e as atitudes linguísticas estabelecidas a partir do contato entre o polonês e o português na localidade, cuja população é formada essencialmente por descendentes de poloneses e, a partir daí, relacionar o processo de valorização ou estigmatização da língua à mudança do papel e do *status* linguístico na sociedade virmondense, as quais podem ser notadas através de práticas políticas. Esta pesquisa justifica-se considerando a história e as mudanças ocorridas em uma localidade de imigração que transita entre o "orgulho" de falar a língua dos antepassados, a "proibição", "os problemas de comunicação e de aceitação" e o retorno do "orgulho". Com o intuito de responder tais questionamentos e comprovar ou refutar nossas hipóteses, embasamo-nos nos conceitos da Sociolinguística a partir de autores como Weinreich, Labov e Herzog (1968/1972), Fishman (1995), Gomez Molina (1996), Moreno Fernandez (1998) com enfoque para as línguas em contato tendo como base autores como Weinreich (1953), Appel e Muysken (1996), Thun (2005), Calvet (2008), Raso, Mello e Altenhofen (2011) atitudes e crenças linguísticas embasando-se em autores como Gomez Molina (1996), Bisinoto (2007), Aguilera (2008), Busse e Sella (2012), Corbari (2013), Botassini (2015). A pesquisa foi desenvolvida por meio de instrumento de pesquisa, um questionário metalinguístico, formado por um conjunto de perguntas relacionadas à formação histórico-linguística da comunidade de Virmond/PR e ao grau de consciência linguística dos informantes; às principais situações de uso da língua polonesa, segundo os informantes; à conservação ou abandono do polonês advindas de crenças e atitudes linguísticas dos moradores de Virmond/PR sobre a língua e a cultura polonesa; à formação da/de identidade(s) linguística(s) da comunidade e as noções de prestígio e estigma sobre a língua e a cultura polonesa. Para alcançar os objetivos a que nos propusemos, foi feito um levantamento sócio-histórico da comunidade analisando como fatores sociais e históricos podem atuar sobre as crenças linguísticas de seus falantes e como podem e sobre os diferentes estágios de uso, sofrendo significativas transformações, desde a chegada dos primeiros descendentes de imigrantes poloneses até os dias atuais. O estudo é de cunho qualitativo e utiliza metodologia de estudo de campo embasada em autores como Labov (1972), Chambers e Trudgil (1994), Liebscher (1998), Tarallo (2003). Já a escolha dos informantes foi feita a partir do modelo em cruz desenvolvido por Thun (1996) que considera, para suas pesquisas, critérios socioculturais ou de escolaridade (diastráticos), de localização geográfica (diatópico), de faixa etária (diageracional) e de gênero (generacional). Os dados apontaram para o conhecimento dos descendentes de poloneses de Virmond sobre a formação histórica e linguística da comunidade que é voltada não só à língua como e, principalmente, à cultura polonesa. Também identificamos que ainda há uma forte presença da língua de imigração no cotidiano dos descendentes e, apesar de termos a hipótese de que o polonês seria utilizado apenas no contexto religioso e familiar, ainda existem situações de uso em locais públicos como o comércio, por exemplo.

Palavras-chave: atitudes - crenças linguísticas - descendentes de poloneses - língua de imigração

## STRESZCZENIE

Temat niniejszej rozprawy stanowią wierzenia i postawy językowe potomków Polaków zamieszkałych w Virmond, gminy miejskiej położonej ok. 340 kilometrów od Kurytyby, stolicy Parany. Wierzimy, że czynniki pozajęzykowe wywierają wpływ na uczucia tej grupy etnicznej w stosunku do jej odmienności oddziałując również na wierzenia i postawy językowe nie tylko mieszkańców pochodzenia polskiego, ale również miast sąsiednich. Najważniejszym celem jest rozpoznanie wierzeń i postaw językowych z racji kontaktów między językiem polskim i portugalskim w municypium Virmond, którego ludność jest ukształtowana zasadniczo przez potomków Polaków i na tej podstawie stosunku procesu doceniania lub piętnowania języka do zmiany roli i statusu językowego społeczności miejscowej, co może być dostrzeżone poprzez praktyki polityczne. Niniejsze studium uzasadnia się biorąc pod uwagę zmiany występujące w miejscowości imigranckiej, przechodzące od “dumy” posługiwania się językiem przodków, poprzez “zakaz” oraz “problemy komunikacji i akceptacji” do powrotu do pierwotnej “dumy”. W celu odpowiedzi na takie kwestionowania i potwierdzenia lub odparcia naszych hipotez oparliśmy się na pojęciach socjolingwistycznych autorów jak Weinreich, Labov i Herzog (1968/1972), Fishman (1995), Gomez Molina (1996), Moreno Fernandez (1998), z podejściem do języków w kontakcie, bazując na autorach jak Weinreich (1953), Appel i Muysken (1996), Thun (2005), Calvet (2008), Raso, Mello i Altenhofen (2011), do postaw i wierzeń językowych bazując na autorach jak Gomez Molina (1996), Bisinoto (2007), Aguilera (2008), Buse i Sella (2012), Corbari (2013), Botassini (2015). Studium zostało przeprowadzone poprzez nakrędkie badania, kwestionariusz metajęzykowy ustanowiony przez zespół pytań związanych z kształtowaniem historycznym i językowym wspólnoty lokalnej oraz ze stopniem świadomości językowej informujących, z najważniejszymi sytuacjami użycia języka polskiego, według informujących, z przechowaniem lub opuszczeniem języka polskiego i jego związku z wierzeniami i postawami językowymi mieszkańców Virmond na temat języka i kultury polskiej i, wreszcie, z utworzeniem tożsamości językowej wspólnoty oraz pojęciami prestiżu lub piętna o języku i kulturze polskiej. W celu osiągnięcia celów, jakie sobie postawiliśmy, zebrano dane społecznohistoryczne wspólnoty w Virmond badając czynniki społeczne i historyczne, które mogą oddziaływać na wierzenia językowe użytkowników i które mogą wpływać na różne etapy użycia, przyczyniając się do znaczących zmian, od czasów przybycia pierwszych imigrantów polskich do dni dzisiejszych. Studium ma cechę jakościową i posługuje się metodologią badania terenowego oparty na autorach takich jak Labov (1972), Chambers i Trudgil (1994), Liebscher (1998), Tarallo (2003). Ze swej strony wybór informujących został wykonany na podstawie modelu krzyżowego rozwinięto przez Thuna (1996), który bierze pod uwagę dla swoich badań kryteria społeczno-kulturalne lub poziom wykształcenia (diatryczne), położenia geograficznego (diatopiczne), grupy wiekowej (diageneracyjne) oraz rodzaju (generacyjne). Dane wskazały na znajomość potomków Polaków w Virmond na temat ukształtowania historycznego i językowego wspólnoty, związanego nie tylko z językiem, lecz przeważnie z kulturą polską. Również możliwe było sprawdzić, że jeszcze się prezentuje silna obecność języka imigrantów w życiu codziennym potomków i, mimo hipotezy, że użycie języka polskiego ogranicza się do kontekstu religijnego i rodzinnego, istnieją jeszcze sytuacje użycia tego języka w miejscach publicznych, np. w handlu.

Słowa kluczowe: postawy - przekonania językowe - potomkowie Polaków - język imigracji.

## ABSTRACT

The theme of this thesis is the linguistic beliefs and attitudes of the descendants of Poles who live in Virmond/PR, a municipality located approximately 340 kilometers from Curitiba, capital of Paraná. We believe that factors external to the language have been influencing the feelings of this ethnic group in relation to their own variety, also interfering with the linguistic beliefs and attitudes not only of residents of Polish origin, but also of neighboring cities. The main objective is to identify the linguistic beliefs and attitudes established from the contact between Polish and Portuguese in the locality, whose population is essentially formed by descendants of Poles and, from there, relate the process of valuing or stigmatizing the language to the change of role and linguistic status in Virmond society, which can be noticed through political practices. This research is justified considering the history and changes that took place in an immigration location that transits between the "pride" of speaking the language of the ancestors, the "prohibition", "the problems of communication and acceptance" and the return of "pride". In order to answer such questions and prove or refute our hypotheses, we base ourselves on the concepts of Sociolinguistics from authors such as Weinreich, Labov and Herzog (1968/1972), Fishman (1995), Gomez Molina (1996), Moreno Fernandez (1998) focusing on languages in contact based on authors such as Weinreich (1953), Appel and Muysken (1996), Thun (2005), Calvet (2008), Raso, Mello and Altenhofen (2011) linguistic attitudes and beliefs supporting in authors such as Gomez Molina (1996), Bisinoto (2007), Aguilera (2008), Busse and Sella (2012), Corbari (2013), Botassini (2015). The research was developed through a research instrument, a metalinguistic questionnaire, formed by a set of questions related to the historical-linguistic formation of the Virmond/PR community and the degree of linguistic awareness of the informants; the main situations of use of the Polish language, according to the informants; the conservation or abandonment of Polish arising from the linguistic beliefs and attitudes of the residents of Virmond/PR about the Polish language and culture; the formation of the linguistic identity(ies) of the community and the notions of prestige and stigma about the Polish language and culture. In order to achieve the objectives we set ourselves, a socio-historical survey of the community was carried out, analyzing how social and historical factors can act on the linguistic beliefs of its speakers and how they can and on the different stages of use, undergoing significant transformations, from the arrival of the first descendants of Polish immigrants to the present day. The study is qualitative and uses a field study methodology based on authors such as Labov (1972), Chambers and Trudgil (1994), Liebscher (1998), Tarallo (2003). The choice of informants was made based on the cross model developed by Thun (1996) which considers, for its research, sociocultural or educational criteria (diastratic), geographic location (diatopic), age group (diagenational) and gender (generational). The data pointed to the knowledge of Virmond's Polish descendants about the historical and linguistic formation of the community that is focused not only on the language but, mainly, on the Polish culture. We also identified that there is still a strong presence of the immigration language in the daily lives of the descendants and, despite the hypothesis that Polish would be used only in the religious and family context, there are still situations of use in public places such as commerce, for example.

**Keywords:** attitudes - linguistic beliefs - descendants of Poles - language of immigration.

## 1. INTRODUÇÃO

O tema desta Tese de Doutorado são as crenças e atitudes linguísticas dos moradores de Virmond/PR sobre a língua e a cultura polonesa. Ainda vivemos no Brasil sob a crença de que somos um país monolíngue. Nesse mito reside a noção de que o brasileiro fala apenas o português o que é, muitas vezes, amparado na crença hegemônica de que apenas uma variedade é legítima e se sobrepõe às demais. No entanto, nossa história linguística é marcada pela heterogeneidade e pela miscigenação, resultado do encontro de línguas e culturas, o que faz com que existam diferentes formas de fala em um mesmo espaço geográfico.

Não é a língua em si que ocupa determinado *status*, mas seus falantes que imprimem determinado prestígio ou desprestígio, a partir da avaliação atribuída pela sociedade ao seu grupo e cultura, motivando crenças e atitudes diversas. Entendemos que as crenças, as atitudes e as avaliações atuam sobre a manutenção e/ou a substituição de línguas e traços linguísticos. É preciso considerar, ainda, que esses sentimentos e atitudes, assim como a língua, não são estáveis e podem ser alterados no decorrer do tempo, como pode ser observado em Virmond/PR, onde os descendentes de poloneses desenvolveram, no decorrer dos anos, diferentes visões e atitudes em relação à língua de imigração.

O município está localizado no Centro-sul paranaense a aproximadamente 340 quilômetros de Curitiba, capital do Paraná, e se diferencia das demais localidades da região em vários aspectos, mas o que se destaca é o linguístico, pois os descendentes, mesmo que em poucos contextos, ainda cultivam seus costumes e sua língua de imigração. No entanto, nossa tese é a de que fatores externos à língua vêm influenciando os sentimentos deste grupo étnico em relação à sua própria variedade, interferindo também nas crenças e atitudes linguísticas não só dos moradores de origem polonesa, mas também de cidades vizinhas (SCHOLTZ, 2014).

Os estudos sobre crenças e atitudes linguísticas tiveram início na área da Psicologia Social na década de 1960 quando Lambert e Lambert (1967), com o intuito de analisar o indivíduo e seu posicionamento social, chamaram a atenção para a manifestação de preferências, de convenções sociais a respeito do status e de prestígio da língua dos usuários que foram chamadas de atitudes.

Lambert e Lambert também abriram espaço para estudiosos realizarem investigações dessa natureza dentro da Sociolinguística, como é o caso de Francisco Moreno Fernández,

(1998), de Gomez Molina (1987), dentre outros, que veem as atitudes linguísticas dos indivíduos como manifestações da atitude social as quais se diferenciam por estarem relacionadas tanto à língua quanto ao uso que dela se faz na sociedade.

Labov (1972), em estudo realizado na ilha de Martha's Vineyard, em Massachussets, constata indicadores nas atitudes subjetivas na vida e no comportamento linguístico dos nativos da ilha, analisando as variações presentes nas pronúncias de determinadas palavras do inglês e relacionando-as a diferentes fatores como idade, sexo, ocupação etc. (LABOV, [1972] 2008).

Além desses indicadores, Labov afirma ainda que, a partir das avaliações sociais de variáveis linguísticas, é possível obter informações das quais podem ser empregadas para uma classificação das variáveis em outras duas categorias que são os marcadores e os estereótipos, conceitos definidos e explicados nesta Tese, na seção 3.5 intitulada "Crenças e atitudes linguísticas".

Fishman (1971) realizou pesquisas sobre as atitudes linguísticas de cidadãos porto-riquenhos que viviam em Nova Iorque. Ao todo, foram 450 informantes e o objetivo era identificar as atitudes linguísticas dessas pessoas em relação à língua inglesa e à língua espanhola. Apesar da demonstração de que o inglês se configurava como instrumento de ascensão social e profissional, os resultados apontaram para uma manifestação solidária dos informantes em relação ao espanhol já que, para eles, este seria o símbolo de sua identidade. Gómez Molina (1987), por sua vez, contribui para o entendimento de aspectos que influenciam a variação e a mudança linguística e que são decisivos para a preferência de uma língua e para a construção do preconceito em relação à outra.

No Brasil, o interesse por pesquisas sobre crenças e atitudes linguísticas vem crescendo e autores como Bisinoto (2007) ressaltam a importância de se considerar as atitudes linguísticas dos falantes, bem como os julgamentos que fazem sobre sua própria língua e sobre a língua dos outros.

Já no estado do Paraná, o interesse pelo tema é evidenciado a partir do projeto intitulado Crenças e Atitudes Linguísticas, doravante CAL, que é fruto da parceria entre as universidades estaduais de Cascavel (UNIOESTE), de Londrina (UEL) e de Ponta Grossa (UEPG) e coordenado pela professora doutora Vanderci de Andrade Aguilera. Em 2008, estudos sobre a fala e sobre a atitude dos falantes diante de sua língua em contextos de contato linguístico foram realizados e, no mesmo ano, houve integração do trabalho de pesquisa com outras instituições

de ensino superior como, por exemplo, a UNICENTRO, de Guarapuava e a UEM, de Maringá (AGUILERA; SELLA, 2009).

De acordo com Aguilera (2005), pesquisas dessa natureza encontram um campo muito rico no Paraná considerando que este se mostra como "um mosaico vivo de dezenas de povos e culturas diversificadas e, historicamente antagônicas, convivem lado a lado, assimilando mutuamente, em maior ou menor escala, seus costumes e hábitos, principalmente os linguísticos" (AGUILERA, 2005, p.139).

A seguir apresentamos algumas das pesquisas sobre Crenças e Atitudes realizadas no Paraná e no estado de Santa Catarina.

- **Atitudes linguísticas de falantes bilíngues**, artigo publicado por Helena Confortín, no ano de 2001.
- **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato de Foz do Iguaçu**, artigo publicado por Jacqueline Ortelan Maia Botassini em 2010.
- **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita-PR: um estudo das relações do português com as línguas de contato**, dissertação defendida por Greize Alves da Silva Poreli no ano de 2010.
- **Crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias: alemão em São Carlos/SC e italiano em Coronel Freitas/SC**, dissertação de mestrado escrita por Simone Raquel Bernieri no ano de 2011.
- **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo das relações do português com as línguas de contato**, dissertação defendida por Daniele da Silva Pastoreli no ano de 2011.
- **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo sociolinguístico na cidade de Pranchita-PR**, artigo publicado por Greize Alves da Silva Poreli e Vanderci de Andrade Aguilera no ano de 2011.
- **Uma Análise das Crenças e Atitudes Linguísticas dos Falantes do Oeste do Paraná**, artigo publicado por Sanimar Busse e Aparecida Feola Sella no ano de 2012.
- **Crenças e atitudes linguísticas no Sudoeste do Paraná: tendências de reação frente às diferentes línguas e etnias**, artigo publicado por Clarice Cristina Corbari e Aparecida Feola Sella no ano de 2013.

- **Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste**, Tese defendida por Clarice Cristina Corbari no ano de 2013.
- **O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas**, artigo publicado por Hélen Cristina da Silva e Vanderci de Andrade Aguilera no ano de 2014.
- **Entre falares de fronteira do Paraná: preconceito ou aceitação?** Artigo escrito por Any Lamb Fenner e Clarice C. Corbari, 2014.
- **Um estudo sobre a fala e a cultura de ítalo descendentes em Cascavel/PR**. Dissertação de mestrado escrita por Wânia Cristiane Beloni, 2015.
- **Crenças e Atitudes linguísticas: um estudo da língua e cultura italianas em Matelândia/PR**. Dissertação de mestrado escrita por Ana Paula Dalleaste, 2016.
- **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo sobre a língua espanhola como língua estrangeira**, dissertação de mestrado escrita por Fernanda Priscila Carraro, 2016.
- **Crenças e atitudes linguísticas de descendentes de imigrantes italianos de Pinho de Baixo, Irati, PR**, dissertação de mestrado escrita por Rosana Taís Rossa, 2017.
- **Crenças e atitudes linguísticas na comunidade rural do Cubatão**, artigo escrito por Jaqueline Cerezoli no ano de 2017.
- **Crenças e atitudes linguísticas de ítalo-descendentes no contato português/talian: contexto urbano e rural de Chapecó-SC**, dissertação de mestrado escrita e defendida por Laiza Drieli Matozo em 2018.
- **Línguas de imigração em contato com o português no oeste catarinense: crenças e atitudes linguísticas**, dissertação de mestrado escrita e defendida por Maria Munick Hasselstron em 2018.
- **Reflexões sobre atitudes linguísticas em espaço de línguas em contato: o contexto de fronteira**, artigo publicado por Aparecida Feola Sella, Vanderci de Andrade Aguilera e Clarice Cristina Corbari no ano de 2018.
- **Crenças e atitudes de jovens descendentes de ucranianos em relação à língua ucraniana e sua manutenção em Prudentópolis**, dissertação apresentada por Edina Smaha em 2018.
- **Crenças e Atitudes Linguísticas: Estudo na aldeia Guarani Tekoha Añetete em Diamante d'Oeste/PR**, artigo publicado por Sônia Cristina Poltronieri Mendonça, 2019.

- **"Dize-me como falas que te direi quem és": crenças e atitudes linguísticas de discentes e docentes no espaço escolar**, dissertação de mestrado escrita por Michela Ribeiro Espíndola no ano de 2019.
- **Crenças e Atitudes Linguísticas: Estudo na aldeia Guarani Tekoha Añetete em Diamante d'Oeste/PR**, Tese de doutorado escrita por Mendonça, Sônia Cristina Poltronieri no ano de 2019.
- **Crenças e atitudes linguísticas frente ao *talian* na cidade de Xanxerê-SC**, artigo escrito por Oseias Dalponte e Antônio Gubert em julho de 2021.

Além desses estudos que são algumas de nossas referências, destacamos a pesquisa de dissertação de mestrado realizada pela autora no ano de 2013 e defendida em 2014 intitulada "Identidade e comportamento linguístico nas comunidades de Virmond e Candói", no Paraná, que fez com que aumentasse ainda mais o interesse por aprofundar a pesquisa na comunidade virmondense, pois desde pequena, a autora conviveu com descendentes de poloneses, conheceu e já ouviu fatos sobre a formação da então colônia e acompanhou de perto grande parte da trajetória das famílias de imigrantes que chegaram à cidade.

É com base em tais conhecimentos e estudos que esta pesquisa orienta-se a partir das seguintes perguntas: 1) Quais as principais situações de uso da língua polonesa na comunidade de Virmond/PR, segundo os informantes? 2) A conservação ou o abandono da língua polonesa estão relacionados a quais crenças e atitudes linguísticas dos moradores da comunidade? 3) A formação da(s) identidade(s) linguística(s) dos moradores está marcada pelo prestígio ou pelo estigma sobre a língua e a cultura polonesa? Para chegar às possíveis respostas para tais questionamentos, partimos das seguintes hipóteses:

A primeira hipótese é de que as principais situações de uso do polonês, no município de Virmond/PR, restringem-se aos contextos familiares e religiosos dos descendentes mais velhos, pois, ao não ser repassada na maioria das famílias, de pai para filho, a língua de imigração não é falada pelos jovens, ou seja, foi se perdendo de geração em geração e sendo cada vez menos usada pela comunidade virmondense.

A segunda hipótese é de que a conservação ou o abandono da língua polonesa estão relacionados, em grande parte, ao posicionamento que os descendentes da geração mais velha tiveram quando, à época do Estado Novo, o governo proibiu o uso das línguas de imigração, uma vez que, neste momento, ensinar polonês aos filhos era uma atitude de coragem, além disso, mais tarde, as inovações tecnológicas modificaram as formas com as quais as

comunidades vivem e se comunicam o que contribuíram para a substituição linguística e para a alteração do sentimento que os descendentes têm de pertencer, ou não, a um grupo étnico minoritário.

A terceira hipótese consiste na crença de que a construção identitária dos descendentes de poloneses é marcada, primeiro, pelo prestígio e pela importância que tiveram à época da colonização da cidade, segundo, pelo estigma sofrido no passado quando ser e falar polonês era um problema<sup>1</sup> para a sociedade e, nos últimos anos, pelo prestígio que a comunidade étnica voltou a ter, não só na visão dos habitantes do município como também na percepção que os moradores das localidades vizinhas possuem em relação ao grupo étnico.

A comprovação, ou não, dessas hipóteses que orientam a pesquisa pode ajudar no estudo e análise das crenças e atitudes de falantes em relação à sua língua de imigração que é minoritária, mas que possui um papel importante na comunidade onde vivem esses descendentes de poloneses.

A pesquisa tem como **objetivo geral** analisar as crenças e atitudes linguísticas dos habitantes do município de Virmond/PR sobre a língua e a cultura polonesa.

Nossos objetivos específicos são:

- a) Refletir sobre a formação história e linguística da comunidade de Virmond/PR para verificar as influências de tal constituição sobre a língua usada por seus falantes;
- b) Avaliar as principais situações de uso da língua de imigração, segundo os informantes da pesquisa.
- c) Analisar a conservação ou o abandono linguístico e sua relação com as crenças e atitudes linguísticas dos moradores sobre a língua e a cultura polonesa.
- d) Refletir sobre a formação da/de identidade(s) linguística(s) da comunidade e as noções de prestígio e estigma sobre a língua e a cultura polonesa.

Com o intuito de atingir os objetivos e confirmar ou refutar as hipóteses, usamos como instrumento de pesquisa um questionário metalinguístico formado por um conjunto de perguntas relacionadas à aquisição linguística e ao uso feito pelo informante; aos fatores de manutenção ou apagamento da língua de imigração; às situações de uso e à influência da política linguística sobre o polonês. A partir do questionário (Anexo A), será possível verificar as

---

<sup>1</sup> Cabe salientar que quando nos referimos à língua de imigração como problema, tanto no título quanto no decorrer da tese, o fazemos a partir da perspectiva do contexto da época e não a partir das crenças e atitudes linguísticas descendentes de poloneses já que para eles o polonês não é e nunca foi um problema.

crenças e atitudes linguísticas dos falantes descendentes de poloneses que vivem em Virmond/PR.

Para responder o questionário, foram selecionados 16 informantes pertencentes à etnia polonesa, sendo oito moradores da zona urbana de Virmond e oito da zona rural. A metodologia que seguimos para a divisão dos descendentes foi a cruz de Thun (1998), que considera para suas pesquisas critérios socioculturais ou de escolaridade (diastráticos), de localização geográfica (diatópico), de faixa etária (diageracional) e de gênero (generacional).

Assim, os grupos *standart* que compomos ficaram divididos da seguinte forma: na classe alta, um homem e uma mulher pertencentes à área rural e um homem e mulher da área urbana, ambos da geração I, que dão origem à sigla CaGI. A geração mais velha também é classificada conforme o critério diatópico e diastrático, um homem e uma mulher da classe alta que moram na zona urbana e um homem e uma mulher da mesma classe moradores da zona rural, que originou a sigla CaGII. O mesmo ocorre para a classe baixa que forma as siglas CbGI e a CbGII. Essa classificação é melhor detalhada no capítulo 3 desta Tese.

Esta pesquisa justifica-se considerando a história e as mudanças ocorridas em uma localidade de imigração que transita entre o "orgulho" de falar a língua dos antepassados, a "proibição", "os problemas de comunicação e de aceitação" e o retorno do "orgulho".

Entendemos que a identidade linguística do povo brasileiro se forma em cada localidade a partir da história, dos contatos e dos movimentos socioeconômicos da localidade. Assim, as pesquisas sobre contato linguístico, crenças e atitudes podem contribuir para que haja uma compreensão maior das relações estabelecidas entre a língua de falantes bilíngues e a sua formação educacional, cultural e política que reconhece, nos dias atuais, a necessidade de preservação da cultura polonesa e a valorização da história desse povo que veio para o Brasil e que por aqui permaneceu, modificando a realidade da região, buscando a manutenção de seus costumes, formando "novas" gerações e influenciando nas atitudes, crenças e, até mesmo, nas políticas linguísticas de sua localidade.

Ressaltamos ainda que esta pesquisa pode promover e dar maior visibilidade aos trabalhos realizados no Paraná acerca da fala e das crenças e atitudes de falantes pertencentes a grupos étnicos minoritários, diante de sua língua em contextos de contato linguístico. As principais discussões teóricas que embasam nosso trabalho dizem respeito aos conceitos e discussões sobre variação e a mudança linguística a partir de autores como Labov (1982),

Mollica (2008), Bortoni-Ricardo (2008), Bagno (2012) os quais discutem as motivações que orientam as pesquisas sobre a língua em uso e sua heterogeneidade.

Realizamos discussões sobre "Línguas em Contato" com base em autores como Weinreich (1953), Appel e Muysken (1996), Thun (2005), Calvet (2008), Raso, Mello e Altenhofen (2011), trazendo um breve panorama das situações de contato linguístico no país e as consequências que a aproximação entre diferentes povos e culturas trouxe para o português brasileiro. Também são expostos os conceitos do bilinguismo sobre o tema "línguas de herança" e "crenças e atitudes linguísticas", primordiais para a compreensão e seguimento de nosso estudo, para isso, baseamo-nos em: Bloonfield (1935), Mackey (1972), Hamel (1988), Gomez Molina (1996), Bisinoto (2007), Aguilera (2008), Silva (2011), Busse e Sella (2012), Corbari (2013), Freitag (2015), Botassini (2015).

Dessa forma, esta Tese organiza-se da seguinte maneira. Na seção 1, começamos apresentando a constituição de Virmond como "Polônia brasileira", destacando aspectos históricos e políticos da imigração polonesa que contribuiu para a formação de diversas colônias de imigrantes poloneses em localidades do Paraná, destacamos ainda os motivos pelos quais a antiga Colônia Coronel Queiroz, também chamada à época de Amola Faca, foi se configurando como local onde os imigrantes poderiam recomeçar suas vidas sem deixar de lado sua cultura e língua.

Logo após, na seção 2, discutimos e apresentamos teorias que estão relacionadas a línguas, culturas em contato, cenários para manutenção e abandono de línguas. Para tanto, o contexto histórico em que se insere nosso objeto de pesquisa é apresentado a partir de definições ligadas aos conceitos de crenças e atitudes linguísticas assumidas pelos falantes que podem influenciar nas noções de identidade desses indivíduos, permitindo diferenciá-los de outros grupos. Também são discutidos os conceitos de variação e mudança linguística para compreender como uma determinada língua sofre variação e muda no decorrer dos anos. São evidenciadas, também, algumas situações que fazem com que uma língua minoritária deixe de ser usada, sendo "apagada" ou, por outro lado, ganhe destaque em uma determinada comunidade de fala, favorecendo sua manutenção.

Ainda nesta seção, tratamos sobre os fenômenos linguísticos que podem resultar do contato entre línguas e que trazem à tona discussões sobre a pluralidade linguística existente em nosso país e a presença de falantes de outras etnias em território brasileiro, que ainda utilizam sua língua de imigração e apresentam traços do contato desta com o português. Além

disso, a competência de alguns falantes, ao utilizar, no cotidiano, mais que uma língua, permite que sejam classificados como bilíngues, por esse motivo, na seção 3.3 abordamos o conceito de bilinguismo, tomando a definição proposta por Mackey (1972), segundo o qual, o bilinguismo é uma característica individual do falante e que pode ocorrer em diferentes graus, desde uma competência mínima até o domínio completo de duas ou mais línguas. Por fim, apresentamos os conceitos de herança linguística, a partir das formas pelas quais um indivíduo pode “herdar” uma língua de seus antepassados e as crenças e atitudes linguísticas diante desta língua de herança ou de outra variedade, principalmente quando esta é minoritária. Consideramos que estas concepções podem contribuir para que haja construção ou transformação da identidade de um falante ou de um grupo étnico.

Já a terceira seção é voltada à apresentação da metodologia do estudo de campo de cunho qualitativo. Num primeiro momento registramos as informações sobre nosso ponto de pesquisa, o município de Virmond/PR e, em seguida, tratamos do método de investigação utilizado para este estudo que se constitui como uma estratégia que combina a participação ativa do pesquisador com os sujeitos pesquisados, além da observação intensa em ambientes naturais por meio de entrevistas informais e de análise documental. Para tanto, destacamos na seção 4.3 os instrumentos utilizados para coleta de dados (Anexos 1 e 2) e, na seção seguinte, as formas utilizadas para seleção e categorização do perfil dos informantes.

No capítulo 4, são apresentados e tratados os dados levantados na pesquisa de campo. Primeiramente, expomos nossas análises sobre a formação histórica e linguística da comunidade da localidade e o grau de percepção linguística dos informantes. Logo após, analisamos as principais situações de uso do polonês na comunidade e a relação existente entre as crenças e atitudes linguísticas dos moradores de Virmond sobre sua língua e cultura com o abandono ou conservação linguística. Por fim, apresentamos os resultados obtidos em relação à formação da/de identidade(s) linguística(s) da comunidade e às noções de prestígio e estigma sobre a língua e a cultura polonesa.

Depois de apresentadas tais análises, expomos nossas considerações finais.

## **1. VIRMOND/PR: A POLÔNIA BRASILEIRA**

Apresentamos neste capítulo a história e a política de imigração polonesa no Paraná, com uma breve retrospectiva das razões pelas quais os imigrantes poloneses deixaram seu país de origem e vieram para o Brasil, instalando-se, dentre outros estados, no Paraná. Ao chegar ao solo paranaense, esse grupo étnico, em busca de melhores condições de vida, dividiu-se em colônias e a oferta de terras férteis e com valor mais acessível no território, até então chamado Amola Faca, atual Virmond, chama a atenção de alguns desses poloneses que migram para a localidade e passam a trabalhar em prol da construção de um novo lar.

Além de evidenciar um pouco da história de Virmond, à época da colonização, também são expostos dados atuais sobre a cidade, seus moradores e costumes étnicos que ainda são cultivados nos dias atuais.

### **1.1 HISTÓRIA E POLÍTICA DE (I)MIGRAÇÃO POLONESA DO PARANÁ: A VIRMOND**

Entre a segunda metade do século XIX e início do XX, o território brasileiro se tornou o destino de imigrantes de diferentes nacionalidades, dentre eles, os poloneses. O grande número de poloneses os quais deixavam sua pátria buscando melhores condições de vida foi motivado, principalmente, pelas crises sócio-políticas e econômicas que assolavam os países europeus. Nesse contexto, a Polônia teve seu território dividido entre a Áustria, Rússia e Prússia, entregando-se "a essas potências como vítima de opressão política e nacional e de exploração econômica" (POLAK, 1966, p.41).

Além da dominação sofrida, a Polônia ainda trazia uma estrutura arcaica herdada do sistema feudal e que mantinha o controle de uma população camponesa, era isolado e conservador ao extremo, não aceitando mudanças. Os camponeses viviam em condições de opressão tendo, cada vez menos, acesso às terras e pouca esperança de se tornarem independentes (GRONIOWSKI, 1972).

A dominação de algumas regiões da Polónia pela Prússia trouxe duras sanções aos poloneses, por parte dos invasores germânicos, dentre elas: a proibição da língua polonesa nas escolas; a busca por "despolonizar" os nomes poloneses de regiões e logradouros públicos; a repressão ao culto religioso dos católicos; a censura na imprensa polonesa; e a venda obrigatória

das terras agrícolas dos camponeses. Essas lutas contra o catolicismo e contra a polonidade<sup>2</sup> também se estendiam, de acordo com Stawinski (1976) e Wachowicz (1970), à "guerra agrária" que repreendia o cultivo de terras feito pelos poloneses e os pressionava a desfazer-se de suas propriedades.

Da mesma forma, o domínio da Rússia de algumas regiões da Polônia central e do leste, principalmente de áreas que eram densamente povoadas e pobres, levou a confrontos entre poloneses e russos, sobretudo depois da ascensão de Nicolau I ao trono da Rússia, o qual passou a ignorar os direitos constitucionais que os poloneses já haviam conquistado. Essa situação favoreceu o surgimento de conflitos e revoluções sangrentas, além do confisco de bens e de impostos cada vez mais pesados, induzindo os poloneses a venderem suas propriedades. Assim, muitos poloneses foram banidos, exilados e outros fugiram e emigraram (WACHOWICZ, 1970, p. 20).

O domínio austríaco não foi diferente, pois os pequenos proprietários tinham suas terras divididas, o que inviabilizava a produção agrícola. Por esse motivo, passaram a trabalhar como arrendatários ou empregados em terras alheias e em condições de extrema pobreza e miséria.

Enquanto a Prússia e a Áustria, na ânsia de germanizar a população polonesa, começaram proibindo o uso da língua polonesa nas escolas, igrejas e repartições públicas, a Rússia tomava medidas mais drásticas, fechando as escolas primárias e vedando aos estudantes poloneses o acesso às escolas de ensino secundário e superior. Criou-se, então, para os poloneses um clima de opressão e de ostracismo (STAWINSKI, 1999, p.13).

Todos esses fatores repressivos causaram um sentimento de revolta do povo polonês, favorecendo o movimento migratório para as Américas do Norte e do Sul. A vinda desses imigrantes originários da Polônia para o Brasil também foi influenciada pelas políticas de imigração instauradas pelo governo brasileiro que agiu de acordo com os interesses da

---

<sup>2</sup> O termo "polonidade," do polonês *polkość* (FERRAZ, 2007, p. 68), surgiu no contexto sócio-histórico dos nacionalismos europeus do século XIX. Dentre as diferentes formas de utilização do termo, nos atentamos nesta tese, para a formulação mais contemporânea de polonidade que busca refletir os processos de etnização, de valorização e de promoção do sentimento de pertencimento que são produzidos, articulados e negociados por descendentes de imigrantes poloneses em solo brasileiro e que se singularizam tanto pela diversificação dessas formas de mobilização étnica, quanto pelos meios de propagação em redes sociotécnicas em termos locais e globais.

metrópole portuguesa já que, desde os tempos coloniais, as autoridades brasileiras promoviam a vinda dos europeus para o Brasil (OLIVEIRA, 2009).

O que se pode inferir, em relação a esta política imigratória é o fato de que o governo brasileiro acreditava que, com o conhecimento e a capacidade de trabalho dos europeus, seria possível construir um país moderno, além da visão de implantação de boas relações de trabalho e de civilização do campo e do progresso nacional.

Ressaltamos que durante o Império (1822-1889) e durante a Primeira República (1890-1930) havia necessidade de substituição do trabalho escravo e os imigrantes também eram essenciais para a povoação e colonização dos vazios demográficos do Brasil. Era primordial, nesse caso, que o governo fizesse algo para ocupar esses espaços desabitados da província, por isso promoveu campanhas de exaltação das belezas da região e das oportunidades que os estrangeiros teriam nessas localidades, como pode ser notado a seguir.

[...] não posso deixar de profetizar que a pasmosa salubridade d'esta província, a amenidade do seu clima, a uberidade das suas terras, a hospitalidade dos seus habitantes, e, sobretudo, a rápida fortuna, [...] estabelecerão bem cedo essa corrente de emigração espontânea, que tanto desejamos, e que tão necessária é ao rápido progresso d'esta e de todas as províncias do império (PARANÁ, 1857, p. 46).

Além de ter expostas suas belezas, abundância de terras e hospitalidade dos habitantes, o Brasil era apresentado para os europeus como uma continuação do paraíso bíblico e, dentre outras vantagens, era um lugar abençoado por Nossa Senhora de Monte Claro, padroeira da Polônia.

Todas essas campanhas de exaltação das qualidades do país foram intensificadas e as políticas de imigração brasileira, durante esse período, favoreceram a colonização e o desenvolvimento econômico e de territórios. Para tanto, as iniciativas governamentais previam a entrada dos imigrantes vindos do continente europeu e sua instalação em colônias nos mais diversos estados do país (OLIVEIRA, 2009).

De acordo com Malczewski (2000), é possível calcular que, até 1914, mais de 100 mil imigrantes poloneses chegaram ao Brasil. Estes eram encaminhados para as localidades de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, mas, no ano de 1871, o grupo de poloneses que havia se estabelecido próximo ao atual município de Brusque/SC, migrou para o Paraná e nesta região fundou a Colônia Pilarzinho, localizada em Curitiba/PR.

A partir disso, o que se percebe é uma mudança na avaliação dos nacionalistas poloneses em relação à localidade paranaense, pois "baseavam suas esperanças na formação de colônias agrícolas homogêneas, sobretudo no Paraná brasileiro onde, segundo Josef Siemiradzki, emergia uma nova Polônia (GABACCIA et al., 2006, p.86-87).

Chichoka (2002) também discorre sobre o posicionamento dos nacionalistas poloneses em relação ao Brasil e expõe a notável e progressiva mudança que passa a acontecer a partir do século XIX, fazendo com que seja concretizada a ideia patriótica de "ressuscitar" no Brasil, a Polônia. Os seguidores e apoiadores dessa ideia que viviam, em sua maioria, em antigos territórios poloneses, aconselhavam e indicavam para a criação de estados poloneses que seriam batizados como "Nowa Polska", ou seja, Nova Polônia.

É possível estabelecer uma relação entre a ideia de criar uma Nova Polônia no Brasil com a forma com que os poloneses do Paraná viviam, pois nessa época já haviam sido criadas colônias homogêneas onde os imigrantes mantinham seus estilos de organização social. Nas escolas era ensinado o polonês, nos bairros existiam associações civis e órgãos da imprensa, capazes de aproximar imigrantes que, em alguns casos, não se conheciam. Tudo isso contribuía para a construção de uma nova identidade polonesa, com um estilo de vida que também tinha conflitos, mas que era, principalmente, livre.

Dessa forma, entre os anos 1875 e 1878 já havia no Paraná nove colônias que eram habitadas por poloneses vindos da Galícia, da Prússia e da Silésia. Estima-se que até o ano de 1920, dos 60.000 (sessenta mil) poloneses que entraram no Brasil, 95% estabeleceram-se no Paraná, nas várias colônias do interior, na região de Curitiba e em cidades mais afastadas da capital que apresentavam baixa densidade demográfica como os Campos Gerais, Guarapuava e as microrregiões à sua volta, dentre elas, Virmond que se constituiu como colônia de imigrantes poloneses denominada, à época, Colônia Amola Faca e fundada na segunda década do século XX localizando-se no Terceiro Planalto Paranaense, nos campos de Guarapuava.

A iniciativa de povoar e constituir essa nova colônia polonesa partiu do cônsul polonês, Kazimierz Gluchowski, tinha o objetivo de favorecer patrícios recém-chegados ao país e que ainda estavam espalhados pelo Brasil. Assim, tendo o apoio do governo do Paraná, o projeto de colonização com imigrantes tem início e começa a ser formada a Colônia Amola Faca ou Colônia Coronel Queiroz, atualmente, Virmond (LIVRO DO TOMBO, 1951, fl.1-1).

Essas terras pertenciam à família Virmond, mediam aproximadamente 8.400 alqueires e estavam localizadas entre o rio Cavernoso, Amola Faca e Tapera e, por Linha Seca, o

Restinga. É possível encontrar, em uma publicação feita no Jornal Folha do Oeste, no ano de 1946, uma referência sobre a venda da então Fazenda Amola Faca onde "Ernesto Frederico de Queirós e outros, por carta de opção, datada de 25 de julho de 1914, autorizam a venda de uma área de 1400 alqueires desta terra" (JORNAL FOLHA DO OESTE, GUARAPUAVA, 1946, p. 1).

A venda das terras foi efetivada quando o cônsul Kazimierz Gluchowski adquire a propriedade pertencente, desde 1852, ao coronel Ernesto Queirós, herdeiro de Frederico Guilherme Virmond. Essa área fica ainda hoje localizada a 90 km de Guarapuava. Na época foi apresentada, a partir de um mapa com inscrições em polonês, que davam detalhes de sua localização e principais vias de acesso, conforme pode ser observado na figura a seguir.

FIGURA 1: Mapa de localização da Colônia Amola Faca, atual Virmond



FONTE: IAROCHINSKI DO BRASIL: Disponível em: <http://iarochinski.blogspot.com.br/2008/05/inaugurada-casa-da-memria-em-virmond.html> , acesso em 23/04/2020.

O senhor Ladislau Radecki ficou encarregado de organizar e povoar a Colônia, por isso, fez um contrato com o coronel Ernesto Frederico Queirós combinando que o pagamento das terras seria feito à medida que estas fossem sendo vendidas. No entanto, sem nenhum subsídio do governo, para que o empreendimento pudesse ser iniciado e para que as estradas fossem construídas, bem como os lotes medidos, foi necessário contrair empréstimo junto à Casa Bancária Missino, em Guarapuava (PSZDZIMIRSKI, 1998).

Assim, dentre as primeiras providências tomadas, estava a publicidade que, quanto mais intensa, mais aumentaria a possibilidade de sucesso da colonização. Foram feitas, dessa forma, propagandas das terras em diferentes jornais da época com informações sobre localização, características, vantagens, valor e condições de pagamento das terras como pode ser notado a seguir:

Fazenda Amola Faca:

Essa fazenda conta 18.000 alqueires e pode abrigar centenas de colonos poloneses. Atualmente em loteamento. Condições: Preço da terra – 70 mil-réis por alqueire, sendo as terras junto à estrada por 70\$000, e as mais distantes da estrada principal – por 60\$000 o alqueire. O contratante paga uma entrada (metade do valor da terra escolhida) e depois da medição paga a segunda metade, após o que obtém o título definitivo. A medição pode ocorrer, a pedido, dentro de 15 a 30 dias. A fazenda Amola Faca é mata espessa. Aqui e acolá podem ser encontrados pinhais e ervais (bem junto à estrada)[...] pode-se semear centeio, trigo, batata. E na faixa do Rio Cavernoso, onde já não há pinheiros, as terras se prestam ao cultivo da cana, do algodão, da banana, etc., ou seja, o agricultor polonês encontrará ali uma terra de acordo com a sua predileção, boa, barata, junto à estrada principal para os mercados de consumo e, o que é o mais importante, a preços acessíveis. Em Amola Faca será fundada uma vila na qual alguns artesãos poloneses encontrarão uma boa fonte de renda, assim como alguns comerciantes e talvez até industriais. Em Amola Faca será construída uma igreja, uma escola e uma casa popular com forças comuns, isto é, com a ajuda dos colonos poloneses e do empresário da colonização dessas terras. [...]A estrada de ferro em breve cortará essa bela região, e com ela subirão de preço: a terra, os produtos agrícolas, o gado, etc. Por isso este é o tempo mais apropriado para aproveitar a ocasião!... Desta descrição resulta que em Amola Faca o colono polonês tem razão de ser e perspectivas de sucesso e de bem-estar. L. Radecki. (Jornal *Świt* n° 34, p. 1, 1921 - pesquisa e recorte realizados por Geraldo Zapahowski, tradução do polonês para o português: Mariano Kawka).

A propaganda publicitária selecionada faz parte de uma série de publicações feitas em periódicos poloneses do Jornal *Świt*. Também há outros informes do gênero em outros jornais como o *Lud* e o *Jornal Gazeta Polska w 50 Brazylii* os quais possuíam edições no idioma polonês com datas de 1921 a 1926. Tais publicações contribuem para compreender a imigração polonesa e a escolha dos imigrantes em viver na Colônia Amola Faca.

No ano de 1921, impulsionados pelas propagandas, tanto impressas em jornais, panfletos e periódicos, quanto pelo rádio e pelas próprias pessoas, chegam os primeiros

colonizadores poloneses vindos de colônias próximas a Curitiba, outros do Rio Grande e outros recém-chegados da Polônia (SELENKO, 2011).

Aos poucos, a Colônia foi se organizando e se desenvolvendo com sucesso, pois, cada vez mais, foram chegando famílias de poloneses que compravam as terras da colônia, onde já se estendiam além de Mallet (atual Laranjeiras, cidade vizinha) e de Guarapuava totalizando, à época, 240 famílias de poloneses. Assim, a vida dos imigrantes poloneses ia se moldando e, da mesma forma, a identidade desse povo ia sendo formada a partir da crença de que aquela era uma terra abençoada e que dava possibilidades para o povo sofrido e despatriado recomeçar sua vida. No entanto, esses colonos, ao mesmo tempo em que se uniam em torno de objetivos comuns como a religião, a língua, as tradições culturais de sua terra natal e o desejo de vencer as dificuldades encontradas nesse novo lar, também tinham pouca integração com outros povos e não gostavam de frequentar lugares e ter contato com pessoas de outras etnias (PSZDZIMIRSKI, 1998).

Essa pouca integração do povo polonês com outros povos não ocorria somente na Colônia Amola Faca, mas com todos os grupos étnicos poloneses que viviam no Brasil, como pode ser notado no texto publicado no jornal Gazeta Polska:

O povo polonês não admite sacerdotes brasileiros cuja língua e ritos desconhecem. O rito e a fé estão muito unidos, quem desconhece o rito e a língua, evita a Igreja, que fala uma linguagem que nos é desconhecida. [...] A única defesa de nossa população no exterior são os sacerdotes poloneses e o ritual da Igreja [...] (GAZETA POLSKA, 22 de julho de 1893, n.º 3, ANO II - pesquisa e recorte realizados por Geraldo Zapahowski, tradução do polonês para o português: Mariano Kawka).<sup>3</sup>

Esse posicionamento fez com que os imigrantes poloneses que viviam em terras paranaenses, inclusive os habitantes Colônia Amola Faca, atual Virmond, se unissem para a construção de uma escola e de uma igreja, pois reconheciam que era necessário, depois de organizar suas plantações e garantir o sustento de sua família, instruir e catequizar seus filhos acreditando que, a partir dessas organizações sociais, seria possível manter o sentimento de nação, de repassar às gerações futuras a sua origem, os costumes, a religião e a língua polonesa,

---

<sup>3</sup> Com o título "O clero e a preservação da polonidade", esta é uma publicação do Gazeta Polska, 22 de julho de 1893 - N.º 3, ano II, está publicado na íntegra na sessão de Textos e Documentos - fontes primárias - nos anais da Comunidade Brasileiro Polonesa.

fatores estes que se configuram, conforme aponta Capri (2003, p. 48) "como laços de sua identidade".

Em conjunto, buscavam, assim como outras colônias, fundar sociedades que tinham funções recreativas, educativas e cooperativas como foi o caso do Clube Instrutivo Agrícola Robot que era usado como escola e também como cooperativa de produtos que mantinha e pagava o professor. Com o tempo, surgiram outras sociedades como a intitulada "Semeador Polonês" cujo nome remetia ao fato de os associados serem agricultores e lançarem sementes a terra, mas também porque acreditavam que era sua tarefa semear o conhecimento e o ensino entre as crianças, ou seja, manter uma escola própria (PSZDZIMIRSKI, 1998).

Como as aulas ainda aconteciam na casa dos imigrantes ou então na cooperativa da cidade, a sociedade Semeador Polonês, em assembleia, aprovou com unanimidade a ampliação de um prédio escolar, da mesma forma, ocorreu com a biblioteca, conforme pode ser notado no trecho abaixo:

"[...] Precisamos semear o ensino entre nossas crianças, isto é, manter uma escola própria e elevar o espírito polonês. [...] Por isso, vamos adquirir somente as tábuas e pregos com recursos do caixa da Sociedade e esse trabalho deve iniciar-se ainda este ano [...] Nos empenhamos também na luta por uma biblioteca e esperamos em Deus que isso não será tão difícil, porque, embora tenhamos caixa pobre, os diretores desta colônia, os senhores L. Radecki e o sr. Guilherme Miller ofereceram algumas dezenas de livros a cada um que, de antemão, cordialmente lhes agradecemos [...]. Devemos ainda acrescentar que já pelo segundo ano consecutivo temos uma professora brasileira, enviada pelo governo, mas ela não nos serve de consolo porque as nossas crianças compreendem pouco a língua portuguesa e por isso, o ensino anda muito devagar [...] (JORNAL LUD, 1926, nº 29 - p.2, pesquisa e recorte realizados por Geraldo Zapahowski, tradução do polonês para o português: Mariano Kawka.).

Nesta mesma época, o pedido de contratação de um professor para a escola da sede da Colônia Amola Faca foi resolvido e o professor Adolfo Grolle começou a lecionar para os filhos e filhas dos imigrantes poloneses. A posição de professor, ainda mais habilitado em dois idiomas, polonês e português, é muito importante e elevada, o que pode ser percebido na correspondência abaixo no qual o fenômeno da polonidade e da religiosidade da Colônia é evidenciado, além de serem expostas algumas informações sobre a escola e o trabalho desenvolvido pelo professor (SCHOLTZ, 2014).

Vila Virmond, cor. Guarapuava, 1 de novembro de 1926.

Por recomendação do Reverendíssimo Padre Redator Piasecki, assumi no dia 15 de julho do ano corrente o posto de professor na colônia Virmond. Os colonos daqui são quase todos poloneses, todos eles sadios de corpo e espírito, que se dedicam ao pesado trabalho de derrubar as matas seculares, apegados à fé, à língua e aos costumes dos seus antepassados. O trabalho, tanto na mata virgem como cultural, segue animadamente em frente, e todas as condições da colônia apontam que em breve e rapidamente esta localidade se transformará numa vila. Os moradores assumiram a escola iniciada pelo colonizador, composta de uma ampla sala e de cinco banheiros. Atualmente estão concluindo a sua construção, sem poupar o seu tempo ou o dinheiro ganho a duras penas. [...] Tão bravos pais têm também bravos filhos, pois todos eles buscam a cultura e a ela se voltam, como a flor para o sol. Atualmente frequentam a escola 31 crianças. Cada uma delas se distingue pelo amor ao estudo e há entre elas indivíduos de aptidões notáveis: pictóricas, arquitetônicas, matemáticas, etc. [...] Com elevada consideração, Adolfo Grolle, professor em Virmond (Jornal LUD, 1926, no 84, p. 2 - pesquisa e recorte realizados por Geraldo Zapahowski, tradução do polonês para o português: Mariano Kawka).

Com o passar de alguns anos, as aulas passaram a ser bilíngues e os ensinamentos começaram a ser feitos tanto em português quanto em polonês. O primeiro professor bilíngue da Colônia foi o senhor Henrique Krygier, nome da atual escola municipal, que veio da Polônia, ficou um tempo em Curitiba e, depois, migrou para a Colônia Amola Faca e por lá se estabeleceu. Antes de o senhor Henrique Krygier lecionar, era seu pai quem ministrava as aulas, mas foi proibido pelo governo federal porque, além de não saber ensinar o português, não era naturalizado brasileiro, já seu filho conseguiu se naturalizar, por isso, tinha o direito de ser professor (ORZECHOVSKI, 2007)<sup>4</sup>.

Abaixo, apresentamos uma fotografia do professor Henrique Krygier com seus alunos:

---

<sup>4</sup> Relato da filha do senhor Henrique Krygier, senhora Júlia Orzechovski (falecida) concedido à autora deste texto no ano de 2007 em entrevista realizada para dissertação de mestrado.

FIGURA 2 - Sala de aula na sede da Colônia Amola Faca



FONTE: Arquivo pessoal de Geraldo Zapahowski. A cópia encontra-se exposta na Casa da Memória de Virmond.

A escola, da mesma forma que a igreja, simbolizava o sentimento que os imigrantes poloneses tinham em relação à sua terra natal e aos seus antepassados. Conforme se pode notar na fotografia, ao fundo da sala há um quadro com a inscrição em polonês que significa "Escola Polonesa" e a data de sua fundação, o ano de 1923. Há também duas bandeiras, uma do Brasil e outra da Polônia com o símbolo polonês ao meio e o aspecto étnico é revelado pelo idioma, símbolo, mobiliário que estabelece a organização escolar onde meninos sentam de um lado e meninas do outro. Os alunos descalços revelam duas realidades, a primeira representa a manutenção da limpeza da escola e a segunda, o fato de que a maioria das crianças que frequentavam a escola não tinham calçados e, quando tinham, guardavam para ocasiões especiais como, por exemplo, ir à missa (SCHOLTZ, 2014).

Como pode ser observado, as associações desempenharam um papel importante na vida dos imigrantes poloneses, já que substituíram as obrigações do Estado que não dava conta de levar educação a todas as crianças, tanto as brasileiras que já viviam aqui, quanto os filhos de imigrantes que passaram a formar a nação brasileira. Foi também a partir das sociedades que os imigrantes poloneses se uniram para a rápida construção da igreja, na qual seria usada para dar

continuidade aos discursos e às práticas necessárias para a formação da memória das novas gerações, uma vez que para este povo, "ser polonês" era sinônimo de ser católico e a igreja e os ensinamentos dos valores cristãos eram fundamentais para os colonos, pois, dessa forma, tinham mais firmeza na afirmação de pertencimento a seu grupo étnico como pode ser notado no trecho: "Para a igreja estamos sempre recolhendo donativos e se Deus quiser, no final deste ano vamos começar a preparar a madeira e então iniciaremos sua construção, pois sem ela, nos sentimos como estranhos e selvagens" (JORNAL LUD, 1924, nº 42, p.2-3, pesquisa e recorte realizados por Geraldo Zapahowski, tradução do polonês para o português: Mariano Kawka).

Ainda, conforme o noticiário do Jornal Lud ( nº. 73, p.2-3, 1927), no ano de 1927 os trabalhos de construção, muito dificultados pela falta de recursos financeiros e materiais de construção, terminaram e pôde ser inaugurada a primeira igreja da Colônia Amola Faca. A solenidade de bênção da igreja ocorreu no dia 27 de agosto do ano corrente realizada pelo pároco de Guarapuava que abençoou a igreja na língua polonesa com a ajuda do Pe. Bronny, de Prudentópolis, o qual fez a bênção, mas em língua portuguesa.

FIGURA 3: Primeira Igreja da Colônia Amola Faca construída pelos poloneses



FONTE: Arquivo pessoal da senhora Tereza Palinski (falecida em 09/09/2011), cópia encontra-se na Casa da Memória de Virmond.

Como se pode notar, a influência polonesa na formação e na transformação da Colônia Amola Faca, atual Virmond, é notável, pois os poloneses lutavam para manter seus costumes e tradições culturais, como nos casamentos (que deveriam ser realizados, na época, entre membros da mesma etnia), na religiosidade e na busca por uma educação pautada nos modelos poloneses. Isso se deve pelo fato de que, por estarem longe de sua terra natal, buscavam alicerce para manutenção étnica e linguística na igreja e nas sociedades-escola, as quais representavam o desejo da maioria dos poloneses da cidade (SCHOLTZ, 2014).

A igreja e a escola se colocavam como elo entre o país de origem deste povo e sua vida na nova terra. No entanto, é possível perceber o início de uma série de limites linguísticos e

étnicos que foram impostos aos imigrantes que viviam no Brasil, inclusive aos poloneses, quando o pai do professor Henrique Krygier foi proibido de lecionar por não ser naturalizado brasileiro. Essa foi uma das primeiras intervenções formais que o Estado brasileiro impôs às escolas de imigrantes, depois, como pudemos notar, as aulas deixavam de ser somente na língua polonesa e passavam a ser bilíngues (português/polonês), essa é uma das primeiras ações nacionalizadoras que modificou o currículo escolar, além da inserção das disciplinas de geografia do Brasil e língua portuguesa (SEYFERTH, 1999, p.199).

A partir de 1930, foi proibido, com a intensificação das políticas nacionalistas determinadas por Getúlio Vargas, o uso de línguas estrangeiras no Brasil. Esse impedimento contribuiu para que os imigrantes poloneses se sentissem excluídos e passassem a ser discriminados por serem "polacos". Assim, o fato de adotar uma identidade deixou de ser sinônimo de tranquilidade para se configurar como um peso, como uma característica de vergonha.

Essa realidade pode comprovar uma de nossas hipóteses, pois, a partir da influência das políticas linguísticas impostas pelo regime militar da "Era Vargas", houve, por parte dos imigrantes poloneses, uma mudança de comportamento em relação à língua e à etnia e o que antes era orgulho deu lugar a sentimentos de desgosto, revolta, falta de entendimento do que estava acontecendo e, principalmente, medo, que fez com que os imigrantes poloneses começassem a se afastar de sua identidade.

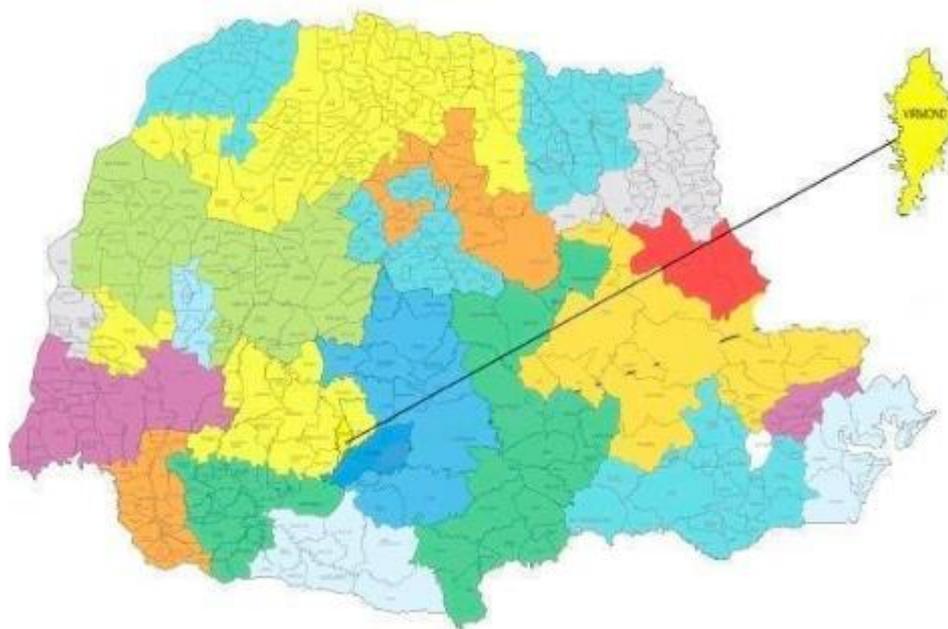
Sem compreender o que estava acontecendo, a maioria dos pais ficaram com medo, voltando a lembrar dos penosos momentos que viveram na Polônia, optaram, assim, em não ensinar, nem em casa, o idioma polonês aos filhos, pois a repressão neste período foi intensa, resultando até em prisões e na queima de livros e de associações étnicas. Da mesma forma, as novas gerações se sentiam constrangidas e silenciavam-se em relação à língua materna, pois sentiam "na pele" o preconceito dos ditos "brasileiros" e, com isso, o uso da língua de imigração foi diminuindo de geração em geração, mas não deixou de ser importante para os descendentes.

## 1.2 HISTÓRICO DE VIRMOND

O município de Virmond/PR foi emancipado em 17 de maio de 1990 e a instalação oficial ocorreu em 1º de janeiro de 1993. Sua população é formada, basicamente, por descendentes de imigrantes poloneses somando, nos dias atuais, 4.022 habitantes (IBGE, 2020).

Está localizado na região centro-oeste do interior do Paraná e fica a aproximadamente 340 km de Curitiba, capital do Paraná, sendo limitado pelas cidades de Cantagalo, Laranjeiras do Sul, Candói e Porto Barreiro e, de acordo com dados do IPARDES (2020) tem extensão territorial de 243, 571 km<sup>2</sup>.

FIGURA 4: Localização de Virmond no mapa do Brasil.



Fonte: IPARDES (2020), adaptado pela autora.

A população de Virmond é, basicamente, formada por descendentes de imigrantes poloneses que ainda cultivam seus costumes e buscam a manutenção da língua de imigração. No entanto, em contato com o português, a língua polonesa passou por momentos distintos tanto em relação a seu uso quanto à sua construção ideológica, ideologia esta que deixa visível a conexão entre noções de identidade e comunidade, funcionando também como instrumento de ações políticas.

Essas ações políticas resultam das reações subjetivas que os descendentes de poloneses de Virmond possuem sobre sua (s) língua(s) e que foram modificadas no decorrer dos anos. Afirmar que este grupo étnico possui mais que uma língua é considerar o fato de que, em alguns contextos específicos, a língua polonesa ainda é utilizada, principalmente pelos mais velhos e que o contato entre o português e o polonês também deu origem a traços linguísticos, em que,

de um lado, percebe-se a influência do português na língua de imigração (polonês) e, de outro, a interferência do polonês no português falado pelos descendentes.

Destaca-se que os primeiros poloneses que chegaram às terras do então Amola Faca tinham o sentimento, a crença e, principalmente, o desejo de recriar nesta localidade a vida deixada na Polônia, impulsionando a formação de núcleos culturais os quais tinham a língua como principal elemento de ligação com a pátria deixada para trás.

Aliada ao uso da língua, a valorização da cultura polonesa também foi buscada e no ano de 1923 os imigrantes construíram a primeira escola polonesa, em 1928, a primeira igreja, cuja padroeira designada foi Nossa Senhora de Częstochowa, conhecida no Brasil como Nossa Senhora de Monte Claro, ilustradas na seção 2.1. A construção das novas escolas, tanto estadual quanto municipal, seguiram padrões arquitetônicos diferenciados e de acordo com as necessidades da cidade, mas a igreja manteve as mesmas características, sendo construída à imagem e semelhança da primeira sede católica de Virmond, como pode ser observado a seguir:

FIGURA 5 - Paróquia de Virmond nos dias atuais



Fotografia da Paróquia de Virmond tirada por Carlos Meireles, disponível em: <https://www.ferias.tur.br/fotos/6827/virmond-pr.html>

À época da construção da igreja e da escola, os imigrantes poloneses acreditavam que, com o ensino e com as celebrações religiosas na língua polonesa, sua língua e tradições estariam “garantidas”, momento este em que falar polonês e manter os costumes étnicos poloneses era primordial para todos e motivo de orgulho de ser polonês e de prestígio da língua de imigração.

Conforme aponta Pszdzimirski (2008), com o passar do tempo e seguindo as “ordens” instituídas pela campanha de nacionalização executada durante o “Estado Novo” de Getúlio Vargas - política esta que tinha a intenção de “unificar” a nação, tomando medidas coercitivas para atingir as comunidades étnicas e proibir o uso de outra língua que não fosse o português - o polonês deixou de ser usado e ensinado em locais públicos e, com medo de sofrer repressões, a maioria dos pais deixou de repassar a seus filhos a língua e a tradição polonesa. Esse momento foi caracterizado por uma atitude linguística que era influenciada pela proibição e pelo medo de usar a língua de imigração e de manter os costumes da etnia.

O uso da língua foi diminuindo a cada geração, mas não deixou de ser importante para a maioria dos descendentes que, durante e após o “Estado Novo”, buscaram meios de manutenção linguística. Além da política de nacionalização imposta pelo governo Getúlio Vargas, salientamos que a virada tecnológica trouxe consigo outros meios de comunicação, principalmente a internet, proporcionando que os falantes entrassem em contato, mesmo que virtualmente, com diferentes povos e culturas, o que também contribuiu para que houvesse a substituição linguística.

Mesmo assim, aos poucos e com o passar do tempo, os imigrantes poloneses foram retomando sua tradição e buscando soluções que fizessem com que a língua polonesa não fosse esquecida usando, inclusive, os meios de comunicação em massa como um aliado na busca da manutenção linguística. Foi assim, que no ano de 1998, a política linguística do município mudou e o polonês voltou a ser ensinado na escola, sendo as aulas ministradas pelo pároco da cidade. Uma vez ao ano, a cidade recebia a visita do cônsul polonês, porém, nesse momento, para os jovens descendentes, ser e falar polonês já não era mais “bonito”.

O que pode explicar tais atitudes é o fato de que, com a miscigenação de etnias, a população de Virmond foi alterada e já não era composta somente por descendentes de poloneses. Com essa "mistura", passaram a serem percebidas diferenças fonético-fonológicas na fala e diferentes características físicas entre os moradores da comunidade polonesa e demais moradores da região. Expressões como “polaco”, “cabeça branca”, “boca aberta” e até mesmo

“caipira” (este último devido à utilização do /r/ e de diferenças metafônicas na pronúncia de algumas expressões) começaram a ser utilizadas para designar os descendentes. "Ser" e falar "polaco" era estigmatizado e a cidade, muitas vezes, foi motivo de piadas como "em Virmond tem pouca gente, mas polaco tem bastante", "os polacos estão chegando de *ónibus* ou *caróça*?", dentre outros fatores e atitudes que "diminuíam" a etnia. Nesse período, falar ou ter traços linguísticos do polonês era um problema, na escola e na sociedade (IAROCHINSKI, 2008).

No ano de 2004, as aulas de língua polonesa deixaram de fazer parte do currículo escolar e as missas ministradas nesse idioma foram diminuindo até não existirem mais. Neste momento pode ter ocorrido o desprestígio da língua de imigração e a estigmatização dos descendentes desse grupo étnico.

Apesar desse contexto desfavorável, aos poucos, houve uma significativa mudança nas atitudes linguísticas dos próprios descendentes de imigrantes que voltaram a pensar o polonês como orgulho. O movimento de valorização da língua partiu de um pequeno grupo de descendentes de poloneses, com apoio do prefeito e do pároco da época. Criou-se então a necessidade de fazer com que a descendência polonesa fosse vista com bons olhos novamente. A partir disso, foi criado o grupo de danças folclóricas polonês *Mali Polacy*. Em 2008 foi inaugurada a Casa da Memória, uma réplica da casa dos colonizadores poloneses de Virmond, nela há fotos, objetos, documentos e biografia que resgatam a história das primeiras setenta famílias de descendentes de poloneses que chegaram à cidade e que ainda nos dias de hoje se constitui como ícone da cultura polonesa no município como pode ser observado na imagem abaixo:

FIGURA 6: Casa da Memória de Virmond



Foto tirada por Ulisses Iarochinski, disponível em: <https://iarochinski.blogspot.com/2008/05/inaugurada-casa-da-memria-em-virmond.html>

Além disso, a administração municipal ainda passou a usar a culinária polonesa como "chamarisco", para atrair turistas e movimentar a economia da cidade. Celebrações e jantares à base de comida típica polonesa passaram a ser realizados todo ano tendo como atração não só a culinária, mas também a recepção do evento que é feita por integrantes do grupo de danças que usam trajes poloneses e recebem as pessoas com cumprimentos na língua polonesa. A língua e cultura polonesa voltam, assim, a ser "orgulho" da cidade e, nos dias atuais, há uma busca por incluir novamente as aulas da língua de imigração na grade curricular do município, ou seja, as crenças e atitudes linguísticas desse povo foram alteradas de maneira muito significativa e, este é o período em que o polonês, apesar de ser pouco usado linguisticamente, volta a ser prestigiado em Virmond.

Os registros escritos da língua polonesa usada no município são raros, encontramos algumas poucas anotações em cadernos de receitas particulares, livros de cantos da igreja, porém, mesmo com essas poucas comprovações escritas, é possível identificar que há diferenças entre a escrita e, principalmente a fala dos descendentes de poloneses que vivem em Virmond em relação à língua oficial da Polônia, diferenças que são destacadas pelos próprios descendentes nas análises de dados feitas a seguir.

Notamos também que as transformações em relação à língua de imigração em Virmond ocorreram porque houve mudanças nas atitudes linguísticas da população e, principalmente dos

governantes, em nível de município e estado. A mudança em nível de município pode ser explicada pelo fato de que todos os governantes que passaram pela prefeitura eram descendentes de poloneses.

O primeiro prefeito, Osmar Palinski (gestões 2001-2004 e 2005-2008) é o que mais se destaca por incentivar a valorização da cultura polonesa, criando, em parceria com professores, descendentes de poloneses e pároco da cidade, o grupo folclórico polonês, construindo a casa da memória e realizando eventos que tinham como foco principal divulgar a culinária polonesa. Em seguida, sua sucessora, Lenita Orzechovski, continua com o mesmo propósito e consegue, em parceria com o pároco da cidade, promover, em datas comemorativas, celebrações religiosas na língua polonesa, além de financiar os trajes dos "polaquinhos" do grupo de danças do município.

O atual prefeito, reeleito no ano de 2020, Neimar Granoski, também descendente de poloneses, mantém essas conquistas e busca formas de manutenção da língua e da cultura e planejava, para o ano de 2021, em parceria com a BRASPOL (Associação Brasil/ Polônia)<sup>5</sup> e com a secretaria de cultura e educação, um evento que seria voltado à comemoração dos 100 anos de imigração polonesa da cidade. No entanto, devido à pandemia, esse evento foi cancelado e as autoridades planejam remarcar o evento para o mês de maio de 2022. Segundo a secretária de educação Estela Waczak, a ideia é fazer um projeto grande e que mostre as origens da cidade e de seus colonizadores, valorizando as origens polonesas e a constituição cultural de Virmond.

Destaca-se, ainda, que Virmond tem sido ponto de visita de poloneses vindos de diferentes regiões da Polônia que têm se interessado em conhecer a história de seus conterrâneos que vieram para esta cidade e construíram sua história por aqui. Exemplo disso é a visita do grupo folclórico da Polônia e da maior delegação polonesa (40 pessoas) que em agosto de 2018 se apresentaram no auditório municipal para centenas de pessoas. Da mesma forma, em setembro de 2019, o grupo musical polonês Wolosatki, formado por jovens estudantes da Universidade Politécnica de Kielce, fez sua apresentação na cidade e os integrantes do coral

---

<sup>5</sup> A Braspol é uma associação resultante de um movimento que iniciou na década de 80, cujo objetivo era despertar a cultura, as tradições e os costumes poloneses. Após 10 anos, no ano de 1990, por iniciativa da Universidade Federal do Paraná, mais de 300 pessoas descendentes reuniram-se e fundaram a entidade que atualmente conta com 342 núcleos espalhados pelo Brasil e busca alcançar todas as localidades que têm descendentes de poloneses.

passaram alguns dias na cidade, sendo hospedados por descendentes de poloneses (JORNAL CORREIO DO POVO DO PARANÁ, 2019).

Mais recentemente, no dia 30 de outubro de 2020, Virmond recebeu a visita do repórter Oskar Płonka da TVP Polónia que veio para o Brasil buscando características de polonidades brasileiras e de seus descendentes. A mudança em nível de estado pode ser considerada a partir da vontade deste em saber mais sobre as diversidades linguísticas de nosso território, no entanto, esse desejo surge principalmente por causa das lutas e da resistência dos grupos étnicos minoritários<sup>6</sup> que foram ganhando força como coletivo e passaram a buscar a reconquista de seus direitos culturais e linguísticos. Assim, faz-se necessário que o Estado admita que a língua não é objeto independente do contexto, espaço e tempo e que acreditar na homogeneidade linguística é ultrapassado diante de uma realidade que se recria na e através da língua que é mutável e se transforma de acordo com o contexto na qual está inserida e de acordo com o uso que fazem dela.

Há ainda, uma surpreendente transição desse povo, desde o regime do “Estado Novo” e da implantação das políticas de nacionalização até os dias atuais, onde a luta pelo reconhecimento de sua cultura e de sua língua se torna cada vez mais evidente. Com isso, a partir da realização desta pesquisa, tem-se o intuito de fornecer mais materiais para instigar a realização de novos estudos e projetos referentes aos processos de manutenção e valorização linguística, às tradições culturais, religiosas e políticas, bem como a trajetória do uso, das crenças e das atitudes linguísticas desses grupos minoritários que delineiam o posicionamento e status da língua de imigração na sociedade.

A escolha desse tema ainda se relaciona muito ao fato de que a comunidade de Virmond sempre chamou a atenção de muitas pessoas por ter uma população predominantemente de descendência polonesa, apelidada por muitos de “Warsóvia” e por ter habitantes descendentes de poloneses com muitas características que os diferenciam de outras pessoas, de outras cidades como o modo de falar, a fisionomia e os costumes, por exemplo. Também é perceptível o desejo da comunidade, nos dias atuais, em preservar ou tentar recuperar uma língua que praticamente não é usada e isso se reflete nos mais diversos setores, como educação, cultura e economia, setores estes que passaram a ter a cultura e a língua polonesa como ponto de partida para muitas

---

<sup>6</sup> Entende-se por grupo minoritário aquele que, mesmo não sendo menor em termos numéricos, encontra-se em “desvantagem” e tem menos poder político e econômico. Sua condição de minoria é definida por relações políticas. Define-se minorias étnicas ou grupos minoritários como povos que se diferenciam da maioria da população em razão de sua língua, nacionalidade, religião e cultura (SANTILLI, 2008).

ações como as festas típicas, a criação do brasão da cidade, grupos folclóricos montados e ensaiados na escola, além de aulas de polonês.

Dentre as ações, destaca-se a campanha que comemora os cem anos de colonização polonesa em Virmond e para não passar "em branco", o integrante da BRASPOL, Geraldo Zapaowski, criou uma página, no facebook<sup>7</sup>, que tem como objetivo principal lembrar e comemorar os 100 anos de colonização polonesa na fazenda Amola Faca, atual município de Virmond/PR, que teve início no ano de 1921.

Portanto, há, nessa cidade uma história muito rica e que merece ser pesquisada, principalmente porque há uma transição de valores decorrentes de vários fatores, mas principalmente de fatores sociais, educacionais e políticos que, ora colocam a língua e a etnia polonesa em um posicionamento de desprestígio, ora valorizam-na e buscam sua preservação. Dessa forma, para alcançar os objetivos propostos para tal pesquisa, serão entrevistados tanto moradores descendentes de poloneses da zona urbana Virmond quanto da zona rural do município, a qual possui população maior do que a urbana.

### 1.3 DA HISTÓRIA À FORMAÇÃO DE UM IDEAL DE BRASILEIRO-POLONÊS/POLONÊS-BRASILEIRO

Alguns fatores contribuíram para que as crenças e atitudes dos imigrantes de poloneses fossem modificadas e, por um longo período, houve mudanças e até um abandono linguístico na sociedade o que, de acordo com Fishman (1995, p.150) envolve "casos onde uma determinada comunidade adota uma nova língua ou variedade para suas interações renunciando, ou não, a língua ou a variedade que até então utilizava".

O início da formação da comunidade de Virmond foi difícil e os imigrantes poloneses precisaram de muito trabalho braçal, mas venceram os desafios que eram recorrentes da época e do isolamento em que viviam e construíram laços de amizade com os "vizinhos" e quando encontravam com outro conterrâneo sempre cumprimentavam e desejavam boas energias. "Quando um lavrador enxergava um colega a capinar a lavoura, levantava o chapéu e bradava

---

<sup>7</sup> <https://www.facebook.com/Virmond-Cem-Anos-de-Colonização-Polonesa-na-Fazenda-Amola-Faca-105139588336173>

"Boze pomagai" (Deus te ajude) e o outro logo respondia "Bóg zaplac" (Deus te pague) (SELENKO, 2011, p. 17).

Com o passar dos anos, os imigrantes poloneses foram tomando seu rumo na colônia, acostumando com o lugar que, diferentemente da Polônia, lhes dava esperanças de dias melhores, levando-os a fazer planos, estabelecer relações, ensinar aos descendentes seus valores e costumes étnicos. Nesta localidade, constituíram uma identidade que, por vezes, é confundida com a construção histórica do município, ou seja, a constituição histórica de Virmond está entrelaçada às crenças e atitudes linguísticas dos descendentes de poloneses que, a partir do desejo de manutenção da língua e da cultura foram moldando e modificando a realidade da região (PSZDZIMIRSKI, 2018).

A importância do papel da escola, da igreja e da família para a sociedade era estabelecido a partir de sua configuração como força de agregação para a manutenção da identidade étnica polonesa. Como pode ser notado anteriormente, a igreja se tornou o ponto central da comunidade virmondense e a seu lado estava a escola e a família.

A influência das representações coletivas polonesas na formação e construção histórica do município de Virmond/PR, antigo Amola Faca, principalmente nas primeiras quatro décadas, quando os descendentes tinham como objetivo principal manter as tradições culturais e linguísticas e o sentimento nacionalista. Com o desenvolvimento da Colônia e a vinda de moradores não pertencentes à etnia, dá-se o processo de integração e assimilação com outros grupos, tal fato é reforçado por ações governamentais como as políticas nacionalistas de Getúlio Vargas que proibiram o ensino do polonês na escola, fazendo com que muitos imigrantes fossem contrariados e, principalmente, trazendo uma tensão na construção identitária deste povo (IAROCHINSKI, 2018).

Os poloneses até tentaram se adaptar a essa nova realidade, o que contribuiu para que a língua de imigração deixasse de ser repassada às gerações mais novas, mas, algumas famílias se mostraram resistentes às ordens do governo e procuraram manter, mesmo que em segredo, o idioma polonês e a cultura da etnia. Por terem passado por tais mudanças, nos dias atuais, poucos descendentes conhecem e dominam a língua de seus antepassados, no entanto, as crenças e atitudes da sociedade virmondense também passaram por transformações no decorrer dos anos, o que influenciou nas políticas linguísticas e no tratamento dado à cultura e à língua do grupo étnico polonês (ZAPAHOWSKI, 2020).

Com isso, mesmo com o processo de integração e com a miscigenação de raças resultante dos casamentos realizados entre poloneses e pessoas de outras etnias, a busca pela manutenção da língua e das tradições culturais voltou a ser vivenciada. Isso pode ser notado no cotidiano do município de Virmond/PR tanto nas práticas dos descendentes mais velhos que tentam preservar e até reviver tradições quanto nas ações de instituições públicas como, por exemplo, da prefeitura e de suas secretarias, das escolas, tanto municipal quanto estadual, da Igreja Católica, da associação BRASPOL, da Casa da Memória, do grupo de danças folclóricas Mali Polacy. Tais instituições realizam atividades que têm o intuito de manter tradições da Polônia como festas típicas com cardápio polonês, rituais étnicos nas missas entre outras (VIECHNIESKI, 2020).

Todos esses fatores poderão dar subsídios para que compreendamos se as experiências linguísticas, tanto de estigma quanto de prestígio, dos descendentes de poloneses influenciaram ou ainda influenciam na construção de sua identidade. Isso porque, com base nas teorias utilizadas no decorrer desta pesquisa, é possível afirmar que toda identidade, tanto individual quanto coletiva, não é estável, estática e acabada, mas está em permanente construção e pode ser moldada por diferentes aspectos, por isso, é importante analisar se houve fatores, internos e externos à língua, que contribuíram para que as crenças e atitudes linguísticas do município de Virmond/PR fossem modificadas no decorrer dos anos.

## **2 LÍNGUAS E CULTURAS EM CONTATO: CENÁRIOS PARA MANUTENÇÃO E ABANDONO DE LÍNGUAS**

Nesta seção, são apresentados os fundamentos teóricos que embasam nossas discussões e que evidenciam situações de contato linguístico, os quais se configuram como espaços para a manutenção e abandono de línguas. Primeiramente, relatamos a trajetória dos estudos sobre variação e mudança linguística a partir de estudiosos que demonstram que os fatores de variabilidade da língua, bem como os de mudança, não são fixos, destacando, dessa forma, a heterogeneidade linguística.

Na sequência, discutimos sobre a história e sobre a necessidade de comunicação que fez com diferentes povos, com suas diferentes línguas e culturas, entrassem em contato, levando uma língua a influenciar a outra. Além disso, são expostos os conceitos de bilinguismo, essenciais para identificar e classificar os bilíngues que moram em Virmond, fazendo com que o conhecimento da língua polonesa em contato com o português, crie uma nova forma de falar, situação percebida pelos descendentes de poloneses e que contribui para que seja evidenciado e compreendido o conceito de herança linguística, pois, permite embasar os fatores de manutenção, de retomada e de atribuição de prestígio não só à comunidade étnica como também à língua e à cultura polonesa.

Por fim, abordamos e conceituamos o tema das crenças e atitudes linguísticas que são essenciais para compreender os modos pelos quais os falantes se comportam diante das diferentes variedades linguísticas e as situações de prestígio e estigmatização de determinada língua e do grupo de falantes que a utiliza para suas interações.

### **2.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA**

Os estudos sobre o tema da variação e mudança linguística no Brasil tiveram início na década de 1960 e foram desenvolvidos a partir da Sociolinguística Variacionista que explica a variação a partir da mudança social, por meio de forças externas e internas à língua. Desde então, muitos esforços foram feitos para que fosse possível compreender a variação e a mudança linguística em diversos fenômenos representados pela linguagem (LABOV, 2001).

As pesquisas sobre tais fatores, externos e internos à língua, se orientam e encontram motivação a partir da questão: como, onde e por que ocorre determinada mudança linguística?

Desse modo, é preciso levar em consideração que há uma trajetória neste estudo cujas fases envolvem diferentes variações que coexistem e competem com outras variantes em uma determinada comunidade e, ao longo do tempo, uma predomina em relação à outra (LABOV, 1982, p.20).

Segundo Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968]), a Pesquisa da Sociolinguística Variacionista baseia-se em cinco concepções que são:

I) A língua continua funcionando enquanto muda;

II) A heterogeneidade linguística não impede e nem compromete o funcionamento da língua, pelo contrário, seria comprometida e não teria função em uma comunidade de fala diversificada culturalmente se fosse um sistema homogêneo e invariável;

III) O sistema linguístico é heterogêneo e composto por regras e unidades variáveis e, por isso, a variação faz parte dele.

IV) É possível estudar a mudança linguística por meio da análise da variação que é observada em cada estado da língua.

V) A variação é a atualização da língua de acordo com o contexto histórico na qual se insere. Nessa concepção, é preciso considerar que nem toda variabilidade e heterogeneidade existente na estrutura linguística implica, necessariamente, mudança, mas toda mudança acarreta variabilidade e heterogeneidade.

O que se pode concluir a partir dessas concepções é que os processos de mudança linguística não ocorrem em um momento "fixo", já que a cada momento, seguindo as necessidades comunicativas, muitos termos são incorporados à língua. Um exemplo disso, que trouxe inovações e mudanças linguísticas para nossa língua é o advento da tecnologia que, a partir do uso feito por falantes em situações reais de comunicação, incluiu em nosso vocabulário palavras como deletar, tuitar dentre outras.

Isso porque é na fala que se encontra a "atividade criadora" e, diferente do que se pensava até pouco tempo, a língua não evolui de forma sucessiva e lenta para atingir um estado pleno, final, ela está em constante transformação e não pode, considerando que seus falantes evoluem e mudam frequentemente, de acordo com o contexto histórico em que se inserem.

Dessa forma, as transformações recentes que acontecem em uma determinada comunidade de fala são assuntos essenciais na Sociolinguística. É preciso salientar que, nesta corrente teórica, o termo comunidade de fala não é abordado sob a ótica da igualdade, ou seja, de que as pessoas falam exatamente da mesma forma, mas é entendido como um grupo de

peessoas que fazem uso de semelhantes traços linguísticos, o que leva seu grupo a se diferenciar de outros e a compartilhar as mesmas normas e atitudes diante do uso que fazem de sua língua (LABOV, 1972; GUY, 2000).

No entanto, não é possível considerar a comunidade de fala de Virmond/PR sob a ótica da igualdade já que os falantes não se comunicam da mesma forma, pois alguns dos descendentes possuem maior domínio da língua de imigração, outros compreendem e falam algumas poucas palavras enquanto alguns dominam o polonês somente no nível da compreensão, não sabendo se expressar nessa língua. No entanto, os traços linguísticos utilizados pela comunidade como um todo os diferenciam dos demais falantes já que é perceptível a interferência causada pelo polonês no português usado pela comunidade.

Conforme Labov (1982), em todas as comunidades de fala existem formas linguísticas que estão em processo de variação. Essas formas podem estar em coocorrência quando dois modos de falar são usados ao mesmo tempo e em concorrência quando duas formas linguísticas concorrem entre si. Esses fenômenos explicam o porquê do nome Sociolinguística Variacionista, a qual também é denominada de Teoria da Variação.

As análises realizadas pelo viés da Sociolinguística são orientadas para as variações sistêmicas que fazem parte da comunidade de fala, a qual é objeto de estudo dessa corrente teórica e essas variações são delineadas como uma heterogeneidade estruturada e, por isso não existe um caos linguístico, pelo contrário, existe por trás desse aspecto heterogêneo da língua, um sistema organizado. A esse respeito, Görski et al. (2010) apontam que uma evidência de que a heterogeneidade é um sistema organizado ou sistematizado, o que pode ser encontrado no fato de que indivíduos de uma comunidade são capazes de se comunicar e se entender apesar das variações e das diversidades linguísticas.

Há na variação regularidade. Regras categóricas podem coexistir ao lado de regras variáveis. Conforme destacam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 36), é preciso considerar que a variação não se restringe apenas à fala, mas que faz parte da competência linguística do falante em todas as modalidades, as quais podem fazer o uso de diferentes formas de variação. As formas da língua em variação recebem o nome de variantes linguísticas e, conforme salienta Tarallo (1986, p.08):

São diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “*variável linguística*”. Essas variáveis subdividem-se em variáveis linguísticas dependentes e independentes. A variável dependente é o

fenômeno que se objetiva estudar; por exemplo, *a aplicação da regra de concordância nominal*, as variantes seriam então as formas que estão em competição: a presença ou a ausência da regra de concordância nominal. O uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos). Tais fatores constituem as *variáveis explanatórias ou independentes*.

A Teoria da Variação leva em conta, portanto, o uso real da língua dentro de um contexto sociocultural e considera, também, tudo que é interno ao sistema linguístico, o que explica sua heterogeneidade. A esse respeito, Mollica (2003, p. 10) afirma que a teoria da variação e mudança "parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível".

Considerando o objetivo de descrever os fundamentos dos fenômenos variáveis, analisando, apreendendo e sistematizando variantes linguísticas que são usadas em uma mesma comunidade de fala, os estudos da variação linguística contribuem para que possamos compreender até que ponto as variedades linguísticas utilizadas pelos falantes de Virmond influenciam suas concepções e atitudes sobre a língua de imigração. No entanto, tudo isso exige que cada fator, interno ou externo ao sistema linguístico, seja calculado para que sejam verificadas as influências que cada um deles possui sobre a realização de uma ou de outra variante (NARO, 2003). Tais fatores também são nosso foco de investigação, traçado em um de nossos objetivos, pois é identificando as influências externas e internas que os descendentes de poloneses do município de Virmond/PR tiveram no decorrer dos anos que será possível verificar se estas foram responsáveis pelas mudanças nas crenças e atitudes linguísticas dos virmondenses.

Labov (1972) rompe com a relação estabelecida por Saussure entre estrutura e sincronia de um lado e a história evolutiva e diacronia de outro e passa a salientar a necessidade de aproximação dessas dicotomias às noções de estrutura e funcionamento da língua, trabalhando e analisando as variantes que levam à mudança linguística a partir dessas duas perspectivas.

É preciso atentar-se, também, para alguns conceitos básicos relacionados à pesquisa sociolinguística, uma vez que esta trabalha com terminologias muito parecidas nos estudos da variação, mas com significados diferentes como é o caso, por exemplo, dos termos variedade, variação, variável e variante, este último já abordado nesta pesquisa.

**Variedades** linguísticas podem ser concebidas como as variações que uma língua apresenta em razão das diferenças de condições sociais, culturais e regionais entre os falantes que fazem com que estes possuam formas diferentes de se comunicar, o que pode ser percebido

a partir do sotaque, das escolhas de vocabulários, do grau de formalidade dentre outros fatores. A esse respeito, podemos citar o sotaque dos descendentes de poloneses de Virmond que é diferente em relação a falantes que não são de origem polonesa e que possui algumas características que "denunciam" a filiação étnica que é o acontece com o uso de vogais abertas onde, tradicionalmente, são usadas vogais fechadas como, por exemplo, a palavra *ônibus* e *Antônio* que são pronunciadas pela maioria dos descendentes de poloneses com a vogal aberta, ou seja, *ónibus*, *António*.

Há também diferença entre as escolhas de vocabulários realizadas pelos descendentes de poloneses já que, não raras vezes, utilizam palavras do polonês para se expressar, mesclando assim, português e língua de imigração em uma mesma frase, o que demonstra que há interferências linguísticas na fala desses indivíduos que são causadas pelo contato entre as duas línguas conhecidas e usadas por esses falantes.

Conclui-se, assim, que há diferentes formas de manifestação da fala em uma língua, ou seja, há muitas variações. Abaixo, evidencia-se não só o conceito, mas também um exemplo de variação da língua o qual faz parte e é um dos constituintes das variedades (LUCCHESI, 2004, p. 189-193).

A **variação** é um fenômeno que ocorre quando duas formas linguísticas convivem entre si e são usadas de acordo com o contexto no qual o falante se encontra. Um exemplo bastante citado é o caso dos pronomes *tu* e *você* que são usados ou alternados dependendo da origem de uma pessoa, da região onde vive ou do grau de formalidade. Em Virmond, raramente isso ocorre, mas estas duas formas, apesar de diferentes, são usadas com o mesmo propósito que é se referir à segunda pessoa do singular e, segundo Vandresen (2002), a variação é inerente à língua e não compromete o bom funcionamento e nem a comunicação entre os falantes, pelo contrário, possui um rico significado social e tem o poder de dizer muito sobre a origem do indivíduo e sobre sua identidade.

A variação linguística pode, ainda, ser identificada por diferentes dimensões que podem estar ligadas à localização do falante, chamada de **variação regional ou diatópica** que também podem ocorrer em função da existência de comunidades linguísticas que estão limitadas geograficamente no interior de uma comunidade maior, a nação. Esse é o caso da comunidade étnica polonesa que vive em Virmond onde os falantes se manifestam de forma homogênea devido a um comportamento cultural próprio que os distinguem de outros, de outras comunidades.

Nessa dimensão, é preciso considerar também a diferença entre a linguagem urbana que, conforme apontam alguns estudos, é a que mais se aproxima da linguagem comum falada nos meios de comunicação e na escola enquanto que a linguagem rural está sendo, aos poucos, extinta naturalmente por causa da crescente urbanização da sociedade. Além desta, há a **variação social ou diastrática** que diz respeito à classe social a que o falante pertence ou ao seu grau de escolaridade, o que fará com que a linguagem usada pelo indivíduo se diferencie de acordo com o grupo social ao qual pertence.

No caso dos falantes de Virmond, é possível observar que os descendentes mais jovens já não possuem a fala tão marcada pelo polonês como acontece com os mais velhos, o que pode ser explicado não só pelo grau de escolaridade, mas também pelo contato com outros falantes de outras comunidades, já que, como não há faculdade no município, é comum que os jovens saiam da cidade ou que viajem diariamente para outras localidades para estudar, o que os coloca a par de diferentes situações comunicativas e em contato com um leque maior de falantes. Isso permite que se fale, por exemplo, em linguagem de médicos, advogados e agricultores. Essas linguagens ou jargões, como muitas vezes são chamados, se reservam a locais e ocasiões determinados pelas pessoas que integram um grupo, excluindo outras comunidades linguísticas de sua comunicação. Ainda a esse respeito, pode-se citar, como uma dimensão social da fala, as gírias que, além de permitir que um falante seja identificado e vinculado a determinado grupo social, também o protege do entendimento por membros de outras comunidades, uma vez que dependendo da gíria usada, é preciso que o interlocutor conheça o léxico e os conteúdos referenciais da mensagem fazendo, assim, com que a gíria, assim como os jargões profissionais, constituam-se como variedade quase impenetráveis para falantes externos ao grupo.

No entanto, quando há uma relação de intercâmbio entre membros de diferentes grupos sociais, torna-se possível perceber a adaptação de formas de expressão de um grupo para outro que é o que foi citado anteriormente. Com isso, é muito interessante verificar o modo de adaptação utilizado por falantes que utilizam variedades sociais diferentes e convivem entre si, isto porque, muitas vezes o falante percebe que sua variedade linguística é estigmatizada e tenta adequar suas formas de expressão para chegar mais perto da variedade que tem maior prestígio que é o que ocorreu, muitas vezes, com os descendentes de poloneses de Virmond. Além disso, é também nessa situação que ocorre a hipercorreção, ou seja, a utilização de formas que não são usadas nem em uma variedade, nem em outra.

Um exemplo de hipercorreção pode ser visto no caso de falantes em cuja variedade não se tem a pronúncia de /lh/, por exemplo, e, quando entram em contato com falantes de uma variedade culta, buscam uma correção de sua pronúncia, incluindo o /lh/ em palavras que supõem que ele existia. Assim, podem ser verificadas palavras como "*telha*" de aranha ou "*pilha*" de lavar louças.

Ainda, com relação à variação social, é possível identificar dentre os principais fatores sociais capazes de condicionar a variação linguística, o grau de escolaridade, nível socioeconômico, a faixa etária e gênero. Em relação ao grau de escolaridade, a hipótese que se tem é de que por possuírem maior contato com a cultura letrada, os falantes farão uso de uma variedade culta, mais próxima à norma padrão. A mesma hipótese serve de base para supor que pessoas com um nível socioeconômico melhor conhecem e usam mais frequentemente a variedade culta da língua.

Quanto à variação social relacionada ao fator sexo/gênero, é preciso, segundo Paiva (2008), ter muita cautela já que os papéis feminino e masculino, nas mais diversificadas sociedades estão a cada novo dia sofrendo transformações. Assim, conforme aponta Labov (1982), é possível explicar as diferenças nos usos linguísticos entre gêneros a partir do papel que a mulher possui desde a antiguidade na sociedade, papel que é mais conservador e mais ligado à criação dos filhos. Pelo fato de não ser uma tarefa simples identificar o perfil sociolinguístico dos falantes, de acordo com Mollica (2008, p.29), "a origem social, renda, acesso a bens materiais e culturais ocupa o grau de inserção em redes sociais e são classificados como alguns dos indicadores sociais".

Paiva (2008) sugere que ao analisar tal fator, seja feita uma correlação entre a variável sexo/gênero com a faixa etária da população e se possível relacioná-los à história social das diferentes comunidades. Por fim, a variável faixa etária também deve ser levada em conta em relação à história dos indivíduos e às formas de comunicação utilizadas por ele, pois é possível encontrar diferenças entre a fala de um adolescente de 15 anos, por exemplo, e de um senhor de 70 anos. Esse é um dos exemplos já expostos em relação à comunidade étnica polonesa, foco de nosso estudo, pois os descendentes mais jovens, talvez por terem menos exposição à língua de imigração, não possuem marcas linguísticas tão acentuadas quanto os descendentes mais velhos e, por isso, não se torna difícil encontrar diferenças entre a fala de um jovem e de um senhor, mesmo que ambos possuam a mesma descendência.

Há ainda a **variação diafásica ou estilística** que é possível identificar a competência linguística de um mesmo falante no qual se adapta às situações e à necessidade de comunicação com seus interlocutores e utiliza diferentes variedades, dependendo da situação em que se encontra. Para exemplificar, é possível pensar que um falante não usa a mesma linguagem e as mesmas formas de comunicação que utiliza com seus amigos para falar com uma autoridade e vice-versa. O que está em jogo, neste caso, são os diferentes papéis assumidos por um falante em diferentes domínios sociais como a escola, a igreja, o trabalho, a família etc. Esses papéis sociais, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p.23), "são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais [...] e são construídos no próprio processo de interação humana".

Para distinguir as terminologias variável e variantes, será retomado o exemplo já exposto anteriormente. Quando se menciona a variação entre os pronomes *tu* e *você*, é comum chamar de **variável** a forma mais abstrata de variação que pode ser encontrada na gramática, neste caso, a variável é a da expressão pronominal da segunda pessoa do singular, ou seja, ambas existem e podem ser usadas, isso dependerá de cada falante (COELHO, 2010). Já a **variante** é o item que é alvo de mudança. No caso dos pronomes *tu* e *você* são classificados como variante as formas individuais ou alternativas que "disputam" pela expressão da variável. Resumindo, pode-se afirmar, segundo Coelho (2010, p.26), que a variável "corresponde a um aspecto ou categoria da língua que se encontra em variação enquanto as variantes são as formas individuais que concorrem em uma variável".

É preciso considerar, também, que quando uma variante não prevalece em relação à outra, não ocorre a mudança linguística e as duas formas convivem, cada uma com suas características e com seus falantes e passam a se configurar como variação estável. Também é possível que ocorra uso de uma variante que, mesmo sendo recorrente, não exclua a outra, desencadeando, assim, um processo de manutenção linguística.

Na direção contrária à mudança linguística, encontra-se o conservadorismo, uma vez que, da mesma forma que alguns fatores linguísticos e sociais contribuem para que haja mudança, outros favorecem a manutenção. É preciso, também, evidenciar mudanças linguísticas que ocorrem a partir de situações de contato linguístico em que a língua de um grupo étnico influencia e interfere na língua do outro, as discussões acerca de tal temática serão evidenciadas a seguir.

Tais mudanças linguísticas podem ser notadas na comunidade de Virmond onde, ao entrar em contato com o português, a língua polonesa foi sendo modificada e, de acordo com os descendentes de poloneses, é uma variedade da língua oficial da Polônia. Por outro lado, o português falado no município também se diferencia da fala dos moradores de outras localidades, pois possui traços linguísticos que são característicos do polonês, língua de imigração de, pelo menos, 70% da população virmondense.

## 2.2 LÍNGUAS EM CONTATO

É fato que, no Brasil, desde a chegada do homem branco, há uma história de contatos entre diferentes povos que levam a mudanças linguísticas que afetam o português brasileiro. Esse contato não é algo novo, pois desde o início da humanidade já era possível observar a aproximação entre comunidades de línguas e culturas diferentes e a noção de variação linguística já era utilizada por gregos e romanos. É possível identificar que, antes mesmo da vinda dos portugueses para o país no século XVI, de acordo com Rodrigues (1993), já eram faladas no Brasil, mais de mil línguas indígenas e, conforme Petter (2006), por meio do tráfico negreiro uniram-se às línguas autóctones mais de duzentas línguas africanas.

Com o decorrer do tempo, mais especificamente a partir da metade do século XIX, outras línguas fizeram-se presentes, decorrentes da chegada de imigrantes vindos de diferentes países e regiões principalmente como é o caso, de acordo com Raso, Mello e Altenhofen (2011), dos falantes de língua alemã, pertencentes ao grupo germânico, dos falantes de língua polonesa, do grupo eslavo e dos falantes de italiano e espanhol, do grupo latino. Além desses, ainda é preciso considerar, conforme já dito anteriormente, a imigração dos povos portugueses.

Com isso, a língua portuguesa, considerada a língua teuto ou de referência, conviveu e ainda convive, com muitas outras e, por isso, sofreu e sofre influências de diferentes línguas, o que gerou muitos efeitos sobre a língua dominadora. Além disso, esses contatos entre diferentes línguas e povos deu origem a novas situações de comunicação que passaram a ocorrer em diferentes contextos sociais, os quais revelaram cenários linguísticos condicionados não só à função comunicativa, mas a aspectos que acabam, devido ao contato entre línguas, coexistindo e contribuindo para possibilitar a realização dos processos de comunicação (AGUILERA; BUSSE, 2008).

Cabe salientar que esses processos de comunicação surgem da necessidade que comunidades de falas distintas têm de se comunicar, necessidade esta que é colocada em primeiro lugar. A partir disso, a língua portuguesa foi uma das muitas línguas utilizadas no território brasileiro uma vez que a linguagem desses diferentes povos foi sendo adaptada e transformada, resultando na pluralidade e diversidade linguística que pode ser observada até hoje no país onde ainda coexistem centenas de línguas indígenas e dezenas de línguas de imigração concentradas em, pelo menos, 2% da população, razão que explica as mudanças pelas quais o português do Brasil passou e ainda passa.

Quanto ao termo "línguas de imigração", torna-se necessário expor a concepção de Altenhofen e Margotti (2011) que esclarecem que essas diferentes línguas, vindas de fora do país, podem ser nomeadas de línguas de imigração e, por isso, são denominadas como línguas alóctones, pois, muitas vezes, a matriz que as originou encontra-se tão distante que acaba dificultando o reencontro destas, mesmo com o avanço da tecnologia. Os autores ainda complementam dizendo que as línguas de imigração possuem falantes que são pertencentes à quinta ou à sexta geração e que o processo de adaptação ao novo meio guarda uma longa história que nasce em solo brasileiro. Além disso, essas línguas de imigração carregam e compartilham um status de línguas minoritárias, se comparadas à língua oficial, e que numericamente, há cerca de 30 línguas de imigração no Brasil (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011).

Essa realidade pode ser comprovada, apesar de o Brasil ainda ser visto como monolíngue e ter a língua portuguesa como oficial, a partir de decreto da Constituição de 1988, mais especificamente no artigo 13, segundo o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) de 2010, há uma diversidade de línguas faladas no Brasil e que estão em contato direto com o português.

Na atualidade, este contato vem se enriquecendo com os efeitos causados pela sociedade pós-industrial e pelos diferentes meios de comunicação que fazem com que o português do Brasil passe a ter, não somente o contato direto entre falantes, mas também a ser influenciado pela aproximação entre culturas conectadas. Tudo isso já faz com que sejam apresentadas diferentes justificativas sobre o contato linguístico no país e é possível afirmar, de acordo com Raso, Mello e Altenhofen (2011, p.14), que o português falado hoje em território brasileiro "deve, em grande parte, a sua originalidade e interesse descritivo e teórico, à sua história de contatos e suas consequências".

No entanto, antes de considerar os contatos linguísticos que ocorreram ao longo da história é preciso refletir sobre as aproximações entre diferentes povos, o que é muito comum nos diferentes estados do país, e no Paraná não é diferente, já que conforme aponta Aguilera (2008), o estado é um rico mosaico de contatos linguísticos e culturais e suas regiões fronteiriças contribuem para que cada vez mais haja interesse de estudiosos em pesquisá-lo. A relação de fronteira não se trata somente de mais um limite físico que separa as pessoas, por esse motivo, devem ser consideradas, principalmente, as relações sociais estabelecidas entre os falantes e seus "vizinhos", já que a partir daí pode ser identificada a influência que as regiões fronteiriças possuem dentro da cultura local. É preciso considerar, também, que não se trata apenas de línguas que se encontram, mas também de culturas que passam a coexistir, fazendo com que um grupo étnico influencie nos costumes, tanto culturais quanto linguísticos, de outros grupos de origens diferentes.

Essa coexistência entre diferentes povos não acontece de uma forma estabilizada, já que nesses processos de interação, modos de pensar, agir e organizar a realidade são confrontados até que, prezando pela comunicação, sejam intermediados e "negociados". O que ocorre, dessa forma, é uma "negociação" em prol da necessidade de comunicação entre os indivíduos que estão em contato com grupos étnicos diferentes do seu, ou seja, haverá, por parte dos falantes ou, no caso que estudamos dos descendentes de imigrantes, adoção de novos valores culturais de seu entorno, participação em novas experiências que serão trocadas em função dos esforços eleitos para que, assim, seja possível a adaptação ao grupo com que se entra em contato.

A esse respeito, Barrios (2008) salienta que quando um indivíduo entra em contato com diferentes grupos étnicos, passa a ser exposto não só a valores sociais como espaço geográfico, cultura, costumes e língua, mas também a valores mais subjetivos como a consciência de pertencimento a um determinado grupo, sua lealdade diante deste e seus valores comuns, ou seja, suas crenças e atitudes também serão influenciadas a partir de tal contato.

Uma das possíveis causas dos contatos entre diferentes culturas pode ter se dado a partir da revolução agrícola que ocorreu no Mediterrâneo por volta de 10.000 a.C., pois, com a crise de recursos naturais e por razões ambientais, as populações agrícolas se tornaram mais competitivas do que as que viviam apenas da caça e da pesca e, entre os efeitos provocados por essa competitividade, pode-se citar o abandono do nomadismo. Deixar o nomadismo possibilitou a esses povos a acumulação de bens e filhos que antes não era possível pelo fato de

terem que mudar de lugar toda vez que a terra precisava se regenerar e "descansar" antes de um novo plantio (RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011).

Esse modelo de agricultura, quando bem-sucedido, gerou migrações e a expansão das famílias indo-europeias e sino-tibetanas, as duas com maior número de falantes, bem como a expansão de outras grandes famílias como a afro-asiática e altaica o que, inevitavelmente, promoveu o contato entre diferentes povos e culturas. Outra consequência importante para a difusão de povos foi a presença de animais na vida cotidiana, muitas vezes, sob o mesmo teto, o que contribuiu para que surgissem, lentamente, doenças a partir dos vírus de animais que atacavam os homens (LUCCHESI, 2009).

No entanto, também por meio da agricultura, os povos euroasiáticos foram criando resistência a doenças de origem animal como a gripe, varíola, tuberculose, dentre outras. Por outro lado, 90% dos ameríndios que chegaram ao Brasil morreram rapidamente depois de serem infectados pelas doenças mais banais, isso tudo devido à falta de anticorpos que, diferentemente dos europeus que, depois de milênios de convivência com os animais, já os haviam produzido. Com a morte desses povos, línguas foram desaparecendo e os poucos sobreviventes uniram-se aos que por ali viviam, formando assim, novas "gerações étnicas" e, conseqüentemente, novas línguas (RAMOS, 1962).

Outras formas de desenvolvimento tecnológico, também desencadeadas pela agricultura, foram as armas de fogo e a escrita que permitiram a troca de experiências entre os povos. É preciso, ainda, salientar que a escrita, que teve origem no Oriente Médio por volta de 3.500 a.C, foi uma tecnologia muito importante e que contribuiu para a aproximação e para realização de importantes operações entre diferentes comunidades étnicas como a transmissão e o acúmulo de conhecimentos, experiências e instruções. A esse respeito, os europeus foram bem "sucedidos" já que conseguiram manter a comunicação e organização desde o primeiro contato e, assim, foram capazes de transmitir de maneira rápida seus conhecimentos para o resto do mundo ocidental (FELDENS, 2018).

Dessa forma, pode-se afirmar que os caminhos e a subsistência dos povos se devem, em grande parte, à agricultura, uma vez que aqueles que tiveram um pacote agrícola mais eficiente dominaram e alojaram um maior número de falantes enquanto os que não tiveram acesso à agricultura sobreviveram até quando foi possível em uma situação equilibrada. Exemplo dessa sobrevivência é a Papua-Nova Guiné que possuía quase mil línguas que sobreviveram em um contexto plurilíngue, tido como normal, onde muitas línguas eram faladas por poucos falantes,

o que, inevitavelmente, fez com que comunidades pequenas, com suas respectivas línguas, estivessem em constante contato dentro de um amplo território pouco povoado (RASO; MELLO; ALTENHOFEN, 2011).

Ocorre assim, por séculos, a existência de vilarejos que ficam isolados uns dos outros, espalhados por centenas de ilhas e cultivando línguas originadas de diferentes raízes e que vão evoluindo sem uma influência externa e, por não haver um poder central forte, a diversidade linguística é mantida e privilegiada. No entanto, esse equilíbrio, como já havia ocorrido em outras localidades, se quebra com agricultura que traz oportunidades de crescimento de comunidades que abrangem e tomam conta das comunidades não agrícolas ao redor (APPEL; MUYSKEN, 1996).

Com isso, nos dias atuais, segundo os dados do Ethnologue: languages of the World (2000) 5% das línguas do mundo são faladas por, aproximadamente, 94% da população, enquanto que o restante das línguas (aproximadamente 95% delas) são usadas por um número muito baixo de falantes, apenas 6%. Há ainda, segundo esta fonte, cerca de mil línguas nas Américas, mas 15% delas já estão condenadas a desaparecer, sem contar outras tantas que foram sumindo devido a tantas mortes que ocorreram em mais de 5 séculos de contato com os europeus.

Mais uma vez, cabe ressaltar a pluralidade linguística de nosso país que é um dos territórios com maior diversidade de línguas do mundo e o que pode explicar o fato de muitos ainda acreditarem no monolinguismo do país é o forte desequilíbrio em relação à quantidade e ao prestígio entre o português, que é a língua materna de mais de 170 milhões de brasileiros, as cerca de 190 línguas indígenas e, aproximadamente, 30 línguas de imigrantes. A partir dessa realidade, o bilinguismo e/ou multilinguismo acabam vigorando em situações bidialetais diversificadas. Essas situações nas quais diferentes línguas se concentram também é definida por Mattos e Silva (2004) como "multilinguismo localizado". Na mesma direção, Louis-Jean Calvet (2008) aponta, também, para a coexistência de várias línguas que ocorre não só no Brasil, mas em quase todos os outros países, conforme pode ser observado:

Há na superfície do globo entre 4.000 e 5.000 línguas diferentes e cerca de 150 países. Um cálculo simples nos mostra que haveria teoricamente cerca de 30 línguas por país. Como a realidade não é sistemática a esse ponto (alguns países têm menos línguas, outros, muitas mais), torna-se evidente que o mundo é plurilíngue em cada um de seus pontos e que as comunidades linguísticas se costeiam, se superpõem continuamente (CALVET, 2008, p. 35).

Este fenômeno do plurilinguismo no país traz o reconhecimento de sua riqueza linguística e cultural que é reflexo da formação étnica, manifestada nestas diferentes situações de contato. É preciso, ainda, esclarecer que neste trabalho o termo "contato" se refere à coexistência, em tempo e espaço, de dois ou mais dialetos e, apesar de haver muitos estudos sobre o assunto que envolvem diversos temas e conceitos, não é escopo desta Tese esgotá-los, mas sim buscar conceituações relacionadas ao bilinguismo, aos dialetos bilíngues em contato, às crenças, às atitudes e às heranças linguísticas que fazem referência aos fenômenos que ocorrem no contexto desta pesquisa.

A diversidade linguística trazida pelo contato de falantes que vivem em regiões fronteiriças, além de falares étnicos mais específicos, como é o caso da linguagem usada pelos ciganos, por exemplo. Também não se podem ignorar os modos de aquisição de línguas estrangeiras que, da mesma forma, se configura como uma situação de contato (THUN, 2005). Levando essas situações de uso da língua em diferentes contextos, Raso, Mello e Altenhofen (2011, p.44) propõem "ampliar o horizonte de análise para além do contato de línguas, como entidades sociais e abranger [...] acima de tudo, variedades em contato e isso faz com que sejam abarcadas relações socioculturais e linguísticas muito maiores do que sugere a denominação 'línguas em contato' já que o que as pessoas falam, são variedades de uma determinada língua". Dessa forma, é possível afirmar que o contato entre diferentes línguas é, na verdade, o contato que existe entre os falantes e essa situação leva a uma relação que não pode ser neutra, pois é sempre marcada por atitudes, por sentimentos e por juízos que os falantes fazem a respeito da fala, seja em relação a eles mesmos e sua própria língua ou em relação ao outro e à sua fala. É preciso deixar claro, também, que nem sempre as situações de contato ocorrem de forma harmoniosa, muitas vezes há a coexistência entre duas ou mais línguas em um dado espaço, onde, não raramente, ocorre a eliminação da língua dominada (FRANCESCHINI, 2011).

Alguns estudiosos definem essas situações como "línguas em conflito", de acordo com Hamel (1988), é um conceito incluído pelos sociolinguistas catalães para designar a luta destes contra a língua espanhola e a política linguística franquista. O objetivo principal era eliminar o catalão e marcar o ponto de resistência contra tal regime. Assim, é provável que não ocorra o contato entre línguas sem que haja algum tipo de conflito já que sempre existe uma relação de poder, em maior ou menor grau, entre os grupos étnicos envolvidos e ocorre uma disputa entre línguas. Por esse motivo, é frequente o uso de dicotomias como língua dominante x língua dominada ou língua majoritária x língua minoritária. Neste estudo, a língua dominante ou

majoritária não é considerada, necessariamente, a partir da frequência de uso ou ao número de falantes que a usa, mas sim, à língua oficial da nação, neste caso, o português que é utilizado no âmbito educacional, administrativo e da mídia.

Por outro lado, são consideradas como línguas minoritárias aquelas que se desenvolvem em ambientes que são contrários a ela, ou seja, não são usadas em situações educacionais, midiáticas e ligadas à administração, mas se limitam ao uso que é exclusivo do interior de comunidades que as falam como é o caso, por exemplo, do polonês falado na comunidade de Virmond.

Sobre esta última, alguns autores, em estudos mais recentes, têm usado o termo "minorizada" para designá-las e para abranger também as comunidades que as falam, pois acreditam que este posicionamento não é inerente à língua, mas imposto pela sociedade (MELLO, 2011a; SILVA, 2011). A esse respeito, Mello, ao escrever o prefácio da obra de Silva (2011) afirma:

Em um cenário bi- ou multilíngue [...] o grupo que tem mais poder político, econômico e social usa esse poder, intencionalmente ou não, para estabelecer as normas de convívio social e de usos das línguas, colocando aqueles que têm menos poder em uma situação de desvantagem. Como resultado, a língua também acaba recebendo menor prestígio na sociedade e não raras vezes é eliminada, pois seus falantes decidem parar de usá-la para evitar qualquer tipo de estigma que possa ser por ela revelado (MELLO, 2011b apud SILVA, 2011, p. 10).

O que se nota, assim, é que Mello (2011b), a partir dessa compreensão, direciona mais uma vez as discussões para o debate da condição das línguas em conflito em vez de falar apenas sobre línguas em contato, o que leva à necessidade de expor que essa "disputa" não acontece apenas entre diferentes línguas, mas pode ocorrer também entre variedades de uma mesma língua. Um exemplo disso é o português que possui diferentes variedades, mas apenas uma é considerada de prestígio que é a variedade culta, aquela que mais se aproxima a uma gramática normativa.

O mesmo ocorre com o polonês falado pelos moradores da comunidade de Virmond que se trata de uma variedade que nem sempre foi prestigiada e que também apresenta diferenças em relação à língua falada no país de origem, ou seja, é uma espécie de polonês brasileiro.

O conceito de línguas em contato leva, inevitavelmente, ao conceito de bilinguismo, que é o tema que será abordado a seguir.

## 2.3 BILINGUISMO

Os moradores de Virmond/PR, descendentes de imigrantes poloneses, apresentam características em sua fala que os diferenciam dos demais habitantes que não têm a mesma origem. Isso porque a maioria dos indivíduos foram expostos desde pequenos a duas línguas, a língua portuguesa, língua oficial do país em que vivem e o polonês, língua de imigração de seus pais e avós. A competência linguística dos descendentes da localidade e de tantos outros grupos étnicos que usam no cotidiano mais de uma língua possibilita sua classificação como bilíngues, tema que desperta o interesse de diversos estudiosos.

O conceito de bilinguismo, no entanto, tem mudado ao longo dos tempos à medida que o enfoque e os efeitos que causam nos falantes se diferenciam. De acordo com Bloomfield (1935 apud Hamers, Blanc, 2000), seria considerado bilíngue “o indivíduo que tivesse o controle nativo de duas línguas”. Por outro lado, Mackey (1972) refuta essa ideia de bilinguismo por acreditar que esta é uma concepção "idealizada" do falante e, também, muito rígida, portanto precisaria ser ampliada. Esse novo conceito passa a ser objeto de várias abordagens e estudos, o que leva à conclusão de que a visão de Bloomfield foi ultrapassada. Com isso, nos dias atuais, pode-se caracterizar um falante bilíngue de diversas formas.

Há diferentes situações que levam um indivíduo a entrar em contato com duas ou mais línguas e a usá-las em diferentes circunstâncias. Dentre as situações, pode-se citar uma pessoa que conhece um determinado nível de competência linguística de uma língua estrangeira e não outro ou, ainda, um estudante que consegue compreender, interpretar e replicar um texto escrito em outra língua sem, necessariamente, conseguir se comunicar nesse idioma, ou seja, embora tenha a competência da leitura, não possui domínio da escrita e da fala. Outra situação de contato pode ocorrer quando alguém que nasce em um país, muda-se para outro e acaba se inserindo culturalmente e, pela necessidade de comunicação, aprende a língua local e, no decorrer do tempo, passa a compreender a língua efetivamente e a usa para suas interações sociais todos os dias, o que, muitas vezes, acaba substituindo a língua materna com relação à frequência de uso (SCHOLTZ, 2014). Há também casos em que um indivíduo nasce em uma família onde duas línguas são usadas ao mesmo tempo, o pai é espanhol e a mãe é brasileira, por exemplo.

É essencial abordar, ainda, a questão da colonização de pessoas que nasceram no Brasil, em famílias de forte colonização europeia, e aprenderam primeiro a língua de imigração em casa e, depois, a língua portuguesa na escola. Esta é uma realidade vivenciada por muitas regiões do Brasil que receberam imigrantes de diferentes etnias, como é o caso dos poloneses em Virmond. Outra situação de contato linguístico pode ser encontrada nas regiões de fronteira, onde além das línguas oficiais dos países fronteiriços, são criados dialetos próprios do lugar.

Todas essas situações permitem a caracterização do falante como bilíngue. Sobre este assunto, Mackey (1972) ainda salienta que a construção de comunidades bilíngues também pode ocorrer através do contato de comunidades monolíngues que conseguem manter uma forma de comunicação com outros falantes mesmo sem falar a língua destes. Esta forma de contato também resulta no bilinguismo.

A partir dessas considerações, surgem alguns questionamentos: quem é bilíngue? Como é possível medir a competência de um falante de saber mais que uma língua? Qual é, nesse sentido, o verdadeiro conceito de bilinguismo? O que pode responder tais perguntas é o grau de competência em determinada língua. Como já exposto, para Bloomfield (1933), o bilinguismo seria resultado de um domínio perfeito de uma língua estrangeira. Mais tarde, em 1953, Weinreich afirma que poderia ser classificado como bilíngue o falante que usasse alternadamente duas línguas. Já para Haugen, também em 1953, o bilinguismo começaria com a habilidade que uma pessoa tem de produzir sentenças completas e com sentido em uma segunda língua (EDWARDS, 2006).

Sobre essas diferentes abordagens a respeito do indivíduo bilíngue, Edwards (2006) considera que as primeiras definições geralmente restringiam o bilinguismo ao domínio de duas línguas no mesmo nível, enquanto que as considerações mais recentes já permitem identificar uma variação na competência do falante. Para o autor, contemporaneamente, entende-se que qualquer discussão que seja feita em torno desse conceito e da definição do que é ser bilíngue precisa levar em consideração um contexto específico e que tenha finalidades específicas.

A esse respeito, Grosjean (1994) postula que o bilinguismo deve ser conceituado a partir do uso efetivo, ou seja, pode ser considerada bilíngue a pessoa que utiliza duas ou mais línguas ou dialetos em contextos diferentes do seu cotidiano. Essa definição também inclui imigrantes que falam com dificuldade a língua do país onde moram e o intérprete profissional que, por outro lado, é fluente nas duas línguas.

Nesse sentido, pode-se compreender que o conceito de bilinguismo se liga diretamente ao contexto de uso ou à necessidade de comunicação e tem sempre como parâmetro o grau ou nível de fluência que um indivíduo possui em duas ou mais línguas nos diversos contextos comunicativos. A esse respeito, cabe ainda salientar o fenômeno de bilinguismo resultante do contato entre grupos étnicos de imigrantes diferentes e que resulta em uma mistura entre a língua portuguesa e a língua de imigração. Com essa mistura, pode ocorrer uma alternância na fala de bilíngues de duas ou mais línguas ao mesmo tempo, fenômeno este chamado de *code-switching*. Além deste, há ainda outro fenômeno que explica essa "mistura" de duas línguas em diferentes contextos de fala de bilíngues, chamado de *code-mixing*.

O *code-switching* pode ser conceituado como o uso alternado de dois mais códigos (idiomas) por indivíduos bilíngues, ou seja, o empréstimo de alguns termos de uma língua para outra, e que pode ser percebido por falantes que vivem em uma mesma região, já que esta forma de contextualização encontrada por bilíngues que conseguem se comunicar é um estilo pessoal pertencente a um determinado grupo. Assim, os bilíngues, além de alternar entre variantes, podem alternar também códigos e, ainda, misturá-los na interação criando enunciados híbridos (SCHOLTZ, 2014).

Para Gumperz (1982, p.59), o *code-switching* define o fenômeno da "justaposição dentro do mesmo fragmento de fala de passagens pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais distintos". Na mesma direção, Romaine (1989) acredita que toda comunidade de fala bilíngue alterna ou mistura códigos durante sua comunicação. Appel e Muysken (1987) ainda complementam tal ideia ao expor que o *code-switching* é parte central da comunicação realizada entre indivíduos bilíngues. Franceschini (1998, p. 51), por sua vez, afirma que "a utilização de diferentes línguas ou variedades linguísticas no curso de uma mesma interação é baseada em mecanismos internos à conversação observáveis em vários contextos sociais em todo mundo". Pode-se perceber esse fenômeno em famílias de imigrantes que se tornaram bilíngues, por exemplo, ou ainda em membros de comunidades que são compostas por falantes pertencentes a um grupo étnico minoritário ou, por fim, em falantes que moram em um país que adota uma língua diferente da língua materna.

Buscando identificar as funções que a prática do *code-switching* exerce no discurso, pesquisadores e estudiosos sociolinguistas consideram a capacidade que essa prática linguística possui de esquematizar as relações sociais estabelecidas entre os falantes, as quais são claramente definidas, conforme aponta Heye (2003, p.31):

As abordagens sociolinguísticas tentam uma reaproximação entre língua e grupo social do falante, onde a língua é um dos recursos disponíveis para produção cultural – esquemas perceptivos e interpretativos segundo os quais o grupo produz um discurso de sua relação com o mundo e com o conhecimento.

Da mesma forma que o *code-switching*, o *code-mixing* também se caracteriza pela "mistura" de duas línguas no discurso de indivíduos. Conforme aponta Romaine (1995), este último é um fenômeno de mistura de duas unidades linguísticas ou de dois ou mais sistemas gramaticais que se unem em um mesmo enunciado. Assim, o falante usa termos de diferentes línguas em uma mesma frase de forma inconsciente, mas sem deixar de fazer sentido e de ser compreendido (SCHOLTZ, 2014).

A partir de tais considerações, tomamos nesta pesquisa a definição de bilinguismo proposta por Mackey (1972, p.555), segundo o qual, "bilinguismo é uma característica individual que pode ocorrer em graus variáveis, desde uma competência mínima até um domínio complexo de mais de uma língua" e o conceito de Weinreich (1974, p.02) que define o bilinguismo como "uma prática de uso alternado de duas línguas". Tais conceituações nos direcionam e nos dão aporte para classificar os descendentes de poloneses de Virmond como bilíngues, pois, dentre os integrantes desse grupo étnico minoritário existem aqueles, (geralmente os mais velhos), que possuem um domínio mais complexo da língua de imigração, ou seja, que compreendem, leem e escrevem e aqueles, (geralmente os mais jovens), que possuem uma competência mínima, compreendendo e, às vezes, falando algumas poucas palavras da língua polonesa.

Mackey (1972), ao conceituar o bilinguismo, parte da afirmação de que este fenômeno linguístico pode ser compreendido de forma efetiva se forem considerados alguns fatores que, para ele, são essenciais. Como já exposto anteriormente, este estudioso afirma que tais fatores estão diretamente relacionados a questões que vão sendo diferenciadas de acordo com cada indivíduo, são eles: o grau de proficiência e o conhecimento do indivíduo sobre as línguas que usa, a função que estas exercem no seu cotidiano e a alternância de códigos, ou seja, como cada um é usado, com quem e com qual frequência o falante alterna de uma língua para outra no momento da interação.

Além desses fatores, é importante ainda identificar as formas pelas quais uma língua interfere na outra, fenômeno chamado também de interferência. Depois de consideradas todas essas situações, deve-se investigar a idade e as formas de aquisição linguística dos falantes, bem

como os tipos de bilinguismo. Para Mackey (1972), o primeiro fator a ser considerado seria o grau de bilinguismo e o nível de conhecimento que o falante possui sobre as línguas que fala o que dependerá, e muito, do tempo destinado a uso de cada uma dessas variedades assim como os níveis desse uso, os quais se ligam a diferentes competências linguísticas, dentre elas a fala, a leitura, a escrita e a compreensão.

Destacamos que esta pesquisa não tem o intuito de identificar o grau de bilinguismo dos descendentes de poloneses de Virmond, mas sim, a partir da língua de imigração, do seu uso e do posicionamento dos falantes diante dela, identificar as crenças e atitudes linguísticas do grupo minoritário frente à sua etnia.

Mackey (1972) destaca que é preciso considerar que nem todos os falantes possuirão o mesmo nível para compreender ou ainda, a mesma capacidade de produzir nas duas línguas que falam, pois pode ter um conhecimento maior sobre o vocabulário de uma das línguas, mas não conseguir utilizá-lo para suas interações, ou seja, não conseguir pronunciá-lo adequadamente. Essa realidade vai ao encontro das pesquisas realizadas acerca da variedade da língua alemã chamada de Hunsrückisch feitas por Altenhofen (2004) em um contexto bilíngue.

A partir dessa pesquisa, o estudioso verifica a existência de diferentes graus de bilinguismo e, de acordo com suas análises, esse grau pode variar de acordo com a quantidade do uso e com o período que o falante utiliza cada uma das línguas. Tendo essa abordagem, o que se percebe é que, mais uma vez, a conceituação de Bloomfield (1935) é "superada" já que é impossível que um indivíduo possua as mesmas habilidades em ambas as línguas que utiliza, o que está em conformidade com as considerações de Zimmer, Finger e Scherer (2008, p. 05), "entende-se que o bilíngue pode ter maior ou menor fluência em uma língua do que na outra".

Voltando para os fatores relacionados ao grau de bilinguismo propostos por Mackey (1972), evidenciam-se outros aspectos que devem ser considerados: a situação e a função de uso que desempenham um importante papel no comportamento do bilíngue, uma vez que significa as ações tomadas pelo falante em situações diferenciadas quando conta uma piada, ofende, canta ou conversa, por exemplo, situações estas que estão diretamente ligadas à afetividade que é estabelecida a partir de cada língua usada. Quando todas essas situações de uso, que são vistas como internas ao falante, são realizadas em uma mesma língua, torna possível identificá-la como língua dominante.

Ainda, conforme o autor, a alternância de fala e/ou de escrita que sujeitos bilíngues utilizam para suas interações tende a variar à medida que estas são usadas, o que depende,

também, dos objetivos desse uso. Já no que se refere às interferências que uma língua possui sobre a outra, é preciso considerar os contextos e as finalidades de uso, bem como para quem se destina determinado discurso, já que é muito frequente que um falante alterne sua fala devido à familiaridade que este possui com mais de uma língua, acontece, muitas vezes, de forma inconsciente. O estudioso Weinreich (1953, p. 1), um dos precursores nos estudos sobre línguas em contato, afirma que interferência "são situações de desvio das normas da língua que ocorrem na fala de bilíngues como um resultado de sua familiaridade com mais de uma língua, ou seja, como resultado de línguas em contato que também pode ser chamado de fenômeno da interferência".

Esta definição é "complementada" por Borstel (1999, p.62), que acredita que Weinreich aborda apenas a interferência no nível intralinguístico e, para ela, esse fenômeno pode "ocorrer de maneira inconsciente pelo bilíngue por fatores ligados à situação de uso e que podem influenciar em todos os níveis do sistema de uma língua, ou seja, nos níveis fonológico, morfológico, lexical, sintático e semântico".

Assim, outro fator que precisa ser considerado para identificar se um falante é bilíngue, ou não, é a idade de aquisição das línguas, o que se configura como um dos aspectos mais importantes do desenvolvimento do indivíduo bilíngue. Dessa forma, a idade em que um falante adquire uma segunda língua resulta no bilinguismo infantil, adolescente ou adulto (SCHOLTZ, 2014).

A esse respeito, De Heredia (1989, p.183) salienta que quando a criança tem facilidade para dominar uma língua e as situações de uso que decorrem dela, ocorre o bilinguismo que, na concepção da autora é "[...] a constituição do bilinguismo é a aprendizagem de uma segunda língua ou a aquisição simultânea de duas línguas pela criança". A partir dessa concepção, o bilinguismo infantil pode ser dividido em dois: bilinguismo simultâneo e bilinguismo consecutivo. No primeiro, ocorre exposição da criança a duas línguas ao mesmo tempo desde seu nascimento, aquisição que também é chamada por alguns estudiosos de precoce, uma vez que está ligada ao desenvolvimento cognitivo da criança. Tal concepção também é defendida por De Heredia (1989) que afirma que o bilinguismo precoce ocorre quando uma criança, comumente de 0 a 5 anos, escuta e convive com pessoas distintas falando em um mesmo contexto.

Dessa forma, pelo fato de a criança possuir maior facilidade para aprender outra língua e por conseguir estabelecer uma interação de acordo com as pessoas que a rodeia, sua

competência comunicativa se internaliza a partir do instante em que ela observa outros indivíduos falando. Já com relação ao bilinguismo consecutivo, o que se percebe é uma aprendizagem que, da mesma forma que o bilinguismo infantil, é adquirida ainda na infância, mas depois que ela já estabeleceu suas bases linguísticas em uma primeira língua, aproximadamente aos 5 anos, o que pode ser caracterizado também como bilinguismo tardio.

Há, também, o bilinguismo adolescente que é a aquisição de uma outra língua que não a materna em uma fase adiantada da vida, frequentemente entre os 11 e 17 anos. Por fim, o bilinguismo adulto configura-se na aquisição que o indivíduo faz de uma segunda língua a partir dos 17 anos (WEI, 2000).

Já no que se refere às modalidades de aquisição, as quais possuem influência sobre as capacidades comunicativas de cada falante bilíngue, pode-se falar, com base nas considerações de Dàbene (1994) (*apud* Scholtz, 2014), em bilinguismo precoce e em bilinguismo tardio ou, ainda, bilinguismo residual ou regressivo que se relaciona à capacidade que um indivíduo possui de conservar apenas algumas competências reduzidas. Dàbene (1994) ainda salienta que existem estudos mais recentes que pretendem distinguir bilinguismo equilibrado de bilinguismo dominante. No primeiro, o falante demonstra conhecimentos e competências relativamente parecidos nas duas línguas que utiliza, já no segundo, o bilíngue demonstra um maior conhecimento e maior competência em uma das línguas.

Tais comparações fazem com que sejam considerados bilíngues ativos aqueles falantes que conseguem compreender, se comunicar e se expressar nas duas línguas e como bilíngue passivo o indivíduo que demonstra maior conhecimento e domínio de uma das línguas apenas no nível da compreensão. Por fim, Dàbene (1994) traz a classificação do bilíngue técnico que segundo ele é o falante que conhece pouco sobre uma das línguas e, por isso, seus usos são limitados e especializados.

Cabe destacar que nesta Tese a abordagem sobre bilinguismos aditivo e subtrativo é a que melhor representa a comunidade bilíngue de Virmond. Esses dois tipos de bilinguismo se diferenciam conforme o status que as línguas possuem em uma determinada localidade (SCHOLTZ, 2014).

No bilinguismo aditivo, pode-se notar uma valorização semelhante no desenvolvimento cognitivo do falante em relação às duas línguas adquiridas por ele, ou seja, a língua que a criança aprendeu no ambiente familiar não é deixada de lado e continua não só sendo usada como

também valorizada culturalmente ao mesmo tempo em que ela (criança) aprende uma segunda língua, o que ocorre geralmente no ambiente escolar (CUMMINS, 1994).

Por outro lado, no bilinguismo subtrativo, a língua aprendida em casa—língua materna—é desconsiderada e desprestigiada o que faz com que haja uma diminuição e até o término da fala na primeira língua uma vez que a segunda língua se impõe e se sobrepõe por ser mais valorizada pela sociedade em que a criança está inserida (CUMMINS, 1994).

Para a classificação de um falante como bilíngue considera-se diversos fatores, situações e motivos pelos quais o bilinguismo ocorre. Por isso, **não cabe**, nesta pesquisa, **classificar o grau de bilinguismo dos descendentes de poloneses de Virmond**, mas sim, as situações em que estes utilizam a língua polonesa, ou seja, consideramos o contexto em que os falantes se encontram, suas situações de fala, ligadas ao prestígio que atribuem (ou não) à língua polonesa, língua de imigração, para, a partir daí, identificarmos suas crenças e atitudes.

Ao falar de língua de imigração, denota-se a importância de explicar também o que são as línguas de herança. Por isso, na próxima seção, tais discussões são delineadas.

## 2.4 HERANÇA LINGUÍSTICA

Como nossa Tese se debruça sobre os fatores que derivam de uma situação de contato linguístico entre o português e o polonês em Virmond/PR, nesta seção trataremos sobre o termo *língua de herança* e como essa designação pode favorecer a estigmatização ou, por outro lado, reforçar a identificação de uma comunidade com uma língua, mesmo que esta seja usada por alguns poucos falantes em um grupo minoritário.

Esse posicionamento depende, assim, da forma com que seus falantes lidam com tal uso linguístico no meio em que vivem e por isso, por vários momentos, no município de Virmond, será possível identificar o polonês ora como língua de herança ora como língua de imigração ou língua minoritária, o que depende da forma como o falante vê seu próprio idioma e origem étnica.

A língua de herança, doravante LH, é um fenômeno que tem investigação recente e é estudada por alguns pesquisadores como Flores e Pfeifer (2014), Bittens e Winterle (2015) Moroni e Gomes (2015), Van Deusen-Scholl (2003), He (2010) dentre outros que serão expostos no decorrer desta seção.

Conceituar a língua de herança não é uma tarefa simples já que seu conceito pode ter diferentes definições. Segundo He (2010), muitos autores usam esse termo na América do Norte para se referir a falantes de língua de imigração, língua ancestral e línguas indígenas. Da mesma forma, como veremos adiante, a partir de outros estudiosos, muitas vezes o conceito é visto como um sinônimo de língua comunitária, língua nativa, língua materna usada por um grupo étnico minoritário, desde que esta não seja a língua oficial e/ou majoritária do país em que ele vive.

Van Deusen-Scholl (2003, p.221), por sua vez, define "falantes de LH como constituintes de um grupo heterogêneo que vão desde falantes nativos fluentes a não falantes, os quais podem ser de gerações anteriores, mas que têm possibilidade de sentir-se culturalmente ligados a uma língua/linguagem".

Para esta pesquisa, utilizaremos o conceito dado por Flores e Pfeifer (2014), que definiram como falantes de LH imigrantes de segunda ou terceira geração que aprendem duas línguas na infância em contextos que são divididos entre o ambiente familiar e o ambiente social numa posição que é, ao mesmo tempo, simultânea e desequilibrada. Ou seja, a LH caracteriza falantes de uma língua não-oficial e seu aprendizado além de, geralmente, ser concomitante com a língua majoritária do país, também está intimamente ligado a questões étnicas sendo considerada, muitas vezes, como um bem simbólico. Assim, para as autoras, a LH é a língua que possui um aspecto familiar, ou melhor dizendo, é a língua de origem do imigrante, a primeira língua que ele fala antes de ter contato com a língua majoritária e, dentre suas características, segundo Flores e Pfeifer (2014):

Não traz apenas uma proficiência linguística, mas também um legado cultural; não é a língua falada fora do território, pois se enquadra como língua minoritária; seus falantes serão, provavelmente, bilíngues ou multilíngues, podendo ter mais proficiência no idioma do país de residência; os falantes terão contato com a LH desde o nascimento ou na primeira infância, com a família (FLORES; PFEIFER, 2014, p.37).

Nesse sentido, complementando as considerações expostas anteriormente, é possível afirmar que, conforme o próprio nome já aponta, uma "herança" remete à ideia de transmissão de uma tradição que é herdada de alguém muito próximo, geralmente os pais ou ainda uma comunidade na qual uma família está inserida. A LH ainda pode ser definida, de acordo com Ortale (2016, p.27), como aquela língua com a qual a "pessoa possui uma identificação cultural

e o sentimento de pertencimento a uma determinada comunidade que a usa, seja por laços ancestrais ou por convivência em um mesmo ambiente sociocultural com falantes desta língua".

Consideramos, por exemplo, que o polonês pode ser uma língua de herança para os habitantes do município de Virmond/PR que possuem, ou não, descendência polonesa. Isso porque o critério principal para definição da LH a ser considerado neste estudo é o sentimento de filiação identitária em relação à língua e à cultura de determinado país.

Se consideradas em um contexto sociocultural, são diferentes da língua usada na comunidade como um todo que é o que geralmente ocorre com famílias de imigrantes e de indígenas. Para nossas discussões, consideramos as línguas de herança de imigrantes, buscando assim, uma contextualização com a língua usada por estes, principalmente no que diz respeito aos descendentes de poloneses que vivem no município de Virmond/PR e utilizam a língua polonesa em contextos que lhe são familiares, mas assim como os demais imigrantes que vivem no país, têm a língua portuguesa como língua majoritária (oficial). Com relação a isso, a LH, pode ser considerada como "uma língua adquirida junto da família e da comunidade de origem deslocalizada, num ambiente linguístico majoritário" (BASTOS; MELO-PFEIFER, 2017, p. 181).

Nesse sentido, podemos considerar que uma língua é de herança quando, conforme já apontado anteriormente, ela é falada em casa pelos pais que ainda a preservam e a usam nas interações com seus filhos, mesmo que esse uso linguístico não se estenda a outras pessoas da comunidade onde estão inseridos, ou seja, a língua só é utilizada em um ambiente familiar restrito e/ou a pequenos grupos sociais que convivem com outra (s) língua (s) dominante (s) nos mais diversos setores de uma sociedade.

Assim, as línguas de herança podem ser diretamente relacionadas à língua e à cultura de pessoas de um grupo social específico que está inserido dentro de um grupo social maior e que usa uma língua que não é considerada dominante, "dominante" no sentido de ser usada por um número superior de pessoas. Pensando na questão de dominância linguística, é preciso considerar também se há, por parte dos falantes que recebem a "herança", um sentimento favorável ou se, pelo fato de ser uma língua falada por poucos, essa transmissão é indesejada.

O conceito de herança provém do latim *haerentia* e significa um conjunto de bens, direitos e obrigações que são transmitidos a herdeiros, como uma forma de continuidade, depois que uma pessoa morre. Dessa forma, é possível conceituar herança como um direito de herdar e de receber algo de uma situação anterior.

A definição acima é interessante para discutir um tema bastante relevante em relação à transmissão linguística entre gerações, a qual é feita em contextos migratórios, isso porque coloca a questão da "herança" a partir de duas perspectivas: a do direito e a da obrigação. Ou seja, herdar uma língua faz com que o sujeito também herde o direito de usá-la e, por outro lado, a corresponsabilidade e a obrigação de buscar sua manutenção.

A obrigação, a nosso ver, faz com uma pessoa, ao receber uma herança linguística, remeta-se a um passado que pode ser indesejável por vários motivos, podendo ser citadas a política de abasileiramento dos imigrantes descendentes de diferentes etnias e a proibição e estigmatização do uso de línguas que não fossem o português. Essas questões remetem à interdição das línguas de imigrantes no período do Estado Novo quando o português foi imposto em todo território nacional que é explicitado abaixo. Conforme destacam Frosi e Raso (2011):

Com a campanha de nacionalização do ensino, instituída pelo governo federal, seu uso tornou-se obrigatório, em detrimento das falas étnicas que foram interdidas, com punição dos sujeitos, sempre que as normas fossem por eles transgredidas. Sabendo ou não, todos deveriam expressar-se na língua oficial do país (FROSI; RASO, 2011, p. 327).

Com a imposição do português e com a proibição das línguas minoritárias em território nacional, os descendentes de imigrantes tiveram "cortadas" suas raízes linguísticas e foram obrigados a se adaptar e usar uma língua que, muitas vezes, nem sabiam, isso também fez com que houvesse um "silêncio" étnico que contribuiu para a diminuição e, até mesmo, apagamento de muitas línguas de herança.

Ainda sobre tal tema, Renk (2009, p.149) salienta que essa proibição ocorreu intensivamente, também no Paraná, onde "a proibição de falar a língua de herança em espaços públicos foi uma experiência traumática para muitos descendentes de imigrantes". Essa proibição não afetou apenas os alemães e italianos, mas também grupos eslavos que tiveram suas escolas étnicas polonesas e ucranianas fechadas. Foram proibidos de circular seus jornais étnicos e tiveram que fechar, ou mudar o nome, de seus clubes e sociedades tendo, até mesmo os estatutos de suas associações, interferências do governo. Acrescido a essa proibição, as inovações tecnológicas e as facilidades de locomoção trazidas pelos diferentes meios de transporte também tiveram papel importante para que as línguas minoritárias fossem sendo alteradas e até mesmo substituídas.

Independentemente de todos esses fatos que ocorreram e afetaram os grupos étnicos de descendentes de imigrantes no passado, consideramos a conceituação de herança linguística

pelo viés do "direito a herdar" que é positiva, apesar das obrigações que a acompanham. Essa postura se justifica pelo fato de esse posicionamento não fazer mais sentido, visto que vivemos em um país que prega pela diversidade cultural e linguística e onde as línguas adicionais e de herança são vistas como um patrimônio imaterial.

Acreditamos ser esse um dos principais motivos que fizeram com que a língua polonesa, herança dos primeiros imigrantes de poloneses que chegaram ao território de Virmond, antes chamado de Amola Faca, tenha adquirido novamente status positivo diante da sociedade. É a partir de uma memória coletiva do grupo que são criados laços de pertencimento à etnia solidificados nas histórias e relatos dos descendentes de diferentes gerações que contam como foram sofridos os anos vividos na Polônia subjugada, como foi a viagem, a experiência de deixar familiares, vizinhos e amigos na terra natal, as dificuldades encontradas no início da colonização e como foram vencendo as barreiras até se organizarem em comunidade.

É a partir desses relatos e histórias que se torna possível notar, nas crenças e atitudes linguísticas dos descendentes de poloneses do município de Virmond/PR, o sentimento de "direito" de ensinar e de aprender a língua de herança. Por meio de observações e anotações realizadas no caderno de campo, foi possível identificar nos relatos dos descendentes, principalmente nos falantes mais velhos, que há um posicionamento de "dever", mas, principalmente o de "direito" de usar a língua polonesa e de ensinar às gerações futuras para que sejam mantidas as tradições linguísticas e culturais da etnia, direito este que por algum tempo, foi-lhes negado.

É esse sentimento de dever e/ou de direito que também interfere nas designações que a LH recebe, o que dependerá, e muito, do posicionamento de quem a profere, ou seja, se há uma valorização ou estigmatização em relação a essa herança. O que se pode afirmar, de acordo com Coelho (2016) e, conforme já mencionamos anteriormente, é que a designação de LH concorre e/ou coexiste, muitas vezes em relação de proximidade, com outras designações como "língua minoritária", "língua materna" ou "primeira língua", no entanto, apesar de serem termos sinônimos, nenhuma dessas designações é neutra e cada uma pode indicar conotações positivas ou negativas.

O uso de cada um desses termos depende das dinâmicas e das histórias linguísticas dos sujeitos e das comunidades de fala, o que exige que sejam consideradas as possibilidades de evolução da LH para outros estatutos o que a leva, também, a adquirir diferentes tonalidades

que serão sempre marcadas pelo plurilinguismo dos sujeitos, consideração que é confirmada abaixo por Flores e Pfeifer (2014):

O conceito de LH, nascido no Canadá e crescido nos Estados Unidos tem mostrado sua vitalidade interpretativa (e mesmo simbólica) na forma como se explica a relação dos sujeitos com uma língua cujo estatuto se torna difícil de designar, já que depende do posicionamento dos seus falantes, assim, pode ser designado como língua materna, língua de origem, língua dos imigrantes, língua minoritária, língua comunitária ou língua de casa, entre outras (FLORES, PFEIFER, 2014, p.18).

O que se denota, com isso, é que a designação de um estatuto para a língua está intimamente ligada às relações dos sujeitos com sua fala e ao sentimento de "pertencimento" deste, pois sua identificação, ou não, com a comunidade étnica minoritária fará toda diferença e mudará as formas de designar a LH que é constituída, também, a partir de vínculos afetivos (FANECA; ARAÚJO; SÁ, 2016).

Nesse sentido, é possível afirmar que a partir do vínculo afetivo, a LH pode remeter, simultaneamente, a uma realidade que é escondida pelos falantes que não a reconhecem como sua língua ou, ainda, que não se identificam como pertencentes a uma determinada camada sociocultural, pois com a herança de uma língua e de uma cultura, também se herdamos os sentimentos de fazer parte de uma minoria e de usar uma língua que está em contraste com o uso linguístico, na maioria das vezes, estigmatizado e diferente do usado pelos demais falantes de uma sociedade majoritária (BRINTON; KAGAN; BARCKUS, 2007).

Por outro lado, diversos fatores têm contribuído para a mudança nas formas de tratamento dos bens culturais, principalmente no que se refere às línguas minoritárias e seus falantes, pertencentes aos mais diferentes grupos étnicos, que passaram de repressão, no passado a respeito das variedades no presente. Esse discurso de valorização pode ser notado na sociedade há vários anos e, no Brasil, a Constituição de 1988 representou um importante papel para o direcionamento dessas concepções uma vez que estabelece princípios para o tratamento do patrimônio cultural brasileiro que é definido como "os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira" (BRASIL, 1988, art. 216).

Além disso, é preciso considerar também a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1996)<sup>8</sup> que propõe, dentre outras considerações, que é um direito básico do ser humano poder se expressar livremente e ser educado na língua de sua comunidade linguística. Assim, deixando o autoritarismo e as proibições de usar sua língua de herança e de zelar por seus costumes étnicos, os descendentes de imigrantes voltam a lutar pela manutenção linguística e cultural, o que muda também o posicionamento destes diante de sua língua e faz com que cultivem o sentimento de pertencer a um grupo e a falar uma língua que, mesmo sendo minoria, é motivo de orgulho.

Assim, o sentimento de "pertença" é muito importante para compreender o investimento que se faz e as designações usadas no processo de "herdar", transmitir e receber.

## 2.1 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

O tema referente às crenças e atitudes linguísticas ganhou destaque na área da Psicologia Social a partir dos trabalhos dos irmãos William e Wallace Lambert (1967) que investigaram as formas de avaliação que as pessoas tinham em relação ao falar do outro e às diferentes variedades oferecidas pela língua, incluindo em seus estudos a preocupação com aspectos sociais, ideológicos e culturais presentes na linguagem. Para os autores, o exame das atitudes dos indivíduos em relação a uma ou mais línguas, aos falantes e à sociedade como um todo é um fenômeno psicológico de alta complexidade e que possui grande significado social. Tomando isso como ponto de partida, definem atitude como:

Uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido no nosso meio. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir [...] afetando nossos julgamentos e percepções sobre os outros, ajudando a determinar grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias com as quais vivemos (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p.78-83).

---

<sup>8</sup> Documento construído sob iniciativa do PEN Internacional (associação de escritores empenhados na defesa da liberdade de expressão e dos direitos e valores humanistas) e assinada em Barcelona, em 1996, sob o patrocínio da UNESCO e de outras organizações não governamentais. O documento, na íntegra, está disponível em: [http://penclube.no.sapo.pt/pen\\_internacional/dudl.htm](http://penclube.no.sapo.pt/pen_internacional/dudl.htm). Acesso em: 15 março 2020.

As atitudes tendem a influenciar nos modos de agir e pensar dos indivíduos, o que também foi identificado por Lambert e Lambert (1966) que atribuem à atitude linguística três elementos, dentre eles, a crença, a valoração e a conduta, situando-os em um mesmo nível e estabelecendo relação entre eles. Porém, é preciso salientar que não há um consenso entre os pesquisadores do tema quanto à estrutura que compõe a atitude.

Lambert (1967) ainda distingue três princípios que, de acordo com ele, governam as crenças e, conseqüentemente, as atitudes sociais. O primeiro princípio seria o da associação, que é aquele que faz com que um indivíduo evite o contato com outras pessoas ou com outras coisas que não o agradem e se aproxime daquelas que o traz coisas boas, agradáveis. O segundo é o princípio da transferência que impulsiona as pessoas a transferirem suas expectativas para determinados fins e, o terceiro é o princípio da satisfação de necessidade que influencia na busca de aproximação a pessoas que são associadas a coisas agradáveis (Lambert, 1967, p.93).

Foi por meio destes estudos e da visibilidade dada pelos irmãos Lambert às atitudes linguísticas que, a partir do final da década de 1960, o tema passou a ser de interesse não só dos psicólogos sociais como também dos linguistas e, principalmente, dos sociolinguistas que se dedicavam às pesquisas voltadas para o assunto de línguas e de dialetos em contato. Assim, este estudo passou a ser relevante para a área porque, além de revelar diferentes aspectos que contribuem para a compreensão de uma comunidade, as atitudes também influenciam nos processos de variação e mudança linguística além de serem decisivas para a eleição de uma língua em detrimento de outra (GÓMEZ MOLINA, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; BLANCO CANALES, 2004).

Na mesma direção, a respeito dessa influência que as atitudes possuem nos processos de variação e mudança linguística que se produzem nas comunidades de fala, Moreno Fernández (1998) assevera que:

[...] una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinen a los contextos menos formales y otras predominen en los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.179)<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> “[...] uma atitude favorável ou positiva pode fazer que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que certas variantes linguísticas se confinem aos contextos menos formais

A eleição de uma língua em detrimento de outra está diretamente ligada às relações de "poder" existentes entre diferentes grupos sociais em uma determinada sociedade e que podem ser notadas na variação linguística e nas crenças e atitudes dos falantes diante delas. Essas atitudes são conceituadas por Moreno Fernández (1998, p.179) como "uma manifestação de atitude social dos indivíduos que pode centrar-se e referir-se tanto à língua como ao uso que dela se faz na sociedade". Nesse sentido, é possível afirmar que as crenças deixam transparecer, nas atitudes linguísticas, a maneira de ser dos indivíduos e as suas formas de se relacionar com os outros.

Complementando tal afirmação, Aguilera (2008, p.106) conceitua a atitude linguística de um indivíduo "como resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e os modos de comportamento diante de uma língua ou situação sociolinguística". Além disso, a autora também estabelece relação entre crenças e atitudes e evidencia, com essa compreensão, a possibilidade de entender a diversidade de "competições" que pode existir entre diferentes variedades linguísticas regionais do português, bem como as situações de prestígio, de rejeição, de preconceito linguístico e problemas relacionados ao bilinguismo e ao contato linguístico em regiões de fronteira e de alta concentração de imigrantes.

Estas situações, principalmente as que estão ligadas às atitudes de valorização ou de rejeição a determinadas variedades linguísticas, são reguladas, ainda conforme Aguilera (2008), por grupos sociais que têm maior influência na sociedade e, por isso, ditam o que tem prestígio e status, termos estes que são explicados adiante, nesta seção.

Alguns autores como, Gómez Molina, Moreno Fernández e Blanco Canales acreditam que as atitudes podem ser forjadas e que há consciência, por parte dos indivíduos, em relação aos fatos linguísticos, por isso, os estudos sobre crenças e atitudes desenvolvem-se em duas principais linhas, a mentalista, de natureza psicológica, que relaciona a atitude a uma disposição mental, a um estímulo e uma resposta a determinada variável, condições ou fatos sociolinguísticos concretos, o que torna impossível medi-la ou observá-la de forma direta e a comportamentalista que considera que as atitudes são condutas, reações ou respostas dos falantes a uma determinada variedade, podendo ser observada diretamente a partir do

---

e outras predominem nos estilos cuidadosos. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou uma mudança linguística" (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.179, traduzido por Silva e Aguilera, 2014).

comportamento do indivíduo dentro de algumas situações sociais (GÓMEZ MOLINA, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; BLANCO CANALES, 2004).

No entanto, para López Morales (1993), apenas o componente afetivo é formador das atitudes já que elas podem ser medidas e observadas de forma aberta, raciocínio que é complementado por Moreno Fernández (1998, p.182-183) que destaca que a atitude é [...] "como um estado interno do indivíduo, uma disposição mental para algumas condições ou para alguns fatos sociolinguísticos concretos; neste sentido, a atitude seria uma categoria intermediária entre um estímulo e o comportamento ou a ação individual".

A partir de tais ponderações, pode-se inferir que a atitude está particularmente ligada às crenças, às convicções, à visão de mundo e ao conhecimento que o falante possui sobre o contexto e grupo ao qual se insere. Ainda sobre o tema da atitude, Bisinoto (2007) evidencia a dificuldade de definição do termo e, por concordar que não há um consenso entre os estudiosos em relação ao conceito, propõe o uso do termo "atitude sociolinguística" com a justificativa de que a atitude linguística e a social se complementam na forma com que os indivíduos agem e reagem. Para a pesquisadora:

As avaliações manifestas e encobertas, subjetivas e objetivas, mais ou menos conscientes, relativas à linguagem dos homens numa sociedade plural, têm a propriedade de fundar e governar tanto as relações de poder quanto o prestígio ou o desprestígio das formas linguísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceitos. (BISINOTO, 2007, p. 24).

Uma questão que é evidenciada pela autora é o fato de que todas as avaliações relacionadas à linguagem, de modo geral, possuem uma categoria particular já que o objeto da atitude não são as línguas, mas os grupos que as falam. Por esse motivo, a descrição dos sentimentos e comportamentos da própria fala e da fala do outro contribuem para a delimitação das crenças e atitudes de um grupo uma vez que são consideradas formas de agir e reagir em relação a outras pessoas e a outros grupos (MOLLICA, 2004).

Já, conforme as autoras Barbosa e Cuba (2015):

Crenças são a visão e a percepção que se tem sobre algo, sendo entendidas também como dinâmicas, social e contextualmente construídas, podendo ser alteradas e (re) significadas através de experiências ou, ainda, por meio de interações e relações dos indivíduos com os outros, sendo as crenças, portanto, responsáveis pela manifestação das atitudes. (BARBOSA; CUBA, 2015, p.76).

Acerca de tais considerações, podemos afirmar que construímos nossas crenças através de relações socialmente estabelecidas e que são realizadas por meio de conhecimentos e de vivências compartilhados pelos sujeitos e que interferem e influenciam na compreensão de diferentes fatores sociais uma vez que são dinâmicas e mutáveis e, por esse motivo, possibilitam sua visualização a partir de atitudes, as quais conforme Barbosa e Cuba (2015) são diferentes das crenças porque se relacionam à avaliação e à reação que uma pessoa tem diante de algo, alguém ou alguma situação observada e, apesar de atitudes e crenças estarem diretamente ligadas, cada uma delas apresenta peculiaridades.

São essas peculiaridades que instigam e fazem com que aumentem, cada vez mais, os estudos sobre crenças e atitudes linguísticas nos últimos anos. São diversas as áreas de conhecimento que tomam tal tema como ponto de partida para suas pesquisas e, dentre as que mais fornecem contribuições para este campo de investigação estão, além da Psicologia Social, a Etnografia da Comunicação, a Sociologia da Linguagem e a Sociolinguística. Cada uma dessas áreas, por possuírem objetos de estudo distintos, utilizam termos, conceitos e definições próprios para se referirem às crenças e às atitudes linguísticas.

Para nossos estudos, tomamos, principalmente, as conceituações de crenças e atitudes linguísticas de Moreno Fernández (1998) e Aguilera (2008), bem como a abordagem da Sociolinguística que investiga a diferença existente entre a forma como os falantes usam uma ou mais línguas e as crenças destes a respeito de seu próprio comportamento linguístico, bem como dos demais falantes que os rodeiam. Seguindo essa linha de pensamento, ao trabalhar os estudos sobre crenças e atitudes linguísticas dentro da Sociolinguística, Botassini (2015) afirma que esses temas têm estreita ligação com as pesquisas linguísticas, mas também repercutem e são pesquisados em outros campos de conhecimento e, por isso, apresentam diversos conceitos, conforme já mencionamos anteriormente. Diante dos diversos autores que tratam do tema, expomos a conceituação de Barcelos (2007):

[...] formas de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais. (BARCELOS, 2007, p. 113).

Dessa forma, acreditamos que é possível reconhecer a crença, tanto como fenômeno individual quanto fenômeno social se levarmos em consideração que as relações sociais

(coletivo) interferem nos sentimentos, pensamentos e nas atitudes dos sujeitos (individual), já que a primeira pode ser moldada a partir da segunda interferindo no julgamento dos falantes. Levando em consideração tal perspectiva, expomos a concepção de Botassini (2015, p.113) a respeito das atitudes. Segundo a autora, [...] as atitudes ou posicionamentos em relação à língua refletem as atitudes ou posicionamentos em relação aos usuários dela, essas atitudes e emoções orientadas a respeito da língua - vão da *lealdade à deslealdade* e, em alguns casos, à aversão linguística. Destacamos os termos lealdade e deslealdade linguística porque eles serão retomados adiante, nesta seção.

Para compreender as crenças e atitudes linguísticas dos falantes, de acordo com Botassini (2015, p.120), é preciso discorrer sobre alguns pontos que são muito pertinentes para a compreensão do assunto em questão como: a) identidade linguística; b) lealdade e deslealdade linguística; c) *status* - prestígio ou desprestígio linguístico; d) preconceito linguístico e, por fim, e) estigma e estereótipo;

Ainda, conforme Botassini (2015) *identidade linguística* está relacionada ao pertencimento, ou não, de um sujeito a uma determinada comunidade que pode ser social, cultural ou linguístico e que faz com que esse indivíduo se diferencie dos demais, de outras comunidades. Dessa forma, "a identidade é marcada pela diferença e isso, em muitos casos, tem consequências negativas, pois algumas diferenças são vistas como mais importantes que outras, fazendo que as pessoas sejam rotuladas como pertencentes a determinados grupos ou classes sociais" (BOTASSINI, 2015, p.21).

Silva (2000) também expõe a questão da construção identitária como algo que não pode ser separado da diferença, pois, de acordo com o estudioso, é a partir da diferença que a identidade é revelada e, por se estabelecerem de forma conjunta a partir de relações sociais, estão sujeitas a uma reunião de forças e de relações de poder.

Na mesma direção, Moreno Fernández, em relação à identidade linguística (1998, p.180) afirma que a identidade representa "aquilo que permite diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro". É possível, assim, falar deste tema a partir de dois vieses, um objetivo e outro subjetivo, o primeiro caracteriza a identidade a partir das instituições e peculiaridades culturais que a constituem e, o segundo, aponta que a identidade pode ser reconhecida a partir do sentimento de comunidade que é compartilhado por seus membros e pela forma com que se diferenciam dos demais grupos da sociedade.

Acreditamos ser possível afirmar que o sentimento de pertencimento a um determinado grupo social se revela através da língua que os indivíduos utilizam para suas interações sociais e as representações das crenças e das diferentes identidades que vão se construindo no decorrer das vivências dos sujeitos e se mostram a partir das atitudes linguísticas.

É preciso evidenciar que as atitudes linguísticas têm influência e interferem na comunidade de fala somente quando são realizadas de maneira motivada e quando são afetadas pelo contexto social no qual foram criadas, isso porque, conforme já apontado, as crenças são embasadas na realidade vivida pelo falante e isso faz com que seja necessário considerar o aspecto social da atitude linguística. Esse uso e a valoração da língua na comunidade de fala e a atitude do falante diante dela também diz respeito ao valor afetivo que desencadeia a atitude que, de acordo com Rodrigues (1972, p.397), "pode ser resumida como `uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, dotada de carga afetiva pró ou contra um objeto social definido, que predispõe a uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a este objeto”".

A partir desse valor afetivo sobre um objeto que, na maioria das vezes, há a designação de um modelo de língua que é pautado nos padrões de uso linguístico do grupo considerado dominante enquanto as demais formas de uso da linguagem, como o dialeto ou sotaque, são consideradas de baixo prestígio.

O ponto de investigação das crenças e atitudes linguísticas está no posicionamento dos falantes de uma determinada língua em relação às pessoas que a utilizam para suas interações sociais, avaliação esta que é intrinsecamente refletida, como já exposto, na manutenção ou apagamento linguístico, bem como no aprendizado de segundas línguas, principalmente quando o fator de orientação da avaliação de prestígio ou estigmatização está pautado em alguns componentes que são: 1) valores afetivos, 2) cognoscitivos e/ou conativos (CORBARI, 2013).

Moreno Fernández (1998) e Lambert e Lambert (1966) também citam tais pontos. Para os estudiosos, quando se fala de valores afetivos, é preciso considerar que as convicções dos falantes envolvem uma relação afetiva que reflete na avaliação ou valorização, positiva ou negativa, do objeto social. Já o cognoscitivo envolve saberes, pensamentos e crenças em relação a uma determinada língua e, para isso, é preciso conhecê-la ou, ao menos, tê-la escutado a ponto de ter capacidade para classificá-la como bonita, ou não.

Sobre tal componente, na concepção de Gómez Molina (1998, p.31), o elemento cognoscitivo é o que possui maior importância, pois, “nele intervêm os conhecimentos e pré-

juílgamentos dos falantes [...] suas expectativas sociais (prestígio e ascensáo) e o grau de bilinguismo". Por fim, os autores salientam a importância da função conativa que tem o poder de influenciar nas crenças e valores e transformá-los em intenções e comportamentos positivos, de aceitação e/ou negativos, de rejeição à língua e, assim, "a conduta que o falante tem diante das situações às quais é condicionado refere-se às escolhas que o indivíduo faz em relação às diferentes situações em que se encontra como, por exemplo, escola, trabalho, família, amigos, entre outros" (GÓMEZ MOLINA, 1998, p.31).

Os comportamentos de aceitação ou rejeição à língua, os valores afetivos e as escolhas que um falante assume diante de sua identidade caracterizam a *lealdade e/ ou deslealdade linguística* que, de acordo com Botassini:

[...] a lealdade linguística está estreitamente ligada ao orgulho de pertencimento a determinado grupo. Orgulho esse que geralmente está ligado ao poder e ao status que determinados grupos linguísticos possuem, referentes à sua posição social, econômica e/ou cultural. Na contramão, a deslealdade linguística reporta-se ao sentimento de vergonha, de inferioridade, de insegurança e, em casos mais graves, até de aversão linguística. (BOTASSINI, 2015, p. 123).

Frosi, Faggion e Dal Corno (2010), tendo como base a designação que Weinrich utiliza em sua conceituada obra sobre línguas em contato, argumentam que a lealdade linguística abrange dois objetivos, o primeiro se relaciona à preocupação em afastar a língua de possíveis interferências de uma outra língua enquanto o segundo objetivo encontra-se no esforço que os indivíduos de um determinado grupo têm em utilizá-la sempre que podem.

Este segundo objetivo ilustra a realidade vivida pelos descendentes de poloneses que vivem no município de Virmond/PR nos dias atuais, pois se esforçam frequentemente para que a língua de imigração seja utilizada em algumas poucas situações podendo ser citadas as comemorações alusivas ao aniversário da cidade, as apresentações do grupo de dança local *Mali Polacy* e as visitas de poloneses e do cônsul da Polônia à Virmond. Vale ressaltar que usamos nesta Tese tanto o termo língua de herança quanto o de imigração para nos referirmos ao polonês falado em Virmond. Ainda sobre os termos lealdade e deslealdade linguística, é preciso salientar que, apesar de se oporem, eles são originários de um ponto em comum que é a atitude que um falante tem ao seu grupo linguístico<sup>10</sup>. Da mesma forma que exposto quando abordamos

---

<sup>10</sup>Usamos o termo grupo linguístico numa perspectiva ampla, com isso, ele pode se referir a uma língua, a um dialeto, ao falar de uma determinada comunidade, região ou país,

o termo identidade linguística, destacamos que a lealdade e/ou deslealdade linguística pode ocorrer por diversas razões que vão desde o pertencimento a uma comunidade linguística que tem status baixo e faz com que o indivíduo tenha um sentimento negativo e deseje não ser identificado como pertencente a tal grupo até as pressões que ele sofre de outros grupos com os quais convive. Assim, ao rejeitar sua identidade linguística e mudar seu modo de falar para "esconder" sua origem social ou regional, o falante está revelando uma deslealdade linguística.

Por outro lado, conforme apontam Appel e Muysken (1996), existe uma consciência, por parte dos membros de um grupo sem prestígio ou de minorias linguísticas, de que a língua que utilizam é "inferior" ou considerada como "errada" por grande parte da sociedade e os indivíduos reconhecem que a língua de seu grupo não lhe servirá para alcançar ascensão social, porém, nem sempre o fato de demonstrarem atitudes negativas em relação à sua própria língua significa que eles não a levam em consideração ou que são desleais a ela.

Esse posicionamento dos falantes para sua língua ou para a língua dos seus interlocutores, de acordo com Cyranka (2007, p. 20), está diretamente ligada à avaliação linguística, ao exame dos julgamentos dos falantes diante da língua ou dialeto do "outro" e, nesse processo avaliativo, ficam subentendidas as mudanças efetuadas ou a efetivação na língua em relação à variedade que é considerada padrão.

É também através desse processo de avaliação social, positiva ou negativa, que é determinada pelos falantes de uma língua, que se pode, da mesma forma, determinar qual o tipo de inserção do indivíduo na escala social, ou seja, identificar se ele usa a variante da língua mais prestigiada ou a mais estigmatizada, ou seja, qual é o *status*, *prestígio* ou *desprestígio linguístico*.

O *status* linguístico, como já citado anteriormente, está ligado ao nível de valorização que um indivíduo ou um grupo possui diante de outros grupos formando assim, hierarquias. No entanto, apesar de o prestígio estar ligado à conduta e à atitude, as normas de prestígio podem variar já que não são estáticas, isso dependerá de:

[..] questões sociais, econômicas, culturais, políticas, religiosas, históricas, linguísticas com as quais os indivíduos se identificam ou, ao contrário, das quais se diferenciam, a única mais ou menos fixa é aquela relacionada à norma linguística de prestígio, aquela que se tornou historicamente objeto privilegiado de estudo e que representa o grupo dominante, constituído por pessoas mais escolarizadas e de poder aquisitivo mais elevado. (BOTASSINI, 2015, p.123-124).

Conforme pode ser notado, todos esses fatores contribuem para que seja possível identificar e reconhecer um grupo de acordo com suas manifestações linguísticas de tal forma que essa linguagem passa a ser uma marca de status social. Esse *status* é aplicado pela Antropologia Social e por alguns autores, conforme aponta Ferreira (2009, p.181), para designar algo positivo, que tem destaque e é elevado socialmente sendo considerado sinônimo de prestígio, porém, no sentido extenso do termo, status não remete, necessariamente, para algo positivo, mas sim, para a situação, estado, ou condição do grupo ou categoria em que é classificado.

Nesse sentido, é possível afirmar que o status se relaciona às formas pelas quais uma língua é classificada e pela posição que ela ocupa em um determinado grupo de falantes e na sociedade como um todo podendo ocupar um lugar de *prestígio* ou de *desprestígio linguístico*<sup>11</sup>. Da mesma forma, na abordagem feita pela Sociolinguística, o prestígio pode ser citado a partir da ocupação, reputação e posto que um indivíduo ocupa em uma determinada comunidade, bem como nas atitudes que têm diante de seus usos linguísticos, as quais são estabelecidas a partir de sua interação com membros de distintos grupos. Dessa forma, também são distinguidos:

O prestígio vertical (ou externo) que é o que ocorre entre classes ou grupos sociais e influencia, por exemplo, a imitação de condutas de classes mais altas por aquelas de classes mais baixas e o horizontal (ou interno) que é o que ocorre no interior de cada classe ou grupo social e influencia, por exemplo, a propagação de inovações linguísticas. (RONCARATI, 2008, p.47).

Por outro lado, quando uma língua é desprestigiada, pode ocorrer o *preconceito linguístico* que é a avaliação negativa que um falante ou um grupo possui diante de outras variedades linguísticas, avaliação esta que está fixada em diferentes segmentos da sociedade levando muitas pessoas a agirem de maneira equivocada e desrespeitosa. Todas essas questões de preconceito podem ser relacionadas ao fato de que ainda existe, mesmo nos dias atuais, a ideia de que há um modelo padrão da língua que deve ser seguido e isso favorece situações de discriminação no que diz respeito ao modo de falar e de se comunicar de algumas pessoas.

Na mesma linha de pensamento, Bagno, em sua obra intitulada "Preconceito Linguístico: o que é e como se faz" (1999), afirma que o preconceito linguístico tem origem

---

<sup>11</sup> Acreditamos ser desnecessário conceituar desprestígio, pois o consideramos o contrário do conceito já definido, ou seja, o prestígio linguístico.

na construção desse padrão de língua que é imposto por uma elite, tanto econômica quanto cultural, que classifica como "erro" todas as variedades que se diferenciam desse modelo padronizado. O autor ainda postula que o preconceito linguístico está ligado de forma bastante íntima a outros preconceitos como, o preconceito socioeconômico que diz respeito a indivíduos que pertencem a classes baixas e, por esse motivo, o acesso à educação e à cultura são mais difíceis fazendo com que façam uso de uma variedade linguística informal e de menor prestígio.

Há também, conforme Bagno (1999), o preconceito cultural e o regional. O primeiro diz respeito à hostilidade que uma elite intelectual tem em relação à cultura de massa e às variedades linguísticas. Da mesma forma, o preconceito regional ilustra a realidade de falantes que ocupam regiões do país que são mais valorizadas e mais abastadas economicamente, criando assim, uma espécie de repulsa ao sotaque e a regionalismos que são característicos de áreas mais pobres. Esta é, conforme o autor, uma das principais causas do preconceito linguístico, mas ainda há o racismo e a homofobia, vários elementos como, por exemplo, os da cultura africana e os da comunidade LGBTQI ainda são muito discriminados por uma parcela da população e isso se reflete diretamente na linguagem na qual as expressões e modos de falar específicos de cada comunidade são rotulados de forma negativa e até repudiadas por aqueles que possuem aversão a esses grupos sociais.

O que fica evidente, dessa forma, é que são as minorias que sofrem preconceitos, os quais estão ligados à sua classe social, à região onde moram, à sua cultura, à sua raça, à sua opção sexual e, principalmente, à língua que usam para suas interações sociais. Essa realidade é evidenciada por Botassini (2015), que conceitua preconceito linguístico como:

Uma atitude negativa frente a determinado grupo sem razão aparente e que, normalmente, está voltado a grupos linguísticos que detêm pouco ou nenhum prestígio social, a minorias linguísticas, a grupos linguísticos que representam falares diferentes do falar daquele que avalia preconceituosamente o outro. (BOTASSINI, 2015, p.124).

As atitudes negativas em relação ao falar de indivíduos e grupos que apresentam diferenças nos modos de falar também podem ser relacionadas ao *estigma*, conceito que muitas vezes é tratado como um sinônimo de preconceito, porém, é preciso evidenciar que embora esses termos sejam usados para fazer um julgamento negativo "há entre os dois diferenças relativas ao grau dessa avaliação, havendo no estigma uma impregnada aversão que está ausente no preconceito. O *estigma*, além de atitudes negativas, se refere a uma forma mais ofensiva que

está carregada de preconceitos e de discriminações e que faz com que o falante que sofre estigma tenha vontade, ou até necessidade, de silenciar sua identidade linguística sendo marcado pelo resto da vida" (BOTASSINI, 2015, p.124).

Ainda de acordo com Goffman (1891), as pessoas tendem a fazer afirmações e a ver os demais indivíduos da forma com que acham que este deveria ser pelo fato de que, enquanto o "estranho" se apresenta à sua frente vão surgindo indícios de que ele possui marcas e características que o diferenciam dos demais que se encontram em uma dada categoria transformando-o em uma criatura incomum, menos desejável, defeituoso e fraco, características essas que fazem parte do estigma.

Um indivíduo estigmatizado pode carregar uma espécie de marca que faz com que ele seja identificado de forma negativa, buscando, por esse motivo, modos de esconder e até mesmo de negar sua origem e sua língua. O termo "esconder" é usado em vez de "apagar" porque, da mesma forma que não é possível apagar uma cicatriz, também não é possível apagar uma identidade linguística e, apesar de ela ser ocultada pelo falante, em algum momento de deslize ou de pouco monitoramento deste, ela será revelada.

Ligado ao preconceito e ao estigma está o *estereótipo*, porém este corresponde ao julgamento e à classificação que um falante faz sobre alguns usos linguísticos, podendo ser compreendido como "uma generalização desfavorável, exagerada e simplista sobre um grupo ou categoria de pessoas". Exagerada e simplista porque os rótulos colocados nos indivíduos não têm, na maioria das vezes, uma base sólida para se sustentar" (BOTASSINI, 2015, p.125).

O que se percebe, a partir dessas considerações, é que o juízo de valor que um falante tem a respeito de alguma variedade linguística está ligado a generalizações que são baseadas em constructos sociais, étnicos, culturais e até econômicos, muitas vezes sentimentais e difíceis de serem explicadas e principalmente conceituadas porque, como já exposto, são pautadas em julgamentos, crenças, pré-conceitos e preconceitos (conscientes ou inconscientes) que uma pessoa carrega a respeito de outras pessoas e em relação a uma determinada língua e a seus falantes, ou seja, não têm, conforme aponta Botassini, uma base sólida que sustente tais avaliações.

Com isso, é possível afirmar que o falante está em constante processo de avaliação sobre a língua, o que pode ocorrer de forma consciente ou não, e isso faz com que as diferentes formas linguísticas recebam avaliações e valores sociais igualmente diferenciados, pois estão submetidas às pressões sociais que agem de forma constante sobre a língua e "não de algum

ponto remoto no passado, como uma força social imanente agindo no presente vivo" (LABOV, 2008, p.21).

Labov (1972) também evidencia que essas diferentes avaliações e valores sociais em relação à língua podem ser considerados como: *estereótipo*, termo que já abordamos e conceituamos nesta seção e que Labov apresenta como uma característica que é marcada social e conscientemente; *marcador*, abordado pelo estudioso como um traço linguístico social e estilisticamente estratificado; e *indicador*, tratado como um aspecto linguístico socialmente marcado, mas não sujeito à variação estilística e com pouca força avaliativa.

Podem ser considerados marcadores os traços linguísticos que mostram não só a variação social, mas também a variação estilística da fala, tendo efeito significativo e consistente sobre o julgamento, consciente ou inconsciente, que o ouvinte faz sobre o status do falante. Já os indicadores são características que permitem com que a variação social (idade, grupo social) seja refletida na fala, porém, comumente, não mostram a variação estilística e, diferentemente dos marcadores, possuem pouco efeito sobre o julgamento do ouvinte em relação ao status social do falante.

Todos os conceitos expostos demonstram algum tipo de estigmatização da língua e preconceitos estabelecidos a partir da fala de uma comunidade que, na maioria das vezes, diz respeito a um grupo minoritário. No entanto, nem sempre os traços linguísticos estigmatizados são passíveis de alterações e dependentes das avaliações da sociedade (grupo majoritário), em alguns casos, mesmo estereotipadas, as características linguísticas podem ser resistentes, duradouras e sofrer mudanças em seu status.

Este é o caso da língua e da etnia polonesa no município de Virmond/PR, pois passou de prestigiada a estigmatizada e, a partir das mudanças ocorridas na sociedade, voltou a ser valorizada nos dias atuais tanto pelos descendentes de poloneses quanto pela sociedade como um todo. Sobre mudanças assim, Labov (1972) lembra que o crescimento dos traços linguísticos pode ocorrer em diferentes direções e precisam de um tempo e espaço consideráveis que possibilite que, em um decorrido intervalo de tempo, muitas mudanças sociais ocorram o que pode estimular ou impedir tal desenvolvimento linguístico.

Se houver uma reação social muito forte contra alguns traços linguísticos pode ocorrer um rápido processo de eliminação e, por consequência, de apagamento destes, porém, se o grupo ou comunidade de fala avaliar positivamente tais características linguísticas obtendo destaque na sociedade, o movimento contrário pode acontecer e a fala, antes estigmatizada,

pode ser transformada e se tornar alvo avaliações positivas podendo até ser copiadas por outros falantes. O que se percebe, com isso, é que os padrões de prestígio se alteram na medida em que os acontecimentos sócio-históricos ocorrem, podendo modificar as concepções acerca de uma variedade linguística (LABOV, 1982).

Como pode ser observado, os fatores de avaliação e valoração linguística são muito complexos já que, de acordo com Labov (1974, p.50) "os falantes têm reações à fala como um todo e dificilmente demonstram consciência a respeito do padrão de fala dos outros", mas juntamente com fatores sociais e estilísticos, esses processos avaliativos condicionam a variação e a mudança linguística. É a partir dessas mudanças nas avaliações em relação a uma determinada língua que podem ocorrer situações conflitantes onde um posicionamento pode se diferenciar e uma forma linguística não padrão pode assumir um papel mais forte na comunidade o que só poderá ser compreendido mediante o encaixamento sociolinguístico da variável em uma dada comunidade de fala dependendo das atitudes que os falantes, que são condicionados por questões culturais e sociais, assumem.

Com isso, a forma de pensar, sentir e as reações diante de estímulos linguísticos apresentados diariamente constituem os componentes das atitudes dos falantes e moldam a sociedade em que eles vivem. Tal afirmação vai ao encontro das considerações de Busse (2010) que afirma que as línguas e seus dialetos podem ser caracterizados como uma espécie de espelho da sociedade já que são capazes de retratar a organização social, os movimentos realizados pelos grupos sociais, bem como demonstrar seus comportamentos em momentos distintos da história.

Na mesma direção, Brandão (1991, p. 5) salienta que para falar de cultura, de língua e sociedade faz-se necessário o envolvimento de pensamentos e atitudes dos membros de determinada comunidade, uma vez que "é por meio da língua que o homem expressa as suas ideias, as ideias de sua geração, as ideias do grupo a que pertence e as de seu tempo". No entanto, do mesmo modo como a língua não é estanque e acabada, a sociedade e as crenças e atitudes dos falantes também vão se alterando e se moldando de acordo com suas novas experiências.

Assim, para falar em atitudes linguísticas é preciso considerar, também os processos avaliativos e o reconhecimento das atitudes, as quais, como já exposto, são condicionadas ao sistema de valores que só existe a partir do acordo que é feito entre os indivíduos, os grupos sociais e as comunidades de fala de uma sociedade. É preciso, ainda, considerar que as atitudes

linguísticas não são inerentes ao ser humano, elas são aprendidas. Isso porque se fundamentam nas crenças e nas experiências que os indivíduos possuem em uma determinada sociedade, por isso, são construídas de acordo com as interações face a face, são mutáveis e, muitas vezes, contraditórias (SCHNEIDER, 2007, p.85).

Com isso, o que se pode compreender é que, na concepção de Schneider (2007, p.86), atitude linguística implica em avaliação e construção coletiva e está diretamente ligada a fatores que são externos à língua como as formas com as quais uma determinada comunidade de fala se organiza e, levando em conta essa organização, atitudes linguísticas podem ser aprendidas e, sendo assim, também são passíveis de transformação.

É por existir essa mutabilidade, que, de acordo com Santos (1996), as crenças e as atitudes devem ser vistas de forma conjunta, pois elas se relacionam sempre, o que pode ser notado, justamente, a partir da mudança de atitudes de indivíduos que tiveram suas crenças mudadas.

Corbari (2013) também aborda o tema das crenças e atitudes linguísticas em sua Tese intitulada "Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste" optando por uma abordagem que concebe as crenças como componente da atitude e evidenciando que existem, entre diferentes grupos sociais, relações de poder na sociedade que são percebidas nas atitudes dos falantes diante de determinadas variações linguísticas.

Botassini (2015) defende a transformação das crenças e, por sua vez, das atitudes já que, para a autora, as crenças vão se transformando e mudando através do tempo sendo sempre apoiadas em acontecimentos do passado e na opinião de pessoas que foram significativas para sua época, além de terem como apoio os assuntos veiculados pela mídia. Com isso, da mesma forma que podem ser representadas pelo pensamento de um indivíduo isolado, mas em determinadas condições, também podem representar e descrever o comportamento de uma comunidade, principalmente se a história desta e sua formação cultural forem levadas em consideração.

Sobre os comportamentos de uma dada comunidade, Corbari (2013) salienta que é pelo registro das crenças e atitudes que se torna possível identificar mudanças linguísticas, verificar a avaliação de prestígio e ou de desprestígio de uma língua que envolve diferentes valores, dentre eles, afetivos, cognoscitivos ou conativos que são componentes importantes para a

condução de um panorama sobre a situação de fala e de diferentes aspectos sobre uma dada comunidade.

Margotti (2004) destaca, ainda, a importância da história da fala, a qual pode, no decorrer dos anos, manter-se, transformar-se ou ser substituída e, mesmo assim, ser capaz de reconstruir fatores históricos de um povo, permitindo analisar suas crenças, passadas de geração em geração e, conseqüentemente, as atitudes positivas e negativas perante a comunidade étnica e a fala local.

Esses fatores históricos retomam, também, às situações de contato linguístico que nada mais são do que a expressão do contato, em uma mesma área, entre povos das mais diversificadas culturas, culturas estas que, muitas vezes são, historicamente, contrárias, mas convivem lado a lado e, conforme aponta Aguilera (2005, p.139), "assimilam mutuamente, em maior ou menor escala, seus costumes e hábitos, inclusive, e, sobretudo, os hábitos linguísticos".

Assim, em contextos em que duas ou mais línguas entram em contato, como é o caso da comunidade de Virmond/PR, que mantém relação entre o português e o polonês, Frosi, Faggion e Dal Corno (2007) explicam que:

[...] as atitudes linguísticas são um fator importante a considerar na evolução, permanência e até extinção de uma língua ou variedade linguística. Uma atitude linguística pode ser entendida como uma resposta face ao outro, isto é, uma reação favorável ou desfavorável face ao modo de falar do outro, face à variedade linguística do outro; consiste em uma postura ou comportamento, positivo ou negativo, face a uma língua ou a uma variedade linguística particular. (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2007, p. 2).

Pode-se compreender, dessa forma, que as crenças e atitudes linguísticas dos falantes pertencentes à comunidade de Virmond vêm, no decorrer dos anos, sendo construídas, transformadas e alteradas, por isso, a classificação da língua polonesa também foi sendo modificada e assumiu diferentes posições que, ora eram positivas, ora eram negativas. Também houve mudanças em relação ao uso linguístico e à língua de imigração que era bastante usada foi sendo substituída pelo português, deixando assim, de ser passada de geração em geração e, atualmente, são poucos os descendentes que ainda utilizam o polonês para suas interações sociais.

Apesar disso, essa realidade de uma língua sendo usada apenas por alguns de seus descendentes, conforme aponta Corbari (2012), pode ajudar na preservação não só da língua

como também da cultura e da identidade da comunidade de fala. No entanto, também pode ocorrer que os contatos entre diferentes línguas, culturas e etnias resultem em atitudes de desprestígio da língua minoritária e ocasionem seu apagamento.

A etnicidade está ligada diretamente à identidade cultural e, dessa forma, podemos constatar que essa identidade é muitas vezes mantida, apagada ou ofuscada por diversas razões e uma delas pode ser o sentimento de superioridade ou de inferioridade, o que também, será apresentado nos capítulos seguintes, nos quais trataremos do sentimento de pertença dos informantes analisados. Neste caso, teremos que tratar da etnicidade como uma variável com diferentes níveis de intensidade, a depender dos vínculos sociais que o informante tem com a sociedade receptora, ou seja, tentaremos determinar em que medida os falantes portugueses podem reforçar o seu sentimento de pertença a ambos os países nos dois lados da fronteira.

Esse contato e essas atitudes de desprestígio foram as razões pelas quais a língua polonesa não foi passada, na maioria das famílias, para as gerações mais novas e quase foi apagada. Entretanto, mesmo que seja falada por poucos, nos dias atuais, os descendentes de poloneses da localidade em questão não só buscam resgatar e reconstruir fatores históricos de seus antecedentes como também colocam, a partir de suas crenças e atitudes positivas, a língua e os costumes da etnia polonesa em um lugar de prestígio.

Tais mudanças em relação à língua de imigração vão ao encontro das considerações de Santos (1996, p.15) que afirma que novas crenças resultam em novas atitudes e estas aparecem "inter-relacionadas de forma sensível e dinâmica: a mudança em uma parte do sistema acarreta mudança em outra parte e essas evidências têm sido demonstradas em várias pesquisas que mostram que a atitude de um indivíduo pode ser mudada, se forem mudadas suas crenças sobre o objeto".

Já no que diz respeito à metodologia, expomos, na próxima seção, o tipo de pesquisa realizada.

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Nesta seção, apresentamos os princípios teóricos e metodológicos que norteiam nossa pesquisa. Primeiro, evidenciamos e conceituamos a abordagem qualitativa de estudo, pois é a que mais se adapta aos propósitos e aos objetivos estabelecidos para esta Tese, além disso, é apresentada a metodologia de pesquisa de campo que consiste na realização de investigações que vão além de análises bibliográficas e documentais. Por fim, são explicadas as formas de seleção e categorização de informantes, bem como os instrumentos de coleta de dados utilizados para as entrevistas com os descendentes de poloneses, em Virmond.

#### 3.1 PRINCÍPIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Fizemos um levantamento sócio-histórico da comunidade de Virmond buscando analisar como fatores sociais e históricos atuaram sobre as crenças e atitudes linguísticas dos falantes e como isso contribuiu para que o polonês passasse por diferentes situações de uso na comunidade, sofrendo significativas transformações, desde a chegada dos primeiros descendentes de imigrantes poloneses até os dias atuais, realizamos esta pesquisa tendo como aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista. Considerando sua metodologia empírica, ou seja, a coleta e análise de dados reais, em situações reais de uso e da Dialectologia Pluridimensional.

Labov ([1972] 2008) afirma que a pesquisa sociolinguística, por buscar a minimização do efeito negativo causado pela presença do pesquisador, é caracterizada pela peculiaridade do método que visa diminuir/evitar o que ele chama de paradoxo do observador que é aquele que, com o objetivo de observar e analisar um fenômeno linguístico, precisa inserir-se no contexto de pesquisa.

Na mesma direção, Tarallo (2003, p.18) evidencia que o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística "parte do objeto bruto, não polido, não aromatizado [...] o objeto que é o fato linguístico, é o ponto de partida e um porto ao qual o modelo espera que retornemos". Nesse sentido, o ideal para as pesquisas sociolinguísticas seria analisar a língua falada em situações naturais de interação, num estilo em que o entrevistado tenha o mínimo de atenção ao monitoramento de sua fala, porém, é preciso fazer com que a presença do pesquisador não interfira nas situações de comunicação e, conseqüentemente, nos dados coletados.

Essa inserção não garante que o pesquisador deixe de interferir na coleta dos dados, mas pode ajudar a neutralizar a força exercida por sua presença e, principalmente, do gravador. Tarallo (2003, p.21) evidencia uma alternativa que julga eficaz para minimizar tal interferência, segundo ele, o pesquisador observador deve, de gravador em punho, "representar o papel de aprendiz que está interessado pela comunidade de falantes e pelos seus problemas e peculiaridades". O principal objetivo desta conduta será aprender tudo sobre o local e os informantes, sendo essencial evitar a palavra "língua" para que o entrevistado não se atente ao seu modo de falar, mas aos relatos que apresenta.

Seguir tal método foi de suma importância para a pesquisa realizada no município de Virmond/PR, pois, num primeiro momento, alguns descendentes de poloneses, acreditando que seriam avaliados quanto ao polonês que falavam, chegaram a negar o conhecimento na língua de imigração, mudando de posicionamento e ficando mais "naturais" ao perceberem o interesse da pesquisadora em aprender mais sobre os costumes étnicos, querer saber sobre as histórias de vida, dentre outros assuntos que foram abordados para amenizar o monitoramento da fala dos entrevistados.

Tarallo (2003) também apresenta algumas sugestões para que os propósitos metodológicos sejam alcançados, que é a formulação de roteiros de pesquisa, um questionário guia, instrumento que, além do gravador e do caderno de campo, é utilizado nesta Tese. Além disso, o autor também estabelece como regra para a escolha dos informantes que eles tenham nascido ou ido morar desde pequenos na localidade pesquisada, bem como seus pais, o que também é levado em consideração neste estudo, pois todos os informantes escolhidos para compor os dados nasceram na comunidade de Virmond.

Tais instrumentos e métodos de coleta de dados também seguem os embasamentos teórico-metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional que considera diferentes critérios para a seleção e classificação dos informantes sem deixar de lado a importância de observar e analisar o falante em contextos reais de uso. A importância dessa abordagem teórica se dá pela possibilidade de registrar e estudar diferentes variedades linguísticas a partir de seu uso real, ou seja, da forma com que é usada por seus falantes levando em consideração não só os fatores internos à língua como também tudo que está ao seu redor como contexto em que o falante se encontra, situações de uso, interlocutor dentre outros. Nas palavras de Coseriu (1981), a teoria corresponde a uma estrutura externa que é capaz de interagir com todos os aspectos e com todas as conexões históricas da língua.

Essa linha de investigação, de acordo com Chambers e Trudgil (1994), se consolida como uma nova orientação para os estudos da variação, pois toma como contexto o espaço geográfico e busca elucidar a relação entre a língua e o meio social. A Dialectologia e Sociolinguística podem ser consideradas como sinônimas por terem objetos de estudos semelhantes e pelo fato de que ambas reconhecem a existência da heterogeneidade linguística estudando a língua falada e apresentando relações entre determinados traços linguísticos e determinados grupos de indivíduos.

Ainda de acordo com Chambers e Trudgil (1994, p.41) a Dialectologia estuda dialetos particulares, mas principalmente, estuda de modo comparativo um "conjunto de dialetos de determinada área linguística a partir de um espaço geográfico e explica a relação entre língua e meio social a partir do levantamento das falas regionais apontando as diferenças existentes entre elas". Nessa perspectiva, levando em consideração a Sociolinguística e Dialectologia Pluridimensional, para a coleta de dados são levadas em consideração variáveis como sexo, faixa etária, escolaridade, localização geográfica, bem como níveis de interlocução como o discurso livre, por exemplo, que levam os informantes a conversar de forma mais distraída e são muito importantes para buscar diferentes estilos de fala.

A partir desse método de pesquisa, é possível formar um cartograma pluridimensional, pois, de acordo com Cardoso (2002, p.10-11) ao deixar de apresentar uma visão predominantemente diatópica, os estudos geolinguísticos passam a exibir, também cartograficamente os dados da natureza social e, com isso, à diversidade de espaços físicos e geopolíticos passam a ser considerados também "parâmetros diagenéricos (gênero), diageracionais (geração), diastráticos (classe social), diafásicos (estilo de fala) ou, nas especificações da diatopia, diatópico-topoestático, diatópico-topodinâmico e de outros mais que se pode e possa chegar".

Seguindo tais aportes teóricos-metodológicos, nosso estudo se encaixa em uma abordagem qualitativa que, conforme aponta Liebscher (1998), é apropriada para estudar fenômenos complexos e muito usada para compreender contextos sociais e culturais diversos. Dessa forma, nosso interesse principal é interpretar os dados coletados a partir de uma linha investigativa denominada de interacionista que é aquela que defende o estudo do homem levando em consideração o fato de que ele não é um ser passivo, mas que está em constante transformação e que interpreta continuamente o mundo em que vive (MOREIRA, 2002).

Tal ponto de vista guia os estudos com base em seus objetos que são, neste caso, os seres humanos, e os introduz aos métodos qualitativos, sendo chamado de interpretacionismo. Nessa perspectiva teórica, a vida dos seres humanos é considerada e analisada a partir de uma atividade interativa e interpretativa, realizada a partir do contato da pesquisadora com as pessoas, interativa porque, além de responder ao questionário, cada informante selecionado também é observado em situações de interação com a família e em locais públicos, como o posto de saúde, agropecuária e mercado, por exemplo.

Após a coleta, os dados são analisados de modo interpretativo a partir da observação, da vivência, das anotações no caderno de campo e da visão da pesquisadora. Ao todo, foram realizadas 16 entrevistas e além do momento de sua realização, também houve observação da pesquisadora após a entrevista, pois os informantes foram observados pelo período de uma semana em situações menos formais e sem o uso do gravador, todas as observações foram anotadas no caderno de campo.

Para a seleção dos informantes, baseamo-nos nas teorias de Harald Thun (1998) que organiza um mapa pluridimensional e separa os entrevistados em quatro grupos standard, tendo como referência as diferenças encontradas em cada um. Assim, resulta dessa pesquisa quatro grupos de informantes da zona rural e quatro da zona urbana de Virmond que são identificados com as iniciais Ca, para classe alta, e Cb, para classe baixa, seguida pela sigla GI para informantes da geração mais nova e GII para a geração mais velha. Também são colocadas as letras F (feminino) ou M (masculino) e ZR para zona rural e ZU, para zona urbana.

Cabe salientar, ainda, que dividimos nossa análise em quatro momentos. No primeiro, expomos os dados e discussões sobre a formação identitária e linguística da comunidade de Virmond e sobre os graus de consciência linguística dos informantes. Depois, avaliamos as principais situações de uso da língua polonesa, segundo os entrevistados da pesquisa. Num terceiro momento, apresentamos os resultados obtidos nas entrevistas sobre os fatores de conservação ou abandono linguístico e sua relação com as crenças e atitudes linguísticas dos moradores de Virmond/PR sobre a língua e cultura polonesa. Por fim, trazemos reflexões sobre a formação da/de identidade (s) linguística (s) da comunidade e as noções de prestígio e estigma sobre a língua e a cultura polonesa.

Assim, para atingir nosso objetivo principal que é identificar as crenças e atitudes linguísticas dos habitantes do município de Virmond/PR, formado essencialmente por descendentes de poloneses, nossa pesquisa caracteriza-se, inicialmente como interpretativista

já que seu interesse principal é “entender e interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto” (BORTONI RICARDO, 2004 p. 34).

Com isso, a pesquisa qualitativa utiliza procedimentos metodológicos que são do tipo etnográficos exigindo que o pesquisador analise e registre diferentes situações e interações entre as pessoas, técnica também chamada de observação participante. Nesta técnica de pesquisa qualitativa, os investigadores entram no mundo dos sujeitos observados e buscam, a partir dessa interação, entender o comportamento real dos informantes e identificar como constroem a realidade em que vivem. Segundo Moreira (2002, p.52), a observação participante é conceituada como sendo “uma estratégia de campo que combina, ao mesmo tempo, a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”.

### 3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E ESQUEMA E SELEÇÃO DE INFORMANTES

Além da observação participante, ainda são utilizados instrumentos como entrevista, um questionário metalinguístico baseado em Corbari e Krug e adaptado pela autora, cadernos de campo, temas para entrevistas semidirigidas, dentre outros, métodos que são mais bem explicados adiante. Com a metodologia de estudo de campo que, conforme Fonseca (2002), se configura no ato de fazer investigações que vão além de análises bibliográficas e documentais utilizamos, para a coleta de dados junto à população de Virmond, diferentes instrumentos de pesquisa.

Dentre esses recursos, encontra-se o registro de contextos que são pesquisados a partir de notas no caderno de campo, de gravações de áudio, aplicação de um questionário metalinguístico, conversas livres, relato e análise dos dados coletados. As notas no caderno de campo permitem o registro de informações que não podem ser captadas pelo gravador já que, a partir de observações de situações mais informais e menos monitoradas, torna-se possível encontrar dados que são muito importantes e que, talvez, não seriam observados caso o informante se visse diante do gravador.

No entanto, as gravações de áudios são valiosas mesmo que haja, em relação ao uso do gravador, indícios de que, ao ser gravado, o indivíduo tende a se monitorar. De acordo com

Patton (1990), as gravações contribuem para que o conteúdo original da coleta de dados seja preservado, pois permite que os silêncios, oscilações, mudanças no tom de voz do informante sejam registradas.

No que diz respeito ao questionário metalinguístico, é formado por uma ficha catalográfica que serve, tanto para traçar o perfil dos informantes entrevistados quanto para verificar as crenças e atitudes linguísticas destes. Também são elencadas 15 questões que servem para verificar as situações de uso do polonês e a consciência linguística dos falantes, 10 questões que permitirão identificar as atitudes linguísticas dos falantes e como se dá a construção identitária destes, 10 perguntas sobre os fatores de manutenção linguística, 5 questionamentos sobre a influência política e fatores internos e externos à língua que influenciaram, e ainda influenciam, nas crenças e atitudes dos moradores de Virmond. Já as conversas livres são direcionadas a partir de 5 questões para discurso semidirigido (Anexo B). Dentre os assuntos, estão conversas sobre relacionamento, profissão, trabalho, história da cidade e como os imigrantes poloneses chegaram à cidade.

Para a seleção dos informantes, utiliza-se como embasamento metodológico a teoria da Dialetoлогия Pluridimensional apontadas por Radke e Thun (1996, p.41) como uma possibilidade de incluir áreas de investigação em que diferentes línguas encontram-se em contato a fim de "[...] documentar não somente a coexistência de línguas e variedades, mas também a mútua influência que exercem umas sobre as outras".

Depois de realizada a pesquisa, os dados decorrentes dela formarão um cartograma de cada ponto, rural e urbano, tendo como base as considerações de Thun (1998), que o organiza a partir das diferenças encontradas em cada grupo de informantes que resultam em quatro grupos standard de cada região (zona rural e zona urbana) que são definidos a partir de variáveis extralinguísticas que podem se manifestar no diálogo a partir de três espécies: geográfica, contextuais e sociológicas. É nesta última que nos embasamos, pois são as variáveis sociológicas que possibilitam analisar critérios como idade, sexo, escolaridade, classe social e localização dentro de uma mesma região.

Para esta pesquisa, adotamos a classificação dos indivíduos em classe alta ou classe baixa de acordo com seu grau de escolaridade e não com sua situação socioeconômica. Com isso, os informantes são selecionados: 1) A partir de idades diferentes, ou seja, a partir da faixa etária ou critério diageracional; 2) por meio de critérios socioculturais ou do nível de escolaridade, também chamado de diastráticos; a partir do gênero (sexo) ou critério

generacional e, por fim, levando em conta a localização geográfica ou critério diatópico. Esquematizando, tem-se o seguinte quadro de informantes:

Quadro 1: Esquema de informantes

<b>Área geográfica</b>	<b>Idade</b>	<b>Gênero</b>	<b>Classe Social</b>	<b>Total de informantes</b>
Ponto bilíngue Polonês-português (Zona urbana) (08 informantes)	Geração 1 (GI) 15 a 36 anos	Homens	Ca e Cb – 02 informantes	Oito informantes
		Mulheres	Ca e Cb – 02 informantes	
	Geração 2 (GII) Acima de 55 anos	Homens	Ca e Cb – 02 informantes	
		Mulheres	Ca e Cb – 02 informantes	
Ponto bilíngue Polonês-português (Zona rural) (08 informantes)	Geração 1 (GI) 15 a 36 anos	Homens	Ca e Cb – 02 informantes	Oito informantes
		Mulheres	Ca e Cb – 02 informantes	
	Geração 2 (GII) Acima de 55 anos	Homens	Ca e Cb – 02 informantes	
		Mulheres	Ca e Cb – 02 informantes	

Fonte: Elaborado pela autora.

A primeira variável extralinguística levada em consideração é a **idade/faixa etária** ou critério diageracional é de suma importância para que sejam compreendidas as discrepâncias existentes na fala dos indivíduos que ocorrem devido às diferenças de idade que não se limitam apenas ao vocabulário. De acordo com Preti (1972), é preciso levar em conta a oposição "linguagem adulta X linguagem infantil" compreendendo-se, esta última, como pré-escolarizada, além disso, segundo ele, existe ainda a questão da linguagem jovem, empregada por adolescentes que é repleta de gírias e que, na maioria das vezes, não condiz com o vocabulário usado por pessoas mais velhas.

Além disso, a importância de levar em consideração, nas pesquisas, a variável faixa etária é apontada por alguns estudiosos da Sociolinguística pelo fato de que, a partir dela, torna-se possível fornecer dados sobre o grau de estabilidade do fenômeno estudado, ou seja, se há uma estabilização ou se há o encaminhamento para uma mudança.

Freitag (2005), ao tratar da variável faixa etária, chama a atenção para a sua complexidade evidenciando que outros aspectos sociais estão relacionados a ela como a rede de relações do falante e o mercado de trabalho, exigindo, dessa forma, maior cuidado na correlação dos resultados obtidos já que, segundo ela, nem todo indício de mudança em curso é reflexo somente da divisão dos dados a partir das idades dos falantes.

Da mesma forma Araújo (2007), em estudo realizado sobre a variável faixa etária em pesquisas sociolinguísticas, também aponta para o fato de que, pressões de mercado podem influenciar nos resultados obtidos sobre variáveis que se configuram como fenômenos em possível mudança concluindo que na fala dos jovens, ela é mais recorrente do que na dos idosos. O controle da faixa etária, com isso, só será válido se outros princípios sociais forem levados em consideração já que, conforme visto, é constituída não só por fatores de ordem biológica, mas também de ordem social.

Nesse sentido, é necessário que haja uma definição de quantas e quais faixas etárias serão pesquisadas e controladas para que, assim, possam ser fornecidos dados significativos para compreensão de fenômenos de variação e mudança linguística. Chambers (2003) propõe que sejam utilizadas três faixas etárias que são: crianças, adolescentes e adultos; Eckert (1997) propõe que sejam representados os cursos da vida, ou seja, a infância, adolescência, vida adulta e velhice; já Labov (1994) trabalha com faixas extremas que são a dos mais velhos e a dos mais jovens. É a partir da separação feita por Labov que realizamos nossa pesquisa e separamos os

descendentes de poloneses do município de Virmond/PR como jovens, com idade de 15 a 36 anos, e idosos, acima de 55 anos.

Outra variável trabalhada nesta Tese é **a escolaridade ou critério diastrático** que é de suma importância nos estudos de fenômenos linguísticos, possibilitando distinguir a fala dos indivíduos a partir do seu grau de instrução. Além disso, atua como forte influenciadora e preservadora de formas linguísticas de prestígio contrapondo-se, muitas vezes, às mudanças em curso da língua, principalmente da falada. Compreende-se assim, conforme aponta Votre (2004), a influência da variável nível de escolaridade como paralela aos mecanismos de promoção ou de resistência à mudança, porém é preciso levar em conta que as diferenças linguísticas, muitas vezes tratadas pela escola como desvios, são reflexos das diferenças sociais.

Por isso, ao se trabalhar com a variável escolaridade é necessário que outros aspectos sejam levados em consideração como a classe social, as oportunidades de ensino que o indivíduo teve, se os pais são escolarizados, se possuem hábitos de leitura, dentre outros fatores que influenciam no comportamento social dos falantes e que afetam, ou afetaram, diretamente seus relacionamentos no ambiente escolar (SILVA; SANTOS, 2018).

Dentre os fatores elencados, destaca-se o que aponta para as oportunidades de ensino dos indivíduos, pois nem todos têm acesso à escola, o que faz com que a variável escolaridade seja relacionada, de forma direta, à classe socioeconômica dos falantes já que, na maioria dos casos, os que possuem acesso à educação pertencem ao grupo socioeconômico mais privilegiado, com isso, pessoas pertencentes a classes sociais mais altas, tendem a usar uma linguagem mais próxima da variedade culta do português porque é maior a pressão social que recebem pelo fato de ficarem mais tempo em contato com padrões normativos da língua, diferentemente dos grupos menos privilegiados.

É justamente por essas questões que muitos estudos sociolinguísticos e de descrição da língua têm associado a oposição entre língua *culta vs. popular* ao fator escolaridade. Rodrigues (1987) afirma que o baixo nível de escolaridade pode ser fator decisivo para identificar usuários de uma variedade popular de língua falada e salienta que mesmo evidenciando que existe uma esfera social caracterizada pelo baixo grau de escolaridade, ela não encobre outros atributos sociais que são capazes de caracterizar um grupo sociolinguístico popular.

Esta opinião também permeia os estudos desenvolvidos por Bortoni-Ricardo (2008, p. 374-375), quando afirma ter usado o nível escolar como indicador de classe social, pois também acredita que ele abarca outras variáveis de ordem social e econômica, pois conforme a autora,

"temos falta de estudos sociológicos que apresentem uma estratificação da população da cidade, problema, aliás, com que se defrontam sempre as pesquisas sociolinguísticas no Brasil".

Dessa forma, é evidente o efeito da escolarização nos modos de comportamentos linguísticos dos falantes e, em vez de minimizar tal efeito, de acordo com Oliveira e Silva & Paiva (1996, p. 350), cabe a nós, pesquisadores, "analisarmos criticamente a interferência decisiva da escola na configuração linguística da comunidade". É esta análise crítica que buscamos classificar os descendentes de poloneses de Virmond como classe alta e classe baixa de acordo com seu grau de escolaridade, pois conforme pode-se notar a partir das discussões expostas, a variável escolaridade é capaz de abarcar também outros fatores de ordem social que são importantes para identificar as diferenças nos modos de falar dos informantes.

A terceira variável tomada como ponto de partida para a seleção dos informantes, nesta Tese é a **variável gênero/sexo** ou critério generacional. Questionar se existem diferenças entre a fala de homens e mulheres é, de fato, uma pergunta retórica se forem consideradas as discrepâncias de altura e timbre que determinam as particularidades da voz de mulheres e de homens, porém essas questões fisiológicas não são o foco dos estudos sociolinguísticos, mas sim os limites e as formas pelas quais fenômenos linguísticos estáveis são relacionados ao fator gênero/sexo do falante.

Alguns estudos apontam que as diferenças mais evidentes na fala de homens e de mulheres se situam no plano lexical e que parece comum reconhecer que algumas palavras ficam melhor se proferidas pela boca de um homem do que pela mulher. Essa existência de um vocabulário especificamente feminino, ou masculino, sobressai menos nas sociedades ocidentais e tende, progressivamente, a desaparecer, porém nos dias atuais, ainda se ouve expressões como "não fica bem para uma garota falar dessa forma" (PAIVA, 2004, p.33).

Ainda, de acordo com Paiva (2004, p. 36), nos estudos que estabelecem relação entre o gênero/sexo e a mudança linguística, é preciso que seja considerado o valor social da variante inovadora, pois as mulheres tendem a assumir o papel de líder quando se trata de implementar, na língua, uma forma que é prestigiada na sociedade ocorrendo o contrário quando esta forma é desprestigiada já que, neste caso, as mulheres se mostram mais conservadoras enquanto os homens lideram o processo de mudança.

Labov (2001) também aponta para a importância do papel da mulher nos processos de variação e mudança linguística discutindo, dessa vez, 'o paradoxo do gênero', pois, de acordo com ele, as mulheres se comportam de forma diferente, a depender do tipo de mudança. Além

disso, a partir de estudos sociolinguísticos, normalmente verifica-se as tendências que as mulheres têm de se aproximar mais da variedade padrão do que os homens.

Trudgill (1994), em relação a essas diferenças linguísticas entre homens e mulheres, afirma que não há uma explicação única ou que seja amplamente aceita, mas aponta alguns fatores que podem explicá-las, como:

[...] las mujeres siguen teniendo menos oportunidades para triunfar, y marcan, por tanto, su estatus social por su apariencia y comportamiento (también lingüístico) más que por lo que hacen. [...] El mayor papel que las mujeres han tenido tradicionalmente en la socialización de los niños las lleva a ser más sensibles a las normas del comportamiento “aceptado”<sup>12</sup>. [...] (CHAMBERS and TRUDGILL, 1994 [1980], p. 133-134).

Essa realidade pode não explicar, de forma ampla, as diferenças existentes entre a fala das mulheres e dos homens, mas evidencia o fato que o sexo feminino ainda é visto, mesmo que implicitamente, através de sua aparência e de seu comportamento, principalmente o comportamento linguístico, por isso, conforme exposto nas considerações de Trudgill, se tornam mais sensíveis e mais "adeptas" às normas linguísticas mais aceitas pela sociedade.

Por outro lado, Freitag (2015) propõe que a variável sexo/gênero seja rediscutida nos estudos sociolinguísticos brasileiros mostrando que o cenário dos papéis da mulher na sociedade já mudou muito em relação ao início da década de 80 e que não é mais possível se apoiar nas hipóteses clássicas sobre o sexo/gênero. Para a autora:

Parece ser contraditório ter “hipóteses clássicas” em uma ciência que se propõe ser interdisciplinar com foco em relações dinâmicas, como a sociedade e a língua, principalmente num campo que tem mostrado tendências de abordagem distintas como é o caso do campo em exame, perpassando por rótulos diferenciados, como sexo, feminismo e gênero. (FREITAG, 2015, p. 22).

O que se percebe, a partir de tal consideração, é que a autora defende a ideia de que as mulheres vêm assumindo diferentes papéis na sociedade e, por isso, os estudos sociolinguísticos também precisam mudar sua abordagem já que existem diferentes situações que envolvem a variável gênero/sexo. Em nosso estudo, nos baseamos em tais discussões teóricas para

---

<sup>12</sup> As mulheres continuam a ter menos oportunidades de sucesso e, portanto, marcam seu status social por sua aparência e comportamento (também linguístico), e não pelo que fazem. [...] O maior papel que as mulheres tradicionalmente têm desempenhado na socialização dos filhos as leva a serem mais sensíveis às normas de comportamento 'aceito' - (tradução nossa).

buscarmos, a partir disso, identificar se existem, em relação a homens e a mulheres, diferenças no comportamento linguístico e social no que se refere à língua e à etnia polonesa.

Por fim, para a abordagem da **variável localização geográfica** ou critério diatópico, partimos da premissa de que o informante deve, de acordo com Tarallo (2003), ter nascido ou então ido morar na localidade pesquisada enquanto ainda era pequeno. Também será considerado nessa pesquisa o critério diafamiliar, ou seja, será feita a seleção de informantes que pertençam a diferentes gerações da mesma família, assim, será possível analisar se a língua polonesa foi vista como essencial e transferida de pai para filho, e assim por diante, ou se há uma perda dessa língua no decorrer do tempo.

Depois de considerar as dimensões já elencadas anteriormente, serão observados ainda fatores linguísticos e extralinguísticos que podem ser um dado essencial para atingir o objetivo do presente estudo e para identificar as crenças e atitudes linguísticas dos falantes dessa comunidade. Dentre tais fatores extralinguísticos encontram-se os estilos de fala, também nomeados pela Dialetologia Pluridimensional como diafásico e a percepção dos falantes em relação à sua etnia e à sua identidade, que é o critério diarreferencial.

No critério diastrático, são formadas duas categorias que agrupam os informantes: na primeira, que é a "Classe A" são colocados os sujeitos que possuem um maior nível de escolaridade enquanto que na segunda, nomeada de "Classe B", são agrupadas as pessoas com menor grau de escolaridade. Seguindo a separação, chega-se ao critério diatópico no qual, de preferência, os informantes que nasceram e ainda residem na cidade sejam selecionados.

Na sequência, a variável faixa etária é o critério a ser considerado. Essa variável é muito importante uma vez que, a partir dela, torna-se possível identificar se há diferenças na fala entre jovens e idosos, o que também ocorre com o fator generacional, elemento fundamental para tal análise e que permite verificar se há diferenças entre os usos linguísticos de homens e mulheres.

Por último, mas não menos importante, será observado o critério diafásico. Essa sequência de dimensões consideradas segue a ordem proposta por Thun (1998) permitindo assim, que sejam encontradas e demonstradas diferenças nos estilos de conversa e nos atos de fala que estão diretamente ligados ao contexto de realização da comunicação entre dois ou mais interlocutores. Essas diferenças decorrem das variadas situações e da postura assumida pelo falante no momento em que fala o que vai ao encontro das considerações também elencadas por Thun (1998) no Atlas Diatópico Diastrático do Uruguai (ADDU) em que se observa que

"toda fala é fásica realizando-se dentro de um estilo e enquanto houver situações comunicativas e intenções expressivas diferentes, haverá variação nos atos da fala" (ADDU, 2000, p.11).

Tendo tais dimensões e critérios como ponto de partida, Thun (1998) utiliza para a representação de seus dados o modelo em cruz, no qual os grupos de classe alta, representados a partir de agora pela sigla Ca, ocupam a parte superior da cruz enquanto os de classe baixa, doravante Cb, ocupam a parte inferior. Seguindo tal metodologia, o traço vertical da cruz também separa os grupos de acordo com a faixa etária. Nesta pesquisa, os indivíduos das duas gerações, mais nova e mais velha, são separados da seguinte forma: os informantes com idade acima de 55 anos são representados pela sigla GII (geração mais velha), já a geração mais nova (GI) será representada por informantes com idade entre 15 e 36 anos. Vale salientar, ainda, que cada dimensão desta é composta por um homem e uma mulher.

Com isso, em cada célula, o gênero é representado por um homem e uma mulher e a divisão que considera a faixa etária dos informantes é realizada a partir do estudo dos seguintes atlas linguísticos: Línguas em Contato na Fronteira, representado a partir de agora pela sigla ALCF, o já citado Atlas Diatópico Diastrático do Uruguai - ADDU, Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA), Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) e Atlas Linguístico Guarani Românico (ALGR).

Assim, seguindo a metodologia proposta por Thun (1998), a cruz será composta, na Classe Alta, por um homem e uma mulher da geração I pertencente à zona rural e por um homem e uma mulher da geração I, classe alta, pertencente à zona urbana que dará origem à sigla CaGI e por um homem e uma mulher da geração II da zona rural e por um homem e uma mulher da zona urbana, representado a partir de agora por CaGII. O mesmo ocorre na Classe Baixa, originando as siglas CbGI e CbGII. A figura abaixo exemplifica melhor tal divisão.

Figura 6: Grupos Standart.



Fonte: Thun (1998).

A classificação realizada acima segue o esquema de Thun (1998) e dos oito informantes na localidade pesquisada, serão quatro jovens e quatro informantes mais velhos com idade acima de 55 anos. Também será separado o grupo por homens e mulheres, sendo duas mulheres da geração mais velha do interior da cidade e duas mulheres da geração mais nova da zona urbana, o mesmo ocorrerá para os homens. Quanto à classe social, comporão a cruz, quatro informantes da classe baixa da zona rural, quatro da zona urbana, quatro informantes da classe alta do município e quatro informantes da classe alta da zona rural.

Após essa divisão, todos os informantes receberam códigos conforme já exposto anteriormente, para que suas identidades fossem mantidas em sigilo. Nas entrevistas também são considerados fatores extralinguísticos que se tornam muito importantes para tal pesquisa que são: fator diafásico que permite identificar os diferentes tipos de fala e o fator diarreferencial, que é a percepção que as pessoas possuem sobre sua própria identidade e etnia.

#### **4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DE VIRMOND/PR**

Neste primeiro momento da seção, apresentamos os dados que evidenciam a percepção dos descendentes de poloneses sobre a formação do município de Virmond, tanto histórica quanto linguística. Em seguida, buscamos identificar se o polonês ainda é usado, mesmo que em poucos contextos por seus falantes, e apresentamos quais são essas situações de uso. Na seção 4.3 analisamos quais são os principais fatores que contribuem para que haja uma conservação ou, por outro lado, um abandono da língua de imigração e buscamos identificar se há relação desse conservadorismo ou abandono com as crenças e atitudes linguísticas dos moradores de Virmond a respeito de sua língua e cultura.

Por fim, a partir dos dados coletados, interpretamos como se dá a formação da ou de identidade(s) linguística(s) da comunidade e evidenciamos quais são as noções dos descendentes em relação à língua e cultura, se de prestígio ou se de estigma.

Conforme exposto na seção metodológica desta Tese, o instrumento de coleta de dados utilizado para pesquisa de campo foi um questionário metalinguístico contendo, além da ficha catalográfica que visa identificar o informante, 40 questões que são relacionadas à aquisição linguística e ao uso que os informantes fazem da língua, bem como aos fatores de manutenção ou apagamento desta, às situações de uso e à influência política sobre o polonês.

##### **4.1 GRAU DE PERCEPÇÃO DOS INFORMANTES SOBRE A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA E LINGUÍSTICA DE VIRMOND**

Os falantes, a todo momento, emitem julgamentos a respeito do seu modo de falar e também têm percepção sobre as formas pelas quais sua língua e seu grupo étnico são avaliados, portanto, é possível estabelecer uma relação entre a linguagem e a constituição da sociedade, já que, conforme aponta Alkmin (2006, p.21), "a história da humanidade é a história dos seres organizados em sociedades, os quais são detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, uma língua".

Essa relação entre falantes e sociedade, a partir da língua, também pode ser notada em Virmond, onde a constituição histórica e linguística do município se confunde e se mistura com

a história das primeiras famílias de poloneses que chegaram à localidade. Isso porque, desde a colonização da então Amola Faca existiu, por parte dos imigrantes, uma percepção e reconhecimento sobre o status do polonês na sociedade em diferentes momentos, o que influenciou de forma direta na afirmação, ou negação, de pertencimento dos indivíduos ao grupo étnico e à constituição da cidade como a Varsóvia brasileira.

É possível observar que as diferentes posições que a língua polonesa assumiu na comunidade também alteraram as formações identitárias dos descendentes de poloneses e, conseqüentemente, do município. Conforme já esboçamos na seção 2, no período de colonização da localidade, a língua, a cultura e os imigrantes poloneses foram muito prestigiados, por isso havia, por parte dos falantes e da sociedade, uma busca pela manutenção dos costumes étnicos, da preservação da língua e da identificação do povo e do município como poloneses. Com as políticas de nacionalização do governo de Getúlio Vargas e com a virada tecnológica, essas visões foram alteradas pelo medo que os imigrantes tinham de sofrer represálias, neste momento, a língua e a cultura polonesa foram proibidas e até negadas, o que fez com que houvesse uma mudança na forma de identificar os habitantes e a cidade, os quais já não faziam questão de serem identificados a partir da etnia polonesa (ALKMIN,2006).

Nos dias atuais, os costumes, a língua e a origem étnica voltaram a ser valorizados influenciando na constituição da identidade dos habitantes e da própria comunidade que se autoafirma como polonesa. Essa afirmação pode ser notada nos modos pelos quais os descendentes contam a história da colonização do município, memórias também presentes em documentos, fotos e objetos da Casa da Memória, que estão sempre relacionadas à história dos imigrantes poloneses, ou seja, a constituição histórica e linguística de Virmond é baseada na trajetória das primeiras famílias de imigrantes poloneses que chegaram à região que até então era chamada Colônia Coronel Queiroz ou Amola Faca, história que ainda é contada na atualidade.

Spinassé (2008) afirma que a essa integração entre comunidade, língua e falantes faz parte de um processo natural, em que não só os elementos linguísticos como também a identidade e os aspectos culturais se misturam. Assim, à medida que o status do polonês ia sendo alterado na comunidade virmondense, também eram modificadas as percepções e posicionamentos de seus falantes, ou seja, suas crenças e atitudes linguísticas.

Conforme já vimos anteriormente, há uma estreita ligação entre as percepções e avaliações que os indivíduos possuem sobre determinada língua e seus falantes com as suas

atitudes e reações diante do falar do outro. Nessa perspectiva, Lambert e Lambert (1966) tomam a atitude linguística como o julgamento que o falante faz sobre os usos da língua que, pelo fato de ser entendida como objeto social, é suscetível à avaliação e às diferentes atitudes. Já as crenças, que incluem os pensamentos, sentimentos e tendências a reagir, são os componentes essenciais das atitudes.

De acordo com os estudiosos, a atitude linguística é constituída por três elementos que são a crença, a valoração e a conduta, as quais se estabelecem em um mesmo nível e mantêm relação entre si. Lambert (1967, p.93) destaca três princípios que orientam as crenças que são: princípio da associação que faz com que o indivíduo se afaste daquilo que não o agrada e se aproxime do que considera agradável; princípio da transferência que faz com que as expectativas sejam transferidas de acordo com um determinado fim e objetivo e, por fim, o princípio da satisfação de necessidade que faz com que o indivíduo busque aproximação com pessoas que são associadas a coisas agradáveis.

Todos esses princípios podem ser notados na comunidade de Virmond, pois, quando o polonês foi proibido, os indivíduos se afastaram da origem étnica e evitaram, por medo do uso da língua polonesa, nesse caso, não para o próprio agrado, mas para agradar e cumprir ordens impostas pelo governo. Depois, no entanto, passaram a transferir suas expectativas em relação à língua e à cultura para as gerações futuras, acreditando que elas conseguiriam retomar o que havia sido perdido, o que ainda é percebido nos dias atuais, pois há uma busca de aproximação a pessoas que ainda falam polonês e que ainda cultivam os costumes étnicos, situações estas que são associadas a coisas agradáveis em relação ao "ser" polonês.

Essas atitudes, partilhadas pelos descendentes de poloneses são conceituadas como crenças por Labov (2008), já que elas demonstram as ações dos membros de uma comunidade de fala diante de uma determinada linguagem, seja no uso de uma forma que é estigmatizada ou prestigiada. Na mesma direção, Moreno Fernández (1998, p. 181) afirma que as atitudes linguísticas "são reflexos de atitudes psicossociais do falante uma que vez que as línguas têm um significado ou algumas conotações sociais e é natural que sejam apreciadas e avaliadas de acordo com o status que possuem".

Com isso, o que se percebe em Virmond é que há uma percepção por parte dos descendentes de poloneses sobre as mudanças de status pelas quais a língua e a cultura polonesa passaram, fazendo com que as atitudes dos falantes acompanhassem tais alterações no decorrer dos anos. Essa atitude de adaptar-se ao contexto de uso e ao status da língua na sociedade que

é feito pelos descendentes de poloneses é comprovada por Weinreich, Labov e Herzog (2006). Eles afirmam que a escolha e o uso de uma determinada língua estão ligados de forma direta com o grau de consciência social que os falantes possuem diante desta, ou seja, suas crenças e atitudes podem influenciar o uso linguístico de uma variedade que também está, em uma comunidade de fala, sujeita a uma avaliação, positiva ou negativa, determinante para a constituição da identidade linguística dos falantes.

Ainda sobre essas avaliações, Rokeach (1974, p.16) afirma que toda crença faz parte de uma atitude que é constituída de três componentes:

(1) um componente cognoscitivo que representa o conhecimento que, dentro de certos limites de certeza, tem uma pessoa acerca do que é verdadeiro ou falso, bem ou mal, desejável ou indesejável; (2) um componente afetivo pelo qual, supondo-se as condições adequadas, a crença é capaz de despertar aspectos de intensidade variável que se centram (a) no objeto da crença, ou (b) em outros objetos (indivíduos ou grupos) que tomam uma posição positiva ou negativa a respeito do objeto da crença, ou (c) na própria crença quando sua validade é notoriamente colocada em dúvida, como sucede no caso de uma disputa, e (3) um componente de conduta no qual a crença, sendo uma predisposição de resposta de limite variável, deve conduzir a algum tipo de ação quando é ativada convenientemente. A classe de ação à qual se conduz é determinada estritamente pelo conteúdo da crença. Assim, uma crença meramente descritiva é uma disposição à ação quando as condições são aproximadas.

O que se percebe, dessa forma, é que a forma pela qual o falante se identifica e se posiciona diante de uma variedade dependerá de muitos outros aspectos, externos à língua, e podem ser alterados no decorrer do tempo. A partir de tais considerações, para tentar identificar o grau de percepção linguística dos descendentes de poloneses sobre a constituição histórica de Virmond, perguntamos se os informantes sabiam que a cidade que moram também é conhecida e chamada de Varsóvia ou cidade dos polacos e o que achavam desses rótulos. Todas as respostas evidenciam o conhecimento dos falantes em relação a esses apelidos e os comentários demonstram que se sentem privilegiados por serem reconhecidos dessa forma. Abaixo, expomos três dos comentários a fim de exemplificar tal sentimento.

Sim, desde que eu sou pequeno chamam assim e olha que eu já não sou tão jovem né? Faz muito tempo que a cidade é chamada assim, tem outras cidades também que são, mas aqui isso é muito forte por causa dessa relação com a língua e cultura. Eu acho isso muito legal (CaGIIM ZU).

Sim. Tem bastante gente que chama. Tem meus colegas aqui de Laranjeiras que quando vêm pra cá falam que tão vindo pra Varsóvia. Eu acho muito bom porque a nossa cultura é muito rica, essa questão cultural é uma forma de continuar o que começou lá atrás né, é uma coisa legal porque você percebe que ainda existe né?! Mesmo sendo poucas pessoas que ainda falam, ser identificado assim é um privilégio (CbGIM ZU).

Sabia e acho muito legal! Eu acho ótimo e tenho certeza que várias pessoas, talvez na mesma faixa etária que eu, também sente muito orgulho de ser varsoviano ou varsovensê, sei lá como fala (risos). Eu até me emociono quando se referem a nós assim, até o dia que a RPC veio aqui pra mostrar nosso povo, nossa cultura, os lugares que tem mais poloneses, os mais velhos né, isso me deixa cheio de orgulho, orgulho de morar aqui, de ser polonês. (CbGIM ZR).

As respostas apontam para o fato de que os descendentes de Virmond não só possuem uma percepção sobre os modos pelos quais a cidade é rotulada como também evidenciam um sentimento de orgulho por serem reconhecidos de tal forma. Tal sentimento permite que seja percebida uma vitalidade alta do grupo, conquistada no decorrer dos anos e que, de acordo com Fishman (2001, p. 145) "contribui para que os falantes demonstrem atitudes mais positivas em relação à língua que usam" e, nesse caso, à etnia polonesa.

Ainda com o intuito de verificar o conhecimento dos descendentes de poloneses sobre a colonização e formação do município de Virmond/PR, pedimos para que falassem um pouco sobre a história da cidade e de como e por quem foi construída. Os dezesseis informantes afirmam conhecer, com detalhes, a história da constituição da então Colônia Amola Faca e, no caso dos mais jovens, dizem já terem ouvido muitas narrativas dos avós e dos pais sobre a viagem feita da Polônia até o Brasil, da chegada ao Paraná e, depois, a mudança para Virmond.

A narrativa principal, abordada pelos informantes, diz respeito à viagem de navio feita pelos imigrantes poloneses até chegar ao Brasil. Segundo eles, o que sabem sobre a viagem é bastante triste e que os avós e pais contavam que esse povo deixava tudo que tinha na Polônia para fugir da guerra e das perseguições dos alemães, além desse sofrimento, ainda precisavam enfrentar uma viagem de navio que durava quase seis meses. Nesse trajeto, muitos poloneses adoeciam e quando morriam eram jogados no mar para servirem de comida aos tubarões. Os informantes também ressaltam que, depois de todos esses percalços, chegar ao Brasil já era uma conquista, mas ainda precisavam buscar formas de se sustentar e, nessa procura, o Paraná, principalmente a localidade de Virmond, foi como uma promessa de melhoria de vida já que as propagandas mostravam terras que estavam sendo vendidas por um preço mais baixo, que seria

possível para eles pagarem. Essa questão da venda das terras, que era mais barata, pode ser notada a partir do relato da CaGIF ZR.

Eles vieram de navio né, de lá, tanto que a vó conta que quem morria, porque eles adoeciam, então eles jogavam no mar, não chegava nem a descer no porto, e de lá pra cá vieram de carroça abrindo picada com foice pra poder passar. Acho que chegaram primeiro em Prudentópolis, pelo que sei e depois vieram pra cá porque tinham terras mais baratas.

Wachowicz (1981, p.69), ao analisar alguns dos relatos de imigrantes poloneses, afirma que é possível ter noção da dimensão do horror que eles viviam nas viagens de navio, utilizando, inclusive, o termo "chiqueiro humano". Também esboça, a partir desses estudos, que "a viagem era sangrenta e que muitas vezes os viajantes confessaram ter vontade de se atirar ao mar para que seus sofrimentos fossem aliviados pela morte".

Já em relação às propagandas e ao preço das terras, que eram mais acessíveis aos imigrantes poloneses, podem ser retomadas as considerações já feitas anteriormente nesta Tese, sobre os anúncios que eram colocados no jornal *Świt* exaltando a localização, as vantagens e, principalmente, o valor e as condições de pagamento dos terrenos da Colônia Amola Faca. No entanto, mesmo com as promessas de uma vida mais tranquila, depois de chegarem, tiveram, segundo os relatos, que enfrentar ainda mais dificuldades, pois não havia nada, tudo era mato e sem maquinários e dinheiro passaram a arar a terra, roçar a capoeira e a plantar, tudo isso com trabalho braçal. Abaixo, apresentamos algumas das respostas que exemplificam tais dificuldades;

Meu *diadio*<sup>13</sup> contava muito do sofrimento que tiveram, tanto na vinda do navio, quanto na chegada aqui na cidade. Contava que meus bisavós vieram da Polônia, fugindo da guerra, da primeira guerra, né? E vieram de navio, o diadio contava que foi uma viagem longa, às vezes durava seis meses e disse que, se alguém morresse, jogavam no mar pros tubarões comerem. Daí vieram e pararam em Ponta Grossa que foi o primeiro paradeiro dele e de lá foram procurando outras alternativas porque talvez lá não deu certo por algum motivo ou outro e daí escolheram Virmond que nem era cidade na época, acho que ainda pertencia a Guarapuava. Diz que aqui era só mato, daí foram roçando, lavrando, construindo as casas e depois foram vindo outras pessoas. Eles derrubaram uma área para plantar, daí tinha muito bicho, tipo anta, onça e outros bichos grandes, então ele contava que cada noite uma pessoa ficava

---

<sup>13</sup> O termo diadio é usado pelos descendentes de poloneses para se referir ao avô.

em cima de uma árvore, passava a noite em claro cuidando pra que esses bichos não estragassem a roça, não comessem toda a plantação que eles tinham sofrido pra fazer (CaGIM ZR).

Tais relatos demonstram que o processo de construção histórica de Virmond está diretamente relacionado à história dos imigrantes poloneses já que em nenhum momento são contados de forma separada. É possível, ainda, identificar que existe, por parte dos informantes, a percepção de que tudo está ligado ao povo polonês, desde a chegada até a constituição e emancipação da comunidade, mesmo que essa ligação nem sempre tenha sido valorizada. Como pode ser observado nos relatos, os descendentes de poloneses buscam associar e se aproximar de tudo que lhes é agradável e que traz boas lembranças em relação a sua origem, demonstrando que seus antepassados saíram de sua terra natal que era a Polônia, mas o seu território de origem não deixou de fazer parte da vida deles.

Além das dificuldades que os poloneses tiveram na viagem e na chegada ao território brasileiro, um informante também relata uma questão bastante interessante sobre os sobrenomes e documentos de identificação dos imigrantes que, de acordo com ele, foram sendo alterados devido à necessidade de "esconder" a real origem e, principalmente, porque nessa época, o estado polonês "não existia", já havia sido invadido pela Rússia, Áustria e Alemanha. Segundo ele, ainda existem, na cidade de Virmond, muitas pessoas que chegam a acreditar que possuem descendência alemã ou austríaca por terem, em suas certidões de nascimento, essa identificação, porém, salienta que, se for feita uma pesquisa sobre a árvore genealógica dessas famílias, será possível identificar que são descendentes de poloneses, como é o próprio caso.

A história não foi brincadeira com os poloneses né, eles sofreram muito não só aqui, mas desde lá, então de repente, você vai falar com uma pessoa e ela vai ter uma visão, uma cabeça e às vezes, fala com outros e já é diferente, então é difícil você generalizar grupos. Os mais velhos, inclusive, a questão... os meus, como a grande maioria da colonização do Brasil, não só aqui de Virmond porque Virmond foi colonizado pelos poloneses que já estavam no país, por aí, então esse pessoal já veio debaixo de muito ferro, digamos assim, o país não existia, ele já era dominado pela Áustria, Prússia que é a Alemanha hoje, no caso, e Rússia, então não existia identidade, muitas vezes, não só aqui em Virmond, mas você pergunta e dizem, não, mas eu sou austríaco, meu pai era da Áustria, tá nos documentos, mas na verdade, o documento era de lá, porque o estado polonês não existia, já estava invadido, entende como? Então eles, ah! mas ele é da Áustria, não sei, isso é falta de conhecimento porque eram todos poloneses que estavam lá há mais de cem anos, cada pedaço lá, naquele pedaço que era da Alemanha eles diziam que você era alemão, que tinha que escutar as músicas alemãs, tem que aprender falar, tem que virar protestante, mudar sobrenome e tal pra germanização daquele povo e daí a

germanização pega os alemães e os austríacos e daí, do outro lado, tinham os russos que também são eslavos, a cultura é um pouco mais parecida. Então pense, cem anos esse povo sofrendo e aguentaram, conseguiram segurar a língua e a religião, só que a religião foi aliada lá e continuou sendo aqui, ajudou eles, e esse povo veio pra cá, muitos desse povo... e vieram com todo esse sofrimento, então, às vezes, você pega documentos dessa época e nem é de polonês, inclusive os meus, são russos, mas eu sei que sou polonês porque pesquisei. Ali no Rio Grande do Sul eu achei documentos de parte da minha família polonesa que vieram pra cá com documentos russos (CaGIIM ZU).

Esse processo de "desconstrução" da identidade dos poloneses, comentado pelo informante CaGIIM ZU tem início, de acordo com Wachowicz (1981), quando surge o império alemão e sua busca pela expansão territorial, por volta de 1870, busca que acentua as ações com objetivos de despolonizar e desnacionalizar os poloneses, que passam a ser obrigados a usar o alemão na escola e em espaços públicos, o que também atingiu a igreja que foi proibida de fazer sermões e de ensinar o catecismo em polonês. Tais proibições também se estenderam aos cartórios que deveriam proibir que nomes e sobrenomes poloneses fossem dados aos recém-nascidos, além disso, há indícios que apontam para a "necessidade" de mudança dos nomes dos pais, das profissões, naturalidade e domicílio das pessoas, que também deveriam ser germanizados.

O informante CaGIIM ZR, da mesma forma, destaca esse equívoco que muitos descendentes de poloneses ainda têm em relação aos seus sobrenomes e explica que isso se dá pelo fato de a maioria não pesquisar sobre as reais causas que fizeram com que os documentos de seus parentes mais velhos trouxessem tais informações. Além disso, também faz estudos sobre a origem e trajetória de viagem das primeiras famílias de imigrantes que vieram para Virmond e afirma que, pelos menos, 25% das famílias polonesas que vivem em Virmond já podem saber de qual aldeia, de qual cidade da Polônia vieram e qual o significado de seus sobrenomes. A esse respeito, destaca questões muito interessantes:

Sou muito doido em relação a isso, faço planilhas de sobrenomes, já tem um tempo que faço levantamentos, pesquisas sobre isso, me ajuda muito, me situo e vejo quem era essa pessoa, mas eu cansei de tentar fazer conforme o cartório, eu escrevo hoje da forma que deveria ser porque sobrenome do povo do Virmond tá muito mudado, as pessoas têm uma ideia bem diferente do significado e isso é uma coisa que motiva muito o as pessoas a perguntarem... porque como eu fiz um estudo do sobrenome de 100 famílias, as primeiras que chegaram né? As famílias de Virmond provêm de lugares, de topônimos, né? Antigamente a criação do sobrenome, quando houve essa divisão e germanização do povo polonês, foi criado sobrenome de acordo com a profissão ou com local onde morava, além disso, se o pai tinha sobrenome,

tinha brasão, só o primeiro filho herdava o sobrenome e o brasão, o segundo filho já tinha que criar outro, aí criavam de acordo com a profissão do pai, tipo Kovalski, seria, na tradução literal pro português, filho de ferreiro. Malinoski deriva de malina que é framboesa né, então seria o filho daquele que planta framboesa, Orzechovski, muito conhecidos em Virmond né, deriva de orzechy que significa nozes, então são filhos de quem plantava nozes e essa terminação de "wski" "ou nski" é da época da nobreza, a nobreza que deu essas terminações assim como tem muito sobrenome jocoso, que era uma piada com o polaco...tipo... tem gente em Virmond que tem status né, dinheiro, mas que têm sobrenomes que, quando perguntam se fiz pesquisa, até invento porque esse sobrenome, que não vou falar porque são muito ricos aqui, têm status, mas o sobrenome não tem nada a ver com isso porque, literalmente, significa estrume, então eu amenizo, digo que é palha de estrebaria, algo do tipo (risos) (CaGIIM ZR).

Ainda em relação às diferenciações feitas em torno dos sobrenomes de origem polonesa, expostas pelo informante acima, cabe destacar as contribuições de Polanczyk (2010, p.278), que afirma que, por conta das ações de despolonização dos indivíduos, "os pais não puderam transmitir aos filhos, de forma livre, a cultura e os costumes poloneses", além disso, em muitos casos, aos descendentes que não sabiam a língua e conheciam pouco das tradições culturais, só restava o sobrenome polonês, o qual, muitas vezes, foi abrasileirado por diferentes motivos, dentre eles, o desconhecimento dos cartórios que registravam os polono-brasileiros de forma errada e, principalmente, o fato de não poderem afirmar sua etnia e terem, por isso, que criar sobrenomes brasileiros usando, dessa forma, as profissões que tinham para se identificar.

Já em relação à questão do sobrenome jocoso, quando questionado, o informante explica que, em algumas situações, o polonês tinha um cargo de confiança em alguma fazenda e, às vezes, o próprio patrão sugeria nomes, mas, em algumas situações, eram piadas, brincadeiras e, sem perceber, o empregado aceitava, resultando em sobrenomes com significado "feio" e que ele prefere não dizer quais são, porque sabe que os descendentes de Virmond podem ler a pesquisa e ficar chateados. Além disso, o CaGM ZR afirma que basta alguém dessas famílias investigar sobre a origem de seu sobrenome para saber de tal informação, mas preferiu amenizar e deixar que descubram por si só do que, de alguma forma, fazer com que se sintam envergonhados.

Por meio dos relatos dos informantes em relação à constituição da história da comunidade virmondense, também foi possível identificar que, apesar das dificuldades enfrentadas, a maioria dos imigrantes poloneses que vieram para a Colônia Amola Faca conseguiram o que tanto almejavam, que era poder trabalhar nas suas próprias terras, construir

suas casas, criar seus filhos com dignidade. Essa perseverança e força de vontade que o povo polonês possuía é evidenciada no relato da CaGIIF ZU.

Já ouvi muitas histórias sobre isso, a minha vida inteira que nem eu te falei...muitas histórias, da dominação por outros países né... do navio...como vieram, de como era fugir da guerra, de como era passar fome, de ter que fugir, vender tudo que tinham, procurar outro país que, na época, estava recebendo eles como trabalhadores braçais e eles vieram pra cá nessa expectativa né de conseguir terra e de trabalhar e eles têm essa característica de força, de trabalho, o povo polonês não se entrega, eles passaram por quantas guerras, foram aniquilados, destruídos, não podiam mais nem ser chamados de polacos, muito menos a língua né, as mães ensinavam escondidas pros filhos em casa as orações e alfabetizavam as crianças, mesmo aqui, no Brasil, não podia ainda e mesmo assim, como diz, lá das cinzas, eles ressurgem e tão ali, vivo, não se entregam e são trabalhadores.

A narrativa da informante é sustentada por Stawinski e Busatta (1981), que afirmam que a Prússia, com intuito de se anexar de forma definitiva na região que ocupou, buscou diversos meios para "germanizar" os poloneses, proibindo que usassem sua língua nas escolas, em locais públicos e nas igrejas, depois, na segunda metade do século XIX, mais uma vez os poloneses sofreram com a falta de instrução, de liberdade e sem poder exercer sua religião pagando, além disso, impostos pesados. "A população polonesa estava destinada ao extermínio. Famosos poetas, escritores e músicos poloneses, banidos de sua terra natal, criaram poemas, compunham músicas e elaboravam mensagens cheias de sentimentos religiosos e patrióticos animando aos patrícios a não se deixarem 'russificar' e renunciando que a Polônia e seu povo, qual Fênix, iriam ressurgir das cinzas" (STAWINSKI E BUSATTA (1981, p.31-32).

Mesmo diante de muitas dificuldades, sofrimentos e tantas dominações, a identidade do povo polonês não foi alterada no decorrer desses acontecimentos e, ainda de acordo com os autores acima (1981, p.32) "o que impediu e impossibilitou a 'prussificação' e a 'russificação' dos poloneses foram o patriotismo, a língua, a religião, o amor a Cristo e a Nossa Senhora de Czestochowa e a fidelidade à Igreja Católica". Além disso, tais características de força também prevaleceram depois que chegaram ao Brasil, principalmente ao Estado do Paraná onde, através da força do trabalho e da fé em dias melhores, construíram seu lar, sua nova Polônia.

Também chama a atenção, no relato do informante CaGIIF ZU, o fato de que, mesmo se referindo aos poloneses como "eles", se coloca como uma dessas pessoas que resistiram a diversas e fortes dificuldades e, mesmo assim, nunca desistiram de buscar uma vida melhor e tinham como característica o trabalho e a esperança para recomeçar sempre. Essa esperança,

sempre baseada na padroeira da Polônia, Nossa Senhora de Czestochowa, que é conhecida no Brasil como Nossa Senhora de Monte Claro, também a padroeira de Virmond. A mesma informante ainda evidencia que, com o tempo, a localidade foi recebendo pessoas que pertenciam a outras etnias, mas ainda prevaleciam os costumes e tradições étnicas e, dentre os imigrantes poloneses, alguns se destacaram, construindo fortunas e conquistando o respeito não só dos conterrâneos como também das demais pessoas que viviam na então colônia que é o caso, conforme aponta a CaGIIF ZU, de seu avô.

O meu avô, eles compraram terras, primeiro eles chegaram em Curitiba com os meus bisavós, daí depois compraram aqui, tem todas as listas de compra que eles compraram porque a ideia, muito errada, que as pessoas tinham era de que os primeiros poloneses ganharam terras aqui e ninguém ganhou, eles pagaram, valor que não era tão caro pra época, se fosse hoje seria insignificante, mas pra eles, fugindo da guerra era muito né e eles vinham com as carroças, com os filhos e com a coragem e com a santa, sempre com a dita santa na frente, aí quando meu avô comprou essas terras que hoje é onde minha mãe mora e que parte é minha, era tudo coberto de pinheiro, então ninguém queria, não davam valor nenhum tanto que tem uma história bem interessante dele com a comadre Zukoska que ele fala que ela ficou brava, brigaram entre os compadres porque o meu diadio deu pra eles a terra com mais pinheiro e ficou com a terra de menos pinheiro, aí eles desfizeram parte do negócio, dividiram novamente, e o diadio voltou a ficar com a terra que tinha mais pinheiro, adivinha o que que o velho fez? Ele tinha uma cabeça de gênio né e esses pinheiros se tornaram a madeira que ele vendeu, que ele fez a fortuna e que ele comprou quase Virmond inteira na época, o diadio Chico, se você perguntar pro teu pai ele vai confirmar, era o mais rico daqui, teu pai sabe porque eles trabalhavam lá e o diadio era assim, ele não era ruim, como diz, pra negada, ele tratava muito bem tanto que o pai do seu Dico que era o velho Ramiro Bica, frequentava a casa dele e falava polaco, ele se dizia polaco preto sabe? Se duvidar até o seu Dico sabe falar polonês ainda hoje, tratava muito bem todo mundo. É claro que tinha o tal do preconceito, eu não vou dizer que não né, por exemplo, não iam querer que a polaca casasse com um nego, era assim né, sempre foi, assim como o nego olhava pro polaco e chamava de polaco azedo, os polacos do repolho azedo, mas assim, o meu avô, ele fez a fortuna dele em cima dos pinheiros da época, ficou muito rico, depois, com o passar do tempo, morreu, dividiu as terras entre os herdeiros, alguns venderam, outros perderam, que eram nove filhos, mas a história do meu avô é linda.

É possível perceber o sentimento de orgulho e de pertencimento à etnia polonesa e, principalmente, a admiração que a informante tem em relação à história de vida e à inteligência de seu avô que viu, segundo ela, uma oportunidade de enriquecer em um lugar que ninguém queria, nem para morar. Além disso, mais uma vez a fé do povo polonês é exaltada quando ela relata que, à frente da carroça que trazia os imigrantes, estava "sempre a bendita santa".

De acordo com Pszdmirski (2008), a devoção que os descendentes de poloneses têm à Santa remonta ao início da era cristã e toma proporções cada vez maiores. "A fé dos poloneses envolve a padroeira da Polônia, e de Virmond, em suas histórias de vida, buscando proteção nas mais diversas situações". Em alguns relatos, é possível perceber que a Santa é envolvida em lendas que povoam a imaginação do povo polonês como a de que ela acompanhou a viagem durante o período de imigração e mostrou-lhes, a partir de sonhos, as terras que eram destinadas a eles, neste caso, a Colônia Amola Faca (PSZDMIRSKI, 2008, p.116).

O preconceito sofrido e que existia em relação às pessoas que não fossem da mesma origem étnica também foi muito comentado entre os informantes e pode ser percebido quando a CaGIIF ZU afirma que o avô, mesmo sendo muito rico na época, era bom com todos, inclusive com a "negada", porém, essa bondade não se estendia aos casamentos já que não aprovava que integrantes da sua família, que eram poloneses, casassem com indivíduos de outras raças, principalmente, com os negros.

Esse aspecto levantado pela informante demonstra o desejo de manutenção étnica que é feito a partir da preferência pelos casamentos entre membros do mesmo grupo, já que, nesta época, estabelecer relações com indivíduos de outras raças era considerado um problema para a família, a qual prezava pela manutenção não só de sua origem, como também dos costumes étnicos. A esse respeito, Czapla e Weber (2017, p.15) apontam que os pais, "geralmente estabeleciam os pretendentes poloneses de seu agrado para os filhos e eram fortemente contrários às uniões interétnicas, tentando coibi-las a com repressão, vigilância e punição".

Ainda sobre o assunto, Rossetti (1997) salienta que os imigrantes, ao seguirem as leis da endogamia nacional, ou seja, ao se recusarem a casar no Brasil com pessoas de outras nacionalidades, se sentiam mais seguros e com maior confiança de que suas origens polonesas seriam mantidas na nova pátria.

Por outro lado, nota-se que o preconceito não estava presente somente nas ações dos imigrantes poloneses, mas também no comportamento dos demais grupos étnicos como se pode notar quando a CaGIIF ZU diz que "*assim como o nego olhava pro polaco e chamava de polaco azedo, os polacos do repolho azedo*". Esse preconceito em relação aos imigrantes poloneses também foi apontado por Oliveira (2015, p. 806) que, a partir de estudo realizado em diferentes localidades onde viviam grupos polono-brasileiros em Curitiba, capital do Paraná, afirma que "os poloneses e seus descendentes sofreram mais preconceitos e atitudes discriminatórias do que qualquer outro grupo étnico e, por diversas vezes, ouviu de homens e mulheres,

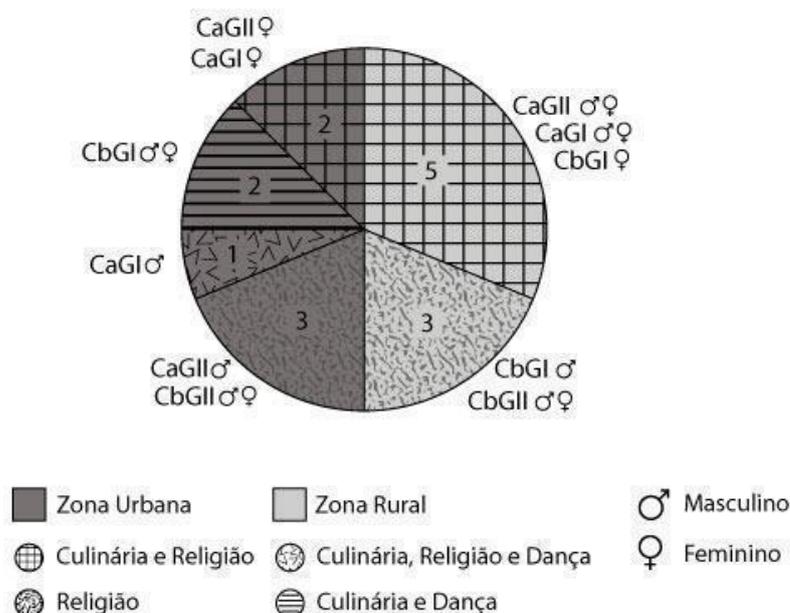
indistintamente, que eles nunca casariam com um polonês e que dificilmente aceitariam que alguém de sua família se casasse com um imigrante ou descendente de polaco".

Sobre o termo "polaco", é preciso destacar que era uma forma pejorativa de tratar os imigrantes, pois, ao chegarem ao Brasil, além dos estereótipos negativos que já trouxeram da Europa, também apareceram outros em solo brasileiro como é o caso, por exemplo, do apelido "polacas" para as mulheres e "polacos" para os homens, os quais eram dados, geralmente, às camadas mais pobres da sociedade que precisavam trabalhar duramente na roça no sistema pós-escravista. De acordo com Iarochinski (2001), apareceram no Brasil, por volta do século XIX, muitas mulheres da Europa Centro-Oriental, trazidas por cafetões para trabalharem como prostitutas, pois este era um negócio muito lucrativo de escravas brancas e, sem distinção de nacionalidade, passaram a ser chamadas de polacas e, por esse motivo, os poloneses do Brasil rejeitaram o termo "polaca/o" para descrever sua nacionalidade.

A rejeição de termos pejorativos e o desejo de manter a origem, as tradições e a língua não eram inerentes apenas ao grupo étnico polonês, porém, o fato de os imigrantes poloneses não aprovarem o casamento de membros de sua etnia com pessoas de outras raças leva a pensar que houve uma luta desse grupo para manter seus costumes e tradições culturais "puros" e, para saber mais sobre isso, perguntamos aos informantes se havia alguma tradição cultural que identificasse os moradores de Virmond como poloneses. As respostas demonstram que, na percepção dos entrevistados, tanto a culinária quanto a dança fazem parte da cultura dos poloneses, porém, todos eles apontam a religião como a que mais os caracteriza e a que mais os representa, conforme pode ser notado no gráfico:

Gráfico 1 – Tradições que identificam os poloneses:

Há uma tradição cultural que identifique os moradores de Virmond como Poloneses?



FONTE: Dados da pesquisa.

De acordo com os dados, a maioria dos informantes afirmaram que a religião e as atividades relacionadas à igreja são a principal tradição cultural que os identifica e faz com que o sentimento de pertencer à etnia continue vivo. Seis informantes, sendo três da zona urbana e três da zona rural, citam apenas a religião como o elo que liga a tradição à etnia e que faz com que sejam identificados como poloneses. Já a CaGIIF e a CaGIF, da zona urbana e os informantes CaGIIM, CaGIIF, CaGIM, CaGIF e CbGIF, da zona rural, acreditam que, além da religião, a culinária também faz parte da identificação do grupo étnico, o CaGIM, por sua vez, responde que a culinária, a religião e a dança fazem parte da formação e da identificação dos habitantes. Somente o CbGIM e a CbGIF não abordam a religião nas suas respostas e dizem que o que identifica as pessoas da cidade como descendentes de poloneses é a culinária e a dança.

Assim, quatorze dos dezesseis informantes destacam a religião como sendo um traço cultural identificador da etnia. Dentre as respostas, evidenciam-se, abaixo, as três que melhor ilustram tais concepções:

Acho que a religião né? O povo polonês sempre foi, e ainda é, muito ligado nessa questão religiosa tanto que, antes mesmo de construir a escola aqui, a

primeira preocupação foi a construção da igreja para que os costumes e a fé pudessem continuar guiando esses poloneses, né? Sempre tem, na igreja, alguma coisa que retome a tradição, ou são os terços que são feitos em polonês ou os cantos poloneses no dia da padroeira e agora, todo ano, sem falta, tem a benção da cesta de páscoa que é uma tradição que veio da Polônia (CbGIF ZU).

Que nem eu te falei, a igreja católica e a cultura polonesa, elas, há mil anos caminham juntas, o estado nasceu porque um duque polonês lá, mil anos atrás, aceitou, casou com uma rainha católica e aceitou o batismo porque eles eram como pagãos assim né e daí isso fortaleceu aquela região onde é a Polônia hoje, então o país, desde sua origem que foi em 966 depois de Cristo, ele tá junto com a igreja, até hoje, depois tivemos o papa, até o meu nome é em homenagem a ele (CaGIIM ZU).

O que mais identifica um polonês? Você quer dizer? Ah! Com certeza é a igreja, a religião. Hoje em dia, é o único lugar onde ainda são realizadas celebrações só no polaco, a própria padroeira nossa é polonesa. É a partir do padre também que recebemos as autoridades da igreja, o bispo, esse povo que tem vindo da Polônia, então veja... tudo tá se perdendo em relação a isso, mas a religião, como que vou dizer... segura nossas tradições (CbGIIM ZU).

A identificação dos poloneses, feita a partir da religião, vai ao encontro das considerações de Durkheim (1954, p.41) que afirma que a "religião é eminentemente social e as representações religiosas são representações coletivas, os ritos são uma maneira de agir que ocorre quando os grupos se reúnem, sendo destinados a estimular, manter ou recusar certos pensamentos e sentimentos desses grupos". Com isso, pode-se afirmar que a construção da identidade polonesa e os costumes que o grupo étnico mantém estão diretamente relacionados aos seus hábitos religiosos.

É preciso evidenciar, no entanto, que essa relação e identificação dos descendentes, feita a partir da religião, ilustram e retomam uma situação muito comum nos contextos de imigração polonesa de décadas atrás no qual a religião já era uma forte aliada e se constituía como importante fator de preservação da etnia e da cultura, influenciando na percepção do valor das raízes étnicas, as quais eram refletidas nos costumes, nas tradições e nos comportamentos dos indivíduos, bem como no sentimento, no apoio à comunidade e na possibilidade de conhecimento da língua dos antepassados que era muito usada na esfera religiosa como língua litúrgica.

Essa língua litúrgica, também chamada de polonês litúrgico, de acordo com Ambroziak (2017, p.23) "permaneceu a mesma, conservada com todos os detalhes através das gerações, passada numa tradição oral e constituindo-se, até agora, como uma das mais importantes marcas

da identidade étnica dos polono-brasileiros". Essa conservação é apontada pela CbGIF ZU que salienta que a igreja funciona, na comunidade, como um guia para os poloneses e é a partir dela que ainda é possível manter os costumes e a língua, já que, conforme afirma, é comum em cerimônias religiosas, principalmente, em datas festivas, ter alguma coisa que retome a língua e a tradição, a primeira representada pelos terços e cantos, feitos em polonês e a segunda, por meio da bênção dos alimentos em época de páscoa.

Da mesma forma, o CaGIIM ZU também acredita que "*a igreja e a cultura polonesa, há mil anos caminham juntas*". Tal afirmação retoma e permite identificar que foi também a partir da religião que os processos de integração dos imigrantes poloneses na sociedade brasileira foram facilitados, já que, além de estimular a preservação dos costumes étnicos, também possibilitou e ainda possibilita o resgate do patrimônio cultural do grupo, não podendo ser deixado de lado o fato de que esse movimento foi ainda mais intensificado depois do papado de João Paulo II.

O informante CaGIIM ZR é um dos descendentes que cita a importância e a simbologia que a eleição de um papa polonês teve para o grupo étnico não só de Virmond, como também de outras localidades, pois ao terem um representante católico da mesma etnia, além de ser possível reafirmar o desejo de preservação e transmissão dos costumes, da devoção à Nossa Senhora de Monte Claro e ao culto à religião também permite que façam o uso da língua polonesa nas rezas, cânticos e em datas festivas. Além disso, essa representação também favoreceu para que houvesse uma mudança na visão das pessoas em relação ao grupo étnico.

Eu acho que teve vários fatores que contribuíram para que o povo de Virmond fosse visto de uma forma mais bonita, digamos assim, pra mim, esse movimento de preservação a partir da igreja sempre foi forte, mas a eleição do papa João Paulo II teve papel essencial para que houvesse essa alteração nos modos pelos quais as pessoas viam os descendentes porque ele levantou muito a estima do povo polonês. (CaGIIM ZR).

A questão levantada pelo informante também é tratada por Ambroziak (2017), que evidencia que, ao terem um representante étnico escolhido para ser chefe do catolicismo mundial, os descendentes de poloneses, espalhados pelo Brasil, passaram a ser reconhecidos como um importante grupo étnico na sociedade brasileira ganhando visibilidade não só no âmbito religioso, mas também na luta para manter suas origens, sua língua e sua cultura. Além disso, o orgulho de suas raízes étnicas passou a ser ainda mais mostrado, agora em público, o que fez com que surgisse também naqueles que ainda tinham receio ou não queriam pertencer

a uma minoria étnica, o desejo de ter iniciativas diferenciadas, saindo de seu isolamento cultural e social para se identificar publicamente como polonês.

Malinowski (2005) acredita que o fato de um papa polonês ter sido escolhido, juntamente com tudo que aconteceu, depois, na história da Polônia foi um "efeito dominó" que trouxe muitas consequências para a diáspora polonesa no Brasil como a integração dos ambientes polônicos e a animação de suas atividades organizacionais que começaram, mais fortemente, a representar os valores da etnia fazendo surgir novas sociedades, organizações e movimentos étnicos que encontram, na religião, uma forma de resgatar e manter a língua e a cultura polonesa.

No entanto, como foi possível identificar no decorrer dos relatos, na comunidade de Virmond, não é somente a religião que contribui para que a cultura polonesa seja mantida e valorizada já que nos eventos étnicos organizados, não há uma participação específica de descendentes de poloneses, mas também de pessoas de localidades vizinhas que possuem origens diferenciadas e que prestigiam os eventos por causa da culinária, da música e da dança folclórica. Por outro lado, nas celebrações religiosas, a língua polonesa se constitui como elemento unificador, uma vez que só participam dos terços e missas organizadas pela Braspol, as pessoas que têm descendência polonesa e que possuem algum conhecimento, mesmo que mínimo, da língua.

Cabe salientar que as cerimônias religiosas em língua polonesa na comunidade de Virmond são esporádicas e ocorrem, principalmente, em datas comemorativas como no aniversário do município e dia da padroeira, por exemplo. Nessas datas, a Braspol, juntamente com o padre, organiza um coral de descendentes de poloneses para os cantos e a missa é rezada na língua de imigração. Já os terços, de acordo com os relatos dos informantes, são feitos todo primeiro domingo do mês, também em língua polonesa e reunindo membros do grupo étnico polonês.

Ainda com relação ao assunto, é preciso evidenciar que dois dos informantes não citam a religião como tradição cultural, sendo eles da geração mais nova e moradores da zona urbana, porém, quando questionados sobre suas respostas, dizem que se esqueceram de comentar sobre o assunto, porque para eles que participam do grupo folclórico Maly Polaci, parece haver uma relação tão grande entre a dança e a igreja que até esqueceram que são coisas diferentes.

Além da religião, dez informantes também destacam a culinária como uma tradição cultural e evidenciam que a principal atividade relacionada à gastronomia é o jantar típico

polonês, mas que, em casa, muitos descendentes ainda mantêm o hábito de cozinhar pratos típicos da etnia: a broa de milho, o pirogue, a sopa azeda feita com carne de porco e beterraba e o repolho azedo, dentre outras iguarias, mantendo, de alguma forma, os costumes étnicos. Já a dança foi citada por apenas três dos entrevistados, todos pertencentes à GI da zona urbana, sendo dois deles integrantes do grupo folclórico de danças do município. Também houve uma informante que citou, além da religião, da dança e da culinária, o artesanato como sendo um traço identificador da cultura dos descendentes de poloneses. A CaGIF ZU ainda enfatiza que, em muitas casas, ainda é possível encontrar pinturas, toalhas e bordados que são feitos, à mão, pelas mulheres e que representam as cores e as formas da Polônia.

Ainda com relação às tradições culturais, o informante CaGIIM ZR, mesmo concordando que a religião ainda é hábito que mais identifica culturalmente os descendentes de poloneses, acredita que poderiam haver melhorias nesse âmbito e afirma que já sugeriu e ainda busca um aprofundamento no conhecimento do grupo étnico em relação aos costumes étnicos, bem como mais incentivo para a participação de um número maior de pessoas não só nas cerimônias como também no planejamento e execução delas.

Acho que poderia ser melhorado, o jantar típico poderia ser muito mais do que uma confraternização, um encontro de poloneses e pessoas de fora, os jantares que fazem, não tem dificuldade nenhuma pra vender 600, 700 convites, vem pessoas de todo lugar pra prestigiar, é claro que isso é muito importante, a questão do grupo folclórico de danças, também é muito legal, mas eu acho que deveria ser feito uma espécie de calendário anual, começar desde o início do ano, ensinar para as crianças todas as questões que envolvem também a religião, toda a parte né... que nem a tradição das *pisanki* que significa ovos de páscoa, mas que são os ovos, de galinha que são decorados de acordo com regiões da Polônia e que fazem parte da cesta de alimentos que é levada para bênção na época da páscoa, a própria tradição de montar a cesta né, em Virmond, hoje, são mais de cem famílias que levam as cestas para benzer no sábado de aleluia e a Braspol confecciona os carneirinhos de chocolate branco, originalmente teria que ser feito de manteiga né, esse cordeiro, mas fica muito lindo porque o cordeiro é o símbolo de Jesus, tudo isso é muito bonito porque tem todo o sentido da páscoa, o cordeiro ressuscitado sem falar que tipicamente polonês esse costume, mas que nem te disse, poderia abranger muito mais pessoas, principalmente as crianças, acho que tinha que repassar pra elas as tradições, explicar o sentido de cada. (CaGIIM ZR).

A partir do relato do falante, é possível identificar que ele aciona o componente cognoscitivo da atitude linguística, uma vez que demonstra um conhecimento sobre as tradições polonesas que envolvem a Páscoa, bem como as ações realizadas antes dessa data e que

possuem uma grande importância para os descendentes que, conforme ele afirma, adaptaram a forma de confeccionar o carneirinho, porém, não deixaram de ressaltar o verdadeiro sentido do símbolo. Por outro lado, também é perceptível o acionamento, feito pelo CaGIIM ZR, dos componentes conativo e afetivo uma vez que se posiciona de forma crítica e demonstra a intenção de mudanças em relação às confraternizações estabelecidas, a partir do jantar típico, da dança folclórica e das atividades que antecedem a Páscoa, pois acredita que tais ações, por trazerem uma função social para a língua e para as tradições polonesas, poderiam abranger muito mais pessoas, inclusive as crianças que, ao aprenderem mais sobre sua origem, poderiam repassá-las às gerações futuras contribuindo assim para que não se perdesse no decorrer do tempo. Além disso, demonstra um valor afetivo quando afirma que a tradição é muito linda, demonstrando o sentimento de orgulho e, ainda, o desejo de que a tradição seja repassada adiante, principalmente para a geração mais nova.

A esse respeito, Gomez e Molina (1998, p.31) afirmam que os componentes da atitude estão inter-relacionados, mas é o elemento cognoscitivo que possui maior importância, pois "nele intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes [...] e suas expectativas sociais (prestígio e ascensão)". Os autores, por fim, também evidenciam a importância da função conativa que pode influenciar de forma direta nas crenças e nos valores transformando-os em intenções e comportamentos, sejam eles positivos e/ou negativos e tais comportamentos se relacionam "à conduta que o falante tem diante das situações às quais é condicionado e que determinam suas escolhas em diferentes situações em que se encontra como, por exemplo, escola, trabalho, amigos, entre outros".

Complementando tal concepção, Pastorelli (2011) aponta para uma situação na qual, mesmo que a atitude não seja concretizada em um comportamento do falante, pode ser materializada a partir de uma postura, de uma intencionalidade que, por sua vez, são embasadas nos fatores cognoscitivo e afetivo. Essas posturas são notáveis quando os informantes demonstram o anseio e a necessidade de busca pela manutenção dos costumes étnicos e, principalmente, de repassar às gerações mais novas os conhecimentos a respeito de suas tradições culturais, bem como o ensino do significado de cada um. Para dar continuidade ao assunto e aproveitando que os informantes salientaram a notoriedade das tradições culturais, aproveitamos para indagá-los sobre qual a importância, na opinião deles, da língua/cultura polonesa para Virmond.

Todas as respostas, sem exceção, são afirmativas quanto à importância, tanto da língua quanto da cultura para a cidade e o que se nota é que apesar de o uso do idioma polonês já não ser tão frequente pela geração mais nova, ainda é considerado como essencial para a formação identitária do grupo étnico, pois a maioria dos informantes, quatorze deles, evidenciam o desejo de recuperar a língua de imigração ou, pelo menos, não deixar desaparecer o pouco que se sabe sobre ela. Já no que diz respeito à cultura, os informantes salientam que esta é essencial, pois é a partir das tradições culturais que está ocorrendo um movimento para buscar a manutenção do polonês no município, além disso, os relatos ainda evidenciam que, a partir da cultura polonesa, a etnia tem ganhado destaque novamente, não só em Virmond como nas cidades da região.

De acordo com Hansen (1938), essa questão se mostra interessante se forem analisados alguns motivos, dentre os quais, vale a pena expor que, pelo fato de a cultura polonesa ser pesquisada atualmente, ela também está sendo redescoberta e reconhecida por aqueles que, antes, não demonstravam interesse por tais assuntos e, por isso, evidencia uma força na terceira, quarta e até na quinta geração dos descendentes da "velha imigração", confirmando o processo histórico da língua no qual os pais prezam pela língua e cultura étnica, os filhos esquecem ou rejeitam (na maioria das vezes eram impostos a esquecer), os netos e bisnetos redescobrem, relembram e respeitam. Na mesma direção, Ambroziak (2017, p.12) ressalta que, nas comunidades étnicas, é notável que são as primeiras gerações que entram em conflito quando convivem entre duas culturas, principalmente, quando estão inseridas em um contexto social no qual seu grupo é desvalorizado, que foi o que aconteceu com os poloneses no Brasil e "precisam constantemente (re)negociar ou defender o valor de sua identidade. Por outro lado, as gerações seguintes são melhor assimiladas e até misturadas com outras etnias podendo, assim, escolher livremente sua identidade étnica".

Os informantes CaGIIM ZU e CbGII ZR salientam que a cultura polonesa é tão forte no município e entre as famílias que será difícil, mesmo que um dia a língua polonesa já esteja completamente esquecida, que essas tradições culturais se apaguem. Já as informantes CbGIIF ZR e CbGII ZU, que não falam sobre a recuperação da língua polonesa durante a entrevista, explicam que, apesar de saberem que foi e é muito importante para a constituição da cidade, acreditam que dificilmente haverá uma retomada no uso do polonês, pois poucas pessoas sabem falar e, com o tempo, pelo fato de não ser repassada de geração em geração, a língua de imigração vai, na opinião delas, desaparecer progressivamente.

Ainda sobre a importância da cultura e da língua polonesa para o município de Virmond/PR, chamou a atenção o relato da CaGIF ZU que, ao contrário dos demais falantes, diz que a língua polonesa é a responsável pela manutenção das tradições e não o contrário, conforme pode ser notado no seu comentário:

As duas são importantes né, bem importantes, mas eu acho que a língua é ainda mais porque é através da língua que se mantêm as tradições, acho que a partir do momento que não tiver mais quem pratique o polonês aqui, eu acho que vai morrer nossa cultura polonesa e isso é triste né, na minha opinião.

A partir do relato da informante é possível identificar que ela aciona o componente afetivo da atitude quando afirma que é a partir da língua que as tradições são mantidas e, além disso, demonstra um sentimento de tristeza ao constatar que, pelo fato de ser pouco praticado na cidade, o polonês tende a desaparecer com o tempo morrendo com ele também a cultura. De acordo com Rodrigues (1972), o componente afetivo está relacionado às emoções e aos sentimentos que um indivíduo possui em relação a um objeto social, podendo ser positivas ou negativas.

Esse relato da CaGIF ZU é bastante interessante pelo fato de que, mesmo admitindo, em outros momentos da pesquisa, que a língua polonesa está sendo cada vez menos usada e que tende a se apagar, caso não haja um movimento de retomada dos ensinamentos do idioma, ainda a classifica como mantenedora das tradições e dos costumes étnicos. Já quando questionada sobre os motivos que têm levado as pessoas de fora a visitarem Virmond, afirma que é a cultura que tem atraído turistas para a cidade e não a língua polonesa.

A gente sabe que os outros acham bonito o polonês né, que acham legal ouvir quem sabe falar, mas acho que se fosse só pela língua, não iam se interessar tanto, o que mais atrai turista aqui é nossa cultura né... digamos assim, nossas tradições que envolvem a cultura, tipo... a casa da memória, a festa da padroeira, as apresentações do grupo de danças e principalmente nossos jantares poloneses. (CaGIF ZU).

O relato acima evidencia o conhecimento que a informante possui sobre a visão que as pessoas "de fora" têm sobre os descendentes e suas tradições culturais, além de expor, a partir da frase "*se fosse só pela língua, não iam se interessar tanto*", a crença de que o turismo não ocorre, na cidade, devido à língua, mas sim, devido a outros aspectos como a culinária, a dança e as festas. De acordo com López Morales (2004), as crenças dos indivíduos não afetam apenas a forma como eles se comportam, mas também como percebem os comportamentos dos outros

em relação a seu ambiente, à sua língua e às suas tradições elementos estes que agregam muitas informações e muitos sentimentos que, na maioria das vezes, vão produzir atitudes.

Na mesma direção, os outros quinze informantes também afirmam que, por meio das visitas realizadas na Casa da Memória, dos eventos gastronômicos e religiosos, a cultura polonesa é o que mais atrai turistas para a cidade. Anteriormente, o CaGIIM ZR já havia salientado que o jantar típico polonês, organizado pela BRASPOL todo ano, está atraindo aproximadamente 700 pessoas que vêm de outras localidades para prestigiar o evento. Além disso, o informante ainda ressalta que a Casa da Memória está ganhando, cada vez mais, destaque e tem movimentado a cidade, pois segundo ele, muitas pessoas estão curiosas para saber quem foram os primeiros poloneses que chegaram a Virmond, quais eram os instrumentos que utilizavam para a lavoura, para a cozinha, como se vestiam, dentre outras características.

É importante frisar, mais uma vez, que a Casa da Memória de Virmond, como o próprio nome já remete, é uma réplica da casa de Paulo Palinski, um dos primeiros poloneses que chegou à então Colônia Amola Faca. Tudo na casa, tanto dentro quanto fora, relembra a cultura polonesa, desde a carroça, posicionada ao lado da construção, que retoma as formas de locomoção dos imigrantes, até as fotos e objetos usados pelas famílias que se encontram dentro da casa como é o caso do ferro a brasa, do pilão, dos berços dos bebês, talhados em madeira com formato de cuba.

A informante CaGIIF ZU também comenta sobre o aumento do turismo no município e explica como ocorrem as visitas na Casa da Memória que, segundo ela, são muito bem organizadas.

O turismo é muito bem estruturado aqui viu, não tem esse negócio de passar vergonha, tipo quando vem alguma autoridade visitar ou pessoas de fora mesmo, tem que saber explicar o porquê daquilo tudo, no caso do jantar, o porquê da comida, no caso da casa tem que saber explicar o porquê dos objetos. Com muito respeito, os meninos do grupo folclórico, que são, digamos assim, os recepcionistas, também têm uma postura respeitosa, eles têm uma elegância assim, respeito por aquilo que estão fazendo, além de usarem o traje polonês de acordo com a ocasião, é muito bonita a forma de comportamento deles, mesmo que estejam em um clube, ou dentro da igreja, a forma deles se comportarem é a mesma. É bem bonito de ver, eu tenho muita coisa, muitas fotos sobre eles. (CaGIIF ZU).

Identifica-se, a partir do relato da CaGIIF ZU, o conhecimento que ela possui sobre como ocorrem as visitas turísticas na cidade e a forma com que os integrantes do grupo

folclórico se portam e se vestem nessas ocasiões. Além disso, é perceptível a atribuição de valor que faz em relação às organizações estabelecidas na Casa da Memória para o recebimento de turistas que, conforme ela afirma, "*é bem bonito de ver*", sentimento que complementa, de acordo com Lambert (1967), o componente cognoscitivo e evidencia as atribuições de valor e prestígio a determinada língua ou cultura que são representados por atitudes positivas.

O informante CbGIIM ZR também fala sobre o turismo na comunidade e ainda explica o porquê não há uma estátua da padroeira na praça municipal que, segundo ele, juntamente com a Casa da Memória, é um dos lugares mais visitados de Virmond.

Ah! traz, a casa da memória, os próprios pratos do jantar típico atraem bastante gente de fora, a nossa santa ali da praça que não é a Nossa Senhora de Monte Claro porque, não sei se você sabe que a nossa padroeira não tem estátua, só quadro, então foi colocado na praça Nossa Senhora das Graças porque assim, ela representaria todas as santas e principalmente a nossa né, a casa da memória também, sempre vejo bastante gente que passa na BR e vê a Santa e vem tirar foto ali na escada da santa e acaba conhecendo a casa da memória também, e a gente percebe que se interessam, acham bonito.

É possível notar, na declaração do CbGIIM ZR, que ele conhece e compreende o turismo da cidade, falando sobre os lugares que atraem turistas como também explica o fato de, ao lado da Casa da Memória, ter uma outra santa que não a padroeira da cidade percebendo, dessa forma, que ela chama a atenção e é admirada pelos visitantes, pois é visível desde a entrada até a saída da cidade que é atravessada pela BR 277. É importante evidenciar, mais uma vez, que para Lambert (1993, p. 233), "é no elemento cognoscitivo que estão incluídas as percepções, as crenças e os estereótipos presentes no indivíduo", por esse motivo, ao perceber os posicionamentos dos turistas em relação à Santa e à Casa da Memória e ao expor suas crenças e seus conhecimentos sobre o turismo na cidade, o informante aciona o componente cognoscitivo da atitude.

Além do turismo, mais uma vez, alguns descendentes relembram o fato de que, não são só pessoas das cidades vizinhas, mas de localidades mais distantes e, principalmente, da própria Polônia têm visitado e prestigiado a cultura polonesa de Virmond. É muito evidente o orgulho que os informantes demonstram em relação a esse turismo e às reportagens que têm sido feitas sobre o município e sobre o grupo étnico. O CbGIIM ZU relembra da visita feita pela equipe da TV RPC que, segundo ele, visitaram todos os pontos turísticos da cidade e quiseram provar as comidas típicas polonesas. Além da *RPC*, ainda salienta que o programa E-manhã, da *TV*

*Paraná Turismo*, também fez reportagens sobre a população e os costumes étnicos poloneses e, mais recentemente, no ano de 2020, o repórter da *TVP Polonia* visitou a comunidade.

A Casa da Memória foi muito citada no decorrer da pesquisa por todos os informantes e não foi diferente quando perguntamos se havia, no município, algum ícone cultural que fizesse com que a cidade fosse reconhecida como polonesa. Todos os informantes disseram que, sem dúvidas, é a Casa da Memória, alguns ainda complementam que, não só a Casa, como a praça municipal como um todo, é um ícone cultural. Abaixo, apresentamos o relato do CaGIM ZR, que exemplifica tais respostas.

O ícone de Virmond é, com certeza, a nossa praça que tem a casa né que foi baseada na estrutura, no modelo que eram as casas dos poloneses, a praça é uma réplica, inclusive meus avós tinham uma casa exatamente do mesmo jeito que a casa da memória. Até teve uma reportagem que o canal do boi veio fazer na casa do meu diádio, da minha batia, hoje foi derrubada já, que era uma casa centenária, construída pelos meus avós, e ele era um dos pioneiros poloneses aqui no Virmond, não tinha ninguém morando, eles ajudaram construir, tem uma história grande na parte da construção da cidade. (CaGIM ZR).

Essa afirmação do informante evidencia que ele possui uma percepção sobre a construção da casa da memória e utiliza-se da memória da casa de seus avós para compará-la às casas dos primeiros imigrantes poloneses da cidade, ou seja, às construções e aos modelos antigos de residências. Conhecimentos dessa natureza, de acordo Lambert (1967) é o nível primário de funcionamento das atitudes, pois aciona a capacidade que o indivíduo tem para memorizar, fazer comparações, perceber e discriminar um determinado objeto social.

A informante CaGIIF ZR, da mesma forma, concorda que a estrutura da Casa da Memória é idêntica às construções antigas dos moradores da cidade e salienta que ainda é possível encontrar residências que pertenciam a descendentes mais antigos da cidade, muitos já falecidos como é o caso, segundo ela, da casa do senhor Jorge Radecki, que comprova tal semelhança. Lembra também de como eram bonitas as casas dos imigrantes, comentando que quando a situação financeira permitia, utilizavam cores vivas para destacar a pintura e que eram rodeadas de jardins floridos e bem cuidados o também ocorre na Casa da Memória, que é contornada por flores e árvores e que tem, ao lado, a Santa para abençoar.

O relato da CaGIIF ZR retoma as considerações de Lambert (1967) e permite que sejam identificados os componentes cognoscitivo e afetivo da atitude, pois ao utilizar a memória para lembrar de como eram as casas dos imigrantes, a informante, além de acionar seus

conhecimentos sobre tais construções, também se posiciona de forma positiva ao afirmar que as residências eram bem cuidadas, floridas e muito bonitas.

Ao citar a imagem de Nossa Senhora das Graças que representa a padroeira do município e fica localizada ao lado da Casa da Memória, a informante também retoma o discurso religioso dos descendentes que, no decorrer da pesquisa, relembram que os primeiros imigrantes poloneses que chegaram a Virmond, vieram guiados pela imagem da santa, nesse caso, a padroeira da cidade e também, da Polônia que é Nossa Senhora de Monte Claro. Além disso, a CaGIIF ZR diz que a igreja também pode ser vista, de certa forma, como um ícone cultural porque, segundo ela, tem exatamente o mesmo formato da primeira igreja construída pelos imigrantes poloneses, na década de 1920, o que já não ocorre com as casas dos moradores de Virmond.

A padroeira de Virmond e da Polônia, como já citado anteriormente, é Nossa Senhora de Monte Claro, mas como não há estátuas que a representem e somente quadros, a população, em conjunto com o então prefeito municipal, decidiu representá-la na praça municipal através de Nossa Senhora das Graças.

Também perguntamos se, além das casas, houve alguma outra mudança dos descendentes em relação à sua língua e à sua cultura. As respostas de doze dos dezesseis informantes, sendo oito da geração mais velha, são positivas, pois dizem terem ocorrido muitas alterações, principalmente em relação ao polonês que foi se perdendo e, nos dias atuais é falado por poucos e em algumas poucas situações diferentemente do que ocorria há algumas décadas:

Ah, sempre tá se perdendo alguma coisinha da língua, aos poucos, já não é tão falada quanto antigamente. Não sei, tá se perdendo, na verdade, tá tudo se misturando, a língua tá sendo modificada (CaGIIF ZU).

Teve muitas mudanças né!? Na cultura acho que não muito, mas a língua foi se misturando, as pessoas foram aprendendo o português e foram deixando o polonês de lado, antigamente, muita gente falava, hoje já tem bem poucos. (CbGIIM ZR).

A resposta da CaGIIF Zu evidencia seu conhecimento em relação à língua que era falada antigamente na cidade e à língua usada nos dias atuais que, segundo ela, foi se misturando e se modificando no decorrer do tempo. De acordo com Spinassé (2008), tal mudança faz parte de um processo natural linguístico que se integra de acordo com seus contextos de uso e evidencia que não são somente os elementos da língua que se misturam, mas também a identidade e os

aspectos culturais. No entanto, como a cultura polonesa ainda prevalece na cidade, conforme relato do CbGIIM ZR, as alterações mais perceptíveis na comunidade estão relacionadas à língua e aos descendentes mais da geração mais velha, o que pode estar atrelado ao fato de que, na maioria dos casos, estes fazem parte das primeiras famílias polonesas que chegaram à cidade e, por isso, puderam conviver mais com pessoas que também falavam a língua de imigração e que mantinham seus costumes étnicos.

Por outro lado, os informantes da GI, todos moradores da zona urbana, dizem não saber se houve realmente muitas mudanças linguísticas porque, conforme eles, desde que nasceram, a língua polonesa já era pouco usada. Em relação à cultura, quatorze dos entrevistados acreditam que as tradições culturais ainda são mantidas na maioria das famílias e que é a partir dessa manutenção que está sendo possibilitada a mudança na visão e no comportamento das pessoas de fora e, principalmente, dos descendentes de poloneses que passaram a atribuir maior prestígio a própria origem étnica e a valorizar a cultura polonesa.

Porém, dois informantes ressaltam que existem, sim, mudanças no que diz respeito aos costumes poloneses, como se pode notar:

Os costumes mudaram bastante da minha época pra cá. Na própria igreja mudou, no começo as igrejas eram porta aberta dia e noite e tinha os cabritos desses Radecki que entravam dentro quando chovia, virava uma sujeira, daí começaram com o costume de fechar. Também era diferente pra rezar, as mulheres sentavam de um lado, homens de outro e o padre vinha, entrava, então, na parede tinha assim um poleiro alto para praticar falar e cantar, tipo uma área, que bonito era. Meia hora cantando e rezando em polonês e meia hora em português. Hoje em dia já é bem diferente, não respeitam muito a tradição. Fomos nós que construímos a igreja e é diferente agora (CaGIIF ZR).

Claro que ainda existem muitas coisas que fazem parte da tradição polonesa que nós mantemos aqui na cidade, mas se você for comparar com o que era antes, mudou muito já, desde a comida... o repolho azedo, hoje em dia, fazem, mas colocam vinagre, são poucos que fazem do jeito certo mesmo que é deixar fermentar por si, a roupa né, claro que isso ocorre né, as coisas mudam, a moda influencia, tudo se adapta, mas mudou sim. (CbGIIM ZU).

Tais comentários demonstram que, apesar de a maioria dos descendentes não admitir ou não perceber, a cultura polonesa também se alterou no decorrer dos anos. No primeiro relato, o que se nota é que a informante tem uma consciência sobre as alterações ocorridas no âmbito cultural e nos costumes étnicos dos descendentes, além disso, quando afirma que *"hoje em dia é bem diferente, não respeitam a tradição"* expressa uma atitude de reprovação e se posiciona

de forma contrária a isso diferentemente do CbGIIM ZU que também aponta para mudanças nos aspectos culturais, mas parece aceitar a nova realidade quando salienta que "*as coisas mudam, a moda influencia, tudo se adapta*".

Dessa forma, apesar de terem a mesma visão de que as tradições culturais polonesas foram modificadas no decorrer do tempo em Virmond, os informantes possuem opiniões e posicionamentos diferentes quanto à situação. Tais diferenças de posicionamento, de acordo com Barcelos (2006) podem ser classificadas como crenças já que expressam uma forma de pensar, de perceber a realidade e ver o mundo por meio de experiências que são construídas coletivamente e são resultado de um processo interativo de interpretação e de (re)significação, mas, ao mesmo tempo que são sociais, também são individuais e mudam de acordo com cada indivíduo e com cada contexto.

Apesar dessas constatações e mesmo que tenham ocorrido mudanças na cultura polonesa, são as alterações da língua que mais se destacaram, na concepção dos descendentes.

#### 4.2 ANÁLISE DAS PRINCIPAIS SITUAÇÕES DE USO DO POLONÊS EM VIRMOND/PR

No decorrer da vida, os falantes estabelecem contato com diversas pessoas, culturas e línguas compreendendo os diferentes comportamentos e fazendo avaliações sobre os mais variados fenômenos linguísticos. Essas avaliações são feitas de forma constante, mas nem sempre de forma consciente, podendo ser atribuídas às diferentes formas linguísticas, valorações sociais igualmente diferentes a depender das pressões sociais que agem constantemente sobre a língua. Tais pressões, de acordo com Labov (2008, p.21) "não partem de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo".

Nesse sentido, são as exigências do contexto atual que fazem com que os falantes utilizem determinada língua em uma dada comunidade de fala. Além disso, também é preciso considerar que as avaliações sociais da língua e as diferentes percepções do falante, em relação à fala como um todo, são feitas, de acordo com Labov (2008[1972], p.360), a partir de três níveis de consciência ou de reação do falante, a saber: indicadores, marcadores e estereótipos. Os primeiros "são traços linguísticos encaixados numa matriz social, mas não exibem nenhum padrão de alternância estilística e parecem ter pouca força avaliativa. Os marcadores, por sua vez, exibem tanto os traços linguísticos sociais quanto estilísticos e permitem efeitos bastante

consistentes sobre o julgamento, consciente ou inconsciente, do ouvinte sobre o falante". Já os últimos dizem respeito ao julgamento, que é consciente, e aos modos pelos quais o falante classifica alguns usos linguísticos se configurando como formas socialmente marcadas e rotuladas de forma enfática pela sociedade.

O que se pode notar, dessa forma, é que as avaliações sociais sobre os modos de falar do outro, bem como a escolha e o uso de determinada língua ou variedade estão diretamente ligadas ao grau de consciência linguística de cada indivíduo que é, de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (1968) determinante, também, para a constituição da identidade linguística dos falantes. Complementando tal ideia, Freitag (2016, p. 109) afirma que "o que faz com que uma variável seja sensível, ou não, à avaliação em uma comunidade pode ser atrelado ao grau de consciência, seja linguística, social ou ideológica do falante". A autora ainda evidencia que, ao observar, não só os comportamentos, mas também as crenças e atitudes dos indivíduos diante de determinados fenômenos linguísticos, será possível mensurar a percepção da diferença entre uma variante e outra, bem como de um fenômeno sociolinguístico.

Tal consideração pode ser relacionada aos comportamentos dos descendentes de poloneses do município de Virmond/PR que demonstram perceber as diferenças existentes entre o uso que fazem do polonês, ou do português com interferências da língua de imigração, e do uso linguístico feito pelos demais habitantes da cidade. Além disso, como se pode notar mais adiante na pesquisa, também possuem a percepção de que a língua que usam nem sempre foi prestigiada e que fazem parte de um grupo minoritário, o que comprova as postulações de Appel e Muysken (1996) que afirmam que alguns falantes percebem que sua língua será pouco usada em outros contextos de comunicação, mas continuam possuindo atitudes positivas e sendo leais a ela, mesmo sabendo que é diferente dos modos de falar do grupo majoritário.

São esses diferentes modos de falar em uma dada comunidade que podem desencadear crenças sobre o falante e sobre sua participação no grupo social que são influenciadas por ideologias de linguagem e que, por esse motivo, evocam, mesmo que de forma inconsciente, preconceitos e estereótipos linguísticos sobre uma variedade que é diferente das demais usadas na sociedade (FREITAG et.al 2015, p.110).

Tais crenças e estereótipos foram sendo modificados na comunidade de Virmond com o passar dos anos influenciando de forma direta nas atitudes e posicionamentos não só dos descendentes de poloneses como também dos moradores de cidades vizinhas que antes viam o grupo étnico polonês de forma estigmatizada e estereotipada por causa do seu modo de falar,

que era diferente do uso linguístico feito pelos demais indivíduos da sociedade e que, atualmente, os prestigiam cultural e linguisticamente.

Essas mudanças de comportamento podem estar relacionadas, de acordo com Lambert e Lambert (1972) a quatro princípios de aprendizagem que tendem a alterar a atitude de um falante caso ele perceba: a) que é uma vantagem mudar para que um objetivo possa ser alcançado; b) que será mais fácil ser incluído em algum grupo; c) que conseguirá prestígio e status social e, d) que terá vantagens e satisfará suas necessidades.

Pode ser, também, que ocorram mudanças nas atitudes caso existam condições adequadas para que sejam aprendidos novos sentimentos e caso haja novas experiências que façam com que um indivíduo que teve uma experiência negativa, em outro momento, passe a ter novas e agradáveis experiências com o mesmo objeto social, fazendo com que o sentimento e atitudes de rejeição deem lugar para atitudes positivas. No caso do município de Virmond/PR, houve muitos descendentes de poloneses que passaram, anteriormente, por experiências negativas em relação à língua de imigração e se posicionavam de forma negativa, mas, que no decorrer dos anos, tiveram possibilidade de viverem novas experiências, agora positivas, e que alteraram não só o modo como percebiam a língua polonesa, mas também suas atitudes diante dela, mesmo sabendo que os modos de falar dos descendentes são diferentes dos demais habitantes da cidade.

É possível afirmar que é a partir dessa percepção da diferença entre os modos de falar que são instauradas as atitudes sobre as reações, positivas ou negativas e que mais uma vez evidenciam os componentes: cognoscitivo que expressa pensamentos e crenças dos falantes sobre determinada variedade; afetivo que corresponde aos sentimentos em relação a um objeto social, nesse caso, a língua polonesa, e conativo que está relacionado ao comportamento do falante diante de um uso linguístico.

Esses comportamentos, principalmente se forem positivos, são muito importantes para que seja mantida ou restabelecida uma vitalidade alta do grupo, pois, conforme aponta Fishman (2001), por meio da vitalidade linguística, também será possível fazer com que os falantes tenham atitudes positivas sobre a língua de herança e sobre sua etnia. A língua de herança, dessa forma, é avaliada de forma diferente e ganha nova significação social.

Sobre o termo língua de herança, é importante relembrar que, conforme Ortale (2016, p.27) "é aquela com a qual um falante se identifica e conserva um sentimento de pertencimento a determinada comunidade étnica mantendo, assim, laços com seus ancestrais a partir do uso

linguístico". Por outro lado, a designação também pode favorecer uma estigmatização e o desejo de não pertencer a um grupo julgado como minoritário, que fala uma língua pouco conhecida e prestigiada em outros contextos.

São esses posicionamentos e as principais situações de uso do polonês como língua de herança na comunidade de Virmond, bem como seu status linguístico que buscamos nesta seção. Para tanto, questionamos os entrevistados sobre a língua falada por eles e quinze dos informantes responderam sem hesitar que a língua que falam é o português enquanto o CaGIIM ZR afirma que fala duas línguas, o português e o polonês. A pergunta seguinte tinha o intuito de identificar quantas pessoas sabem falar o polonês e o resultado demonstrou que todos conhecem a língua, porém em níveis diferentes, já que onze dos entrevistados afirmam compreender e falar algumas poucas palavras do idioma no dia a dia, enquanto os outros cinco têm um conhecimento linguístico maior conforme pode ser notado nos relatos a seguir:

Eu falo polonês, sempre falei, na verdade agora quase não tenho com quem falar, mas o que mais entendo e falo bem mesmo é o polonês, em brasileiro não sei muito até falar (CaGIIF ZR).

Sim. Aprendi a falar desde pequeno algumas poucas palavras e em 2006, quando houve a necessidade de mudar a diretoria da Braspol, que viu que precisava de pessoas mais jovens à frente, comecei a me interessar mais e a estudar a língua. Aí também me dei conta da importância né, de fazer com que haja uma continuidade da geração (CaGIIM ZR).

Eu falo polonês, é um nível baixo, mas consigo me comunicar tanto é que quando estive aqui em Virmond o repórter polonês, conseguimos nos comunicar muito bem (CaGIIM ZU).

O relato da CaGIIF ZR demonstra uma identificação que é maior com a língua e com a etnia polonesa. Por outro lado, há uma negação do ser e falar brasileiro que é bastante interessante, já que, em outros momentos da entrevista, a informante relata que chegou no Brasil ainda bebê e que teve que aprender português na escola, na época em que o presidente Getúlio Vargas proibiu o uso do polonês e de outras línguas de imigração complementando que "*na escola tinha que falar português, mas quando chegava em casa era só polaco*".

Essas atitudes linguísticas da CaGIIF ZR, além de retomarem as considerações de Silva (2000) sobre a identidade e diferença, também são embasadas por Lambert e Lambert (1972) que afirmam que as atitudes são formadas por crenças, pensamentos, emoções e reações do falante que são adaptadas ao contexto social. Esse é o caso dessa informante que falava

português no contexto escolar porque era obrigada a isso e em casa usava a língua polonesa que, segundo ela, é a que compreende e fala melhor mesmo não tendo nos dias atuais com quem falar, ou seja, adaptava sua fala de acordo com a necessidade de comunicação.

Já o informante CaGIIM ZR expõe uma situação de uso do polonês que é diferente pois, segundo ele, até o ano de 2006 falava algumas poucas palavras, mas devido a uma necessidade de mudança na diretoria da BRASPOL, passou a se interessar e a estudar mais a língua polonesa e, a partir desse momento, se deu ainda mais conta de sua importância e da necessidade de repassá-la às gerações futuras. Nos dias atuais, o informante é referência para a comunidade sendo fluente na língua polonesa, idealizador da Casa da Memória e autor de livros que contam a história da colonização e emancipação de Virmond, bem como da página que rememora os cem anos da colonização polonesa, resgatando a trajetória das primeiras famílias de imigrantes poloneses que chegaram à localidade.

Apesar de ser importante destacar que a busca pelo conhecimento da língua foi o ponto de partida para o seu novo posicionamento diante do grupo étnico, é possível identificar que o informante constrói suas crenças a partir do momento que passa a ter maneiras diferentes de ver e de perceber a realidade à sua volta, a qual é construída a partir de suas experiências que, conforme aponta Barcelos (2007, p.13), "são resultantes de um processo interativo de interpretação e (re) significação". Assim, é possível afirmar que o informante ressignifica, na comunidade virmondense, o ser e falar polonês não só individual, mas também coletivamente instaurando, mesmo que de forma inconsciente, uma nova avaliação sobre o uso linguístico que agora ela acredita ser prestigiada.

Por fim, o CaGIIM ZU evidencia uma percepção de um nível baixo de conhecimento da língua polonesa, porém afirma ter conseguido se comunicar muito bem com o repórter polonês, ou seja, compreende e fala a língua de imigração de uma forma que lhe permite se comunicar com um nativo da Polônia. Esse posicionamento do falante em relação à sua língua pode ser ligado, de acordo com Cyranka (2007, p.20) "à avaliação linguística e ao julgamento que ele faz sobre seu próprio e sobre o desempenho linguístico de seu interlocutor".

Por outro lado, as respostas dos informantes da GI foram parecidas, porém o que chamou a atenção foi o fato de negarem, em um primeiro momento, falar polonês. No decorrer da conversa, foi possível identificar que acreditavam que seriam avaliados por alguém quanto à pronúncia e quanto à fala na língua de imigração e, quando se sentiram mais à vontade, disseram que sabiam sim falar polonês.

Disse que não sabia falar porque, bem na verdade, eu sei só o básico né? Não sei se dá pra dizer que sei por que eu não sou fluente, o que eu sei, é porque tive o privilégio de aprender com meu diadio, então eu conversava muito com ele quando ele era vivo e agora, quando vou visitar algum cliente no interior ou quando eles vêm aqui, daí eu converso mais (CaGIM ZR).

Olha, não dá pra afirmar que sei, porque se for comparar com os que sabem mesmo, é muito pouco o que falo, é básico do básico tipo, aprendi em casa ouvindo meus pais, tive aula de polonês também com o padre João, mas naquela época, a gente, sei lá, muito criança, pré-adolescente, eu não dei o devido valor, mas com o tempo né e aqui aprendo com os pacientes também, eu brinco com os poloneses quando eles vêm aqui no posto, chegam, cumprimentam em polonês e vamos conversando até onde eu consigo entender, mas daí quando eles começam a querer conversar mais né, daí já digo que não tô entendendo, aí me explicam em português e continuamos [risos](CbGIM ZR).

O fato de os informantes negarem falar o polonês pode estar relacionado ao processo de diminuição e até perda da língua de imigração na comunidade que está, cada vez mais, sendo substituída pelo português e tem poucos falantes que ainda a utilizam para suas interações sociais sendo, dentre esses poucos, a maioria da geração mais velha. Dessa forma, por serem jovens, acreditam que o que sabem é insuficiente e que se forem avaliados pela sua fluência terão uma resposta negativa. Esse deslocamento e perda da língua de grupos minoritários estão, de acordo com Kleiman (1998), “simbolizado também pela perda, ou negação, da identidade que é consequência do maior uso de uma língua considerada dominante”.

Outro ponto interessante para se destacar é que esse deslocamento não é exclusivo da língua de grupos minoritários, mas leva em conta, principalmente, o fato de que a língua não existe por si só e só tem sentido quando é utilizada para interações, por isso, é preciso verificar a posição e as atitudes que um indivíduo assume em relação à determinada língua em um meio social. No caso dos informantes da GI, há um comportamento e uma atitude de negação o que possivelmente advém, conforme aponta Carvalho (2014, p. 3), “da interferência de forças históricas que atuam na atitude linguística dos falantes e que têm relação direta com a visão de mundo que eles possuem, já que toda comunidade de fala tem uma ideologia que transparece no comportamento linguístico de seus falantes”.

É evidente, dessa forma, que os comportamentos do CaGIM ZR e do CbGIM ZR têm relação direta com o posicionamento da comunidade de Virmond como um todo que, apesar de buscar manter o que ainda resta da língua, tem consciência de que, aos poucos, o polonês está se perdendo e sendo usado por um pequeno número de falantes em contextos específicos o que

gera uma insegurança quanto ao "falar" a língua polonesa, pois julgam que não a utilizam de forma "correta" e que não sabem o bastante para serem avaliados por pessoas "estranhas" à comunidade.

Esse posicionamento pode ser ainda mais observado pelo informante da Ca que se mostrou mais apreensivo ao ser convidado para a entrevista e, no início da conversa, parecia nervoso e incomodado, porém, conforme a conversa foi desenrolando, foi se acalmando e se monitorando menos e, a partir daí, contou sua experiência com o polonês e afirmou que, no dia a dia, por ser veterinário e por ter bastante contato com as pessoas do interior, principalmente os mais velhos, faz questão de cumprimentar em polonês para ver se a conversa na língua de imigração continua, assim, pode praticar o que o diadio (avô) ensinou para ele.

Já o informante da Cb disse que, quando perguntam se ele sabe falar, prefere dizer que quase não fala, porque assim não corre o risco de ser surpreendido por alguém fluente e passar vergonha. Porém, quando percebe que o intuito é falar sobre a importância da língua para ele, diz que gosta de mostrar, principalmente para os descendentes mais velhos, que entende e que consegue se comunicar em polonês, mas que quando percebe que a pessoa está falando mais e "esticando" a conversa, já avisa que entende o que ouve, mas que vai responder em português.

Além disso, ele diz que esta experiência é uma das causas pelas quais ele pega um táxi todo dia para ir e voltar do trabalho já que não sabe dirigir, não tem carro próprio e no município não há o serviço de uber. Segundo o informante, se ficasse em casa não teria essas conversas já que os pais, que já são mais velhos, falam muito pouco. O que se destacou, e muito, na conversa com o CbGIM ZR foi o fato de poder observar essa experiência relatada pelo informante, pois enquanto o entrevistava, um senhor chegou ao posto de saúde e o cumprimentou com a palavra "zdrowa!?" (bem?) e continuaram, por alguns poucos minutos, falando na língua de imigração, depois, o senhor se despediu com a palavra "dziękuję" (obrigado).

A respeito desses cumprimentos, o CaGIIM ZR comenta que, na Polônia, utilizar este termo, principalmente acompanhado de "mocno", ou seja, zdrową mocno que significa "a saúde está forte?" é uma indelicadeza.

É bastante delicado usar esses termos lá, ninguém gosta muito, este termo é mais usado na frase "Na zdrowie!" que é para brindar pela saúde, quando toma alguma coisa, já na saudação, o correto e formal seria: *jak się pan/pani ma?* que quer dizer como o senhor/senhora está? Já no informal seria: *Jak się masz?* (Como você está?).

O informante, a partir do relato exposto acima, aciona o componente cognoscitivo da atitude, o qual se refere às crenças e àquilo que o falante sabe sobre determinado objeto social uma vez que não é possível ter atitudes em relação a um objeto se não houver alguma representação do conhecimento a seu respeito, para falar de algo, é preciso conhecê-lo (Rodrigues, 1972). Além disso, essas diferenças no nível de conhecimento da língua de imigração que ocorrem entre os informantes são explicadas por Mackey (1968) que salienta o fato de que os falantes possuem características individuais e utilizam as línguas que conhecem de formas diferentes, porém, mesmo que entendam apenas algumas poucas palavras, podem ser classificados como bilíngues.

Ao questionar os informantes sobre a forma como aprenderam o polonês, verificamos que uma de nossas hipóteses foi refutada, pois acreditávamos que por influência das políticas linguísticas impostas pelo regime militar de Getúlio Vargas, a língua polonesa não tinha sido repassada de pai para filho, o que contribuiria para que fosse se perdendo de geração em geração, porém ao realizar a pesquisa, identificamos a partir das respostas dadas que os informantes afirmaram que aprenderam o polonês, mesmo que sejam poucas coisas, com seus pais ou com seus avós, em casa. Apesar de todas as respostas irem para uma mesma direção, quatro delas se destacam por demonstrarem o orgulho dos informantes em preservar a herança deixada pelos antepassados.

Quem me apresentou, digamos assim, o polonês foi minha batia, foi com ela que eu aprendi algumas coisas, mas o que eu sei mesmo hoje, eu aprendi sozinho porque, na época, era muito criança, não me interessava muito né, mas depois eu percebi a importância e o que ela estava tentando fazer né, que era repassar a língua, era como se fosse a minha herança, então eu comecei a pesquisar e aprender, hoje consigo me comunicar em polonês, mas num nível, como já te disse, baixo (CaGIIM ZU).

Eu aprendi em casa, com os meus pais, mas falavam pouco, eram só algumas frases, palavras. Depois eu fui me aprofundando, estudando mais. Fiz o curso Celin, ofertado pela UFPR e hoje em dia tenho contato com pessoas da Polônia, já viajei pra lá três vezes então as experiências aumentam, é uma forma de manter a herança deixada pelos pais né, não deixar a história morrer (CaGIIM ZR).

Eu aprendi com os pais, com os avós né!? Quando viemos pra cá ninguém falava brasileiro, só popolsko. Que nem eu te disse, até hoje não sei falar bem o brasileiro e o que gosto mesmo é falar polonês porque é a língua dos pais, dos avós, aqui em casa eu falo com o filho e netos, só a nora que não entende ainda (CaGIIF ZR).

Eu tive o privilégio de aprender mais com meu diadio, meu pai me ensinou também, tinha aula na escola também com o padre, mas sou sincero em dizer que lá não aprendi muita coisa, na época, ali, era meu diadio que fazia questão de ensinar e de que os netos aprendessem pelo menos o básico né pra que não morresse essa cultura porque ele tinha uma consideração muito grande com isso porque ele é né, na verdade o sonho dele era ir conhecer a Polônia, mas infelizmente não deu tempo, mas ele tinha esse sonho de cultivar a cultura da vida dele e eu quero tentar fazer isso também (CaGIM ZR).

O relato do CaGIIM ZU evidencia um aprendizado que teve início no âmbito familiar, mas que segundo ele não foi suficiente para que pudesse afirmar que sabia a língua de imigração e que o conhecimento que tem nos dias atuais e que lhe permite se comunicar em polonês foi adquirido mais tarde, por meio de estudos que realizou sozinho por compreender que era importante manter a "herança" que sua avó tentou deixar. Essa mesma experiência foi vivida pelo informante CaGIIM ZR que também afirma que aprendeu polonês em casa, com os pais, mas que o aprendizado se restringiu a algumas poucas frases, palavras e alguns cumprimentos e que, para saber mais sobre a língua polonesa teve que buscar, por conta própria, maior aprofundamento, participando de cursos e aulas ofertadas pela Universidade Federal do Paraná, em Curitiba.

O que se percebe é que os dois homens da Ca, pertencentes à geração mais velha, tiveram contato com a língua polonesa em casa, com os pais e avós, porém, acreditam que este aprendizado foi limitado, no primeiro caso porque o informante era muito jovem e não compreendia a importância de aprender a língua que sua avó tentava ensinar e, no segundo caso, porque os pais do CaGIIM ZR repassaram apenas algumas poucas frases e palavras. No entanto, apesar do pouco contato, se identificaram com o polonês, linguística e culturalmente, e compreenderam a importância de aprender e buscar maior conhecimento sobre a língua herdada dos pais o que vai ao encontro das considerações de Ortale (2016, p. 27) que afirma que a língua de herança é aquela com a qual "a pessoa possui uma identificação cultural e o sentimento de pertencimento a uma determinada comunidade que a usa, seja por laços ancestrais ou por convivência em um mesmo ambiente sociocultural com falantes desta língua".

Já a informante CaGIIF ZR afirma que o aprendizado da língua polonesa que teve em casa, com os pais e avós, foi maior do que a língua portuguesa já que, conforme relata até hoje, não sabe falar bem o brasileiro. Ocorre com essa informante o inverso, pois ela expõe o fato de que foi em casa, com os familiares, que aprendeu tudo que sabe sobre a língua de imigração, ensino este que, na visão dela, foi fundamental para dominar o polonês e ultrapassa o ensino da

língua portuguesa feito na escola o que, de acordo com Fishman (1965, p.73), é possível quando se consideram as formas pelas quais se distribuem cada uma das línguas em contato, neste caso, o português e o polonês, e "tendo em conta os fundamentais domínios de interação verbal dos falantes".

Por fim, no relato do informante da geração mais nova, mais uma vez é possível identificar o sentimento de que a língua aprendida em casa com o pai e, principalmente com o avô, possui um peso maior do que a língua ensinada na escola evidenciando que esse fato pode estar relacionado ao desejo que o avô mantinha de não deixar sua língua e sua cultura morrer enquanto que, na escola, o padre não expressava tal desejo, apenas queria que todos aprendessem o que ele ensinava para que, segundo ele, quando o cônsul viesse visitar a escola, pudesse mostrar bons resultados. Tal relato pode ser verificado abaixo:

Que nem te disse, nós tinha aula de polonês na escola com o padre, mas não aprendia muito porque, digamos assim, ele ensinava como professor, não como polonês não sei se me entende, não me interessava muito, aprendi pouca coisa e, sei lá, parece que o objetivo maior era mostrar resultado pro cônsul né, já meu *diadio*, quando ia me ensinar e quando falava em polonês comigo, dava pra ver que até se emocionava, tinha um amor né, pela nossa origem, pela nossa tradição (CaGIM ZR)

A partir do relato do informante é possível identificar uma relação estabelecida entre o ensino da língua de imigração e o sentimento de pertencimento à etnia que no caso dele foi preponderante para que, assim como o avô, também se interessasse e buscasse aprender o que lhe era repassado em casa e valorizasse a "herança" do avô, o que foi diferente no âmbito escolar. Tal comportamento é explicado por Faneca, Araújo e Sá (2016) que afirmam que a língua de herança é mais do que apenas uma proficiência linguística, é um legado cultural que está ligado de forma íntima com vínculos afetivos e com as relações dos sujeitos com a sua fala e com o sentimento de pertencimento e identificação com sua língua e etnia.

Apesar das particularidades em relação à percepção dos informantes sobre o ensino da língua polonesa em casa e na escola, todos os entrevistados expõem o desejo de aprender e usar a língua de imigração e, principalmente, de valorizar os conhecimentos repassados pelos pais e avós, demonstrando que o polonês, no município de Virmond/PR, é visto por seus falantes como uma herança deixada pelos antepassados e que deve ser cultivada e aprofundada.

Tais comportamentos favorecem o aumento da vitalidade da língua minoritária, porém não impedem que ela seja ameaçada, já que, conforme se pode notar a partir dos relatos, o

polonês é usado em poucos contextos e são poucas as pessoas que o dominam na comunidade virmondense sendo que algumas delas, em um primeiro momento, têm receio de afirmar que sabem falar por acreditarem que o nível de proficiência é baixo. Além disso, apesar de estar ocorrendo um movimento de busca e manutenção da língua de imigração, ainda existem fatores que devem, conforme Fishman (1996), ser analisados para que o grau de vitalidade linguística possa ser avaliado, dentre eles: a) a transmissão da língua de uma geração para outra; b) o número de falantes; c) o alcance da língua minoritária; d) acesso de materiais para educação e alfabetização.

Sobre tais fatores, o que se nota em Virmond é que houve uma transmissão do polonês de geração em geração que, mesmo que tenha sido num nível baixo, pode ser vista como uma herança linguística e permite que os falantes sejam considerados bilíngues. Sobre o número de falantes, mais uma vez ressalta-se o fato de que há uma baixa parcela da comunidade que ainda fala o polonês que, por sua vez, ainda tem um baixo alcance. Por fim, em relação ao ensino e ao acesso a materiais para educação e alfabetização, pode ser citada a Casa da Memória que contém documentos sobre a colonização polonesa, porém ainda não há uma ação oficial de ensino do polonês, tanto falado quanto escrito, o que pode prejudicar a vitalidade da língua que, ainda de acordo com Fishman (1996), possui cinco níveis de forma decrescente que vão do estado de língua segura para: insegura, ameaçada, severamente ameaçada e, no seu último estágio, criticamente ameaçada. A língua polonesa, de acordo com os informantes, está ameaçada, mas acreditam que ainda é possível realizar ações para que possa ser mantida e recuperada.

Ainda discutindo os quatro relatos expostos acima, é preciso considerar também que são de informantes pertencentes à classe alta, sendo dois homens e uma mulher da geração mais velha e um homem da geração mais nova. Além disso, os dois primeiros homens da GII, um da zona rural e um da zona urbana, revelam um fato bastante interessante e que pode explicar a manutenção linguística que existe em algumas poucas famílias de descendentes enquanto que, em outras, a língua foi se perdendo de geração em geração, pois ao revelarem que o primeiro contato foi em casa, com os pais e avós, também evidenciam que se falava pouco a língua de imigração e que partiu deles o desejo de aprender, de pesquisar e praticar mais o polonês.

O que se percebe, de forma geral é que a atitude desses dois informantes em relação à língua é positiva e contribui para que o polonês ainda seja usado na família a qual pertence enquanto que a falta de interesse ou falta de desejo de outros descendentes em se aprofundar e

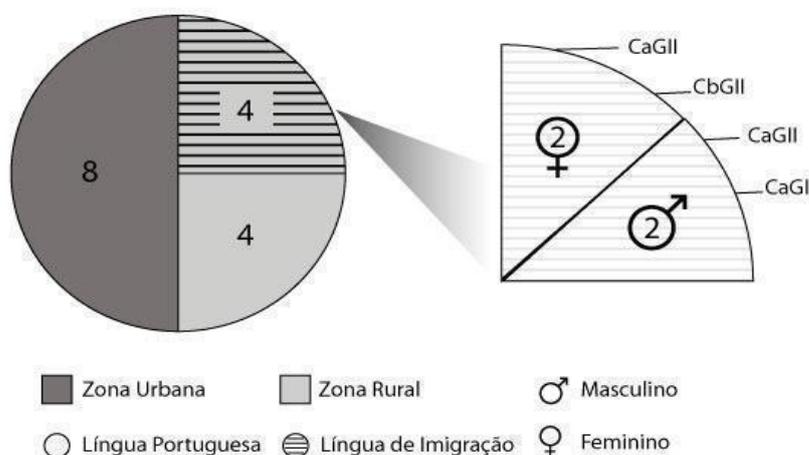
saber mais sobre a língua de imigração acaba, inevitavelmente, fazendo com que o polonês seja cada vez menos usado até que chegue o momento que ninguém mais o compreenda.

Conforme aponta Grosjean (1982), as atitudes e posicionamentos dos falantes em relação a uma língua refletem, também, as atitudes em relação aos seus usuários podendo ser orientadas por emoções e percepções a respeito da língua, as quais vão desde a lealdade até a aversão linguística e que são, em parte, responsáveis pela manutenção ou pela mudança linguística. Dessa forma, é possível afirmar que os informantes CaGIIM ZR, CaGIIM ZU, CaGIIF ZU e CaGIM ZR se mostram mais leais às suas origens, lealdade esta que está ligada ao orgulho de pertencer ao grupo étnico polonês.

No entanto, apesar de todos os informantes terem afirmado que o primeiro contato com o polonês foi em casa, com os pais e/ou avós, quando questionados sobre a língua que usavam para conversar no âmbito familiar, a maioria, doze entrevistados, disseram falar a língua portuguesa enquanto que apenas quatro relataram que era em polonês que ocorriam as interações e comunicações domiciliares, conforme pode ser notado no quadro abaixo em que utilizamos a sigla LP para língua portuguesa e LI para a língua de imigração.

Gráfico 2: Língua usada no âmbito familiar

Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?

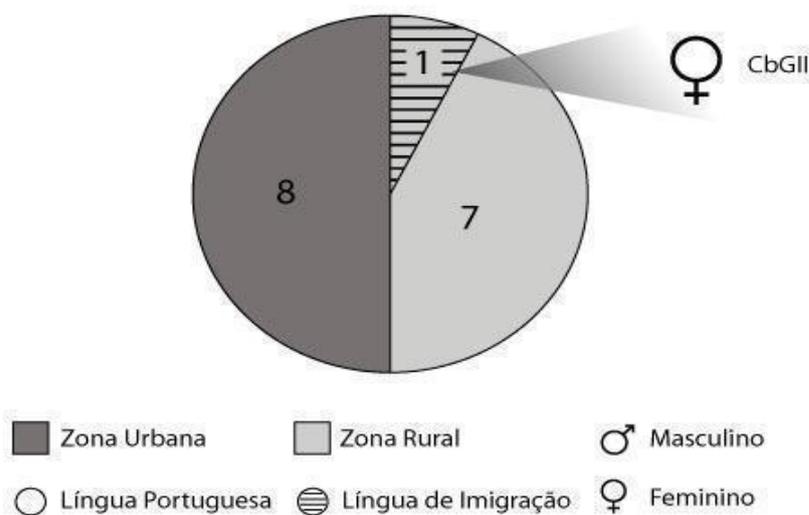


FONTE: Elaborado pela autora com base em dados da pesquisa.

Conforme já mencionado, apenas quatro informantes, todos pertencentes à zona rural, disseram que, quando eram crianças, os pais conversavam com eles na língua de imigração. Já em relação à língua com a qual os informantes se comunicavam com os pais e avós, percebe-se que houve uma ruptura de comportamento uma vez que apenas a CbGII F afirmou usar o polonês para se comunicar, ou seja, o polonês foi repassado de uma geração para outra, os informantes ouviam e compreendiam as conversas dos mais velhos porém, não respondiam na mesma língua. Esse fato pode explicar o porquê de a língua polonesa praticamente já não ser falada no município, principalmente, quando se observa as respostas unânimes dos informantes em relação à língua que os pais e avós falam nos dias atuais com seus filhos e netos que é a língua portuguesa.

Gráfico 3: Em que língua falava com seus pais e avós?

Quando era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?



FONTE: Elaborado pela autora com base em dados da pesquisa.

Quando foram inquiridos sobre os motivos pelos quais não falam o polonês em casa, com filhos e netos, os informantes disseram que até ensinam algumas palavras, frases, mas que

não têm muito contexto já que poucos sabem a língua. A resposta da CbGIIF ZU ilustra essa constatação.

Eu até falo com minha netinha algumas coisas, mas com os filhos, quem falava e tentava ensinar mais um pouco mais era a mãe porque eles não demonstravam assim muito interesse eu também, na época, achava que não usariam depois porque quase ninguém fala, sem falar que hoje em dia, os jovens querem aprender inglês né que muita gente fala e que ajuda muito depois, para estudo, trabalho, viagens né? Então não forçava que aprendessem e eu também, sei pouco né!? Mas a netinha é interessada, acho que por ter descendência dos dois lados também, tem só 6 anos e já faz parte do grupo de dança dos polaquinhos, às vezes ela pede pra ensinar alguma coisa, daí eu até falo porque acho importante, mas sei muito pouco (CbGIIF ZU).

É possível observar que a informante aciona em seu relato o componente conativo da atitude linguística ao evidenciar o desinteresse dos filhos em relação ao aprendizado da língua polonesa e ao se posicionar de forma favorável a essa atitude, complementando a ideia de que é o inglês, por exemplo, que trará mais "vantagens" para eles, tanto na vida profissional quanto pessoal já que o polonês não seria tão usado por restarem poucos falantes e por não ter um *status* tão alto quanto a língua inglesa, ou seja, acredita que deve se adaptar à realidade linguística do atual contexto da comunidade e da sociedade como um todo.

Essa adaptação e as formas pelas quais o falante é afetado e moldado pelo meio social vão ao encontro das considerações de Bem (1973, p. 136-137) que afirma que "todo grupo ao qual pertencemos, desde nossa família até a sociedade como um todo, têm um conjunto de crenças explícitas ou implícitas, atitudes e comportamentos que são considerados apropriados ao contexto social ao qual se encontram e é o grupo que, às vezes, fornece óculos através dos quais olhamos o mundo". Em outras palavras, a informante passa a ver a língua polonesa com a mesma visão dos filhos que é a de que não teria valor para que conseguissem ascensão social.

Assim, importa também o valor que as línguas possuem no "mercado linguístico" que, de acordo com Altenhofen (2013), é definido pelos falantes e pela sua comunidade de fala, a partir da compreensão da importância de dada língua, o que tem se complicado ainda mais nos dias atuais com as mudanças nas políticas linguísticas nacionais que priorizam e classificam como obrigatório a oferta do ensino de inglês.

Ainda sobre tal posicionamento Grosjean (1982, p.123) afirma que muitos pais, com a intenção de ajudar seus filhos a desenvolverem melhor seu desempenho escolar com a língua majoritária ou com línguas de prestígio na sociedade, adotam comportamentos que contribuem

para o apagamento da língua materna "(quando essa não é utilizada na escola e demais segmentos formais da sociedade)" e adotam a língua tida como de maior serventia e mais correta.

Essa consciência que a falante possui sobre a minoridade de seu grupo e do menor prestígio da língua diante do inglês, por exemplo, vai ao encontro das considerações de Appel e Muysken (1996) que evidenciam que alguns falantes estão conscientes quanto ao fato de que a língua de seu grupo não ajudará na ascensão social de seus participantes, porém mesmo sabendo que será pouco usada em outros contextos de comunicação, demonstram atitudes positivas, consideram e são leais à sua língua.

No entanto, não significa que o polonês não seja capaz de funcionar como instrumento de comunicação, pois conforme aponta Skutnabb-Kangas (1981), todas as línguas possuem uma função cognitiva e comunicativa, mas sabe-se que nem todas são usadas da mesma forma em determinados meios. Segundo a autora, as relações de poder são decisivas para que uma língua seja usada em determinados meios como é o caso do inglês, língua esta que alcançou prestígio como língua internacional e, em menor medida, do espanhol que se configura como uma língua de ampla utilização.

É preciso ressaltar que quando a CbGIIF ZU afirma que a netinha se interessa por questões relacionadas à etnia, ela expressa uma visão sobre os hábitos culturais poloneses que é desvinculada da língua, o que pode ser um efeito provável da ausência de políticas linguísticas na comunidade que, desde o ano de 1998, não possui nenhuma atividade direcionada ao ensino da língua de imigração no município, o que se configura como uma dificuldade para a revitalização do polonês, já que as gerações mais novas não têm mais contato direto com a língua dos pais o que facilita, cada vez mais, sua substituição pelo português, língua dominante na comunidade.

De acordo com Fishman (1991), "revitalizar uma língua" não significa reanimar uma língua morta, mas sim "fortalecer" uma língua minoritária que já não é mais a língua materna dos jovens e está com a transmissão de geração em geração comprometida. Nesse sentido, a existência de políticas linguísticas adequadas para cada localidade e a sua utilização como forma de manter e valorizar as variedades minoritárias é cada vez mais importante.

Ainda sobre as situações de uso do polonês, os informantes foram questionados sobre as ocasiões em que usam a língua de imigração e se falam polonês em público ou somente em casa. Quatro deles disseram que só usam o polonês na igreja quando a missa é celebrada pela

BRASPOL onde, além das rezas, há um coral de cantos poloneses organizado pelos próprios descendentes. Já o informante CaGIM ZU, conforme já havia dito, afirma que, além de falar um pouco em casa, também aproveita algumas situações do trabalho para "treinar" a língua polonesa com pessoas da mesma etnia, conforme esboçado adiante:

Sendo sincero, eu gosto muito de falar, até meus colegas de trabalho aí podem te confirmar, eles sabem do que eu to falando, eu direto falo em polonês com eles só pra eles ficarem só... mas é um gesto meu sabe, pra cultivar. Até tem um senhor que vem sempre aqui, o seu Henrique, com ele só falamos polonês, ele fica louco de feliz de poder falar também, parece que brilha o olho dele eu, claro, nem sempre entendo tudo, mas deixo ele falar bastante porque sei que ele gosta também.

O mesmo ocorre com o CbGIM ZR, porém este salienta o orgulho de falar polonês em público e diz que, principalmente, quando se encontra com parentes em algum lugar que tenha bastante gente, faz questão de se comunicar na língua polonesa, como se pode verificar na sua resposta:

Na rodoviária de Guarapuava, quando vou visitar meu irmão, nós falamos em polonês, as pessoas ficam olhando sabe, parece que se perguntam o que nós falamos, tentam identificar que língua é, isso é muito gratificante sabe, porque pra nós é uma demonstração de força, de mostrar nossa cultura, nossa raiz.

Mais uma vez pode-se notar nos relatos dos informantes o componente afetivo da atitude. Essa afetividade é percebida no CaGIM ZU quando afirma que falar polonês, para ele, é um gesto de cultivo, de fazer com que os descendentes mais velhos se sintam felizes por ter alguém com quem dividir o conhecimento sobre a língua de imigração e de poder usá-la em contextos que se diferenciam do ambiente familiar. Além disso, é perceptível o sentimento de lealdade, de orgulho e de identificação do informante com a etnia e com o idioma polonês.

Da mesma forma, o CbGIM ZR também aciona o componente afetivo ao demonstrar seu afeto ao grupo étnico e à língua polonesa quando afirma que, juntamente com o irmão, falam polonês na rodoviária e se sentem gratificados por essa atitude, porque também conseguem demonstrar a força da etnia, da cultura e de suas origens. O componente afetivo, segundo Gomez Molina (1998, p.31), está alicerçado em juízos de valor que vão desde a estima até o ódio de um falante em relação às características de sua fala "como a variedade dialetal, a associação com traços de identidade, etnicidade, lealdade, valor simbólico, orgulho e do sentimento de solidariedade com o grupo a que pertence".

Além do sentimento e da simbologia de falar polonês em público para demonstrar a força da etnia, o informante CbGIM ZU evidencia sua lealdade à língua que se relaciona de forma direta com seu orgulho de pertencer ao grupo étnico, o que vai ao encontro das considerações de Botassini (2015, p.123), a lealdade linguística "está estreitamente ligada ao orgulho de pertencimento a determinado grupo".

Os informantes CbGIM ZU e a CbGIF ZR, por sua vez, disseram que as únicas poucas situações que ouvem e que falam polonês é quando estão se apresentando no grupo folclórico de dança, mas ressaltam que o que falam são somente palavras como "dzień dobry" (bom dia), "dobry wieczór" (boa tarde) e outros cumprimentos breves. Além disso, três informantes afirmaram que, em casa, ainda falam em polonês, porém palavras isoladas. Destes, apenas uma, a CaGIIF ZR diz que fala bastante, mesmo que o filho não responda em polonês, pois, segundo ela, "o filho entende tudo, sabe falar também, mas responde em português porque a esposa não entende".

Do total, três informantes disseram não falar o polonês em nenhuma situação e dois, o CaGIIM ZR e a CaGIIF ZU afirmaram que, apesar de o polonês ser pouco usado na cidade, conseguiram se comunicar com o que sabiam na Polônia, quando viajaram para lá. Porém, a informante mulher salienta o fato de não saber falar praticamente nada enquanto o homem, por ter estudado mais a língua, demonstra ter mais facilidade para conversar, como se pode verificar nas respostas abaixo:

Como te disse, eu tive muito contato com o polonês, meus avós falavam muito, principalmente meu avô Francisco, ele inclusive recebia periodicamente o jornal Lud, que é o jornal da Polônia, acompanhava tudo pelo rádio até hoje temos algumas dessas edições, cartas que ele recebia de pessoas da Polônia, livros [...] minha mãe até hoje fala, mas o meu conhecimento da língua é mínimo, eu falo pouquíssimas coisas, entendo mais que falo, na verdade. Acho que o melhor contato que eu tive com o polonês foi quando eu fui pra Polônia, no grupo que eu estava tinha pessoas que falavam corretamente né, mas eu consegui me virar, claro que não com as autoridades, por exemplo quando chega no aeroporto que precisa dizer quantos dias vai ficar, quanto dinheiro levou, aí o guia teve que socorrer [...] mas eu, depois de uns dias lá, eu saía fazer compra sozinha, fui no salão de beleza [...], entendia a moeda deles né que é o Złoty, eles se equivalem, é muito semelhante ao real, enfim, deu pra se comunicar bem (CaGIIF ZU).

A fala da CaGIIF ZU demonstra uma realidade que, de acordo com as observações realizadas, é bastante comum no município, pois a maioria dos informantes afirma saber pouco da língua de imigração mas, ao mesmo tempo, conseguem se comunicar e interagir com outras

peças que falam polonês, inclusive, neste caso, com os habitantes da Polônia. Da mesma forma, o CaGIIM ZR comenta sobre as situações de uso do polonês.

Eu falo polonês sempre que tenho uma oportunidade, em casa, na igreja, quando encontro algum descendente que também fala [...], tenho estudado mais sobre a língua, mas estou longe de ser fluente, de dominar o idioma, existem muitas diferenças entre as formas de falar das pessoas né [risos] (CaGIIM ZR).

Tais situações de uso do polonês refletem, mais uma vez, de acordo com Rodrigues (1972), o sentimento de orgulho dos informantes, ou seja, o componente afetivo. Por outro lado, também é possível evidenciar o componente cognoscitivo quando os entrevistados expõem seus conhecimentos sobre a língua como é o caso da CaGIIF ZU que consegue compreender o idioma e interagir em diferentes contextos no país polonês além de entender a moeda *złoty*. Da mesma forma, o CaGIIM ZR demonstra seu conhecimento da língua polonesa quando afirma que existem diferenças entre as formas de falar das pessoas evidenciando seu conhecimento sobre as variedades linguísticas do idioma polonês.

Esses diferentes contextos de comunicação e as diferenciadas habilidades do indivíduo em relação às duas línguas, português e polonês, evidenciam o que Heye (2003, p.229) expõe sobre o bilinguismo quando afirma que não se pode considerar bilíngue "apenas o indivíduo que possui domínio igual em duas línguas devendo ser considerados os diferentes contextos, a partir dos quais a condição de bilíngue se estabelece, bem como pelo nível de controle e uso de ambas as línguas em ambientes comunicativos distintos".

Para dar continuidade à pesquisa, os informantes foram indagados sobre a língua que preferem usar quando recebem uma visita. Treze deles disseram preferir, para suas comunicações com visitantes, a língua portuguesa, mas a CbGIIF ZU faz uma ressalva na sua resposta e salienta: "*a gente conversa em português com as visitas, mas claro né, se for da mesma raça já digo (risos), sempre sai umas coisas no polonês, ainda mais se for visita pra almoço ou jantar, daí já sai uma comida típica, sempre surge uma ou outra palavra em polonês*". Da mesma forma, o CaGIM ZR acrescenta que por ele falaria polonês, caso a visita soubesse também, mas acredita que seria falta de respeito com a esposa que não entende nada, então, acha melhor falar português mesmo, situação resultante do casamento interétnico.

Apesar de a maioria dos entrevistados preferirem usar o português para se comunicar quando recebem visitas, o relato dos três informantes, expostos acima, evidenciam uma atitude

positiva perante a língua de imigração quando demonstram o sentimento de pertencimento à etnia polonesa e à identificação linguística e cultural, que é feita quando recebem visitas que também têm descendência polonesa. Tais comportamentos e identificação étnica, de acordo com Castilho (2010, p.31) são percebidos porque "é na língua falada que se manifestam os traços mais profundos do que somos e de como nos dirigimos ao outro. É ao falar que são expressas as indicações sobre a origem e o tipo étnico de cada pessoa".

Dessa forma, é possível afirmar que os três informantes que afirmam preferir falar em polonês se identificam com pessoas da mesma origem e manifestam traços do que são, quando, mesmo que de forma inconsciente, como é o caso expresso no relato da CbGIIF ZU, deixam "escapar" algo relacionado ao polonês se referindo não só à língua como também aos costumes étnicos e à culinária polonesa.

Por outro lado, três informantes afirmam que, se a visita for da mesma origem étnica, com certeza, a conversa vai acontecer, pelo menos parte dela, em polonês:

Olha, se eu sei que sabe polonês, eu tento puxar pro polonês, por exemplo, quando meu tio Silvio vem de Guarapuava e eu sei que ele manja muito de polonês, daí quando ele vem aqui em casa, a gente procura falar, fazer as comida né, tipo o pirogue, a quisca, usamos bastante petruska pra temperar também, então a gente faz pra agradar e ele também procura manter as raízes, então é muito bom, mas também, eu procuro não falar demais pra depois não me apurar com ele porque ele sabe bem mais né (CbGII M ZR).

Ah! Claro que se falar polonês e vim aqui tomar um mate, daí eu falo polonês mesmo, com certeza. Quando vinha minhas irmãs, só falávamos em polonês, hoje meus filhos, que nem te disse, entendem popolsko porque quando eram crianças eu só ensinava polonês. Quando meus irmãos, os sobrinhos mais velhos vêm visitar, também proseamos em polaco (CbGII F ZU).

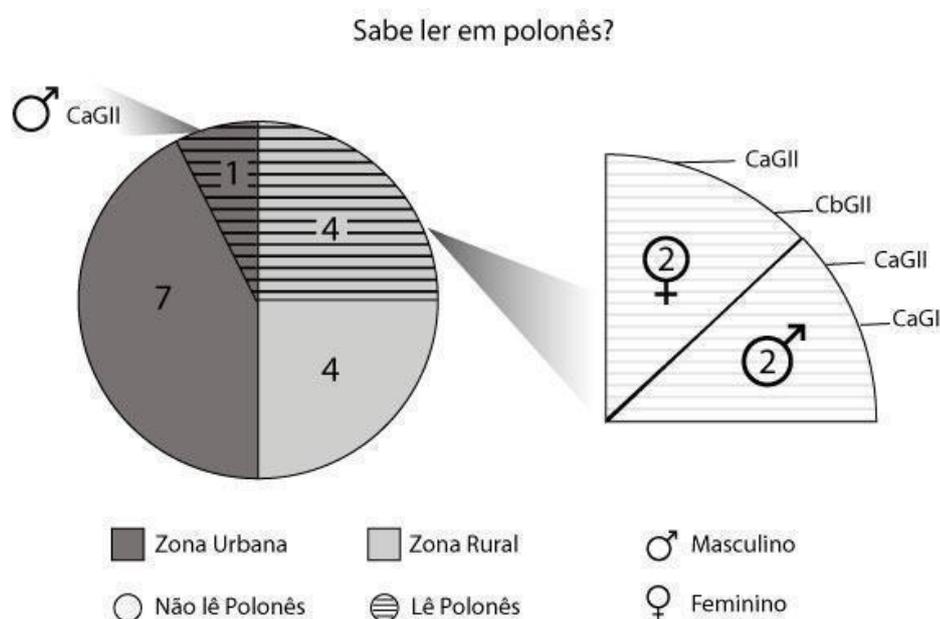
Converso em polonês, claro, mas se a visita também falar né? (risos) Se não, não terá comunicação, mas se conheço a pessoa e sei que consegue entender, aí com certeza falo polonês (CaGII M ZR).

A identificação dos informantes com os visitantes da mesma descendência e o desejo de compartilhar o conhecimento e falar a língua polonesa evidencia uma atitude positiva em relação à origem étnica e, o que se percebe, a partir das respostas destes três informantes, todos da geração mais velha, é que a preferência por falar a língua polonesa com as visitas se deve, também, ao fato de possuírem maior contato com o polonês e terem convivido mais com pessoas que falavam e que ainda cultivavam o idioma no cotidiano e que, por isso, construíram uma identidade pautada na língua de imigração, o que é diferente nos dias atuais.

Sobre a identificação de um indivíduo, ou de uma comunidade, que é pautada na língua, Moreno Fernández (1998) complementa que, dentro do conceito de identidade, independente do fato de sua definição ser subjetiva ou objetiva, há sempre um lugar para a língua, pois a(s) variedade(s) linguística(s) usadas(s) pelos falantes também caracterizam uma comunidade de fala e, dessa forma, se torna lógico pensar que existe uma estreita relação entre língua e identidade e que esta se manifesta nas atitudes dos indivíduos em relação a essas línguas e a seus usuários.

Além disso, para verificar os níveis de aprendizado e os tipos de usos linguísticos que fazem, os descendentes foram interpelados sobre o conhecimento que possuem sobre a leitura na língua polonesa, respostas que serão apresentadas no gráfico a seguir:

Gráfico 4: Conhecimento sobre a leitura do polonês



FONTE: Elaborado pela autora com base em dados da pesquisa.

Conforme se pode notar, apenas cinco informantes sabem ler em polonês, três da zona rural e um da zona urbana do município. O CaGIIM ZR explica novamente que o conhecimento da leitura e da escrita foi adquirido no decorrer do tempo através dos cursos que realizou e das experiências que teve nas viagens à Polônia. Da mesma forma, o CaGIIM ZU ressalta que o

aprendizado que lhe permite ler algumas coisas em polonês foi adquirido a partir de estudos realizados por conta própria.

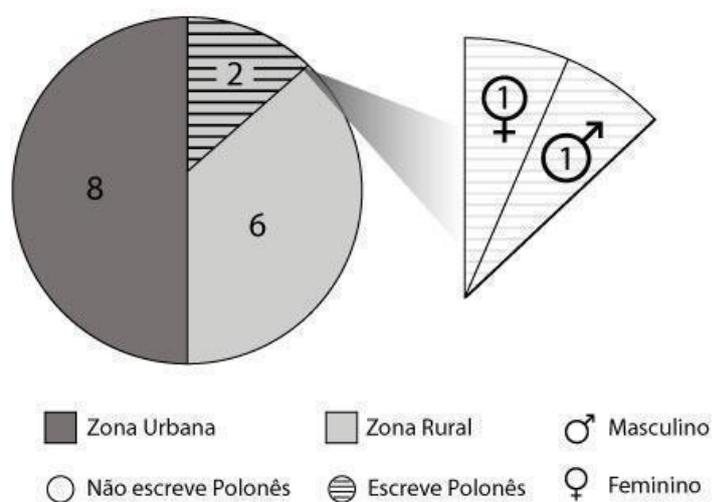
Já a informante CaGIIF ZU relata suas experiências com o polonês e afirma ser fluente na leitura ressaltando que, ainda nos dias atuais, mantém o hábito de ler textos em polonês, mas que, por falta de variedades, acaba lendo os livros de cantos e de orações que ainda possui. Por outro lado, tanto o homem quanto a mulher da classe baixa da zona rural dizem que conseguem ler algumas palavras do polonês, mas que essa experiência se restringe às orações e aos cantos do idioma, com os quais já estão mais acostumados.

É preciso considerar que todos os informantes que realizam leitura em polonês são da geração mais velha e dos cinco, quatro são moradores do interior do município. Esta realidade reafirma o fato de que os descendentes mais velhos foram os que tiveram maior contato com a língua polonesa em situações sociais diferenciadas e, por isso, possuem um conhecimento mais aprofundado de suas diferentes modalidades linguísticas. Também se acrescenta o fato de morarem no interior do município, o que pode ser um fator preponderante para a manutenção da língua, já que, dessa forma, o contato com pessoas de outras etnias e de outras culturas é menor, favorecendo, assim, o uso do polonês.

Garcia (1983, p.3-4) comenta que essa maior convivência com a língua de imigração tem caráter social, já que, desde crianças, os indivíduos são expostos de forma natural a duas ou mais línguas que são usadas para diferentes interações sociais desde a infância até boa parte ou final da vida, exposição que ocorre dentro e fora da família. Já em relação ao conhecimento sobre a modalidade escrita da língua polonesa, apenas dois informantes, o CaGIIM ZR e a CaGIIF ZR afirmam saber escrever em polonês, conforme é evidenciado no gráfico que segue:

Gráfico 5: Sabe escrever em polonês?

### Sabe escrever em polonês?



FONTE: Elaborado pela autora com base em dados da pesquisa.

O informante do sexo masculino diz conhecer bem a modalidade escrita pelo fato de ter feito cursos sobre a língua polonesa e, conforme já exposto, por já ter ido três vezes para a Polônia, o que aumentou suas experiências e fez com que se familiarizasse ainda mais com a gramática polonesa. Da mesma forma, a informante CaGIIF ZR diz saber escrever, porém, segundo ela, por quase não praticar mais a escrita, já encontra um pouco mais de dificuldades porque *"as letras são diferentes um pouco do brasileiro e a gente agora quase não escreve né? Não tenho mais destreza nos dedos pra praticar, mas a leitura eu pratico sempre"*.

Já em relação aos falantes mais jovens, é possível notar, a partir dos relatos, que houve uma exposição e que a maioria compreende, pelo menos um pouco da língua polonesa mas, no decorrer dos anos, o contato ativo foi diminuindo de geração em geração e a língua de imigração foi substituída pelo português. Essa substituição é explicada por Ogliari (1999), que chama a atenção para o fato de que a vinda dos poloneses para o Brasil, apesar de ser bastante expressiva, foi sendo exposta à necessidade de aprendizado do português, que é a língua oficial do país e, conseqüentemente, a mais usada no cotidiano das pessoas. Essa necessidade e, principalmente, a dificuldade de aprender o idioma brasileiro pode ser observada na resposta da CaGIIF ZR que foi a única que disse só ter tido contato com o português quando foi para a escola, enquanto os outros quinze informantes disseram ter aprendido em casa tal língua.

Somente quando fui pra escola que fui conhecer o brasileiro, em casa, mamãe e papai só falavam popolsko, eu e os irmãos também. Foi difícil no começo né, a gente não entendia nada do que as irmãs falavam, por sorte que metade da aula era polonês e a outra metade era português, daí fui aprendendo (CaGIIF ZR).

A resposta da informante evidencia que a situação de contato com o português era feita na escola, pois, segundo ela, a maioria das famílias que viviam na localidade só falava polonês em casa e, quando se deparavam com o ambiente escolar, tinham dificuldades de comunicação e interação por não compreenderem e não falarem a língua dos "brasileiros".

Destaca-se, também, a resposta do CaGIM ZR que, apesar de afirmar ter aprendido o português em casa, chama a atenção para a história de seu pai que, segundo ele, só foi aprender a falar português com quinze anos, que antes disso, só falava polonês. Apresento tal depoimento por ter descoberto, durante a entrevista, que o pai deste informante, por coincidência, é sobrinho da CaGIIF ZR o que evidencia, mais uma vez, que em algumas famílias, o polonês foi mais ensinado do que em outras.

Os informantes também foram questionados sobre as dificuldades que encontram no uso da língua polonesa e as respostas de todos foram muito parecidas, pois os dezesseis disseram que a maior dificuldade existente no uso da língua é a falta de conhecimento da maioria e, principalmente, os poucos falantes que ainda mantêm tais costumes.

Além disso, a informante CaGIIF ZR evidencia mais uma vez que a dificuldade maior que encontrou foi na escola, dificuldade esta que, segundo ela, não estava relacionada ao falar polonês, mas ao não falar, pois, "*como só sabia essa língua, ficar sem falar para poder aprender o português, foi bastante difícil e tinha que aprender o brasileiro, não era uma opção né, era obrigação dada pelo governo*".

Essa "obrigação" de aprender o português, citada pela informante, está ligada ao período em que Getúlio Vargas era presidente e à política de nacionalização imposta pelo governo do Estado Novo que se configura como um dos mais importantes fatores de diminuição do uso da língua polonesa no município e o ensino de português, de acordo com Seyferth (1982, p. 73) assumiu por muito tempo uma espécie de papel cívico de abasileiramento dos diversos falantes de línguas de imigrantes.

Também perguntamos aos descendentes se há algum lugar, evento ou cerimônia em que só se fale o polonês na cidade. As respostas de todos os entrevistados evidenciaram que em

alguns locais a língua de imigração ainda é falada como, por exemplo, o jantar típico polonês que é realizado uma vez ao ano, junto com as comemorações do aniversário do município, algumas situações cotidianas que se encontram descendentes de poloneses, em contextos familiares e ao receberem visita de pessoas de origem polonesa, como foi o caso do coral, do grupo de danças, do repórter e do bispo, todos visitantes vindos da Polônia.

Essas situações, mesmo que restritas, em que os falantes de um grupo étnico minoritário ainda usam sua língua é comentada por Grosjean (1994) que incluiu nas suas pesquisas uma noção de "contínuo" defendendo, a partir disso, a ideia de que no dia a dia os indivíduos bilíngues se encontram em diversos pontos ao longo de um contínuo situacional que os induz a utilizarem diferentes modos de comunicação. Esse "contínuo situacional", de acordo com o estudioso, é variável e, por isso os bilíngues tendem a apresentar diferentes modos de fala durante toda sua vida, diferenças que dependem do contexto comunicacional.

Na atualidade, como se pode observar a partir dos relatos dos informantes, este contínuo situacional é o que representa a realidade da comunidade de Virmond onde a língua polonesa é mais usada em situações religiosas, contextos familiares, nas apresentações do grupo folclórico de danças e quando descendentes encontram pessoas da mesma etnia na rua ou em qualquer outro local e se sentem à vontade para falar polonês como é o caso de alguns dos informantes, já destacados nesta Tese, que trabalham em locais públicos e que aproveitam este ambiente para pôr em prática a língua de imigração.

#### 4.3 ANÁLISE DA CONSERVAÇÃO OU ABANDONO LINGUÍSTICO E SUA RELAÇÃO COM AS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS MORADORES DE VIRMOND SOBRE A LÍNGUA E A CULTURA POLONESA

A conservação ou o abandono de uma língua tem uma estreita relação com as crenças e atitudes linguísticas dos falantes, as quais podem ser positivas favorecendo a manutenção de uma dada variedade ou negativas, contribuindo para que ela seja cada vez menos falada até que, de fato, seja abandonada. Essas reações são decorrentes da percepção do indivíduo sobre determinado objeto social, nesse caso a língua, e evidenciam, de acordo com Lambert e Lambert (1972), atitudes que são alicerçadas no nível cognoscitivo, envolvendo pensamentos e crenças, no nível afetivo que está relacionado aos sentimentos do indivíduo e, no nível conativo que diz

respeito aos comportamentos e aos modos de falar uma determinada língua em diferentes contextos de interação.

Tais comportamentos desencadeiam crenças sobre um falante ou sobre uma determinada variedade linguística que, conforme aponta López Morales (1993), nem sempre produzem atitudes, mas seguramente, na maioria delas produzem. Para exemplificar, evidenciam-se concepções sobre fenômenos linguísticos que são considerados rurais, vulgares ou ainda minoritários, rotulados como "feios" e que desenvolvem no falante atitudes negativas. Como consequência, os indivíduos tendem a não quererem pertencer a uma dada comunidade de fala e passam a buscar uma variedade mais "aceitável" ou mais prestigiada na sociedade, principalmente, quando se tratam de estilos cuidados, nos quais sua percepção e consciência linguística participam de forma ativa.

Além da percepção de falar uma língua desprestigiada pela sociedade, ainda existem outras situações de substituição ou de abandono de uma língua que são resultantes, por exemplo, de políticas linguísticas e da desvalorização étnica de línguas de imigração no ambiente escolar. É possível afirmar, com base nos estudos de Oliveira (2009), que a trajetória das políticas linguísticas no Brasil é historicamente voltada para o monolinguismo que teve respaldo ainda maior com o governo Getúlio Vargas e contribuiu para que houvesse, consciente e inconscientemente, uma considerável perda e abandono de línguas étnicas minoritárias no Brasil, as quais foram substituídas pelo português.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (1968) o fato de haver uma consciência dos falantes em relação ao processo de substituição de uma língua por outra se configura como um aspecto relevante para a mudança linguística. Assim, o que se nota é que tanto a imposição monolíngue, feita pelo governo Vargas, quanto situações de preconceitos sofridas por crianças e adolescentes na escola, quando se tornam alvos de chacotas por terem marcas linguísticas da língua de herança, colaboram para que haja um abandono da língua minoritária e evidenciam uma realidade na qual, cada vez mais, os indivíduos buscam se adaptar e se monitorar para falar a língua mais prestigiada na sociedade.

Essa realidade de substituição de uma língua minoritária pela língua dominante na sociedade está relacionada, de acordo com Krug (2004, p.97), a vários fatores que envolvem a percepção do falante sobre seu modo de falar, dentre eles: a) "a vergonha de não saber falar corretamente uma língua minoritária; b) o não uso da variedade minoritária na presença de pessoas que não a entendem; c) a falta de interlocutores e, por fim, d) o desinteresse em aprender

a falar uma variedade de baixo prestígio". Tais fatores podem ser identificados na comunidade de Virmond a partir dos relatos dos descendentes de poloneses, os quais têm consciência sobre a diferença existente entre os seus modos de falar e dos demais habitantes da cidade, já se sentiram envergonhados por carregar marcas linguísticas do polonês, têm conhecimento de que há poucas pessoas que ainda sabem conversar na língua de imigração e de que os jovens, por muito tempo, se mostraram desinteressados em aprender a língua de herança.

Por outro lado, também existem situações em que o falante, mesmo tendo consciência de pertencer a um grupo étnico minoritário e de falar uma variedade desprestigiada por grande parte da sociedade, continua tendo crenças e atitudes positivas em relação a sua etnia e a sua língua buscando, junto aos demais membros da comunidade, formas de manutenção linguística e cultural. Este é o caso dos descendentes de poloneses em Virmond que, nos dias atuais, têm um sentimento de pertencimento à etnia polonesa e, mesmo tendo a percepção de que fazem parte de um grupo que nem sempre foi prestigiado, buscam manter suas tradições culturais e preservar o pouco que ainda resta do idioma polonês.

Tendo como base tais considerações, nesta seção analisamos os aspectos de conservação ou de abandono da língua de imigração e para compreender qual a relação destes com as crenças e atitudes linguísticas dos moradores de Virmond sobre a língua e a cultura polonesa, perguntamos se hoje os filhos sentem vergonha se os pais falam português com sotaque do polonês e, se for o caso, em que ocasiões isso acontece. As respostas de todos descendentes de poloneses são negativas e evidenciam que, na concepção deles, não existe nos dias atuais esse sentimento de vergonha por parte dos filhos ou, pelo menos, nunca se pode notar tal comportamento conforme pode ser observado nos relatos, expostos abaixo:

Acho que não existe isso aqui, pelo menos nunca percebi nenhum filho com vergonha do pai ou da mãe só porque eles falavam diferente e olha que tem bastante, os bem mais velhos então, falam bem arrastado, não conseguem pronunciar o "r" direito, mas eu falo que isso não é motivo pra sentir vergonha porque... meu pai mesmo, fala bem diferente, mas eu admiro ele, assim como admirava meu vô e minha vó que falavam mais puxado ainda porque, que nem te disse, meu pai aprendeu português com quinze anos e hoje fala bem, mas meus avós falavam muito melhor o polonês do que o português, então claro que a gente vê diferença, mas sentir vergonha nunca (CaGIM ZR).

Vergonha não, pelo menos eu nunca percebi isso aqui no Virmond, só se as crianças de agora tão com isso, mas acho difícil (CaGIF ZR).

Não, aqui ninguém tem vergonha, pelo contrário né, acho que os filhos sentem orgulho da origem dos pais, do jeito que eles falam porque sabem que isso faz parte da história, do ser deles e que tem que valorizar (CbGIIM ZR).

O relato do informante CaGIM evidencia uma percepção sobre as diferenças existentes na fala das pessoas que fazem parte da geração mais velha da cidade, o que é exemplificado quando ele diz que eles "falam bem arrastado" e têm dificuldades de pronunciar o "r" e que isso não é motivo de sentir vergonha, mas sim admiração. Da mesma forma, a informante CaGIF afirma nunca ter percebido um sentimento de vergonha por parte dos filhos e o CbGIIM ZR ainda ressalta a importância de valorizar tais traços linguísticos, pois segundo ele, a forma diferente de falar faz parte da história desses poloneses, bem como de sua própria identidade

Sobre essa identificação do indivíduo que é feita a partir da língua que fala, Castilho (2010, p. 30) salienta que é "na língua falada que se manifestam os traços mais profundos do que somos, de como pensamos o mundo e de como nos dirigimos ao outro". Nesse sentido, o fato de haver, por parte dos informantes, uma consciência de que o seu e o modo de falar de seus antepassados se diferencia dos demais membros da sociedade e, mesmo assim, terem um sentimento de pertencimento e de valorização étnica evidencia uma lealdade para com a origem polonesa.

Observamos que, apesar de afirmarem não haver o sentimento de vergonha dos filhos em relação ao modo de falar dos pais, os informantes CaGIIM ZU e CbGIIF ZU destacam dois possíveis motivos para tal posicionamento:

Não acho que os filhos sintam vergonha do jeito que os pais falam, mas é preciso levar em consideração que hoje em dia, por ser pouco falado, o polonês já não interfere tanto assim na fala ou nós já estamos tão acostumados que nem percebemos mais (CaGIIM ZU).

Olha, nunca existiu aqui em Virmond isso, não que eu tenha percebido pelo menos, dos filhos terem vergonha dos pais, mas acho que agora, mudou mais ainda, acho que se o pai tiver sotaque do polonês, o filho vai querer mostrar pros outros, porque de uns tempos pra cá, mudou bastante a visão das pessoas, agora, quanto mais conseguirem mostrar que são poloneses, seja pela fala ou pelos costumes, melhor ainda (CbGIF ZU).

Identifica-se assim, na fala do CaGIIM ZU, o reconhecimento sobre o pouco uso do polonês na comunidade, o que na percepção dele é o motivo para que não sejam notadas interferências na fala dos descendentes, além de, por estar acostumado a esse modo de falar, já

não notar nenhuma diferença. Na mesma direção, a informante CbGIF também afirma nunca ter percebido, na comunidade, o sentimento de vergonha do sotaque e ainda evidencia que, nos dias atuais, se um filho perceber no pai uma diferença na fala, decorrente da origem polonesa, ainda vai querer destacar essa diversidade linguística. Tal relato demonstra que há uma consciência dos habitantes de Virmond sobre essa "virada" étnica, ou seja, sobre a valorização e prestígio que conquistaram nos últimos anos, o que se reflete na mudança do posicionamento dos descendentes de poloneses que reavivam o sentimento de orgulho e de pertencimento à etnia.

Sobre essas mudanças nas atitudes dos falantes, Silva (2016) pondera que na atualidade existe por parte grupos sociais, que antes eram estereotipados e desprestigiados, uma reivindicação de representatividade na sociedade que é feita a partir da conscientização que os indivíduos têm de pertencer a um grupo minoritário e, ainda assim, se identificar como tais e buscar formas de romper a tentativa de apagamento das diferenças e preservar sua origem e língua étnica.

Segundo Oliveira (2003), essas alterações e a busca de minorias étnicas pelo reconhecimento de suas línguas passaram a encontrar respaldo na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, assinada pela Unesco e por várias organizações não governamentais em 1996, que estabelece que todas as pessoas pertencentes a grupos minoritários têm direito e capacidade de desenvolvimento, tanto individual quanto coletivo, e podem manifestar-se culturalmente e manter traços de seu modo de ser.

Na mesma direção, Morello (2015) salienta que a partir dessa Declaração, a temática ganhou ainda mais fôlego quando diferentes comunidades linguísticas passaram a reivindicar o reconhecimento de suas línguas como é o caso da comunidade surda que se mobilizou para garantir reconhecimento jurídico da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como segunda língua oficial do Brasil, de comunidades indígenas e de descendentes de imigrantes que se uniram politicamente em busca do reconhecimento de suas línguas como co-oficiais nos municípios onde elas se fazem presentes. Dessa forma, a luta pela garantia dos direitos linguísticos no país se constitui como movimento político que tem como principais atores os indivíduos que falam línguas que historicamente eram discriminadas.

Para dar continuidade à pesquisa, perguntamos em que língua as crianças aprendem a rezar hoje em dia e os dezesseis informantes afirmam que é na língua portuguesa que as

primeiras orações são proferidas, mas que ainda há muitas famílias que também ensinam a rezar em polonês, conforme pode-se notar nos relatos abaixo:

Aprendem no português, mas depois, muitas mães e pais ensinam rezar também em polonês, tem bastante criança aqui que sabe rezar em polonês. Eu fiz assim com os meus, até o C. que eu adotei e é bem moreno sabe. (CbGIIF ZR).

Primeiro aprendem em português, mas depois aprendem polonês também. Os meus filhos e netos sabem rezar tanto em português quanto em polonês, eu ensinei eles (CaGIIF ZR).

Acho que é mais comum aprender primeiro em português, mas não é difícil ver crianças rezando em polonês também, eu mesmo aprendi dos dois jeitos com a minha vó, minha bisavó do lado da mãe também me ensinava (CbGIM ZU).

Os relatos, conforme se pode notar, evidenciam que há uma exposição das crianças à língua de imigração, mesmo que em poucos contextos, mas nesse caso, isso ocorre em um segundo plano já que é depois de aprenderem as orações em português que os pais começam a ensinar em polonês. Tal situação expõe uma realidade que é citada por Valdés (1995), que afirma que quando os falantes, apesar de terem algum tipo de vínculo com a língua de imigração, só têm oportunidades de uso que são restritas e em contextos limitados, são caracterizados como falantes de herança.

Ainda sobre tais contextos de uso, no momento em que os falantes estavam comentando sobre assuntos religiosos, perguntamos se acreditavam que a igreja é uma aliada na manutenção do polonês de Virmond. Mais uma vez, a maioria das respostas foram positivas, treze informantes concordam com o fato de que a igreja e as celebrações religiosas contribuem para a conservação linguística. A seguir, elencamos quatro dos relatos que melhor ilustram tal afirmativa:

Com certeza a igreja é aliada, a Igreja Católica Romana, ela não...a cultura polonesa e a Igreja Católica Romana, elas estão ligadas desde o nascimento do estado polonês há mais de mil anos atrás, então não tem como desvincular a igreja e a cultura polonesa porque desde a formação do estado, caminham juntas e aqui não é diferente, não tem como separar, tudo em relação à língua polonesa é envolvido com a igreja (CaGIIM ZU).

Sim! Eu acho que sim porque é geralmente na igreja que falam mais, que seguem mais os costumes poloneses né!? Na época de páscoa principalmente, sempre é feito, na igreja, a bênção dos alimentos e é feito toda uma parte que

tem, que é a Braspol que comanda, que é feita toda em polonês, na adoração da sexta-feira santa, os cantos né, as rezas, tudo é feito em polonês (CaGIIF ZU).

Claro! Que nem já te falei né, é a partir dos contatos da igreja e da Braspol que saímos nos apresentar fora, pra mostrar nossa dança, nossa cultura pra outras cidades e tem também, que tentamos fazer com o grupo de danças, todo primeiro domingo do mês, o terço em polonês, também, quando tem adoração, o Geraldo, junto com a Braspol e as senhoras mais velhas aqui, rezam tudo em polonês. (CbGIM ZU).

Como nosso padre é polonês, a igreja acaba sendo parceira dessa nossa cultura, ele faz a benção das comidas, da kiełbasa né (linguiça), e do pão, daí leva em uma cesta pro padre benzer, ele reza em polonês, isso tudo é da nossa cultura, que ainda é preservado por causa da igreja (CbGIF ZU).

Apesar de as respostas elencadas serem de informantes da zona urbana, os outros onze descendentes, oito do interior, também evidenciam a importância da igreja para a manutenção do polonês no município. Essa preservação, não só linguística como cultural, ligada à religiosidade é estudada por Coseriu (1978) que aponta para o fato de que há uma forte ligação entre a religião, a preservação linguística e os costumes étnicos de um povo e que a manutenção da língua de imigração também está diretamente relacionada ao "ser religioso" dos indivíduos, nas palavras do teórico "há estreitas ligações entre a religião e a conservação de idiomas, devendo-se essa manutenção linguística exclusivamente ao fato de serem línguas de comunidades religiosas.

É possível afirmar que dentre as principais características dos descendentes de imigrantes, além de manter as virtudes que condizem com suas tradições, estão a lealdade, o amor à terra, ao trabalho e, principalmente, à religiosidade que é destacada como principal elo entre a cultura e a língua polonesa, o que explica essa busca por manter as celebrações religiosas polonesas que vêm ocorrendo desde a chegada dos imigrantes à então Colônia Amola Faca, pois, conforme destacamos no capítulo 2 desta Tese, uma das primeiras ações realizadas pelo grupo étnico foi a construção da igreja e, em seguida, da escola para que assim pudessem manter seus costumes religiosos e pudessem repassar conhecimento às gerações futuras.

A igreja, dessa forma, se configura como elemento simbólico que ajuda a manter a língua, ou o que restou dela, viva. Isso porque não é usada de forma isolada de seus falantes, de suas práticas e de sua origem étnica. Na opinião de Maciel (2010, p.20), para que os costumes pudessem ser preservados, garantindo sua identidade, "toda e qualquer manifestação que elevasse o sentido de cultura do grupo étnico era importante e, no caso dos poloneses no Brasil,

era através da fé e da religiosidade dos imigrantes que os costumes e a cultura polonesa eram preservados".

No entanto, mesmo sendo destacada como principal elo entre a cultura e a língua polonesa, a igreja não se configura, de acordo com três dos informantes, dois da GI e um da GII, como uma aliada da manutenção cultural e linguística o que é bastante curioso, já que estes descendentes também citaram a igreja como sendo um dos lugares onde o polonês ainda é falado, porém, quando questionados a esse respeito, justificam que, apesar de a língua polonesa ainda ser a base para algumas celebrações festivas, isso não faz com que a igreja se torne aliada da manutenção, pois, segundo eles, são sempre os mesmos que falam e acreditam que, quando estes representantes morrerem, não haverá continuação, porque não há incentivo para que outras pessoas, principalmente, os mais jovens, aprendam a falar, a rezar e a cantar, o que pode ser notado nas respostas expostas abaixo:

Não, eu, na minha opinião, não é aliada né, Deus me livre, não é intenção falar mal, mas eu acho que não, o padre também, não faz muita questão. Talvez um pouco, mas sei lá, é sempre o mesmo pessoal que se envolve, não envolvem mais pessoas, acho que tinham que chamar mais gente, tem tanto polonês na cidade, principalmente os jovens né, pra aprender, pra ficar por dentro, eu, na minha opinião, acho um erro porque esses mais velhos que participam, se morrerem, acaba tudo porque o padre sozinho não vai fazer (CaGIM ZR)

Eu acho que não, eu sinto falta é... na verdade, não tenho muita ligação também, mas na igreja eles poderiam incentivar mais a cultura, mas também, acho que o que dificulta bastante é nosso padre né que é difícil de lidar, bom... você sabe melhor que eu porque fiquei sabendo que pediu pra conversar com ele e ele não deu brecha, sempre foi assim, o padre é uma dificuldade aqui, acho que falta... no dia de Nossa Senhora que o Geraldo vem cantar, dá pra contar nos dedos quem canta junto, quem reza junto, porque ninguém sabe, então acho que falta incentivo da igreja porque veja, se quiser, dá certo, um exemplo é os ucranianos, eles fazem a missa toda em ucraniano, tem gente que não sabe, claro, mas com o tempo, você vai meio que decorando e depois entendendo tudo, é persistência mesmo... (CaGIF ZR).

Acho que não ajuda muito não, podia ter mais iniciativa até porque nosso padre é polonês, mas parece que, sei lá, tem preguiça, não gosta muito de se envolver com as pessoas. Agora até já não vou muito porque tive um problema na garganta, mas quando participava mais do coral polonês, percebia, quando era o outro padre, ele vinha, elogiava, às vezes ficava cantando junto, conversando, queria fazer as coisas na igreja envolvendo o polonês, agora este, em todo tempo que participo, nunca foi dar nem um oi pra nós, até cortou um pouco, não ajuda (CbGIIF ZU).

O que fica evidente no relato dos três informantes é que existe uma percepção sobre o pouco número de pessoas que sabem falar a língua de imigração e, na visão deles, as ações que estão sendo realizadas na igreja, que poderiam ser primordiais para manter as tradições e o idioma polonês, não estão sendo suficientes, uma vez que abrangem apenas uma pequena parcela da população, principalmente os mais velhos, e não são direcionadas para a transmissão da língua às crianças e aos jovens o que, segundo o CaGIM ZR, se configura como uma forma de abandono e substituição do polonês para o português, já que, na opinião dele, no futuro, quando os mais velhos morrerem, não haverá mais falantes da língua na comunidade por não haver, no presente, transmissão efetiva do polonês de uma geração para outra.

A opinião do CaGIM ZR expõe uma situação de substituição linguística tratada por Fishman (1996), que identifica diferentes graus de ameaça à perda linguística no documento intitulado *Language Vitality and Endangerment* que classifica o risco de "extinção" de uma determinada língua através de seu grau de vitalidade, dentre eles, o documento apresenta o fator de transmissão intergeracional da língua que é primordial para que seja mantida sua vitalidade. Tal transmissão, na opinião dos entrevistados acima, não está ocorrendo no município de Virmond onde o movimento de retomada e manutenção linguística está voltado mais para os indivíduos que já falam a língua polonesa do que para os que poderiam aprender.

Outra questão notada a partir da fala dos informantes é que há uma espécie de resistência do padre tanto em relação a convidar novos integrantes para a realização das celebrações religiosas em polonês, quanto ao ensino da língua para os mais jovens, posicionamento que pode estar ligado a uma tentativa de manter mais fiéis na igreja, já que a maioria dos descendentes de Virmond já não fala o polonês. A esse tipo de posicionamento, Labov (1972) dá o nome de "*over prestige*", pois ao invés de incentivar mais o uso da língua de imigração, que é minoritária, há uma adequação dos padres à língua majoritária, pois têm medo de perder seus fiéis ou de afastá-los da igreja. No entanto, esse posicionamento mais reservado do padre em relação à língua polonesa nem sempre ocorreu, o que pode ser percebido quando os informantes foram questionados sobre como foi, na escola e na igreja, o uso do polonês.

Três dos descendentes mais velhos, moradores da zona rural do município, relatam que, na época que estudaram, o uso do polonês ainda era muito frequente, tanto na escola quanto na igreja e que a comunicação com os colegas no âmbito escolar, bem como as celebrações religiosas na paróquia eram feitas quase que exclusivamente em polonês.

No meu tempo, nós falava muito polonês na escola com os colegas porque todos praticamente eram polacos né. Na igreja também, as missas, primeiro, eram só em polonês, depois passou a ter aulas que eram metade em polonês e metade português (CbGIIF ZR).

Quando fui pra escola, não sabia falar português, mas não foi muito difícil porque as professoras, que eram as irmãs né, também eram polonesas. Então eu aprendi tudo lá porque era internato, na missa também, rezavam polonês e foi assim até que daí teve aquela proibição do governo, mas eu tenho muita saudade daquele tempo (CaGIIF ZU).

Como era, você quer dizer como nós falava ou como viam nossa fala? Se for isso, acho que viam bem, era comum falar polonês, tinha bastante aluno da mesma origem, os professores também, nós aprendia nas duas línguas. Na missa a mesma coisa (CbGII M ZR).

É notável que a geração mais velha teve um contato maior com o polonês em suas diferentes modalidades, contato que iniciava no âmbito familiar e se estendia para outros contextos como o da escola e da igreja, por exemplo. Depois, como aponta a CaGIIF ZU, com a proibição do governo Getúlio Vargas, tiveram que monitorar e evitar o uso do polonês, o que contribuiu para que a língua deixasse de ser passada de geração em geração e fosse se perdendo no decorrer dos anos.

Fishman (1998) e Baker (2006) tratam desta perda ao evidenciarem o fato de que, em um primeiro momento, a língua minoritária perde sua função escrita e fica restrita à oralidade se caracterizando como uma variedade oral mesmo havendo, nos dias atuais, movimentos para equipá-la com uma escrita. Depois, em um segundo momento, ocorre uma perda linguística local que é resultado de imposições sociais e, neste âmbito, o falante passa a usar duas línguas, intercalando-as de acordo com sua necessidade de comunicação. Por fim, como consequência do pouco uso e da baixa transmissão linguística, ocorre o terceiro momento, que é o da perda oral e da perda da compreensão entre os falantes da língua minoritária.

Essa realidade é comentada também pelos outros cinco informantes da GII que dizem que, diferente dos dias atuais, o uso do polonês, na época em que estudavam, era muito comum tanto na escola quanto na igreja e que todos valorizavam muito a língua e as tradições da etnia. Já os seis informantes da GI afirmam que tiveram um contato com o polonês na escola, mas que não tinham aulas muito aprofundadas sobre a língua de imigração, que poucos realmente se interessavam e aprendiam a falar.

Essas aulas, segundo os informantes mais jovens, eram ministradas pelo pároco da cidade e, uma vez ao ano, o cônsul da Polônia visitava a escola e assistia às apresentações

preparadas pelos alunos, distribuindo presentes para os que se destacavam por conhecer melhor a língua de imigração e, em algumas poucas situações, quando vinham pessoas de fora da cidade que também falavam polonês, o mesmo ocorria na igreja, mais especificamente, nas aulas da catequese.

Por outro lado, o CbGIM ZU e a CbGIF ZR afirmam que as lembranças que possuem em relação ao polonês, na escola, estão ligadas ao grupo de danças folclóricas, pois sempre participaram das atividades e dos ensaios sendo inevitável, dessa forma, não ouvir algumas palavras ou frases em polonês, pois para dançar, precisavam estudar o porquê e o significado que cada passo da coreografia possuía para a tradição polonesa. Em relação ao uso do polonês na igreja, mais uma vez destacam que este se dá nas celebrações festivas da cidade e, uma vez por mês, no terço organizado pela Braspol, que é feito na língua polonesa.

Apesar de ser evidente que o uso da língua polonesa era mais comum na época dos informantes mais velhos, há um desejo, também dos mais jovens, de preservar o pouco que ainda resta do idioma polonês na cidade. Tal desejo pode ser notado quando, ao perguntar aos descendentes se achavam que o polonês deveria ser ensinado para as gerações futuras e se pretendem ensinar para os filhos, todos responderam categoricamente que sim, explicando que esta é uma das maneiras que eles possuem de não deixar que a língua e a tradição polonesa se apaguem, o que também ocorreu quando questionados sobre a pretensão de ensinar a língua polonesa para os filhos, pois os dezesseis entrevistados afirmam que este é um dos objetivos almejados por eles, conforme se pode notar em alguns dos relatos expostos abaixo:

Passaria pros meus filhos, com certeza, eu já estou passando, na verdade, ensino algumas coisinhas dos cumprimentos, das orações a gente tá sempre passando o pouco que sabe pra eles e eles gostam de aprender, isso me deixa feliz (CaGIF ZU).

Com certeza, minha filha ainda nem fala e eu já converso com ela em polonês. Quero ensinar pra minha filha, pelo menos o básico, tudo que sei ela vai saber, só não vai saber se ela não quiser aprender mesmo, daí não tem o que fazer né (CaGIM ZR).

O que eu trouxe da minha família, as poucas coisas que sei, vou passar pra minha filha e quero que, se ela tiver vontade né, que ela continue, que passe pra frente depois, pros meus netos, ensine os meus netos a passar pros filhos e assim por diante (CaGIF ZR).

Claro! Acho que isso é muito importante porque, por mais que a gente saiba bem pouco, se não passar esse pouco que sabe pros filhos, daqui a pouco vira em nada né, eu ensino o meu filho (CbGIF ZU).

Esse posicionamento dos informantes, que acreditam que os pais devem ensinar o polonês para as gerações mais novas, é discutido por Guardado (2002), que destaca que é preciso que os genitores tomem cuidado com as formas pelas quais solicitam o aprendizado e o uso da língua de herança para seus filhos, pois isso será determinante para uma melhor receptividade destes. Dessa forma, destaca-se uma questão muito importante e que pode ser definitiva para que haja o desejo, por parte da geração mais nova, de aprender o polonês que é a liberdade de escolher se quer ou não aprender a língua e dar continuidade aos costumes que envolvem a cultura dos pais.

Essa perspectiva foi abordada pelos demais informantes que também demonstram o desejo de repassar para os filhos o pouco que sabem sobre a língua polonesa, mas também evidenciam, conforme se pode notar, que esse ensino só pode ocorrer se os filhos estiverem dispostos e acharem importante aprender, pois, se for algo imposto como uma obrigação, não será uma herança boa a ser deixada e é necessário que os filhos se identifiquem com a cultura e com a língua polonesa tal qual os pais. O CaGIIM ZU acentua tal questão:

Eu acho que depende de cada um, não é uma coisa que deve ser imposta. Acho importante, é uma cultura e uma língua muito forte, mas tem gente que tem essa ideia de que vai manter, fazer a língua retornar, se ensinar os filhos, mas depende de cada família, se existe um desejo do filho de receber esse aprendizado. O meu filho, por exemplo, recebe bem o que ensino, gosta, mas pode ter quem não goste né?! Acho difícil, mas pode acontecer (CaGIIM ZU).

Tais relatos vão ao encontro das considerações de Mendes (2012, p. 22) que afirma que aprender a língua/cultura de herança "não significa um simples retorno nostálgico às origens, às representações de língua e de nação que conformam nosso imaginário, como se estas fossem essências imutáveis, encarceradas na tradição e na história, esperando para serem recuperadas".

O que fica evidente, dessa forma, é que ao ensinar a língua de imigração para os filhos, os pais possuem a falsa sensação de que, ao fazer isso, contribuirão para a manutenção linguística e cultural, porém é preciso se atentar para questões identitárias e culturais que estão envolvidas nesse processo de transmissão de pais para filhos, ou seja, verificar se os filhos também se identificam como sendo poloneses e se querem dar continuidade às tradições e aos costumes étnicos. Além disso, é preciso que as pessoas envolvidas na tarefa de transmitir e ensinar a língua de herança para os mais jovens estejam conscientes do fato de que não se deve

impor uma identidade cultural única e acabada com o objetivo de instigar, nos filhos, o desejo de pertencimento à cultura polonesa e não o sentimento de obrigação.

A esse respeito, Mendes (2015) ressalta que a mediação cultural, e não a imposição, configura-se como um caminho de condução eficaz para a família que, com esse posicionamento, podem levar os filhos a lugares de pertencimento a sua cultura e língua de herança, pois é preciso ser "sensível aos sujeitos e às culturas em interação, em prol da construção de um diálogo intercultural, da criação de espaços de negociação, nos quais os choques e as rupturas deem lugar à construção de identidades híbridas" (MENDES, 2015, p. 80).

Na mesma direção, as questões de transmissão e manutenção da língua de herança, representadas por pais e filhos, também serão refletidas e surtirão efeitos levando em consideração as oportunidades que são dadas para o uso e valorização da língua minoritária em outros espaços coletivos, como é o caso do ambiente escolar, por exemplo. Por esse motivo, perguntamos aos informantes se a escola contribui para que a língua polonesa não desapareça na cidade. As respostas da maioria, quatorze deles, demonstram que, nos dias atuais, a escola já não se configura como uma aliada para a manutenção linguística, o que pode ser percebido a partir de algumas respostas que são expostas a seguir:

Na minha opinião, a escola já foi bem mais ligada nisso, hoje em dia não ajuda muito mais, o que é uma pena, (CaGIM ZR).

A escola, aí que tá, eu acho que, culturalmente, claro que as escolas podem se envolver, devem... já se envolveram muito, no tempo da Márcia... aliás, todos os diretores apoiaram... o patrono da escola municipal foi o primeiro professor polonês daqui, o Henrique Krygier, mas foi muito mais forte no início, lá da década de 20 até final dos anos 50, depois aconteceu alguma coisa que foi abrupto, que rompeu entende, e não... não... foi buscado mais. Até com os padres da sociedade de Cristo que chegaram na década de 90, porque nós tivemos padres poloneses até final dos anos 50, daí pegaram os italianos e ficaram até final dos anos 80, depois teve né, na década de 90 as aulas com o padre João, mas daí envolve novamente religião e o estado é laico, não pode se posicionar, acho que a igreja tem um papel mais importante, mas culturalmente, sem envolver religião, acho que as escolas deveriam interferir mais, ajudar, como ajudam na verdade, no que podem né? Mas não tanto quanto antes (CaGIIM ZU).

Acho que a escola tinha que se envolver mais sim porque teria mais incentivo até pras crianças procurarem saber mais né, porque tem crianças que nem sabem direito sobre sua origem (CaGII F ZU).

Não é muito aliada não, já foi mais, já tivemos, inclusive, aulas de polonês na escola, hoje em dia, não tem mais nada, talvez a escola municipal porque acho que é um projeto municipal as aulas de dança do grupo folclórico, mas é muito pouca a relação entre a escola e a busca de manter a língua (CaGIF ZR).

O fato de os informantes revelarem que a escola já não se configura, como era em décadas anteriores, como espaço que favorece a manutenção da língua e da cultura polonesa evidencia uma realidade que é muito comum em contextos nos quais uma língua minoritária está, frequentemente, em contato com uma majoritária que, neste caso, é o português, pois conforme aponta Guardado (2008), embora existam práticas linguísticas familiares que sejam decisivas para o processo de transferência da língua de imigração para outras gerações, elas não agem sozinhas precisando, dessa forma, de fatores que extrapolam o espaço doméstico como é, nesse caso, a realidade da escola.

A escola, nesse sentido, mesmo sendo organizada e pensada a partir da língua majoritária, ainda busca levar em consideração a origem étnica de seus alunos. Sobre tal relação entre as vivências familiares e escolares, Matos e Silva (2006) evidencia que os indivíduos se socializam, em um primeiro momento, com os pais e avós, ou seja, com a família e, depois, com a escola e com os amigos, domínios sociais que são de extrema importância para construir a identidade dos falantes. Nesse sentido, a escola possui um papel decisivo para a transmissão do polonês na comunidade de Virmond, já que é neste ambiente que as crianças e adolescentes passam parte do seu dia e é, também, onde o aprendizado e as interações sociais ocorrem de modo efetivo tendo influência, portanto, na construção identitária e linguística dos indivíduos.

A esse respeito, dois informantes salientam que a escola continua sendo uma importante aliada da manutenção da língua e da valorização da cultura polonesa, principalmente, se forem levadas em consideração as ações que vêm sendo desenvolvidas nos últimos três anos, pois de acordo com eles, a Secretaria de Educação, em parceria com a administração municipal, está desenvolvendo um projeto de comemoração dos cem anos de imigração polonesa em Virmond que visa a reconstrução histórica da chegada dos primeiros imigrantes à cidade e que envolverá não só os alunos como a comunidade, conforme pode-se notar nos relatos abaixo:

Acho que a escola continua sendo aliada, não tem mais as aulas de polonês né, mas tem a iniciativa de dar aulas de danças polacas pros integrantes do grupo folclórico, também está sendo desenvolvido um projeto bem grande em comemoração aos cem anos da chegada dos poloneses aqui em Virmond, ainda estamos pensando nele, mas uma das ações vai ser levar os alunos para

conhecerem, no cemitério, os túmulos dos poloneses que fizeram história aqui, que foram importantes para construção da cidade, vamos estabelecer feriado no dia do aniversário do professor Henrique Krygier, que foi o primeiro professor aqui e que deu nome à escola, também vamos tentar atualizar a Casa da Memória porque assim... eu sempre digo isso, a casa não é um projeto acabado, todo mundo pode contribuir para atualizar... eu também estou terminando um livro sobre a história desse povo, não sei se fica pronto até lá, inclusive me cobram se vai ficar pronto pro centenário, mas é um trabalho de pesquisa muito grande, eu não quero deixar nada de lado, então vamos ver né... mas, pra resumir, acho que direta ou indiretamente, a escola contribui sim (CaGIIM ZR).

Eu acho que é sim, mesmo que sejam poucas coisas que são feitas a partir da escola hoje em dia, ainda é... se pensar nos ensaios do grupo folclórico, quando eles ensaiam no espaço da escola, com uma professora que estuda para ensinar porque cada dança conta uma história da Polônia, cada traje que eles usam tem um significado diferente, só isso já é uma forma de estudar a cultura, daí tem também o apoio da escola e dos prefeitos para a compra dos trajes para eles dançarem, o transporte para viajarem. Também tem uma ligação entre a escola e a casa da Memória, os professores estão, a cada passo, levando os alunos para conhecerem, agora tem o projeto do centenário né?! Mesmo que em poucos detalhes, é aliada sim (CaGIF ZU).

De acordo com estes relatos, ainda há na escola, mesmo que em poucas situações, atividades que retomam a história e a cultura polonesa, porém nenhum dos projetos desenvolvidos e citados, como se pode notar, está voltado para a manutenção da língua o que evidencia que os informantes acreditam e investem mais nos aspectos históricos e se identificam, a partir deles, como poloneses. Tal identificação vai ao encontro das considerações de Damke (1998, p.19) que salienta que "não é possível falar em construção do sujeito ou da identidade do indivíduo, sem se falar também da identidade étnica, do aspecto cultural e, portanto, também da própria identidade linguística".

Ainda a respeito dessa identidade linguística, perguntamos aos informantes se eles conhecem alguma família que, em casa, só fala em polonês com seus parentes e as respostas evidenciaram que, apesar de saberem que ainda existem descendentes que falam polonês em contextos familiares ou quando estão diante de uma pessoa que também fala a língua de imigração, isso não ocorre de forma efetiva, ou seja, já não existem, na opinião dos entrevistados, famílias que só falam polonês em casa, conforme se pode notar nos três relatos selecionados para exemplificar tal situação.

Pois eu acho que não tem mais, antigamente eu sei que tinha muitas famílias, mas aí tiveram que ir pra escola e como você sabe, era proibido falar, acho que isso contribuiu para que o polonês fosse cada vez menos usado, não sei...

acho que ainda tem muitos que falam algumas coisas, meio que misturando né, português e polonês, mas só o polonês acho que aqui no Virmond já não tem (CbGIIF ZU).

Olha, só se bem no interior, em famílias que têm mais idosos né porque, na maioria das casas que tem gente que sabe falar, falam polonês quando chega alguma visita que também fala, mas não é todo tempo, são em alguns momentos, depois falam português (CaGIM ZR).

Aqui no Virmond acho que não tem mais, tem, conforme já te disse, pessoas que em alguns lugares, inclusive em casa, falam bastante polonês até, mas depois voltam a falar em português, prevalece bem mais o português aqui na nossa comunidade (CaGIM ZR).

Apesar de ainda existir descendentes que falam polonês na comunidade de Virmond o que fica evidente, ao analisar os relatos acima, é que esse uso se restringe a algumas situações mais específicas, inclusive o ambiente familiar, porém, já não ocorre de forma integral, pois os falantes, na maioria dos contextos, misturam a língua polonesa com a língua portuguesa. No entanto, a informante CbGIIF salienta uma possível justificativa para tal situação linguística em Virmond quando afirma que frequentar a escola contribuiu para que o uso da língua polonesa fosse diminuindo no decorrer dos anos, pois, segundo ela, houve o momento em que falar a língua de imigração era proibido.

Partindo de tal afirmação, é possível identificar que na maioria das famílias, essa proibição se estendeu também ao ambiente familiar onde os mais velhos, por medo de que as gerações futuras sofressem preconceitos por falar outra língua que não o português, deixaram ou diminuíram o uso do polonês, também em casa, com os filhos. A esse respeito, Fishman (1972) afirma que mesmo que os descendentes de imigrantes possuam atitudes positivas em relação à sua língua, isso nem sempre será o bastante para impedir seu apagamento, pois mesmo que o falante valorize a língua de imigração, pode não querer transmiti-la a seus filhos para que não sofram com estigmatizações quanto ao sotaque e para que não tenham dificuldades em aprender a língua majoritária.

Tal realidade também é exposta por Grosjean (2012) que afirma que ingressar na escola se configurou e, ainda se configura, como o principal momento que dá início ao processo de perda da língua de herança, pois os falantes, ao terem uma frequência escolar, mudam a língua de uso que antes era predominante e, com o passar do tempo, diminuem cada vez mais a língua do lar até o ponto de começar a esquecê-la. Levando em conta tais considerações, é possível perceber na comunidade de Virmond que a escola, na época do Estado Novo, contribuiu para que o polonês tivesse seu uso diminuído e, principalmente, para que uma boa parte das famílias

não ensinasse de forma efetiva a língua de imigração para as gerações mais novas, o que pode contribuir e facilitar seu esquecimento à medida que o tempo passe.

Além disso, é preciso considerar que a sociedade de Virmond foi sendo alterada e que as convivências também mudaram, o que faz com que os indivíduos também alterem seus modos de comunicação e se adaptem ao novo ambiente e a seus novos interlocutores, ou seja, não é uma mudança puramente individual de cada descendente, mas decorrente de sua história. Eckert (1997) traz o conceito de vida linguística quando aponta para essas alterações no comportamento linguístico dos indivíduos e afirma que todos sofrem mudanças no decorrer de suas vidas, mudanças estas que não são propriamente individuais, pois levam em conta o processo histórico de uso linguístico de cada um envolvendo, assim, outras pessoas a cada nova etapa da vida que refletem na língua do falante.

Na mesma direção, Calvet (2002, p.12) afirma que [...] as línguas não existem sem as pessoas que as falam e a história de uma língua é a história de seus falantes", ideia que é complementada por Coseriu (1987) que salienta que as palavras não podem "viajar" sozinhas, pois são sempre inseridas no repertório de um indivíduo por meio da fala de outro indivíduo, a partir dos contatos que ambos estabelecem entre si no decorrer de suas vivências mostrando, de forma clara, que não é possível desvincular a língua de seus falantes com o seu contexto sócio-histórico, ou seja, a história do indivíduo e suas experiências cotidianas sempre farão parte de seu uso linguístico.

#### 4.4 FORMAÇÃO DA/DE IDENTIDADES(S) LINGUÍSTICA(S) DA COMUNIDADE E AS NOÇÕES DE PRESTÍGIO E ESTIGMA SOBRE A LÍNGUA E A CULTURA POLONESA

Esta seção tem o intuito de identificar como se dá a formação da identidade dos descendentes de poloneses em Virmond e como a comunidade avalia a língua e a cultura polonesa, se a partir do prestígio ou, se por outro lado, verifica aspectos de estigma linguístico e cultural. Tal investigação se torna crucial para identificar as crenças e as atitudes linguísticas dos falantes diante de sua própria fala e da fala das demais pessoas que os cercam, principalmente, levando em consideração a história de vida de cada descendente de polonês, seus costumes étnicos, suas formas de sentir e de atribuir valor que podem revelar muito do que

pensam e as formas pelas quais se comportam, bem como os modos de avaliação dos falares e de seus falantes.

Moreno Fernández (1998, p.181) afirma que uma "mesma variedade pode ser objeto de atitudes positivas ou negativas, dependendo da avaliação que se faz do grupo em que se fala: as atitudes são geralmente a manifestação das preferências e convenções sociais acerca do *status* e do prestígio dos falantes". Dessa forma, a partir dos relatos dos descendentes de poloneses de Virmond, será possível identificar como avaliam a língua e a etnia polonesa e se existe, por parte da comunidade, uma busca de torná-las compatíveis com o modelo prestigioso ou, se por outro lado, há um julgamento dos falantes que é feito a partir dos seus modos de interagir linguisticamente.

Para tanto, perguntamos a cada informante como ele(a) se sente mais, se é mais polonês(a) ou mais brasileiro(a). Onze informantes disseram que esse sentimento é dividido meio a meio, que são poloneses por conta das origens, mas que também são brasileiros, pois é no Brasil que nasceram e vivem até hoje. Esse posicionamento em relação às duas etnias demonstra uma situação identitária em constante transformação, pois, de um lado afirmam serem poloneses pelo fato de pertencerem a esse grupo étnico, cultivarem seus costumes e buscarem manter o pouco que ainda resta da língua de imigração e, por outro lado, ao se considerarem brasileiros, se referem à terra onde nasceram e vivem até os dias atuais.

Esse sentimento de pertencer às duas origens ao mesmo tempo é destacado a partir das respostas a seguir:

Olha, essa é uma questão assim ... até o repórter da Polônia me perguntou isso, é interessante, hoje, que a gente conhece... tem essa história né que, quando fui pela primeira vez pra Polônia, quando o avião tocou o solo polonês, indescritível aquela emoção, aquele arrepio e quando a gente escuta o hino nacional de lá também tem essa sensação, mas, é pra certas coisas, nem pra tudo é assim porque não deixa também... quando você escuta o hino nacional, também tem essa sensação e quando, tipo... pela experiência que eu já tive na Polônia é... é maravilhoso, é bom estar lá, passa muito rápido, você se sente em casa, parece que tem uma coisa assim no inconsciente de que aquilo é familiar, mesmo não entendendo completamente tudo, mas você ouvindo o idioma parece que aquilo, no teu inconsciente, é tão familiar aquilo, mas a questão de pátria hoje, quando você tá retornando pro Brasil é muito bom, quando você entra no aeroporto do Brasil, você diz, nossa! Agora estou na minha casa, sabe? Então tem esses dois lados, a gente se sente como polonês, mas também se sente como brasileiro, não tem como negar é como se a gente tivesse dois lados sabe? Um é polonês e o outro é brasileiro (CaGIIM ZR).

Olha, é uma pergunta muito difícil porque eu sou de pai e mãe né!? Então, o meu sangue é polonês, mas o meu país é o Brasil, então é um meio a meio de

sentimento né? Culturalmente, eu fui educado de uma forma muito forte, então eu acho muito legal isso, acho bem massa (CaGIIM ZU).

O relato dos dois informantes da Ca, ambos da geração mais velha, revela um sentimento de pertencimento e de orgulho da etnia e, conforme afirma o CaGIIM ZR, a língua e a cultura polonesa são bens que parecem ser inatos a eles, soam familiares. Essa identificação e sentimento de pertencer um pouco de cada etnia, demonstrados pela maioria dos descendentes de poloneses de Virmond se dá, por um lado, a partir da origem étnica e, por outro lado, pela gratidão ao país em que vivem o que corrobora com as afirmações de Altenhofen (2004) que evidencia que descendentes de imigrantes procuram maneiras que os permitam conciliar nacionalidade com o uso linguístico possibilitando assim, a partir dessa junção, que se identifiquem como pertencentes a duas etnias.

O informante CaGIIM ZR também evidencia, em relação a esse sentimento de pertencer à etnia polonesa que, pelas experiências e vivências que teve com o país polonês, o sentimento, de lá para cá, é recíproco, como se pode notar no seu relato:

O mais bonito de tudo isso é que a Polônia considera nós, descendentes, como poloneses tanto é que uma frase que um dia eu escutei da minha professora de polonês me marcou bastante que foi "a gata que teve gatinhos dentro do forno, estes gatinhos serão gatinhos ou serão pães?" Aí respondemos que seriam gatos né e aí que ela disse que não importa onde nasça, você vai continuar sendo polonês então a Polônia tem nós nesse sentido, somos gatinhos fora do forno, claro que nem todos se sentem assim, mas é isso aí.

Essa metáfora usada pela professora do informante pode ajudar a compreender esse sentimento que a maioria dos entrevistados possuem, que é de pertencer às duas etnias, ao mesmo tempo. Esse sentimento de pertencimento a duas etnias, de acordo com Leffa (2012, p.73) está diretamente ligado à língua usada pelos falantes, pois "quando mudamos de código, mudamos também de identidade". O autor ainda complementa que "quando os bilíngues trocam de código linguístico, eles evidenciam ao menos duas identidades, isto é, a identidade de falante língua materna e a identidade de falante da língua do país em que vive".

O que se pode notar, portanto, é que em alguns contextos bilíngues, como é o caso da comunidade de Virmond, dependendo da situação e do interlocutor, as identidades oscilam entre a identidade do polonês e do brasileiro. Porém, apesar de a maioria estar dividida entre o "ser brasileiro" e o "ser polonês", três informantes, todos da GI e moradores da zona urbana da cidade, dizem se sentir mais brasileiros que poloneses apesar de ter apreço pela etnia conforme

se pode notar na resposta da CbGIF ZU *"tenho um enorme orgulho de ser descendente polonesa e quero muito que meu filho também siga as tradições dos polacos, mas não adianta né? Acho que só ser descendente não torna polonês, a gente é mais brasileiro mesmo"*.

É preciso considerar que, os três informantes que se dizem mais brasileiros, são da geração mais nova e também pertencem à zona urbana da cidade, o que pode estar atrelado ao fato de, primeiro, por serem mais jovens, não terem convivido com a língua polonesa e não terem vivenciado as situações de uso linguístico na cidade, como é o caso dos mais velhos e, segundo, a maior identificação com os brasileiros está ligada diretamente às suas experiências fora do município, pois costumam sair mais, principalmente os que estão cursando faculdade, então, também são influenciados pelo "mundo externo" à comunidade. Essa questão nos mostra que "é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos"(HALL, 2013, p.109-110).

Apesar disso, a CaGIF ZU afirma que se sente dividida e não saberia responder só uma coisa, pois, segundo ela, não tem tanto do polonês para afirmar que é somente desta etnia, assim como também não acredita que pode dizer que é 100% brasileira e se classificar como tal porque o sangue é polonês e brasileiro, meio a meio.

Por outro lado, a informante CaGIIF ZR nem termina de ouvir a pergunta para responder que é muito mais polonesa do que brasileira e novamente destaca *"é claro que sou polonesa, o brasileiro até nem sei falar muito bem até hoje, igual já te contei"*. Esse sentimento de pertencimento à origem polonesa e até de negação do aprendizado na língua portuguesa pode ser justificado e compreendido se forem levadas em consideração as experiências que a informante teve desde a chegada a Virmond, pois, segundo ela, na época todos da cidade só falavam polonês, cultivavam os costumes, as tradições e não havia outras pessoas, de outras etnias, que essa "mistura" só começou a acontecer quando ela já era grande.

Esse sentimento de pertencer à etnia polonesa também é demonstrado pelos informantes quando perguntamos se em algum momento da vida sentiram vergonha ou medo de falar polonês e todos ressaltaram que nunca sentiram vergonha de sua língua de imigração, muito pelo contrário, afirmam que o sentimento é sempre de orgulho, de cultivar as raízes, mesmo sabendo que o polonês já é pouco conhecido na sociedade.

Na mesma direção, também perguntamos se, na opinião dos informantes, as pessoas que residem na localidade sentiram, ou sentem, vergonha de falar polonês com pessoas de outras

localidades e como acham que esses indivíduos, de cidades diferentes, veem os moradores de Virmond, quanto à língua, aspectos físicos e sociais. Quatorze dos entrevistados afirmam que nunca perceberam esse sentimento, que acreditam que ninguém tem vergonha de falar o polonês, pelo contrário, dizem que existe um desejo de resgate, de aprender o idioma e uma busca por manter o pouco que resta da língua que, segundo eles, é diretamente ligada ao orgulho de pertencer à etnia.

Porém, duas informantes salientam que, até pouco tempo, cerca de 10 anos, já presenciaram situações em que os descendentes demonstraram ter vergonha de serem poloneses e de falarem a língua de imigração.

Eu já percebi sim, todo mundo diz que não agora né porque com a Braspol, nosso povo ganhou um certo destaque, até na mídia já fomos assunto quando veio aí a RPC fazer reportagem sobre os poloneses, tiveram também os poloneses da Polônia, então mudou bastante o jeito das pessoas olharem a origem, mas já teve sim, acho que uns 10 anos atrás, quando eu estudava ainda, vi uma colega dizendo pra um professor de fora que não sabia falar e que não era polaca e eu conhecia e sabia que era (CbGIF ZU).

Olha...eu sempre tive orgulho de ser polonesa, mas eu acho assim que, na escola, do tempo que a gente estudava, eu não tinha vergonha, mas nós sofria bastante bullying é... quando a gente falava com o "r" mais puxado né tipo *caróça*, *bariga*, nós éramos bastante criticados quanto a isso, então eu via bastante alguns colegas tendo vergonha até de falar, eu nunca liguei, mas tinha sim quem tivesse vergonha. (CaGIF ZU).

Apesar de a maioria dos informantes alegar nunca sentir vergonha de sua origem étnica e de sua língua, é possível identificar, a partir do relato da CbGIF ZU e da CaGIF ZU que, mesmo em situações isoladas, houve um momento em que ser polonês não era sinônimo de prestígio, o que explica a negação de pertencimento à etnia polonesa, feita pela colega da informante.

Essas mudanças de posicionamentos em relação a uma dada variedade linguística são explicadas por Calvet (2002, p.69) que afirma que:

"Há a possibilidade de que sejam desenvolvidas nos falantes dois tipos de consequências sobre seus comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram sua própria língua, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros. Em um caso, se valorizará sua prática linguística ou se tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso; no outro, as pessoas serão julgadas segundo seu modo de falar.

Outra questão que chama a atenção, nas respostas dos informantes, foi o fato de, apesar de afirmarem não ter vergonha de falar polonês, destacaram sentir receio de usar a língua de imigração, principalmente diante dos visitantes da Polônia que estiveram no município, pois possuíam consciência de que o conhecimento que possuem em relação ao polonês é mínimo e não seria suficiente para a comunicação com um nativo. Além disso, o fato de a cidade ter se tornado um ponto de turismo e de interesse de pessoas que vêm de fora, passou a se configurar como fator de mudança, fazendo com que, não só os moradores de Virmond, mas também as cidades vizinhas alterem seu modo de agir em relação à língua e à origem étnica.

Esse fator de mudança é corroborado e pode ser notado a partir das respostas que os descendentes deram quanto à percepção que os moradores de outras cidades têm em relação ao município, pois todos acreditam que as pessoas "de fora" têm uma visão positiva em relação a eles e à comunidade em que vivem, atribuindo prestígio e admiração às formas de vivência dos descendentes, o que é ilustrado na resposta da CaGIF ZU.

Tem bastante gente que acha legal a preservação da nossa cultura, procuram bastante nós pra visitar a casa da memória, saber mais sobre nossas origens, estão sempre interessados em saber sobre nossa colonização, então eu sempre vejo essa parte positiva, que admiram nosso povo.

Porém, nove dos informantes destacam que nem sempre o grupo étnico foi prestigiado e que houve momentos em que, pelo contrário, eram ridicularizados e vistos como os "caipiras", "polacada lerda" e que esse modo com que os poloneses eram tratados pode explicar, de certa forma, a pouca vontade que os pais tinham de ensinar a língua a outras gerações, pois acreditavam que assim, os filhos seriam poupados dessa estigmatização. Essa atitude, conforme aponta Grosjean (1982), é considerada uma vantagem social a fim de afastar os mais jovens do estigma social vivido pelos pais.

Os relatos de quatro desses informantes são descritos abaixo, pois são os que melhor ilustram tais situações de mudança da visão dos habitantes de outras localidades.

Ah! Sempre falavam né, quando fui pra faculdade diziam, "ah! Você veio do interior, você é lá do Virmond, daquela cidadezinha que gente tem pouco, mas polaco tem bastante" e riam, eu levava na brincadeira né? Ia falar o quê? Hoje em dia acho que já mudou bastante, eu vejo assim pelo que os alunos contam, como secretária de educação, o retorno que a gente percebe hoje é de que somos elogiados, que acham bonito nosso modo de ser (CaGIF ZU).

O pai conta que já teve preconceito contra os poloneses aqui que, na verdade, nem chamavam polonês, eram os polacos, mas eu, o que percebi foi bem diferente, eu acho que admiram nós, até quando tive morando fora pra estudar né, que morei em Cascavel alguns anos, toda vez que falava que era da cidade de Virmond eles já... sabiam, a cidade é conhecida, eles falavam ah! É a cidade de Varsóvia, os poloneses, admiravam, falavam que achavam legais nossos costumes (CaGIM ZR).

Antes eram os polacos atravessados do Virmond (risos), mas acho que isso mudou muito já, o povo de fora já vê com outros olhos nós daqui, nosso jantar típico também né, atrai muitas pessoas de fora que vêm pra prestigiar nossa culinária(CaGIF ZR).

Com certeza existem mudanças na visão das pessoas de fora, dessa mudança, nós tivemos um declínio muito grande da década de 60 até a década de 80, essa perda de identidade, hoje nós falamos, chamamos de polaco e já não soa tão pejorativo, mas antes chamar polaco era um xingamento, na verdade dependia muito do tom também né [...] acontecia muito antes, quando esse povo do Virmond precisava sair, eles evitavam tipo Laranjeiras porque faziam muitas chacotas, tipo eles iam com aqueles sacos de açúcar pra fazer suas compras né, aí claro que dificilmente saíam pra cidade e tinha os que já se consideravam como urbanos né, aí dizem que qualquer coisa que acontecesse, de alguém se atrapalhar eles falavam "tem que ser um polaco de Virmond", hoje em dia essa visão é bem diferente e eu acho que tem a ver com esse trabalho de 25 anos da Braspol em Virmond, eu sempre digo, é um trabalho feito em doses homeopáticas, mas está dando resultado, a Braspol e a presença dos padres, volte e meia tem uma visita da Polônia em Virmond, é um padre, é um bispo polonês que tá passando e acaba envolvendo a comunidade, isso é um trabalho positivo (CaGIIF ZU).

O posicionamento dos informantes evidencia que nem sempre o grupo étnico polonês teve uma visão positiva, no que se refere às pessoas que moram nas cidades próximas ao município e que, no decorrer dos anos, foram conquistando espaço e se destacando não só em Virmond como também na região. Esse destaque, conforme se pode notar nos comentários dos entrevistados, está ligado à culinária, aos costumes e às celebrações culturais que vêm sendo realizadas no município e que contribuem para a aquisição de prestígio do grupo étnico. A esse respeito, Silva (2000) afirma que os grupos sociais, antes desprestigiados, passam a reivindicar uma representatividade na sociedade onde estão inseridos a partir da conscientização que os indivíduos têm sobre pertencerem a um grupo minoritário e, mesmo assim, se identificarem como tais, afirmando sua identidade e rompendo com a tentativa de apagamento das diferenças, pois se identifica a partir delas.

Ainda sobre a aquisição de prestígio da comunidade étnica polonesa no decorrer dos anos, o CaGIIM ZR salienta que acredita que esta mudança não ocorreu repentinamente e que

existem alguns fatores que contribuíram para que isso acontecesse, dentre eles, destaca novamente o trabalho realizado pela Braspol, pelo grupo folclórico do município, o qual tem ganhado visibilidade no Paraná, e, conforme já havia mencionado, pela eleição de um papa polonês. Ainda segundo o informante, o termo correto para se referir aos descendentes de poloneses que vivem em nosso país é *polônico*, que está sendo introduzido no dicionário e que é o mais aceitável, pois assim como existe o termo nipônico, itálico, também deve ser usado o polônico para se referir a poloneses nascidos no Brasil.

Quando questionados sobre a avaliação que fazem do polonês entre os falantes de Virmond, ressaltam que entre os jovens e crianças, a presença da língua de imigração é muito fraca, enquanto que, entre os mais velhos, classificam como média, o que, mais uma vez, demonstra que o fato de a geração mais velha ter convivido em uma sociedade que ainda usava o polonês e, principalmente, ter conhecido e interagido mais com conterrâneos que falavam a mesma língua contribui para que, ainda nos dias atuais, tenham um conhecimento e uso do polonês considerado médio.

Para dar continuidade às discussões, perguntamos se no dia a dia, já perceberam pessoas misturando as duas línguas e se acontece muito no município. As respostas dos dezesseis informantes foram afirmativas, pois, segundo eles, isso é muito comum na cidade. Elencamos, abaixo, cinco das respostas que melhor ilustram tal situação:

Sim, é muito comum na cidade isso. Na farmácia mesmo acontece, às vezes clientes falam comigo em polonês, eu entendo, mas não sei responder, então respondo em português, porque eu só sei algumas poucas palavras né. Em casa também, o pai, a avó e a mãe ainda falam algumas coisas, principalmente palavras tipo cebola, alho, pano de prato né, palavras isoladas mesmo (CaGIF ZR).

Acontece bastante, aqui no escritório do pai sempre chega um ou outro falando, mas eu não sei responder quando começam a conversar mesmo, daí respondo em português (CbGIM ZU).

O fato de os informantes responderem em português, apesar de demonstrar que não dominam a fala do polonês, também evidencia que compreendem a língua o que permite que esses falantes sejam classificados como bilíngues passivos, pois, de acordo com Dàbene (1998), o indivíduo que domina uma das línguas apenas no nível da compreensão, mas não sabe utilizá-la em outras modalidades como a escrita, fala e leitura é um bilíngue passivo que, geralmente, foi exposto de forma insuficiente a uma segunda língua, o que permite compreender, mas não

dominar a fala de tal idioma. Outros três informantes, da zona urbana, também falam sobre suas experiências com a língua polonesa em locais públicos.

Aqui é meio que tradição já, principalmente entre os mais velhos, cumprimentar em polonês, perguntar se tá tudo bem que é o *zdrowie*, o agradecimento que é o *Dziękuję*, difícil não sair alguma palavra em polonês (risos) (CbGIF ZU).

Geralmente na missa, isso é muito comum, quando os mais velhos se encontram no comércio também. Na casa do pai também, quando vêm os tios, às vezes sem perceber, tão falando polonês [...] (CaGIF ZU).

Misturar é o que mais acontece, aqui em casa, quando se reúne a parentada, é uma bagunça, um pouco falam polonês, outro pouco português. A mãe mistura mais ainda, agora então que não anda muito bem de saúde, acho que ela meio que delira sabe, acha que tá na época antiga, daí às vezes quer falar polaco até com quem não sabe e tem cantado muito em polonês (CbGIIM ZU).

O que se nota, a partir de tais relatos, é que a mistura das duas línguas não é feita de forma consciente pelos descendentes e que esta é uma situação comum na cidade. Sobre esse fenômeno, salientamos os estudos de Romaine (1995) que classifica a combinação de duas unidades linguísticas em um mesmo discurso de um falante como *code-mixing* e aponta para a inconsciência do falante em relação a isso e, principalmente, para o fato de que, mesmo misturando dois ou mais sistemas gramaticais, ainda é possível haver sentido e compreensão.

No entanto, apesar de haver essa mescla entre a língua portuguesa e a polonesa, percebida nas comunicações dos descendentes de imigrantes de Virmond, quando questionados sobre a língua mais usada para se comunicarem no cotidiano, todos, sem exceção, disseram que é a língua portuguesa. Já no que diz respeito ao reconhecimento do falante, a partir de sua língua e às mudanças do uso do polonês em relação à fala dos mais velhos e dos jovens, os informantes demonstraram reconhecer as diferenças existentes entre os poloneses e as demais pessoas da cidade. Todos os entrevistados afirmaram ser possível reconhecer a origem de uma pessoa pelo seu modo de falar e chama a atenção o fato de que todos os falantes afirmam que é possível reconhecer a origem das pessoas a partir do momento em que ela fala, nas respostas, destacam-se características como sotaque, vocabulário, jeito de falar, dentre outras. Abaixo, evidenciamos três das respostas dadas a título de exemplificação.

A gente percebe a diferença, né? Que nem quando vêm pessoas de outros estados, já tem um jeito diferente de falar, gesticulam bastante, o sotaque não

é o mesmo, então, talvez a gente não saiba bem de onde veio, mas já sabe que não é daqui, que é gente intrusa [risos] (CbGIIF ZR).

Acho que é possível sim, dá pra perceber, desde o sotaque que já não é o mesmo, as palavras que usam também, esses tempo que estavam aí os funcionários que vieram pra trabalhar na usina foi um exemplo, tinha um povo lá que falavam bem diferente e diziam que nós também, falava arrastado. Aqui ainda tem uns, os mais antigos, que a gente percebe que falam mais puxado, por causa do polonês eu acho (CbGIF ZU).

É possível, é fácil, aham, dá pra saber. Além disso, acho que dá pra identificar também pela comida, pelo sotaque... deixa eu ver, ia falar as vestes, mas acho que hoje já não porque o mundo da moda, o consumismo, influenciou bastante e tal, mas eu acho que a parte de artesanato também, tem bastante gente que mantém em casa coisas decorativas que são da etnia, bordados, pinturas polonesas (CaGIIF ZU).

Já em relação aos modos de falar dos jovens e dos mais velhos, todos os informantes dizem não perceber diferenças, o que também ocorreu em relação à fala dos homens e das mulheres. O CbGIIM ZU justifica sua resposta salientando acreditar que essa discrepância de fala entre novos e velhos, homens e mulheres poderia até ser vista em épocas mais antigas, mas que, atualmente, justamente pelo pouco uso da língua de imigração, todos falam da mesma forma. Essa constatação evidencia, mais uma vez, que o polonês já foi o principal idioma usado para as interações sociais dos imigrantes no passado, mas que, na atualidade, esse uso se restringe apenas a algumas situações sendo falado, principalmente, a partir de palavras e contextos isolados.

Ainda com intuito de identificar as percepções que os entrevistados possuem sobre sua língua de imigração, perguntamos se acreditam que o polonês falado no município é o mesmo falado na Polônia. Mais uma vez, a maioria, quinze deles, dizem que não, que a língua que os descendentes de imigrantes de Virmond falam é bem diferente e que puderam comprovar essa diferença quando receberam visitantes nativos do país, dentre eles, o grupo de danças Pilsko, o coral Serduszka e o repórter Oskar Płonka. Abaixo, destacamos quatro das respostas dadas pelos entrevistados, que são as que melhor ilustram essa constatação.

O idioma oficial é bem diferente do aprendido em casa. Atualmente eu entendo o idioma, mas não consigo responder tudo, com esse repórter que veio da Polônia, por exemplo, foi bem difícil, principalmente na parte de tradução, é muito difícil resumir porque daí como eu sei, digamos um pouco mais, ajudava a traduzir o que ele falava, mas foi bem difícil. Já fui duas vezes pra

Polônia e posso dizer que é bem diferente, a forma que eles falam da nossa (CaGIIM ZR).

Eu já entendi a tua questão do dialeto né? Quando você me pergunta como chamo o polonês que falo, tua intenção é que eu te diga se existe diferença entre o polonês daqui e o da Polônia, já peguei isso, mas a questão é a seguinte, eu como sou, quero vê... (silêncio) eu sou quarta geração aqui já né, então eu tive muito pouco, o pouco que aprendi foi com minha avó paterna e, e depois eu mesmo estudei, então essa língua que eu conheço não tem nada a ver, se é que existe um dialeto, porque eu acho que se tornou ... e hoje já nem existem mais quem fale, existem as diferenças sim, mas isso até na Polônia existem as diferenças entre as regiões lá, mesmo lá nas regiões, a língua tem as variantes, mas eu conheço pouco sobre isso (CaGIIM ZU).

Eu, quando teve o coral aí, eu fui assistir e comprei um dvd, eu entendo as músicas, entendo a história das danças, mas a fala é bem diferente da nossa. E quando teve a visita aí do repórter da Polônia, eu quase não consegui entender o que ele falava, quando o padre aqui também puxa conversa em polonês, a gente percebe que tem diferença né, que eles falam o polonês correto, que o que a gente usa não é tão bonito quanto o deles (CbGIIM ZR).

Então, tem um porém né, o polonês que meus avós utilizavam, que passaram pro meu pai também e que eu aprendi é o dialeto, é diferente do que falam lá né, tipo se meu pai conversar com alguém da Polônia hoje, eles não vão se entender muito. Até com o próprio padre aqui já é diferente (CaGIF ZR).

A constatação feita pelo informante CaGIIM ZR em relação às disparidades existentes entre a língua polonesa que aprendeu em casa e a língua oficial da Polônia também demonstra o conhecimento que possui diante das diferentes variedades linguísticas que podem existir em uma mesma língua e das mudanças que podem ocorrer conforme o uso feito pelo falante e o contexto no qual este se insere e, mesmo assim, ser possível uma comunicação entre os pares o que condiz com as considerações de Görski *et al.* (2010), que apontam para variações sistêmicas que são demarcadas por uma heterogeneidade estruturada e organizada, explicando o fato de indivíduos pertencentes a um mesmo grupo étnico serem capazes de se comunicar e de se entender, mesmo diante de variações e de muitas diversidades linguísticas.

Da mesma forma, o informante da Ca, ao afirmar que "já pegou" a intenção da pergunta, demonstra que conhece as diferenças entre a língua polonesa usada em Virmond e falada na Polônia, mas também esclarece que, apesar de acreditar que o falar polonês dos descendentes virmondenses tenha se tornado um dialeto e tenha pouca semelhança com a língua oficial, continua tendo importância já que, conforme apontam, todas as línguas têm variantes e não poderia ser diferente com o polonês.

Já a resposta dada pelo informante da classe baixa revela também uma posição social diante das variedades ao afirmar que quem fala o polonês correto e bonito são "eles", ou seja, são os visitantes poloneses e o pároco da cidade, que é nativo do país. A respeito desses valores e posicionamentos que algumas pessoas têm diante do seu e do modo de falar dos outros, Hamel (1998) aponta para uma identificação que pode ser relacionada à percepção das diferenças que existem entre uma comunidade de fala e outra e, inclusive, com pessoas de um mesmo grupo. Dessa forma, é possível identificar as crenças e as atitudes de cada falante e a atribuição de prestígio, ou não, a respeito de seu próprio comportamento linguístico e dos demais falantes.

Quando perguntamos se havia um nome específico para classificar o polonês que falam, quatorze dos informantes, sete da geração mais velha e sete da mais jovem dizem que o nome é polonês. Porém, duas mulheres da Ca, pertencentes à zona rural do município, uma da GI e outra da GII, respondem de formas diferentes, conforme se pode observar:

Tem classificação, claro, que nem nós, a minha família inteira sempre falou o "*szlachta*" que é o correto né!?, da elite mesmo e daí tem gente que falava o *mazuri*, mas eu sempre achei estranho (CaGIIF ZR).

Polaco né? Acho que aqui no Virmond falam o polaco, que já é, digamos assim, uma variedade do polonês (CaGIF ZR).

A fala das informantes da Ca demonstra uma questão de prestígio que é atribuído à própria fala e a dos outros, porém, a informante da GII classifica o seu modo de falar como o correto, mais "bonito" enquanto a mulher da GI acredita que, na cidade virmondense, se fala uma variedade. A esse respeito, Fasold (1984) afirma que os falantes pensam e avaliam a sua própria língua e o seu modo de falar e a dos outros a partir de uma visão baseada nas suas crenças e julgamentos sobre o que é bonito/correto e sobre o que é feio/incorreto e a partir disso, é possível concluir que a língua/linguagem só pode ser descrita, analisada e classificada em seu contexto social.

Essa avaliação também pode ser notada nas respostas dadas sobre a opinião dos descendentes de poloneses de Virmond em relação ao falar polonês, se acham feio, bonito, estranho, agradável ou desagradável. Todos os entrevistados ressaltaram a beleza e a importância da língua polonesa e lamentaram o fato de a língua de imigração ser pouco usada nos dias atuais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta Tese teve como objetivo principal analisar as crenças e as atitudes linguísticas dos habitantes do município de Virmond/PR sobre a língua e a cultura polonesa. A pesquisa motivou três hipóteses iniciais, a primeira foi a de que as principais situações de uso do polonês na localidade se restringem aos contextos familiares e religiosos dos descendentes mais velhos, pois ao não ser repassada na maioria das famílias, de pai para filho, a língua de imigração não é falada pelos jovens, ou seja, foi se perdendo de geração em geração e sendo cada vez menos usada pela comunidade virmondense.

A segunda hipótese foi a de que a conservação ou o abandono da língua polonesa estão relacionados primeiro, ao posicionamento que os descendentes da geração mais velha tiveram quando, à época do Estado Novo, o governo proibiu o uso das línguas de imigração, pois neste momento ensinar polonês aos filhos era uma atitude de coragem e, em segundo lugar, ao sentimento que os descendentes têm de pertencer, ou não, a um grupo étnico minoritário. A terceira hipótese consistiu na crença de que a construção identitária dos descendentes de poloneses foi marcada, primeiro, pelo prestígio e pela importância que tiveram à época da colonização da cidade, segundo, pelo estigma sofrido no passado quando ser e falar polonês era um problema para a sociedade e, nos últimos anos, pelo prestígio que a comunidade étnica voltou a ter, não só na visão dos habitantes do município, como também na percepção que os moradores das localidades vizinhas possuem em relação ao grupo étnico.

A pesquisa foi desenvolvida a partir dos seguintes objetivos específicos que foram: a) refletir sobre a formação histórica e linguística da comunidade de Virmond/PR; b) avaliar as principais situações de uso da língua de imigração, segundo os informantes da pesquisa; c) analisar a conservação ou o abandono linguístico e sua relação com as crenças e atitudes linguísticas dos moradores de Virmond sobre a língua e a cultura polonesa d) refletir sobre a formação da/de identidade(s) linguística(s) da comunidade e as noções de prestígio e estigma sobre a língua e a cultura polonesa.

Os dados apontaram para o conhecimento dos descendentes de poloneses de Virmond sobre a formação histórica e linguística da comunidade que é voltada não só à língua como, e principalmente, à cultura polonesa. Assim, no decorrer das observações e das entrevistas foi possível identificar que os participantes da pesquisa possuem consciência sobre o fato de a cidade ser chamada por muitos de Varsóvia brasileira e demonstram um sentimento de orgulho

por tal reconhecimento, orgulho que permanece sendo exposto quando contam um pouco da história da formação da comunidade e dos primeiros imigrantes poloneses que foram responsáveis pela colonização da então Colônia Amola Faca.

Ao ressaltar os modos pelos quais os antepassados fugiram da Polônia e vieram para o Brasil e as dificuldades encontradas por estes quando chegaram a Virmond, os descendentes de poloneses, tanto da geração mais nova quanto da mais velha, expressam um sentimento de admiração, respeito e pertencimento à etnia polonesa que, segundo eles, tem características de trabalho, força, perseverança e fé. Também há, por parte dos informantes, uma valorização e reconhecimento da importância da língua e da cultura polonesa que é percebida a partir de relatos que ressaltam necessidade de recuperação linguística e manutenção cultural, pois afirmam que a língua foi muito alterada no decorrer dos anos, passando a ser menos usada e ensinada às gerações futuras resultando, nos dias atuais, no seu quase apagamento, já que são poucas as pessoas que sabem e poucas as situações de uso do polonês.

Por outro lado, na visão dos entrevistados, a tradição cultural continua sendo seguida pelos habitantes da cidade, o que pode ser notado a partir da culinária, da dança e, principalmente, da religião, que é o que, segundo eles, mais os caracteriza como sendo poloneses. Além disso, foi possível identificar que é a partir da cultura que o município tem atraído turistas sendo que o principal ícone cultural eleito pelos entrevistados é a Casa da Memória, localizada na praça municipal. Com isso, é possível afirmar que, não só há uma forte consciência linguística dos informantes em relação à formação histórica e linguística polonesa em Virmond, como também o desejo de manutenção cultural e retomada do uso do polonês na sociedade.

Em relação ao uso linguístico, na comunidade virmondense, o que se pode notar foi uma forte presença da língua de imigração no cotidiano dos descendentes já que onze dos entrevistados salientam que compreendem e falam algumas poucas palavras do polonês enquanto outros cinco têm um conhecimento linguístico maior, porém quando questionados sobre a língua que falavam, quinze deles disseram ser o português enquanto que, apenas um informante da CaGIM ZR afirma que fala os dois idiomas. Tal resultado permite, conforme já salientamos anteriormente, que esses falantes sejam classificados como bilíngues a partir das postulações de Mackey (1972), pois apesar de não possuírem domínio da língua polonesa em todas as suas modalidades, são capazes de compreender, interagir e se comunicar na língua de imigração.

Mesmo conhecendo a língua polonesa, em um primeiro momento, alguns descendentes negaram tal habilidade, pois acreditavam que a pesquisadora conhecia a "língua oficial" e que faria uma avaliação sobre seus modos de falar e, conforme apontaram, têm medo de serem surpreendidos por alguém que seja fluente e, dessa forma, passar vergonha. Apesar dessa resistência, quando percebem que a intenção maior é demonstrar a importância da língua e da cultura polonesa para o município, modificam seu posicionamento e evidenciam um sentimento de orgulho e de pertencimento à etnia.

O orgulho e o pertencimento também podem ser observados quando todos os descendentes relatam que aprenderam o polonês, mesmo que em um nível baixo, em casa com os pais e com os avós e evidenciam o desejo de preservação da "herança" deixada pelos antepassados. Dessa forma, a atitude positiva da maioria dos informantes em relação à língua e à cultura polonesa contribui para que, de alguma forma, ela seja mantida mesmo que em poucos contextos e mesmo que se restrinja a algumas poucas palavras. Porém, apenas quatro dos dezesseis entrevistados disseram usar o polonês para as interações e comunicações domiciliares enquanto os outros doze dizem conversar em português em casa, na maioria das situações.

Essa constatação pode ser resultado do pouco contato com a língua polonesa, pois apenas quatro informantes, todos da zona rural, disseram que quando eram crianças, os pais conversavam com eles em polonês, mas no que diz respeito à língua que eles falavam com os pais e avós, notou-se uma ruptura de comportamento, pois só uma informante da geração mais velha, da classe baixa, disse falar polonês em casa com os pais e avós enquanto os outros quinze afirmam que ouviam os mais velhos falando a língua de imigração, compreendiam, mas respondiam em português.

Já em relação às ocasiões em que o polonês é falado, se é somente em casa ou também em público, as respostas dos descendentes evidenciam que apenas três deles não falam a língua polonesa em nenhuma situação, já os demais apontam para o uso do polonês, de forma isolada, em casa, em algumas celebrações religiosas e em determinadas situações das apresentações e ensaios do grupo folclórico. Além disso, dois informantes da GI, um da Cb e outro da Ca dizem que falam polonês no trabalho, aproveitando que possuem a "vantagem" de interagir com descendentes mais velhos e que ainda falam bem a língua.

No que diz respeito à língua que preferem falar quando recebem uma visita em casa, a maioria diz preferir o português enquanto que três informantes dizem que, se o hóspede for da mesma origem étnica, falarão também o polonês. Sobre o conhecimento da leitura e da escrita,

cinco informantes da geração mais velha afirmam ler e apenas dois, também da GII, sabem escrever em polonês. Em relação aos descendentes mais jovens, pode-se concluir, a partir da pesquisa, que tiveram uma exposição ao polonês, já que a maioria compreende, pelo menos um pouco da língua, porém, no decorrer dos anos, o contato foi diminuindo de geração em geração.

Apesar dessa diminuição do uso do polonês na sociedade, constatamos que nossa **primeira hipótese de pesquisa foi refutada**, pois acreditávamos que a língua de imigração só era utilizada em contextos familiares e religiosos por pessoas da geração mais velha, no entanto, os relatos demonstram que ainda existem jovens que sabem falar e que utilizam o polonês para se comunicar em outros contextos como, por exemplo, no trabalho, nos ensaios do grupo folclórico, nas celebrações religiosas e nos jantares típicos poloneses realizados no município, promovidos pela Braspol. Além disso, não podemos afirmar que a língua polonesa foi se perdendo de geração em geração pelo fato de não ter sido ensinada de pai para filho já que, a partir das entrevistas realizadas, foi possível identificar que houve, e ainda existem, situações em que os pais e avós conversavam em polonês com os filhos, mas que, apesar de serem compreendidos, recebiam respostas em português.

Buscando ainda analisar a conservação ou o abandono linguístico e sua relação com as crenças e atitudes linguísticas dos moradores de Virmond sobre a língua e a cultura polonesa identificamos que não há, nos dias atuais, o sentimento de vergonha de pertencer à etnia polonesa e de reprovação pelo fato de existirem interferências do polonês falado pelos mais velhos. Tal comportamento revela uma mudança no posicionamento dos descendentes de poloneses, pois a partir de alguns relatos, foi possível perceber que já houve uma época em que ser e falar polonês não era visto de forma prestigiada, o que já não ocorre na atualidade na comunidade de Virmond.

Apesar dessa valorização, nos dias atuais, as crianças são ensinadas a rezar, primeiro em português e, depois de aprenderem na língua majoritária, em um segundo plano, possuem ensinamentos de algumas orações também na língua polonesa. Se relacionada a essa evidência, acaba sendo contraditório o fato de a maioria dos informantes, treze deles, afirmarem ser as celebrações religiosas e, principalmente, a igreja a maior aliada da manutenção do polonês na cidade. No entanto, a igreja se configura como um elemento simbólico que liga a etnia às práticas linguísticas e culturais de seu povo.

No que diz respeito ao modo de ver e falar polonês, na escola e na igreja, a maioria das respostas evidenciam para um frequente uso da língua polonesa em contextos escolares e

religiosos, pois oito descendentes pertencentes à geração mais velha da zona rural relatam que era muito comum falar polonês durante as comunicações na época em que estudaram, tanto na escola quanto na igreja, nas aulas da catequese. Da mesma forma, outros seis informantes salientam que tiveram aulas de polonês ministradas pelo pároco da cidade. Apenas dois informantes da classe baixa, ambos da geração mais nova, dizem lembrar do polonês, na escola e na igreja, apenas quando ensaiavam para as participações do grupo folclórico em algum evento e que, fora tal contexto, não conviveram com a língua de imigração. Apesar de tais relatos, a maioria dos informantes não acredita que a escola, na atualidade, seja uma aliada da manutenção linguística e cultural.

Também foi possível identificar que há um desejo, por parte dos membros da comunidade virmondense, de manter a língua e a cultura polonesa o que pode ser notado a partir das respostas de todos os entrevistados que afirmaram pretenderem ensinar o pouco que sabem do polonês para seus filhos, a partir da justificativa de ser a única forma que garantirá que a língua e a tradição polonesa não serão esquecidas e salientam que, se houver uma reciprocidade e uma boa aceitação dos mais jovens, o polonês continuará vivo na sociedade, mesmo que seja em poucas situações de uso.

Apesar desse desejo de manter a língua polonesa, já não há, na opinião dos entrevistados, famílias que em casa só falam polonês, tal uso acontece, porém misturados à língua portuguesa o que, de acordo com uma das informantes mais velhas, ocorre porque houve uma época em que falar polonês em locais públicos era proibido o que se estendeu para ambientes familiares já que, segundo ela, por medo de que as gerações futuras sofressem preconceitos, algumas famílias deixaram ou diminuíram o uso do polonês também em casa, com os filhos.

Tal relato contribui **para confirmarmos nossa segunda hipótese** de que a conservação ou abandono da língua polonesa se relaciona, também, ao posicionamento dos descendentes mais velhos que, à época do Estado Novo, tiveram receio de ensinar polonês aos filhos temendo que eles sofressem represálias por isso. No entanto, mesmo com tal proibição, o polonês não foi totalmente abandonado e ainda é utilizado, mesmo que por poucas pessoas, nos dias atuais contribuindo para que haja um sentimento de pertencimento à etnia, por parte dos descendentes, pois mesmo tendo consciência de que é um grupo minoritário, ainda assim, têm orgulho de sua origem étnica.

Sobre a formação identitária da comunidade virmondense, pudemos identificar que há uma identificação que é realizada, por um lado, a partir da origem étnica e, por outro, por meio da nacionalidade, pois onze dos informantes afirmaram que se sentem brasileiros pelo fato de terem nascido e morado no Brasil e o sentimento de serem poloneses está relacionado à sua origem étnica.

Tal sentimento de pertencimento à etnia polonesa também é evidenciado pelo sentimento de orgulho que possuem por falarem a língua polonesa e por pertencerem à etnia, pois todos os informantes ressaltam nunca terem sentido vergonha de falar polonês e muito menos, de sua origem étnica. Além disso, quatorze deles ressaltaram que nunca perceberam nenhum descendente com receio ou com vergonha de falar polonês com pessoas de outras localidades e que também não percebem, nos dias atuais, estigmas relacionados ao grupo étnico. Porém, ao falar sobre o assunto, nove informantes destacam que nem sempre foram prestigiados pelos habitantes das cidades vizinhas e pela própria comunidade virmondense e que houve momentos em que foram ridicularizados e vistos de forma pejorativa e que tal visão negativa influenciou nos modos de ser e de agir dos descendentes de poloneses.

Segundo os informantes, o principal motivo que fez com que houvesse uma mudança de posicionamento, tanto dos próprios descendentes quanto das pessoas de fora, foi a culinária polonesa e as celebrações culturais que vêm sendo realizadas no município e que contribuem para a aquisição de prestígio do grupo étnico. Outra questão que chama a atenção é que, apesar de todos os descendentes de poloneses afirmarem que é a língua portuguesa que utilizam para se comunicarem no cotidiano, evidenciam que é muito comum perceber as pessoas misturando as duas línguas, português e polonês, nas suas interações sociais.

Essa realidade também contribui para que reconheçam a origem de um falante a partir de sua língua, pois, segundo eles, o sotaque, o vocabulário e o jeito de falar dos descendentes de poloneses são diferentes das demais pessoas, que não possuem a mesma origem étnica. Por outro lado, também acreditam que na atualidade não é possível diferenciar os modos de falar dos jovens e dos mais velhos, bem como também não percebem diferenças entre a fala dos homens e das mulheres.

No que se refere ao polonês falado em Virmond e ao polonês falado na Polônia, há uma consciência por parte dos informantes de que existem diferenças entre tais usos linguísticos, pois quinze deles afirmam que a língua falada em Virmond é uma espécie de dialeto e que a falada na Polônia é "oficial" e tiveram oportunidade de reconhecer essa discrepância quando, ao

receberam a visita de grupos nativos do país polonês, encontraram dificuldades de se comunicar na língua polonesa com tais visitantes.

Quanto à classificação do polonês que falam, quatorze informantes disseram serem "polonês" enquanto duas informantes, uma da geração mais velha e outra da GI, ambas da Ca afirmam que há o *polaco*, variedade do polonês e o *szlachta*, que é o polonês falado por pessoas da elite. Apesar dessas diferenciações, todos os descendentes de poloneses dizem que a língua polonesa é bonita e agradável e que é muito importante para a formação e constituição identitária dos moradores de Virmond.

Com isso, **nossa terceira hipótese foi deferida**, pois pudemos notar, a partir das entrevistas realizadas, que a construção identitária dos descendentes de poloneses de Virmond foi marcada, em um primeiro momento pelo prestígio e pela importância que o grupo étnico teve quando da colonização da cidade, depois, em um segundo momento passaram a ser estigmatizados e sofreram represálias durante o governo de Getúlio Vargas que proibia o uso de qualquer língua que não fosse o português. Nesse momento, ser e falar polonês passou a ser até mesmo um problema na sociedade e muitas famílias, com medo de que as gerações mais novas fossem recriminadas por sua língua e por sua etnia, diminuíram e, em alguns casos, deixaram de ensinar o polonês em casa, o que contribuiu para que houvesse uma diminuição do uso e quase apagamento da língua de imigração em Virmond.

No entanto, nos últimos anos, aconteceram mudanças que fizeram com que a comunidade étnica polonesa voltasse a ser prestigiada, principalmente a partir de seus costumes étnicos e de sua culinária que alteraram a visão não só dos habitantes, que passaram a se identificar e a valorizar mais sua origem polonesa, quanto dos moradores das localidades vizinhas que, além de mudarem seu posicionamento em relação à cidade, também passaram a prestigiar os eventos gastronômicos e culturais promovidos pelos descendentes de poloneses em Virmond, incentivando, dessa forma, o turismo e a valorização étnica.

A partir de tais considerações é possível afirmar que alcançamos o objetivo a que nos propusemos e, com isso, podemos concluir que as crenças e atitudes linguísticas dos habitantes de Virmond sobre a língua e a cultura polonesa são, nos dias atuais, favoráveis e contribuem para a construção de uma identidade pautada na origem étnica, o que incentiva, também, a busca por manutenção linguística e cultural.

Já em relação aos nossos objetivos específicos, os principais resultados foram:

- a) A formação histórica e linguística de Virmond é majoritariamente pautada na trajetória da imigração dos poloneses para o município e na colonização do território que, ainda nos dias atuais, tem como principal narrativa as conquistas e dificuldades vividas pelos primeiros imigrantes poloneses.
- b) Também foi possível identificar que as principais situações de uso da língua de imigração não se restringem a ambientes familiares e religiosos, pois o polonês ainda é utilizado para as interações sociais, além da casa e da igreja, em ambientes de trabalho, de ensino e comerciais, conforme pudemos observar a partir dos relatos dos informantes.
- c) Já em relação à conservação ou abandono linguístico, identificamos que as crenças e atitudes dos descendentes de poloneses são favoráveis e mesmo que tenham passado por dificuldades, impostas pelo governo Getúlio Vargas, preservaram o sentimento de pertencimento à etnia polonesa, buscaram e ainda buscam manter os costumes étnicos e, principalmente, o pouco que ainda resta do uso da língua de imigração. A partir do desejo de retomar os ensinamentos culturais e linguísticos, acreditam que será possível manter a língua e os costumes da etnia vivos.
- d) Por fim, a formação da/de identidade(s) linguística(s) da comunidade ocorre, de um lado, pelo sentimento de pertencer ao Brasil, já que é aqui que nasceram e viveram e, por outro lado, pelo orgulho de sua origem étnica que é o polonês. Assim, é possível afirmar que os descendentes de poloneses de Virmond possuem duas identidades, ou seja, se sentem brasileiros e poloneses ao mesmo tempo. Tal identificação está relacionada, nos dias atuais, ao prestígio que a comunidade étnica tem recebido não só dos próprios moradores como também dos habitantes das demais localidades vizinhas que valorizam e incentivam a manutenção da língua e, principalmente, da cultura polonesa.

Esta tese tem grande relevância para os estudos sobre crenças e atitudes linguísticas, pois revela a trajetória de um grupo étnico pouco conhecido e que apesar de já não possuir total domínio da língua de imigração busca estabelecer conexão com sua origem étnica através de tradições culturais e linguísticas que contribuem para que se identifiquem e sejam identificados como poloneses.

Também temos o intuito de fornecer mais materiais sobre a língua e cultura polonesa e levar outros pesquisadores a se interessarem pelo assunto e realizarem novas pesquisas sobre grupos minoritários que têm trajetórias marcadas por diferentes situações, algumas de prestígio

e outras de estigma, e que foram sendo "moldados" de acordo com a realidade em que viviam, o que também reflete diretamente no processo de construção identitária, tanto individual quanto coletiva.

## 7. REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A (Org.). **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Ed. da UEL, 2005a.
- AGUILERA, V. A; ALMEIDA-BARONAS, J. E (Org.). *Scripturae nas villas de São Luiz de Goaratuba e Antonina*: manuscritos setecentistas e oitocentistas. Londrina: EdUEL, 2007.
- AGUILERA, V. A Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras, In **Estudos Linguísticos**. São Paulo, 2008. p.105-112.
- AULETE, C. **Minidicionário contemporâneo de língua portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- ALTENHOFEN, C. V.; MARGOTTI, F. W.. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 289-315.
- AMBROZIAK, R. S. **Religião na construção da identidade étnica dos polono-brasileiros**. University of Warsaw , 2017.
- APPEL, R; MUYSKEN, P.. *Bilinguismo y Lenguas en Contacto*. Barcelona: Ariel Linguística, 1996. p. 14.
- BAGNO, M. **Duas Línguas, Quantas Políticas?** In: PINTO, P.F.; MELO-PFEIFER, S. (ed.). **Políticas Linguísticas em Português**. Lisboa: LIDEL (no prelo, 2018).
- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988 [1929].
- BARBOSA, J.B; CUBA, D.L. **Crenças e atitudes linguísticas de alunos do ensino médio em escolas públicas de Uberaba**. São Paulo: Todas as Letras, 2015.
- BARCELOS, A. M. F. **Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, vol. 7, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v7n2/06.pdf>>. Acesso em: 07-08-2020.
- BARRIOS, Graciela. **Etnicidad y lenguaje: la aculturación sociolingüística de los inmigrantes italianos en Montevideo**. Montevideo: Coleccion Carlos Vaz Ferreira, 2008.
- BARRIOS, Graciela. **Discursos hegemónicos y representaciones lingüísticas sobre lenguas em contacto y de contacto: Español, Portugués y Portuñol fronterizos**. In: HORA, Demerval da e LUCENA, Rubens Marques de (Orgs.). *Política Linguística na América Latina*. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária. 2008.
- BECHARA, E. **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2011.

BORBA, F. da S. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BORTONI RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOTASSINI, J. O. M. **A importância dos estudos de crenças e atitudes para a Sociolinguística**. Londrina - PR: Signum: Estud. Ling., 2015.

BUSSE, S. **Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná**. 2010. 287 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

BLANCO CANALES, A. **Estudio sociolinguístico de Alcalá de Henares**. Alcalá de Henares: Universidade de Alcalá de Henares, 2004.

BRANDÃO, S. F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRINTON, D.; KAGAN, O.; BAUKUS, S. (ed.). **Heritage Language Education: a new field emerging**. New York: Routledge, 2007.

CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAPRI, Elizabeth Johansen. **De Católicos Poloneses a Ponta-Grossenses Católicos: A Escola Sagrada Família – 1933-1945**. Curitiba. 2003. 205 f. Dissertação. UFPR. Curitiba, 2003.

CHAMBERS, J. **Sociolinguistics**. 2a. ed. Oxford: Blackwell, 2003.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter (1980). **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press.

CICHOKA, Marta. 2002. **Les polonais en Amérique Latine: un autre regard. Amérique Latine Histoire e Mémoire**, n. 4. Disponível em: <<http://alhim.revues.org/document483.html>>. Acesso em: 28 de agosto de 2020.

COELHO I. **Sociolinguística**. – Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2010. 172 p. ISBN 978-85-61482-25-1.

COELHO, L. **Português: língua de herança colonial – uma prática local**. In: MELO-PFEIFER, S. (ed.), **Didática do Português Língua de Herança**. Lisboa: LIDEL, 2016. p. 74-83.

CORBARI, C.C. **Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste**. 2013. 259f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral**. Rio de Janeiro: Presença/ São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

COSERIU, E. **Gramática, semántica, universales**. Madrid: Gredos, 1978.

CUMMINS, J. **The acquisition of English as a second language.** In: SPANGENBERGURBSCHATK.; PRITCHARD R. (Eds). Kids come in all languages: Reading instruction for ESL students. Newark, DE: International Reading Association, 1994, p. 36-62.

CUMMINS, J. Teaching for transfer: challenging the two solitudes assumption in bilingual education. In CUMMINS, J.; HORNBERGER, N. (eds), **Encyclopedia of Language and Education**, 2nd Edition, Volume 5: Bilingual Education. NY: Springer, 2008, 65–75. [https://doi.org/10.1007/978-0-387-30424-3\\_116](https://doi.org/10.1007/978-0-387-30424-3_116)

CYRANKA, L. F. de M. **Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juíz de Fora–MG.** 2007. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). – Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói.

CZAPLA, P.A. WEBER, R. **Gênero e sexualidade na imigração polonesa: pensando a construção de subjetividades entre as décadas de 1930-1950.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

DABÈNE, L. **Repères sociolinguistiques pour L’enseignement des langues.** Les situations plurilingues. Paris, Hachette, 1994. In: SIGNORINI, I. (orgs). *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado.* Campinas-SP: Mercado de Letras, 1998.

DE HEREDIA, C. **Do Bilinguismo ao Falar Bilíngue.** In: VERMES, G.; BOUTET, J. (orgs). *Multilinguismo.* Campinas: Unicamp, 1989, p. 177-220.

ECKERT, P. **Ages as a sociolinguistic variable.** In F. Coulmas (ed.) *The handbook of sociolinguistics.* Oxford: Blackwell, 1997, p. 151-167.

EDWARDS, J. **Foundations of Bilingualism.** In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. *The Handbook of Bilingualism.* Malden: Blackwell Publishing, 2006. p. 7 – 30.

FELDENS, L. **O homem, a agricultura e a história.** Lajeado : Ed. Univates, 2018.

FERREIRA, T. “Faço o pino!”: Representações e práticas de professores de Português Língua de Herança”. In: MELO-PFEIFER, S. (org.), **Didática do Português Língua de Herança.** Lisboa: Lidel, 2016, p. 246-277.

FERREIRA, A.B.H. **Aurélio Júnior:** dicionário escolar da língua portuguesa. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

FISHMAN, J. A. **The sociology of language: an interdisciplinary social science approach to language in society.** Rowley, Massachusetts: Newbury, 1972a.

FISHMAN, J. **Sociología del Lenguaje.** Madrid: Cátedra, 1995.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FLORES, C.; MELO-PFEIFER, S. **O conceito ‘Língua de Herança’ na perspectiva da Linguística e da Didática de Línguas: considerações pluridisciplinares em torno do perfil linguístico das crianças lusodescendentes na Alemanha.** Domínios de Lingu@gem, 28/3,

2014 (16-45). Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>. Acesso em: 28/01/2021.

FLORES, C.; MELO-PFEIFER, S. Em casa mais português, mas também alemão: Perspectivas da linguística e da didática de línguas sobre narrativas de uso da língua de herança. IN:GROSSO, Maria José; MELO-PFEIFER, Sílvia (Org.). **Didática do Português Língua de Herança**. Lisboa-PT: Lidel, 2016, p. 42-72.

FREITAG, R. **O uso de tá? e certo? na fala de Santa Catarina**. In Working Papers em Linguística, 5. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. p. 25-41.

FREITAG, R.; SEVERO, C. G; ROST-SNICHELOTTO, C. A; TAVARES, M. A. 2015. **Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do “português brasileiro”**. *Signo y Señã - Revista del Instituto de Lingüística* 28: 65-87.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. Universidade Federal de Sergipe , 2016.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. **Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI**. Métiis: história e cultura, Caxias do Sul. v.4, n.8, p 257-280, jul./dez, 2005.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. **Turpilóquio: o léxico do falar na linguagem oral da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul**. In: ENCONTRO DO CELSUL, 8., 2007, Porto Alegre. *Anais.*, Pelotas: Educat, 2008. v. 8, p. 255-25

GABACCIA, Donna. R et al. 2006. **Émigration et construction nationale en Europe**. In : GREEN, Nancy & WEIL, François. *Citoyenneté et émigration. Les politiques du départ*. Paris: EHESS. p. 67-94.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales**. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA – ALFAL, 11., 1996, Las Palmas de Gran Canaria. *Actas...* Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996. v. 2, p. 1027-1042.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales**. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA – ALFAL, XI, Las Palmas de Gran Canaria, 22-27 julio 1996. *Actas...* Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996, v. 2, p. 1027-1042.

GUARDADO, M. Engaging language and cultural spaces: Latin American parents' reflections on language loss and maintenance in Vancouver. *Canadian Journal of Applied Linguistic*, v. 9,

n. 1, p. 51-72, 2006. Disponível em: <[http://www.academia.edu/878639/Engaging\\_language\\_and\\_cultural\\_spaces\\_Latin\\_American\\_parents\\_reflections\\_on\\_language\\_loss\\_and\\_maintenance\\_in\\_Vancouver](http://www.academia.edu/878639/Engaging_language_and_cultural_spaces_Latin_American_parents_reflections_on_language_loss_and_maintenance_in_Vancouver)> . Acesso em: 03 março. 2021.

GUY, G. (1981). **Linguístico variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history**. Philadelphia: University of Pennsylvania. 391f. mimeo. Ph.D Dissertation on Linguistics.

GUY, Gregory (2000). **A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões linguísticos**, *Organon*, 14(28-9): 17-32.

GRONIEWSKI, Krzysztof: **Polska emigracja zarobkowa w Brazylii, 1871-1914** [A imigração polonesa por motivos econômicos, no Brasil, nos anos 1871-1914], Wrocław, PL: 1972.

GROSJEAN, F. **Individual Biligualism**. In: **The Encyclopedia of Language and Linguistics**. Oxford: Pergamon Press, 1994, p. 1.

GROSJEAN, F. **Life with two languages: An Introduction to Bilingualism**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.

GROSJEAN, F. **Life with two languages**. London: HARVARD UNIVERSITY PRESS, 2001.

HAMERS, J.; BLANC, M. H. A. **Bilinguality and bilingualism**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HANSEN, Marcus Lee. **The Problem of the Third Generation Immigrant**. Rock Island, Ill.: Augustana Historical Society, 1938.

HE, Weiyun Agnes. The Heart of Heritage: Sociocultural Dimensions of Heritage Language Learning. **Annual Review of Applied Linguistics** (2010), 30, 66–82. Cambridge University Press, 2010.

HORNBERGER, N.; WANG, S. Who are our heritage learners? In: BRINTON, D.; KAGAN, O.; BARCKUS, S. (eds.). **Heritage Language Education: a new field emerging**. New York: Routledge, 2007, p. 3-35.

IAROCHINSKI, Ulisses. **Jarosinski do Brasil**. Disponível em: <<http://iarochinski.blogspot.com.br>>. Acesso em 17/04/2020.

JENNINGS-WINTERLE, F.; LIMA-HERNANDES, M. C. (org.) **Português como Língua de Herança: a filosofia do começo, meio e fim**. New York: Brasil em Mente, 2015.

JORNAL FOLHA DO OESTE, Guarapuava, 6 de out. de 1946, A. V, nº 20. Jornal Folha do Oeste, Guarapuava, 3 de nov. de 1946, A. V, nº 24.

JORNAL *ŚWIT* nº 1 – p. 1, 1921.

KRUG, M. J. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de Imigrante – RS.** 2004. 131 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

LABOV, William (1972). **Sociolinguistic Patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [*Padrões Sociolinguísticos.* Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

LABOV, William (1974). **Estágios na aquisição do inglês standard.** In.: FONSECA, M. e NEVES, M. (orgs.). *Sociolinguística.* Rio de Janeiro: Eldorado.

LABOV, William (1981). **What can be learned about change in progress from synchrony descriptions.** In: SANKOFF, David; CEDERGREN, Henrietta (Ed.). *Variation Omnibus.* Carbondale; Edmonton: Linguistic Research, p.177-199.

LABOV, William (1982). **Building on Empirical Foundations.** In: Lehmann, W. & Malkiel, Y. (eds.) *Perspectives on Historical Linguistics.* Amsterdam: John Benjamins: 17-92.

LABOV, William (1994). **Principles of Linguistic Change.** Oxford/Cambridge: Blackwell.

LABOV, W. (2001). **Principles of linguistic change – social factors.** Malden/Oxford: Blackwell.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LAMBERT, W. E. A Social Psychology of Bilingualism. [1967] In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (orgs.). **Sociolinguistics: the essential readings.** Malden, MA: Blackwell Publishing, 2003.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social.** 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LEFFA, V. J. Identidade e aprendizagem de línguas. In: SILVA, K.A.; DANIEL, F.; KANECO MARQUES, S.M.; SALOMÃO, A.C.B. **A formação de professores de línguas – novos olhares.** São Paulo: Pontes, v.1, 2012, p. 51-81.

LIEBSCHER, P. **Quantity with quality? Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master's program.** Library Trends, v. 46, n. 4, p. 668-680, Spring 1998.

LIVRO DO TOMBO OFICIAL DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE MONTE CLARO DE VIRMOND. Igreja Matriz de Virmond-PR. Termo de abertura 1951.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolinguística.** 3ª ed. Madrid: Gredos, 2004.

LUCCHESI, D. 2001. **As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil.** DELTA, São Paulo, v.17, n.1, p.97-130. [ Links ]

LUCCHESI, Dante (2001). **O tempo aparente e as variáveis sociais**. *Boletim da ABRALIN*, v.26, p.135-137, Número especial.

LUCCHESI, D.. 2006. **Século XVIII, o século da lusofonização do Brasil**. In: THIELEMANN, Werner (ed.). *Século das luzes: Portugal e Espanha, o Brasil e a Região do Rio da Prata*. Frankfurt: TFM. p. 351-370. [ Links ]

LUCCHESI, D.. 2009. **História do Contato entre Línguas no Brasil**. In: LUCCHESI; Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: Edufba. p. 41-73. [ Links ]

LUCCHESI, D.. 2015a. **O contato entre línguas na história sociolinguística do Brasil**. In: VALENTE, André (Org.). *Unidade e Variação na Língua Portuguesa: suas representações*. São Paulo: Parábola. p. 80-100. [ Links ]

LUCCHESI, D.. 2015b. **Língua e Sociedade Partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto. [ Links ]

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACKEY, W. F. **The Description of Bilingualism**. In: FISHMAN, J. (ed.) *Readings in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, 1978, p. 554-584.

MACKEY, W. **Bilingual Education in a Binational School**. Rowley, MA: Newbury House, 1972.

MALCZEWSKI, Z. **Os poloneses e seus descendentes no Brasil: Esboço histórico e situação atual da colônia polonesa no Brasil**. 2000. Disponível em: <<http://www.polonicus.com.br/pt/historia/historiapolonii.htm>>. Acesso em: 23 abril. 2020.

MATTOS E SILVA, R. V. 2004. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola.

MOLLICA, M. C. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008.

MOLLICA, Cecília (2003). **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In.: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, p. 9-14.

NARO, Anthony (2003). **O dinamismo das línguas**. In.: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, p. 43-51.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: PioneiraThomson, 2002.

MORELLO, R. (Org.). **Leis e línguas no Brasil: o processo de cooficialização e suas potencialidades**. Florianópolis: IPOL, 2015.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

OLIVEIRA, M. de. **Origens do Brasil meridional: dimensões da imigração polonesa no Paraná, 1871-1914**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.22, n.43. Jan./Jun.218-237, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/eh/v22n43/v22n43a12.pdf> . Acesso em: 20 mar. 2020.

OLIVEIRA, M. **A inesperada descoberta de Otávio Ianni sobre preconceito contra descendentes de imigrantes poloneses em Curitiba**. Revista Sociedade e Estado - Volume 30 Número 3 Setembro/Dezembro 2015

OPPENHEIM, A. N. **Questionnaire design, interviewing and attitude measurement**. 2nd ed. (rewritten). London; New York: Continuum, 1992.

ORTALE, F. L. **A formação de uma professora de italiano como língua de herança: o Pós-Método como caminho para uma prática docente de autoria**. 2016. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. 163fs. Tese de Livre-Docência.

ORTALE, F.L.; MAGGIO, G.; BACCIN, P. **Identidade e bilinguismo em contexto de núcleo familiar de imigrantes italianos**. *Revista de Italianística*, n. 146-163, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/italianistica/article/view/116218>. Acesso em 10/07/2019.

ORTALE, F.L.; FERRONI, R. **Ensino da gramática: porto-seguro?** *Revista Entrelínguas*, Araraquara, v. 1, n. 1, p. 67-84, 2015. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/8053/5482>>. Acesso em: 10/03/2019.

PAIVA, Maria da Conceição de & DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia (Orgs.). **Mudança lingüística em tempo real**. RJ, Contra Capa, 2003.

PAIVA, M. da C. **O percurso da monotongação de [ey]: observações em tempo real**. In: PAIVA, M da C; DUARTE, M. E. (Org.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra capa, FAPERJ, 2003.

PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. **Quarenta anos depois: a herança de um programa na Sociolingüística brasileira** (posfácio). São Paulo: Parábola, 2006, p. 131-151.

PARANÁ, Governo. **Lei Provincial nº 29, de 21 de março de 1857**. Governo da Província do Paraná 1855-1857. Curityba: Typographia Penitenciária, 1912, p.16 e 17.(Publicação Original).

PASTORELLI, D. S. **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato**. 2011. 204 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

PATTON, M. Q. **Qualitative Evaluation and Research Methods**. London: SAGE; 1990.

PETTER, M. 2006. **As línguas africanas no Brasil**. In: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia. p. 117-141.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos, vol. 5. Rio de Janeiro, 1992.

POLANCZYK, A. J. **O imigrante polonês e a colônia Guarany**. Porto Alegre: Renascença; Edigal, 2010.

PRETI, Dino. **Sociolingüística: os níveis de fala: um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira**. 4ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1982.

PSZDZIMIRSKI, S. **Virmond - Colonização e Desenvolvimento**. CESLA - Centro de Estudos Latino-Americanos Universidade de Varsóvia. 1998.

PUPP SPINASSÉ, K. **Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil**. Contingentia (UFRGS) , v. 1, p. 1-10, 2006.

PUPP SPINASSÉ, K.. **Fazendo política linguística em sala de aula: ações didático-pedagógicas pela manutenção da língua minoritária Hunsrückisch**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 14, p. 103-119, 2016.

PUPP SPINASSÉ, K.; KAFER, M. L. **A conscientização linguística e a didática do multilinguismo em contextos de contato português-hunsrückisch**. Gragoatá (UFF), v. 22, p. 393-415, 2017.

RAMOS, A. (1962). **Introdução à Antropologia Brasileira: Os Contatos Raciais e Culturais**. 3ª edição, Rio de Janeiro, Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, vol. 3.

RODRIGUES, A. **Psicologia social** .2.ed. Petrópolis Vozes, 1972.

RODRIGUES, A. 1986. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola.

RODRIGUES, A. 1993. **Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas**. *DELTA*, São Paulo, v. 9, n. 1: 83-103.

RODRIGUES, A. 2010. **Tupi, tupinambá, línguas gerais e o português do Brasil**. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (Orgs.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto. p. 27-48.

RODRIGUES, N. 2004 [1933]. **Os africanos no Brasil. 8.ed. Brasília:** Editora Universidade de Brasília.

ROKEACH, Milton. **Naturaleza de las actitudes.** Enciclopedia internacional de las ciencias sociales, vol. I, Madrid, Aguilar, 1974, p. 14-21.

ROSSETTI, F. **O casamento em Thomás Coelho. Nupcialidade de um grupo imigrante (1876-1976),** Curitiba: UFPR, 1997.

SANTOS, E. **Certo ou errado? atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

SELENKO, J. M. **A carroça é uma contribuição polaca para o Brasil,** disponível em:<<http://tradicaopolonesa.blogspot.com.br/2011/06/carroca-e-contribuicao-polaca-para-o.html>> acesso em 11/03/2020.

SCHERRE, M. M. P. (1988). **Reanálise da concordância nominal em português.** Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SCHOLTZ, A. J. Identidade e comportamento linguístico nas comunidades de Virmond e Candói, no Paraná. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, 2014.

SILVA, J. SANTOS, L.A.S. **A influência da escolaridade no processo de variação de concordância verbal na língua usada em Serra Talhada.** Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana, v. 19, n. Especial, p. 124-139, 2018.

SILVA, J. I. Do mito da língua única à política do plurilinguismo: desafios na implementação de leis de cooficialização linguística em municípios brasileiros. Revista Matraca, Rio de Janeiro, v. 23, n. 38, p. 223-241, 2016a.

SILVA, T. T. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, T. T. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SILVA, M.C.S & KOCH, I.V. **Linguística Aplicada ao Português: Morfologia.** 9 ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 5-8.  
<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/viewFile/1002/691> - para ler

SOUZA, A.; LIRA, C. (orgs). **O POLH na Europa – Português como Língua de Herança.** Londres: JNPaquet Books, 2017, p. 149-181.

STAWINSKI, A. V. **Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul (1875-1975).** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1976.

STAWINSKI, A. V. **Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul (1875-1975).**2.ed. Porto Alegre: Edições EST, 1999.

- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 6a ed. rev. São Paulo: Ática, 1999.
- TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- VAN DEUSEN-SCHOLL, N. **Toward a Definition of Heritage Language: Sociopolitical and Pedagogical Considerations**. *Journal of Language, Identity, and Education*. (2003), 2(3): 211-230.
- VANDRESEN, P. (Org.). **Variação, mudança e contato linguístico no português da Região Sul**. Pelotas: Educat, 2006.
- VANDRESEN, P. **Variação e mudança no português falado da Região Sul**. Pelotas: Educat, 2002.
- WACHOWICZ, Ruy Christovam. **O camponês Polonês no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural; Casa Romário Martins, 1981.
- WACHOWICZ, R. C. **A conjuntura emigratória polonesa no século XIX**. In Anais da comunidade brasileira - polonesa. Curitiba: julho de 1970.
- WEI, Li. Dimensions of Bilingualism. In: \_\_\_\_\_. *The Bilingualism Reader*. London; New York: Routledge, 2000.
- WEINREICH, U; LABOV, Wi; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006. [1968].
- WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). **"Empirical Foundations for Theory of Language Change"**. In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press: 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.
- VIECHNIESKI, Selma Antonia Pszdzimirski. *Tensões na construção identitária polonesa: o caso da Colônia Amola-Faca/Virmond (PR)*. [recurso eletrônico]. 2. ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. 219 p.
- WILEY, T. G. **On Defining Heritage Language and Their Speakers**. In: PEYTON, J. K.; RANARD, D. A.; MCGINNIS, S. (Eds.). *Heritage Languages in America: Preserving a National Resource*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics/Delta Systems, 2001. p. 29-36.
- ZAPAHOWSKI, Geraldo. Entrevista via WhatsApp em agosto de 2020.



**ANEXO A - QUESTIONÁRIO**  
**UNIVERSIDADE DO OESTE DO PARANÁ- UNIOESTE**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU**

**INFORMANTES**

Pesquisa de Campo: Adaptação do questionário elaborado por Krug (2013) e Corbari (2013)

**FICHA CATALOGRÁFICA**

Localidade: .....

Informante: .....

Endereço: .....

Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

Idade: ( ) \_\_\_\_\_ ( ) \_\_\_\_\_

Classe ( ) \_\_\_\_\_ ( ) \_\_\_\_\_

Religião ( ) católico ( ) evangélico ( ) outra

Origem: ( ) polonês ( ) português ( ) outros

Línguas que fala: ( ) polonês ( ) português ( ) ( ) luso – polonês

**Identificação dos informantes**

1. Nome de família (de solteira) do (a) informante

\_\_\_\_\_

2. Data de nascimento \_\_\_\_\_

3. Escolaridade \_\_\_\_\_

4. Trabalho/Ocupação: em que trabalha \_\_\_\_\_

5. Religião da família \_\_\_\_\_

**Identificação dos pais dos(as) informantes**

1. Nome da família (de solteira)

1.1 Do pai \_\_\_\_\_

1.2 Da mãe \_\_\_\_\_

1.3 Origem da família (onde vieram) \_\_\_\_\_

2. Escolaridade

2.1 Do pai \_\_\_\_\_

2.2 Da mãe \_\_\_\_\_

**a) Refletir sobre a formação histórica e linguística da comunidade de Virmond/PR e o grau de consciência linguística dos informantes;**

1. Você sabia que a cidade de Virmond também é chamada de Varsóvia ou cidade dos polacos? O que acha disso?
2. Sabe como os poloneses chegaram até Virmond? Conte um pouco da história da cidade e de sua população.
3. Há alguma tradição cultural que identifique os moradores de Virmond como poloneses: culinária, dança, religião?
4. Na sua opinião, qual a importância da língua/cultura polonesa para Virmond?
5. A cultura polonesa atrai turistas para a cidade?
6. Há algum ícone cultural em Virmond que faça com que seja reconhecida como uma cidade polonesa?
7. Na sua opinião, houve alguma mudança dos descendentes de poloneses a sua língua e cultura? Por quê?

**b) Avaliar as principais situações de uso da língua polonesa, segundo os informantes da pesquisa.**

- 1- Que língua você fala?
- 2- Você fala polonês?
- 3- Com quem aprendeu a falar polonês?
- 4- Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?
- 5- Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?
- 6- Quando era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?
- 7- Hoje, em que língua os seus pais e avós falam com os filhos e os netos?
- 8- Em quais ocasiões você fala a língua polonesa?
- 9- Quando recebe uma visita, em que língua prefere conversar?
- 10- Fala polonês em locais públicos ou somente em casa?
- 11- Sabe ler/escrever em polonês?
- 12- Quais as dificuldades linguísticas que você encontra no uso da língua polonesa? Por quê?
- 13- Existe, aqui em Virmond, algum lugar, evento ou cerimônia em que só se fala o polonês?

**c) Analisar a conservação ou o abandono linguístico e sua relação com as crenças e atitudes linguísticas dos moradores de Virmond/PR sobre a língua e a cultura polonesa;**

- 1- Hoje, os filhos sentem vergonha se os pais falam português com sotaque do polonês? Se for o caso, em que ocasiões isso acontece?
- 2- Em que língua as crianças aprendem a rezar, hoje em dia?
- 3- Você acredita que a Igreja é uma aliada na manutenção do polonês aqui de Virmond?
- 4- Como é/foi na escola e na igreja o uso de polonês?
- 5- Você acha que o polonês deve ser ensinado para as gerações futuras?
- 6- Pretende ensinar a língua polonesa para seus filhos?
- 7- E a escola, contribui para que a língua polonesa não desapareça na cidade?
- 8- Você conhece alguma família que, em casa, só fala em polonês com seus parentes?

**d) Refletir sobre a formação da/de identidade(s) linguística(s) da comunidade e as noções de prestígio e estigma sobre a língua e a cultura polonesa.**

- 1- Como você se sente? Mais polonês? Mais brasileiro?
- 2- Houve algum momento ou motivo que fez com que sentisse vergonha, ou medo, de falar polonês?
- 4- Na sua opinião, as pessoas que residem aqui em... sentiam vergonha de falar em polonês com as outras pessoas de localidades diferentes? Se for o caso, por quê?
- 5- Como acha que as pessoas de fora veem os moradores daqui? (quanto à língua, aspectos físicos e sociais).
- 6- Como você avalia a presença da língua polonesa entre os falantes de Virmond? Entre as crianças (forte, média, fraca), entre os jovens ( forte, média, fraca), entre os mais velhos (forte, média, fraca)?
- 7- No dia a dia, você já percebeu pessoas misturando as duas línguas? Isso acontece aqui?
- 8- Você acredita que é possível reconhecer a origem de uma pessoa pelo seu modo de falar?
- 9- Você consegue identificar mudanças no polonês falado pelos descendentes idosos e no polonês falado pelos descendentes jovens?
- 10- Você acha que existe diferença entre o polonês falado na sua comunidade e o polonês falado na Polônia? Se sim, qual é essa diferença?
- 11- Você acredita que há diferença entre a fala das mulheres e dos homens descendentes de poloneses? Explique.
- 12- Se você fala polonês, como chama o polonês que fala? Podia falar um pouco sobre essa língua? Conhece algumas palavras?
- 13- Na sua opinião, o falar polonês é: Feio, bonito, estranho, agradável, desagradável?

## TEMAS PARA DISCURSOS SEMIDIRIGIDOS

8. Você sabia que a cidade de Virmond também é chamada de Varsóvia ou cidade dos polacos? O que acha disso?
9. Já ouviu alguma piada sobre os poloneses que tinha a ver com o seu modo de falar?
10. Fale sobre algum acontecimento que marcou sua vida e que nunca mais esqueceu (casamento, namoro, profissão...)
11. Qual sua profissão? Fale um pouco sobre seu trabalho.
12. Sabe como os poloneses chegaram até Virmond? Conte um pouco da história da cidade e de sua população.